



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA



DISCURSOS
PRESIDENTE
JOÃO FIGUEIREDO
VOLUME II - 1980

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA



DISCURSOS
PRESIDENTE
JOÃO FIGUEIREDO
VOLUME II - 1980

F475d

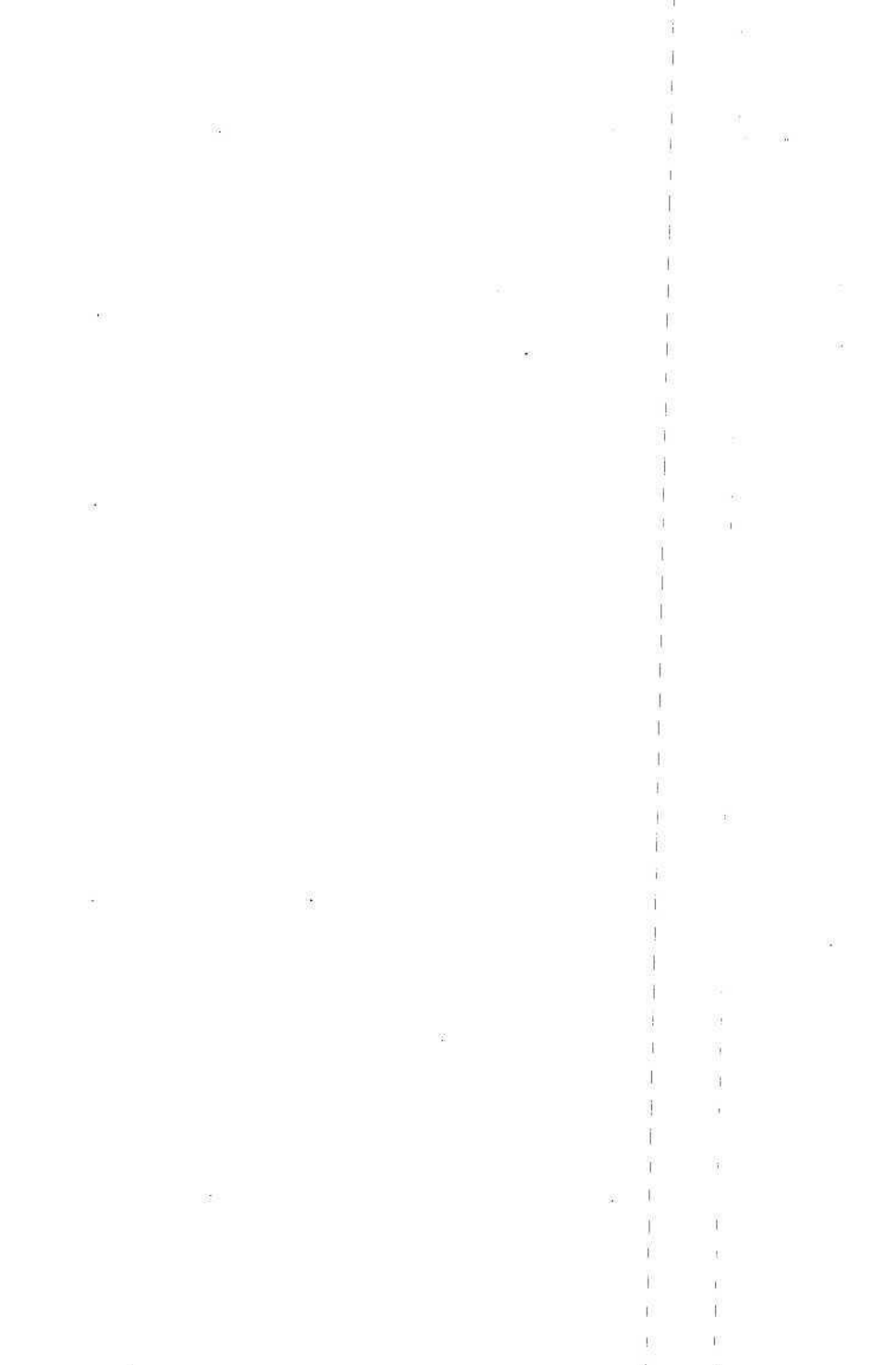
FIGUEIREDO, João, presidente do Brasil, 1918- . *Discursos: 1980.* Brasília, Presidência da República, Secretaria de Imprensa e Divulgação, 1981, v.2.

1. Figueiredo, João, presidente do Brasil, 1918- — Discursos

I. Título

18. CDD 354.810 35

**Esta publicação contém discursos
proferidos pelo Presidente da Re-
pública, João Figueiredo, durante
o ano de 1980.**



ÍNDICE CRONOLÓGICO

09 DE JANEIRO	IMPROVISO AO EMPOSSAR O MINISTRO DA JUSTIÇA, SENHOR IBRAHIM ABI-ACKEL/BRASÍLIA-DF	01
15 DE JANEIRO	IMPROVISO POR OCASIÃO DE SEU ANIVERSÁRIO NATALÍCIO/BRASÍLIA-DF ...	03
17 DE JANEIRO	IMPROVISO AO EMPOSSAR O MINISTRO-CHEFE DO EMFA, GENERAL-DE-EXÉRCITO JOSÉ FERRAZ DA ROCHA, E O MINISTRO DA FAZENDA, SENHOR ERNANE GALVÊAS/BRASÍLIA-DF	05
05 DE FEVEREIRO	DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR OFERECIDO AO PRESIDENTE DA REPÚBLICA POPULAR E REVOLUCIONÁRIA DA GUINÉ, SENHOR AHMED SEKOU TOURÉ/BRASÍLIA-DF	07
06 DE FEVEREIRO	DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR OFERECIDO PELO PRESIDENTE DA REPÚBLICA POPULAR E REVOLUCIONÁRIA DA GUINÉ, SENHOR AHMED SEKOU TOURÉ/BRASÍLIA-DF	13
26 DE FEVEREIRO	IMPROVISO DURANTE REUNIÃO COM SEU COMANDO POLÍTICO/BRASÍLIA-DF	15
06 DE MARÇO	DISCURSO POR OCASIÃO DO ALMOÇO OFERECIDO PELO REAL CLUBE GINÁSTICO PORTUGUÊS, EM SUA HOMENAGEM/RIO DE JANEIRO-RJ.....	17
07 DE MARÇO	DISCURSO AO PARANINFAR OS FORMANDOS DO CURSO DE DIREITO DO CEUB/BRASÍLIA-DF.....	23

II

13 DE MARÇO	DISCURSO NA ABERTURA SOLENE DA I FEIRA NACIONAL DA PESCA/SÃO PAULO-SP	27
17 DE MARÇO	IMPROVISO POR OCASIÃO DO PRIMEI- RO ANO DE GOVERNO/BRASÍLIA-DF ...	31
19 DE MARÇO	IMPROVISO AO RECEBER OS MEMBROS DO CONSELHO CURADOR DA FUNDA- ÇÃO PRÓ-MEMÓRIA/BRASÍLIA-DF	33
24 DE MARÇO	DISCURSO POR OCASIÃO DA VII CON- FERÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE/ BRASÍLIA-DF	35
31 DE MARÇO	DISCURSO À NAÇÃO BRASILEIRA PELA PASSAGEM DO DÉCIMO SEXTO ANI- VERSÁRIO DA REVOLUÇÃO/BRASÍLIA- DF	39
09 DE ABRIL	DISCURSO AO DESEMBARCAR NO PA- RAGUAI — ASSUNÇÃO.....	45
09 DE ABRIL	DISCURSO AO RECEBER AS CHAVES SIMBÓLICAS DA CIDADE/ASSUNÇÃO — PARAGUAI	49
09 DE ABRIL	DISCURSO AO RESTITUIR DOCUMEN- TOS DO ARQUIVO NACIONAL DO PA- RAGUAI/ASSUNÇÃO — PARAGUAI	51
11 DE ABRIL	DISCURSO AO SER CONDECORADO COM O COLAR MARISCAL FRANCISCO SOLANO LÓPEZ DA ORDEM NACIONAL DO MÉRITO/ASSUNÇÃO — PARAGUAI..	53
11 DE ABRIL	DISCURSO DURANTE ALMOÇO OFERE- CIDO PELOS EMPRESÁRIOS PARA- GUAIOS/ASSUNÇÃO — PARAGUAI.....	59
14 DE ABRIL	DISCURSO DURANTE REUNIÃO DOS DI- RIGENTES DO BANCO INTERAMERICA- NO DE DESENVOLVIMENTO — BID/RIO DE JANEIRO-RJ	61
14 DE ABRIL	DISCURSO DURANTE ALMOÇO OFERE- CIDO PELOS EMPRESÁRIOS BRASILEI-	

	ROS EM COMEMORAÇÃO AO 1º ANIVERSÁRIO DE GOVERNO/RIO DE JANEIRO-RJ	69
21 DE ABRIL	DISCURSO EM COMEMORAÇÃO AO DIA DA INCONFIDÊNCIA MINEIRA/OURO PRETO-MG.....	75
22 DE ABRIL	IMPROVISO AO RECEBER OS PARTICIPANTES DO VII CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSEMBLÉIAS LEGISLATIVAS/BRASÍLIA-DF	81
24 DE ABRIL	IMPROVIDO AO VISITAR A CIDADE/JAGUARÃO-RS.....	83
25 DE ABRIL	DISCURSO DURANTE SOLENIDADE DE ABERTURA DA V FESTA NACIONAL DO ARROZ/CACHOEIRA DO SUL-RS	87
05 DE MAIO	DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR OFERECIDO AO PRIMEIRO-MINISTRO DO REINO DE MARROCOS, SENHOR MAÁTI BUABIDE/BRASÍLIA-DF	91
06 DE MAIO	DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR OFERECIDO PELO PRIMEIRO-MINISTRO DO REINO DE MARROCOS, SENHOR MAÁTI BUABIDE/BRASÍLIA-DF	95
14 DE MAIO	DISCURSO AO DESEMBARCAR NA ARGENTINA/BUENOS AIRES.....	97
14 DE MAIO	DISCURSO AO RECEBER AS CHAVES SIMBÓLICAS DA CIDADE/BUENOS AIRES — ARGENTINA.....	101
14 DE MAIO	DISCURSO AO SER CONDECORADO COM O COLAR DA ORDEM DO LIBERTADOR SAN MARTIN/BUENOS AIRES — ARGENTINA	103
15 DE MAIO	DISCURSO DURANTE JANTAR OFERECIDO PELA CLASSE EMPRESARIAL ARGENTINA/BUENOS AIRES-ARGENTINA .	105

IV

17 DE MAIO	DISCURSO DURANTE A SOLENIDADE DE ASSINATURA DE ATOS BILATERAIS/BUENOS AIRES-ARGENTINA	113
22 DE MAIO	IMPROVISO AO VISITAR A CIDADE/RIBEIRÃO PRETO-SP.....	121
11 DE JUNHO	DISCURSO DURANTE SOLENIDADE DE COMEMORAÇÃO DO 4º CENTENÁRIO DA MORTE DE LUIZ DE CAMÕES/RIO DE JANEIRO-RJ.....	125
16 DE JUNHO	IMPROVISO AO RECEBER O MINISTRO-CHEFE DO EMFA, ACOMPANHADO DOS ESTAGIÁRIOS DO CURSO SUPERIOR E DO CURSO DE COMANDO DO EMFA/BRASÍLIA-DF	131
16 DE JUNHO	DISCURSO DURANTE JANTAR OFERECIDO AO PRESIDENTE DA REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU, SENHOR LUIZ CABRAL/BRASÍLIA-DF	133
17 DE JUNHO	DISCURSO DURANTE ALMOÇO OFERECIDO PELO PRESIDENTE DA REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU, SENHOR LUIZ CABRAL/BRASÍLIA-DF.....	139
19 DE JUNHO	IMPROVISO AO RECEBER EMPRESÁRIOS DO ESTADO DE MATO GROSSO/CUIABÁ-MT.....	141
19 DE JUNHO	IMPROVISO AO RECEBER POLÍTICOS DO ESTADO DE MATO GROSSO/CUIABÁ-MT	145
26 DE JUNHO	IMPROVISO DURANTE ENTREGA DE TÍTULOS DE TERRA/CAMPINA GRANDE-PB	149
27 DE JUNHO	IMPROVISO DURANTE INAUGURAÇÃO DA ESCOLA «EUCLYDES FIGUEIREDO»/PETROLINA-PE.....	151
27 DE JUNHO	IMPROVISO AO VISITAR A CIDADE/JUAZEIRO-BA.....	153

30 DE JUNHO	DISCURSO POR OCASIÃO DO DESEMBARQUE DE SUA SANTIDADE O PAPA JOÃO PAULO II/BRASÍLIA-DF.....	157
30 DE JUNHO	DISCURSO AO RECEBER SUA SANTIDADE O PAPA JOÃO PAULO II/BRASÍLIA-DF.....	159
03 DE JULHO	IMPROVISO AO VISITAR A CIDADE/SINOP-MT.....	163
03 DE JULHO	IMPROVISO AO VISITAR A CIDADE/ALTA FLORESTA-MT.....	167
17 DE JULHO	IMPROVISO PELA PASSAGEM DO I ANIVERSÁRIO DO PROGRAMA NACIONAL DE DESBUROCRATIZAÇÃO/BRASÍLIA-DF.....	169
24 DE JULHO	IMPROVISO AO INAUGURAR O CONJUNTO HABITACIONAL «ABOLIÇÃO III»/MOSSORÓ-RN.....	171
25 DE JULHO	IMPROVISO AO VISITAR A CIDADE/RECIFE-PE.....	175
28 DE JULHO	DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR OFERECIDO AO PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS DO MÉXICO, SENHOR JOSÉ LÓPEZ PORTILLO/BRASÍLIA-DF...	179
29 DE JULHO	DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR OFERECIDO PELO PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS DO MÉXICO, SENHOR JOSÉ LOPEZ PORTILLO/BRASÍLIA-DF...	187
10 DE AGOSTO	DISCURSO À NAÇÃO BRASILEIRA POR OCASIÃO DO IX RECENTEAMENTO GERAL/BRASÍLIA-DF.....	191
13 DE AGOSTO	IMPROVISO AO RECEBER CRONISTAS ESPORTIVOS BRASILEIROS/BRASÍLIA-DF.....	195
14 DE AGOSTO	IMPROVISO POR OCASIÃO DO ENCERRAMENTO DO II CONGRESSO NACIO-	

VI

	NAL DE PREVENÇÕES DE ACIDENTES NA CONSTRUÇÃO CIVIL/RIO DE JANEIRO-RJ	197
19 DE AGOSTO	DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR OFERECIDO AO PRESIDENTE DA REPÚBLICA DA ARGENTINA, SENHOR JORGE RAFAEL VIDELA/BRASÍLIA-DF	199
20 DE AGOSTO	DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR OFERECIDO PELO PRESIDENTE DA REPÚBLICA DA ARGENTINA, SENHOR JORGE RAFAEL VIDELA/BRASÍLIA-DF..	205
21 DE AGOSTO	IMPROVISO AO INAUGURAR A ESTAÇÃO RODOVIÁRIA DA CIDADE/BAURÚ- SP	209
23 DE AGOSTO	DISCURSO POR OCASIÃO DO ALMOÇO OFERECIDO PELOS EMPRESÁRIOS BRASILEIROS AO PRESIDENTE DA REPÚBLICA ARGENTINA, SENHOR JORGE RAFAEL VIDELA/PORTO ALEGRE-RS.....	213
28 DE AGOSTO	IMPROVISO AO RECEBER OS LÍDERES DO PDS NO CONGRESSO NACIONAL/ BRASÍLIA-DF	219
29 DE AGOSTO	IMPROVISO AO INAUGURAR A VII FEIRA NACIONAL DA INDÚSTRIA DA CIDADE/UBERLÂNDIA-MG	223
29 DE AGOSTO	IMPROVISO AO INAUGURAR O CONJUNTO HABITACIONAL «LUIZOTE DE FREITAS»/ UBERLÂNDIA-MG.....	227
04 DE SETEMBRO	IMPROVISO AO INAUGURAR O CONJUNTO HABITACIONAL «4.ª UNIDADE HABITACIONAL»/ PORTO ALEGRE-RS...	231
05 DE SETEMBRO	DISCURSO NA SESSÃO DE ENCERRAMENTO DO FORUM DAS AMÉRICAS/SÃO PAULO-SP	235
08 DE SETEMBRO	DISCURSO DURANTE A SOLENIDADE DE INSTALAÇÃO DO V ENCONTRO NACIONAL DE EXPORTADORES-ENAEX/ RIO DE JANEIRO-RJ	241

23 DE SETEMBRO	IMPROVISO AO RECEBER OS REPRESENTANTES DA UNIÃO PARLAMENTAR INTERESTADUAL — UPI/BRASÍLIA-DF..	247
25 DE SETEMBRO	IMPROVISO AO VISITAR A CIDADE/CRICIÚMA-SC.....	249
25 DE SETEMBRO	IMPROVISO AO VISITAR A USINA JORGE LACERDA/CRICIÚMA-SC.....	253
30 DE SETEMBRO	DISCURSO AO INAUGURAR A SEDE DO PDS/BRASÍLIA-DF	257
1º DE OUTUBRO	DISCURSO POR OCASIÃO DA ASSINATURA DO ATO PARA SIMPLIFICAÇÃO DOS TRÂMITES DA DISTRIBUIÇÃO DE RENDAS AOS ESTADOS E MUNICÍPIOS/BRASÍLIA-DF.....	261
1º DE OUTUBRO	IMPROVISO AO RECEBER OS MEMBROS DO LICEU DE ARTES OFÍCIOS DE SÃO PAULO/BRASÍLIA-DF	265
02 DE OUTUBRO	IMPROVISO EM COMEMORAÇÃO AOS 250 ANOS DA CIDADE/MINAS NOVAS-MG	267
08 DE OUTUBRO	DISCURSO AO DESEMBARCAR NO CHILE/SANTIAGO DO CHILE	271
08 DE OUTUBRO	DISCURSO AO SER CONDECORADO COM O COLAR DA ORDEM DO MÉRITO DO CHILE/SANTIAGO DO CHILE — CHILE	273
08 DE OUTUBRO	DISCURSO AO RECEBER AS CHAVES SIMBÓLICAS DA CIDADE SANTIAGO DO CHILE-CHILE	275
09 DE OUTUBRO	DISCURSO AO SER RECEBIDO PELA CORTE SUPREMA DE JUSTIÇA DO CHILE/SANTIAGO DO CHILE — CHILE	279
09 DE OUTUBRO	DISCURSO DURANTE ALMOÇO OFERECIDO PELA CLASSE EMPRESARIAL CHILENA/SANTIAGO DO CHILE — CHILE ..	285

VIII

09 DE OUTUBRO	DISCURSO POR OCASIÃO DA VISITA À COMISSÃO ECONÔMICA PARA A AMÉRICA LATINA — CEPAL/SANTIAGO DO CHILE — CHILE.....	291
09 DE OUTUBRO	DISCURSO AO CONDECORAR O PRESIDENTE DA REPÚBLICA DO CHILE, SENHOR AUGUSTO PINOCHET UGARTE, COM O GRANDE COLAR DA ORDEM DO CRUZEIRO DO SUL/SANTIAGO DO CHILE — CHILE	295
10 DE OUTUBRO	DISCURSO NA SOLENIDADE DE ASSINATURA DE ATOS BILATERAIS/SANTIAGO DO CHILE — CHILE.....	299
14 DE OUTUBRO	DISCURSO DURANTE A SOLENIDADE DE POSSE DA NOVA DIRETORIA DA CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA/BRASÍLIA-DF	305
16 DE OUTUBRO	IMPROVISO NA CERIMÔNIA DE ENTREGA DE TÍTULOS DE TERRAS/IMPETRATRIZ-MA.....	309
16 DE OUTUBRO	IMPROVISO AO VISITAR A CIDADE/SÃO LUIZ-MA.....	313
17 DE OUTUBRO	IMPROVISO AO INAUGURAR O CONJUNTO HABITACIONAL «DIRCEU ARCOVERDE II»/TERESINA-PI	315
22 DE OUTUBRO	IMPROVISO AO RECEBER EMPRESÁRIOS BRASILEIROS/BRASÍLIA-DF	319
24 DE OUTUBRO	DISCURSO POR OCASIÃO DA I REUNIÃO DOS MINISTROS DAS RELAÇÕES EXTERIORES DOS PAÍSES SIGNATÁRIOS DO TRATADO DE COOPERAÇÃO AMAZÔNICA/BELÉM-PA.....	323
29 DE OUTUBRO	IMPROVISO AO RECEBER O GRUPO DE BUSINESS INTERNACIONAL ROUNDTABLE/BRASÍLIA-DF	331
30 DE OUTUBRO	IMPROVISO AO RECEBER OS INTEGRANTES DA JUNTA INTERAMERICANA DE DEFESA/BRASÍLIA-DF.....	333

06 DE NOVEMBRO	DISCURSO NA ABERTURA DO II CONGRESSO DAS ASSOCIAÇÕES COMERCIAIS DO BRASIL/RIO DE JANEIRO-RJ..	335
12 DE NOVEMBRO	IMPROVISO AO VISITAR O GARIMPO DE SERRA PELADA/MARABÁ-PA	339
19 DE NOVEMBRO	IMPROVISO AO RECEBER O COLAR DA ORDEM DO CONGRESSO NACIONAL/BRASÍLIA-DF	343
19 DE NOVEMBRO	IMPROVISO AO RECEBER AUTÓGRAFOS DA EMENDA CONSTITUCIONAL Nº 15/BRASÍLIA-DF	345
20 DE NOVEMBRO	IMPROVISO AO INAUGURAR A USINA «PAULO AFONSO VI»/PAULO AFONSO-BA	351
21 DE NOVEMBRO	IMPROVISO AO VISITAR A CIDADE/ARACAJÚ-SE.....	353
21 DE NOVEMBRO	IMPROVISO DURANTE REUNIÃO COM LÍDERES E PREFEITOS DO PDS DO ESTADO/ARACAJÚ-SE	355
27 DE NOVEMBRO	IMPROVISO POR OCASIÃO DA POSSE DO MINISTRO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, RUBEM CARLOS LUDWIG/BRASÍLIA-DF.....	357
28 DE NOVEMBRO	DISCURSO NO ENCERRAMENTO DO III CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE PETROQUÍMICA/SALVADOR-BA	359
29 DE NOVEMBRO	IMPROVISO AO INAUGURAR O SISTEMA DE EFLUENTES FLUVIAIS DO POLO PETROQUÍMICO/SALVADOR-BA	367
30 DE NOVEMBRO	DISCURSO AO ENCERRAR A CONVENÇÃO NACIONAL DO PDS/BRASÍLIA-DF .	369
04 DE DEZEMBRO	IMPROVISO AO INAUGURAR O CONJUNTO HABITACIONAL «NOVO AMPARO»/LONDRINA-PR	377

X

09 DE DEZEMBRO	IMPROVISO AO ENTREGAR PRÊMIOS AOS CAMPEÕES DO CONCURSO «PRO- DUTIVIDADE RURAL»/BRASÍLIA-DF....	379
16 DE DEZEMBRO	DISCURSO AO SER CUMPRIMENTADO PELO CORPO DIPLOMÁTICO AO ENSE- JO DO FINAL DO ANO/BRASÍLIA-DF....	381
17 DE DEZEMBRO	DISCURSO DURANTE ALMOÇO ANUAL OFERECIDO PELAS FORÇAS ARMADAS AO SEU COMANDANTE SUPREMO/ BRASÍLIA-DF	385
30 DE DEZEMBRO	DISCURSO À NAÇÃO BRASILEIRA PELA PASSAGEM DO ANO NOVO/BRASÍLIA- DF	393

09 DE JANEIRO
PALACIO DO PLANALTO
BRASILIA-DF

IMPROVISO AO EMPOSSAR O MI-
NISTRO DA JUSTIÇA, SENHOR
IBRAHIM ABI-ACKEL

Excelentíssimo Senhor Dr. Aureliano Chaves,

Senhores Ministros,

Senhor Ministro Abi-Ackel:

A inesperada ausência no meu Governo do saudoso Ministro Petrônio Portella forçou-me a pensar em alguém que para substituí-lo fosse conhecedor das leis; dos meandros da sua feitura e também da sua interpretação. Forçou-me a pensar num político atuante, atualizado com os problemas que vivemos hoje e capaz de, tal como seu antecessor, saber encaminhar o relacionamento do Congresso com o Executivo e deste com os governos estaduais.

Era forçoso também que eu me fixasse em alguém que fosse tal como Petrônio Portella — homem combativo, um homem de ação, mas principalmente um homem conciliador e que procurava a conciliação através de um diálogo franco e aberto. Eu precisava de um homem que pudesse

aliar, pela sua idade, a força da ação, à sensatez da maturidade. E, principalmente, eu precisava de uma inteligência e de um caráter.

Entre os muitos nomes que me vieram à cabeça eu me fixei no do nosso novo Ministro Ibrahim Abi-Ackel e eu tenho a certeza de que ele não deslustrará o nome de Petrônio Portella e que aqui e no Ministério da Justiça como o seu cabeça-mór, ele se sairá tão bem como tem saído das lides parlamentares. Muito obrigado e muitas felicidades, Senhor Ministro.

15 DE JANEIRO
PALACIO DO PLANALTO
BRASILIA-DF
IMPROVISO POR OCASIÃO DE
SEU ANIVERSARIO NATALICIO

Excelentíssimo Senhor Dr. Aureliano Chaves,
Senhores Ministros:

Eu fico muito agradecido aos Senhores por estarem aqui incorporados para me cumprimentar na oportunidade do transcurso da minha data natalícia. Agradeço, sensibilizado, as palavras do Senhor Ministro Ibrahim Abi-Ackel, palavras benevolentes, de certo modo confortadoras para mim, lisonjeiras a meu respeito e muito honrosas em relação ao nome de meu pai. Agradeço também sensibilizado os votos de que foi portador o Senhor Ministro da Justiça.

Desejo receber a presença dos Senhores, como bem salientou o Ministro Ibrahim, menos como uma deferência pelo alto cargo que ocupo, menos como uma forma de cortesia dos meus auxiliares mais diretos e mais como uma demonstração de apreço e amizade. E é como amigo que eu digo aos Senhores que seria muito bom se todos aqueles que completassem 62 anos, como hoje completo, pudessem

sentir o que agora eu sinto, que é o conforto, o carinho e a compreensão, o incentivo e o apoio daqueles que me cercam; de poder expressar, apesar das injustiças, das incompreensões, das frustrações, das decepções e dos desenganos, que eu possa ter sofrido durante os 62 anos que até hoje vivi. Mas graças ao bom Deus que me proporcionou a extrema felicidade de poder ter calçado até hoje a minha conduta em perfeita coerência com os reclamos da minha consciência. E dar-me também a força de vontade através da fé para que eu possa fazer, com o auxílio dos Senhores, desta nossa Pátria, aquela Pátria dos meus 20 anos sonhados; a Pátria que o aspirante sonhou: da Ordem e do Progresso; da Fraternidade e do Amor. É para isso, eu tenho a certeza, que eu conto com os Senhores.

Muito obrigado.

17 DE JANEIRO
PALACIO DO PLANALTO
BRASILIA-DF

IMPROVISO AO EMPOSSAR O MI-
NISTRO CHEFE DO EMFA, GENE-
RAL-DE-EXÉRCITO JOSÉ FERRAZ
DA ROCHA E O MINISTRO DA
FAZENDA, SENHOR ERNANE
GALVÊAS

Excelentíssimo Senhor Dr. Aureliano Chaves,

Senhores Ministros:

A substituição de dois Ministros de Estado, o Mi-
nistro Chefe do Estado Maior das Forças Armadas —
e se afasta o General Samuel por haver recebido do Go-
verno uma outra missão —, e do meu prezado amigo
Karlos Rischbieter, do Ministério da Fazenda, que se afas-
ta por vontade própria apresentando razões que eu não fui
capaz de destruir, não me causa preocupações maiores,
porquanto conheço bem de perto os dois novos titulares.
O General Ferraz da Rocha, meu contemporâneo desde
o Colégio Militar. O Exército brasileiro já a esta altura,
as outras duas Forças singulares conhecem bem de perto
o General Ferraz da Rocha. Diz ele que o Exército bra-
sileiro o preparou. Eu acrescentaria que ele próprio —

o General Ferraz — foi quem se preparou porque, estudioso que é, e sempre aluno destacado e dedicado inteiramente à sua profissão, ele de fato deixa um nome no Exército.

O Dr. Ernane Galvêas eu conheço de longa data e tenho acompanhado, não digo de perto, não tão perto quanto desejaria, mas tenho acompanhado toda a sua trajetória como homem dirigente na área econômico-financeira. É um nome que não necessita de apresentação. Se lamento a saída dos dois amigos fico, por outro lado, satisfeito pela chegada desses dois novos elementos, que eu tenho a certeza, não deslustrarão o que já fizeram nas suas respectivas áreas. Muitas felicidades, Senhores Ministros.

05 DE FEVEREIRO
PALACIO DO ITAMARATY
BRASILIA-DF

DISCURSO POR OCASIAO DO
JANTAR OFERECIDO AO PRESI-
DENTE DA REPÚBLICA POPULAR
E REVOLUCIONARIA DA GUINÉ,
SENHOR AHMED SEKOU TOURÉ

Excelentíssimo Senhor Presidente da República Popular e Revolucionária da Guiné, Ahmed Sekou Touré:

Para o povo brasileiro, para meu Governo, e para mim pessoalmente, é grande a honra de acolher Vossa Excelência e os eminentes membros de sua comitiva, na primeira visita do Chefe de Estado da Guiné a nosso País.

O decisivo papel desempenhado por Vossa Excelência, na luta pela independência política e econômica de seu país, é bem conhecido no Brasil.

Conhecemos, igualmente, a importância de sua liderança como um dos construtores de uma África livre e independente. De uma África dotada de voz expressiva nos negócios internacionais.

Intérprete autêntico dos anseios e aspirações do povo da Guiné, Vossa Excelência nos traz uma mensagem de dedicação à Liberdade, à Justiça, ao desenvolvimento e à

construção de uma ordem internacional eqüitativa e livre de tensões.

Em nosso País, Vossa Excelência conhecerá o sentimento brasileiro de solidariedade com os objetivos de progresso e de bem-estar social do povo amigo da Guiné. Aqui estará como em sua própria terra. Ao regressar, haverá de levar o testemunho de nossa profunda amizade.

Senhor Presidente,

As afinidades e vinculações entre o Brasil e a África colocam as relações entre nossos povos muito acima das simples questões de interesse mútuo. A contribuição africana está profundamente enraizada em nossa cultura. Hábitos, costumes, crenças, modos de ser, fazem parte da dimensão interna de nossa gente e de nossa terra — como Vossa Excelência terá ocasião de ver nas diferentes partes do Brasil que visitará, além de Brasília.

As formas de compreensão que estabelecemos com os países irmãos da África, contêm, por essa razão, compromissos próprios. Sobre eles assentam fortes motivações para o nosso encontro diplomático.

De um e do outro lado do Atlântico Sul, os povos do Brasil e da África estabeleceram, há séculos uma ponte indestrutível. Redimidos no carinho e na integração, sobre essa ponte os homens da nossa geração haverão de lançar os caminhos do progresso material, social e humano.

Tenho sustentado, Senhor Presidente, que os anseios de progressão das nações em desenvolvimento constituem um direito imprescritível de seus povos.

Vivemos hoje sinais evidentes de crise internacional. Os níveis de tensão entre as superpotências aumentaram significativamente. Recria-se um clima que parecia superado. Na medida em que tais crises terminam por agravar as dificuldades enfrentadas por nossos povos, tanto mais as nações do Terceiro Mundo — em especial os países africanos e o Brasil — têm o dever de apoiar-se mutuamente.

Nossos instrumentos políticos são certamente modestos. Mas não podemos calar diante de qualquer forma de violação do direito de autodeterminação. É no estrito respeito aos valores locais que devem ser buscadas as soluções pacíficas, dentro de quadros de negociação formados em consideração à própria dinâmica regional.

Não haverá paz real no Mundo enquanto não se articularem mecanismos legítimos, reais e justos de desenvolvimento econômico e social. As desigualdades entre as nações são fator de exploração política, com consequências inevitavelmente nefastas.

Nesse quadro, propostas de isolamento não teriam sentido. Só serviriam para criar novos focos de tensão.

Nosso propósito é diferente. O governo brasileiro considera o fortalecimento da solidariedade entre os países em desenvolvimento e o aumento de sua capacidade de diálogo altamente benéficos a eles próprios e à comunidade internacional, como um todo.

Mas, em nosso entender, a solidariedade transcende meros problemas conjunturais, nas relações Norte-Sul. Deve ter o sentido objetivo de cooperação. Traduzir-se em manifestações autênticas e sólidas de uma obra comum.

Com esse espírito, os objetivos concretos do diálogo entre nossos povos são variados e numerosos. Vou citar apenas alguns entre eles, como sejam: o aumento do intercâmbio comercial; a dinamização da troca de experiências na área da ciência e da tecnologia; a renovação permanente dos laços culturais que unem nossos povos; o intercâmbio de experiências na implantação e na operação de serviços.

Poderia mencionar, também, na área política, a articulação constante de posições em relação aos temas discutidos nos foros multilaterais.

Os problemas mundiais deixaram de ser exclusividade de potências ou de superpotências. Afetam-nos a todos. Até há pouco, lidávamos com eles apenas reagindo a formas impostas de solução. Entretanto, episódios decisivos de unidade do Mundo em desenvolvimento quebraram essa tendência. Refiro-me, entre outros, à descolonização da África e à independência de seus povos.

Baseados na necessidade de Paz e de Justiça, e na adesão aos princípios da Carta das Nações Unidas, os países em desenvolvimento rejeitam toda violação de seus direitos. Toda forma de imposição.

Nesse contexto, registro com satisfação a participação da Guiné e do Brasil nas mesmas responsabilidades pela concretização do desenvolvimento e do bem-estar de nossos povos.

Senhor Presidente,

Os caminhos de cooperação bilateral entre o Brasil e a Guiné começam agora a abrir-se.

Identificam-se possibilidades concretas de cooperação na agricultura, na agroindústria, na pecuária, na exploração mineral e na fabricação de carburantes a partir da biomassa. Estamos dispostos a compartilhar com o seu país a tecnologia tropical em serviços de engenharia, em comunicações, em obras básicas de infra-estrutura, na construção de estradas de rodagem, barragens fluviais e usinas hidrelétricas, entre tantos outros setores.

A visita de Vossa Excelência revela claramente a vontade política de nossos países de aproveitar as múltiplas oportunidades de cooperação e amizade. As sementes foram lançadas por ocasião de minha posse, quando tivemos a honra de receber importante delegação guineense. Outro marco foi o envio de um representante pessoal meu às comemorações do 32º aniversário da fundação do Partido Democrático da Guiné. Incumbi-o expressamente de manifestar a Vossa Excelência o desejo do governo brasileiro de desenvolver, com o governo da Guiné, as melhores e mais fraternas relações.

Nossa agenda está preparada. Estamos de acordo quanto aos princípios que devem reger nossas relações bilaterais: equidade, respeito mútuo e benefício recíprocos. Identificamos áreas básicas de cooperação. Agora, é passar aos entendimentos e mecanismos operacionais, que nos permitam levar adiante os nossos propósitos, e dar formas concretas ao nosso ideal de cooperação.

Não tenha dúvida, Senhor Presidente, de que estamos próximos dos problemas africanos. Nossa posição a respeito deles é a projeção dos melhores valores do povo brasileiro.

Manifesto, por isso, a profunda solidariedade brasileira com as grandes causas dos países africanos, identificados hoje com as de todos os países devotados à Justiça e à Paz. Nesse sentido, o Brasil tem expressado seu firme apoio à política de eliminação dos remanescentes do colonialismo na África; à pronta solução das questões do Zimbábue e da Namíbia; e à supressão das práticas de discriminação racial e parteísmo.

Senhor Presidente,

É nesse espírito que saúdo Vossa Excelência e convido todos os presentes a erguerem suas taças pelo desenvolvimento contínuo das relações de amizade entre a Guiné e o Brasil; pela saúde de nosso amigo, o Presidente Ahmed Sekou Touré; e pela felicidade e prosperidade crescente do povo irmão da Guiné.

Muito obrigado.

06 DE FEVEREIRO
HOTEL NACIONAL
BRASÍLIA-DF

DISCURSO POR OCASIÃO DO
JANTAR OFERECIDO PELO PRE-
SIDENTE DA REPÚBLICA POPU-
LAR E REVOLUCIONÁRIA DA
GUINÉ, SENHOR AHMED SEKOU
TOURÉ

Excelentíssimo Senhor Presidente da República Popular e Revolucionária da Guiné, Ahmed Sekou Touré:

Fico muito agradecido pelas generosas palavras de Vossa Excelência. Convidei Vossa Excelência a visitar oficialmente o Brasil, movido pelos laços históricos que nos unem. Mais ainda, pela oportunidade, que agora temos, de estreitá-los e de transformá-los em realidades plenamente operativas.

Fui movido, também, pela extraordinária luta empreendida pelo nobre povo guineense, sob a liderança de Vossa Excelência, pela independência política e econômica.

Em seu discurso de ontem, Vossa Excelência afirmou não existirem grandes nações por não havê-las pequenas. Estamos totalmente de acordo. Esta é a concepção das

relações internacionais tradicionalmente sustentada e mantida pelo Brasil, até hoje.

Rui Barbosa, que todos os brasileiros reverenciam, demonstrou, em 1907, na Conferência de Haia, quando se discutia a composição da Corte de Arbitragem que tal diferença realmente não existe. Afirmou Rui que o Brasil, como Estado soberano, aspira ao mesmo lugar do maior e do menor Estado do Mundo.

Nossa aproximação com a África e com a Guiné se faz sob o signo da igualdade, da cooperação espontânea, e do interesse mútuo. Os brasileiros estão dispostos a transmitir suas experiências a seus irmãos africanos. Mas desejam, também, com eles continuar a aprender. O relacionamento que propomos à Guiné e à África é entre iguais. Com respeito de parte a parte.

Ficamos, pois, particularmente satisfeitos com as palavras de Vossa Excelência. De público, elas vieram confirmar nossas conversações.

O Brasil é, ainda, um país de recursos limitados. Passamos por uma conjuntura econômica difícil. Estamos, porém, desejosos de cooperar fraternalmente, no limite de nossas possibilidades, com os nossos amigos africanos.

Nesse espírito, desejo brindar ao rápido desenvolvimento de nossas relações, ao progresso continuado do povo guineense e à saúde pessoal de Vossa Excelência, da Senhora Touré, e de todas as demais altas autoridades guineenses que visitam o nosso País.

Muito obrigado.

26 DE FEVEREIRO
PALACIO DO PLANALTO
BRASILIA-DF
IMPROVISO DURANTE REUNIAO
COM SEU COMANDO POLITICO

Meus Senhores:

Eu me sinto muito honrado e satisfeito com a presença dos Senhores pela demonstração de coesão do nosso Partido. Nesta oportunidade, eu devo relembrar, que, ainda quando candidato, eu já fazia algumas afirmações a respeito da normalização da vida política do País. Posteriormente, durante a campanha, fui além das afirmações, e tornei públicos alguns compromissos, caso eleito para Presidente da República.

Eu assumi a Presidência da República e transformei esses compromissos em um juramento. Devo dizer aos Senhores que senti, àquela época, que poucos, muito poucos até, no meu juramento acreditavam. Senti que o crédito, pelo menos da classe política, em relação às minhas afirmações, era tão pequeno, que eu senti que o meu juramento não havia soado como juramento. Isso me doeu.

Mas, tais foram as afirmativas que fiz, posteriormente, tal foi a minha perseverança em afirmar que iria dar tudo de mim para normalizar a vida democrática do País, tal

foi o concurso que recebi dos meus auxiliares diretos no sentido de me mostrar as melhores maneiras ou a melhor forma, o mais rapidamente possível para termos o povo vivendo numa democracia em prazo também relativamente curto, que comecei a sentir que até a Oposição começou a acreditar na minha palavra.

Isso me animou ainda mais. E solicitei o apoio da Oposição para vir aqui ao Palácio, e, comigo e com meus auxiliares, conversar pela melhor saída, pela melhor forma de atingirmos o mais rapidamente esse objetivo, ansiado por todo o povo brasileiro, que era a normalização democrática do País. Infelizmente, a minha mão estendida não foi compreendida. Aqueles homens que poderiam ter dado, de início, com as suas experiências políticas, seu saber jurídico, algum auxílio ao Governo, recusaram-se a vir até aqui.

Mas eu persisti em ir ao encontro deles, e ainda persisto, daí a minha satisfação em ver, agora, aqui no Palácio, correligionários e antigos opositores, já esquecidos de tempos passados e apenas voltados para um futuro que é certo: é que ao fim do meu Governo, com a ajuda dos Senhores e, portanto, com a ajuda do povo brasileiro, nós teremos implantado uma democracia neste País.

Disso eu não tenho dúvidas, ainda mais porque eu sinto que o pólo desse novo Partido, um dos pólos mais importantes em que eu me fixei, é o de Minas Gerais. Eu sinto que Minas Gerais vai me dar o grande reforço de que necessito, para poder olhar de frente aqueles que não acreditavam em nós, que já não são os Senhores.

Muito obrigado.

06 DE MARÇO
REAL SOCIEDADE CLUBE GINAS-
TICO PORTUGUÊS
RIO DE JANEIRO-RJ
DISCURSO POR OCASIAO DO AL-
MOÇO EM SUA HOMENAGEM

Senhor Presidente Edison Chini,

Meus Amigos portugueses e brasileiros:

Agradeço as inspiradas palavras com que acabo de ser saudado pelo Presidente da Real Sociedade Clube Ginástico Português. Tão português nas origens, quanto brasileiro naquela inimitável união que liga os corações, amalgama os espíritos, transpõe oceanos e ignora diferenças.

Laços que o tempo só faz reforçar e a distância física reveste e têmpera indestrutível. Neles transparece o sentimento e a fraternidade que fazem de Portugal e do Brasil uma Pátria comum: a Pátria do coração.

A homenagem que me está sendo prestada nesta Casa, mais que a mim, dirige-se à Nação brasileira que tenho a honra de representar neste ambiente tão familiar aos olhos.

Sensibiliza-me, sobretudo, esta manifestação de afeto e solidariedade, por coincidir com o momento em que nosso País parte para a arrancada definitiva, rumo ao desenvolvimento. O Brasil está ansioso por cumprir o destino histórico vislumbrado pelos que, no limiar do século XVI, aqui aportaram.

De minha parte, sempre dediquei e dedicarei o maior carinho aos meus irmãos lusitanos. Com eles me identifico perfeitamente. E não só com os Algarvienses, com meu avoengo Lourenço de Figueiredo, que veio para o Brasil, na época de fundação da Bahia, ainda no século XVI. Ou mesmo de seu filho, João de Figueiredo Mascarenhas, que com ele aqui chegou. Casado, anos depois, com D. Apolônia Álvares, filha do Caramuru, deles descendem os Figueiredos da Bahia, da Paraíba e de outras partes do Nordeste.

Nem falo só de meu tetravô, Luiz de Figueiredo Leitão, também do Algarve, e que por volta de 1712, já se firmara nas Minas Gerais, onde fora feito Capitão das Ordenanças. Ou de seu neto — meu bisavô — o Comendador Rodrigo José de Figueiredo Moreira. Este, nascido no Arraial de S. Antônio do Tijuco, no Serro do Frio, fiel à tradição andeja, herdada da Santa Terra, emigrou para o Rio Grande do Sul, onde se tornou grande fazendeiro em S. Sepé, além de ser o cabeça do ramo gaúcho dos meus Figueiredos.

Falo, também, de outros Figueiredos, como meu pai, membro do Conselho Deliberativo do Clube de Regatas do Vasco da Gama.

Na verdade, poderia ir mais longe, e dizer que todos os Figueiredos «d'aquém e d'além mar» são a mesma gente e a mesma terra. Bravos, como se requer de quem se compromete, como estão no Brasão as figueiras, a «lutar por Deus e pela Pátria». Galantes, como se canta no poema medieval, que começa assim:

«No figueiral Figueiredo a no figueiral entrey».

Como brasileiro, recebi e cultivo o imenso legado de Portugal ao Brasil, o idioma de Camões. Veículo natural de todas as nossas manifestações nacionais, a língua comum condiciona a própria natureza e profundidade do nosso pensamento.

Não sei se ainda pode chamar-se «inculta» esta bela e «última flor do Lácio» que vibra nos sentimentos, rejuvenesce na ciência e na técnica, e participa dos conselhos do Mundo pela voz firme e serena de povos livres, nações soberanas, homens desejosos de progresso.

Muito já se escreveu sobre o milagre da continuidade territorial do Brasil, sua unidade e coesão, ao contrário de outros povos, fragmentados em diversos países.

Mas ainda não se creditou suficientemente esse milagre à unidade na língua, que nos impregnou a todos das qualidades peregrinas do povo lusitano. Doçura e sentimentalismo, conducentes ao amor. Uma certa veia poética no falar e no pensar. E a maior contribuição dos povos lusíadas ao Mundo, ou seja, sua disposição incoercível para as virtudes da conciliação, da paz e do entendimento. Isso tudo é eminentemente lusitano. E, portanto, brasileiro.

Foi através da língua que o Brasil conquistou e pôde manter sua unidade geográfica e política. Enriquecida pelos novos aportes à fusão de raças da qual estão saindo os traços característicos dos brasileiros, nossa alma refletirá sempre a tessitura da alma portuguesa.

As expressões, as locuções, as frases da língua portuguesa — e são elas que condicionam o pensamento — trazem em si a marca do povo que as criou.

Por essa razão, mesmo os brasileiros de outras ascendências consideram-se, culturalmente, de origem portuguesa.

Irmanados pelo nascimento ou pelo idioma, os brasileiros sentem o quanto nossa Pátria deve ao bravo país ibérico que a descobriu e povoou, guiando-lhe os passos que, finalmente, fizeram dela uma Pátria segura de seu presente e confiante em seu futuro.

É nesse espírito que, a especial convite do meu antifrão de hoje, tenho a honra de vir integrar-me na abertura simbólica das comemorações que hão de fazer-se onde se fala a língua portuguesa, do 4º centenário da morte do Poeta que, acima de todos, lhe deu grandeza, estilo, altanaria, nobreza e perenidade. Hoje, como nos dias de antanho, Luiz de Camões permanece a grande fonte de pureza do nosso maior patrimônio comum.

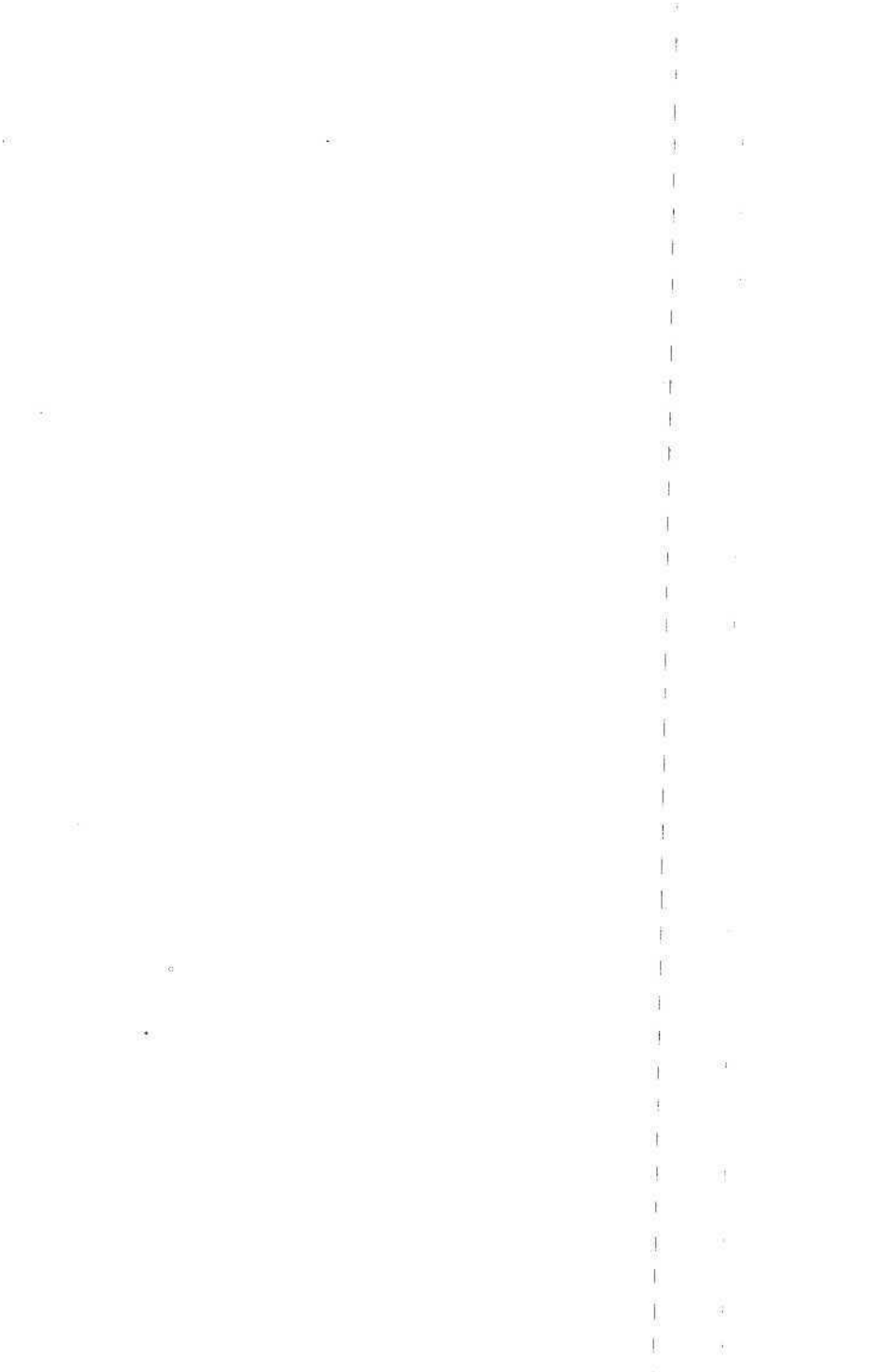
Fico feliz, também, em dar por inaugurados os trabalhos do Congresso das Comunidades Luso-Brasileiras.

Tudo quanto se faça no sentido de promover a união, o conagraçamento e o progresso dos povos de língua portuguesa há de ter o respeito e o apreço dos homens e às bênçãos do nosso bom Deus.

Ao saudar os representantes da comunidade luso-brasileira presentes no Clube Ginástico Português, rendo sentida homenagem do Brasil a Portugal e aos seus e nossos heróis. Eles vieram, na epopéia dos descobrimentos, uma das mais gloriosas páginas da História da Civilização, tão bem descrita pelo poeta:

*«Cessem do sábio grego e do troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandre e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre lusitano;
A quem Neptuno e Marte obedeceram».*

Muito obrigado.



07 DE MARÇO
CENTRO DE ENSINO UNIFICADO
DE BRASÍLIA — CEUB
BRASÍLIA-DF
DISCURSO AO PARANINFAR OS
FORMANDOS DO CURSO DE DI-
REITO

Senhor Presidente do Centro de Ensino Unificado de
Brasília, Professor Alberto Peres,

Senhores Professores,

Minhas Senhoras, meus Senhores,

Meus caros Afilhados:

Venho hoje ao CEUB para estar um pouco ao lado
de tantos universitários, no momento em que recolhem o
prêmio de anos de esforço e estudo — em tantos casos com
exemplar afincado e não menor sacrifício.

Como no dia de minha própria formatura, há 43 anos,
abrem-se diante de vós os largos caminhos do serviço à
Pátria e à sociedade de que sois parte.

Envergar a farda do soldado, como fiz com orgulho,
é entregar-se por inteiro ao ideal de servir.

Revestir a beca de advogado é comprometer-se a uma vida de luta pela verdade. Para que se faça justiça, com base só no direito de cada parte. Para que se assegurem as franquias inscritas na lei.

Até como reflexo da própria multiformidade de nossas origens, a sociedade se organiza entre nós em forma necessariamente aberta e pluralista. Por isso mesmo, os fundamentos de nossa vida cívica assentam no convívio pacífico das idéias. No respeito às liberdades e direitos individuais. Na harmonização entre a necessidade de manter princípios centenários e milenares e a conveniência de atualizar os sistemas e as formas, como é próprio de um grupo social numeroso e em constante evolução, como o nosso.

Na tradição ética — ocidental e cristã — à qual nos filiamos, a Lei é como o sangue para os organismos vivos. O prevalecimento da Lei sobre as vontades e caprichos individuais — ainda que imperfeito, como toda construção humana — é o pressuposto básico de uma sociedade justa, serena, equânime, disposta a promover o bem de todos. Não em um futuro indeterminado ou remoto. Mas em nossos dias. Tão perfeitamente quanto permitido à condição humana.

Tal sociedade, entretanto, só se alcançará no regime democrático. O direito à igualdade de oportunidades — mais que aspiração natural das pessoas, mais que dádiva ou formas de apaziguamento das consciências — deflui de nossa herança comum, e remonta ao nosso próprio Criador.

A democracia que desejo para nosso País é a que aprendi desde menino. A que estudei e cultivei, para depois ensinar aos meus alunos nas escolas militares. Aquela que preguei durante a minha campanha e, no Governo, venho pondo em prática, com paciência e pertinácia. Não uma figura de retórica, eivada de demagogia. Não o palavreado perfuntório: ágil no apoio verbal, lerdo nos corações e imobilista na ação.

A democracia que jurei implantar entre nós é a encarnação de nossas responsabilidades sociais. A obrigação de não calar diante do sofrimento e da iniquidade.

É também o direito e, mais que isso, o dever de não compactuar com as contrafações que, sob o nome da democracia violam e conspurcam a dignidade natural, inerente à pessoa. Democracia é o clima ideal para o exercício da justiça social. É o melhor instrumento conhecido para a promoção da igualdade entre os homens, a qual se realiza melhor — ou só se realiza — no respeito à liberdade de iniciativa em todos os campos da vida social.

Defendo, por isso mesmo, a melhor distribuição entre todos dos frutos do trabalho comum. Não como dádiva, ou maneira de aplacar nossa consciência, diante das injustiças presentes em todo sistema político ou social. Penso, com essa proposição, corresponder ao princípio superior de que o direito de acesso de cada um aos bens do Mundo está compreendido no direito à própria vida.

Mas ninguém atingirá esse estado, pela mágica de ideologias que só prosperam enquanto neguem os direitos cívicos de seus cidadãos. Ou erijam o Estado em fonte e titular dos direitos que são, antes de tudo, de cada um.

Nós, brasileiros não podemos dar guarida às veleidades totalitárias, sob o disfarce de futuras benesses, numa sociedade hipocritamente apresentada como «sem classes».

Tenho, portanto, a democracia — entendida nos países ocidentais — como o instrumento superior para a promoção do bem-estar e da felicidade de todos.

É para a democracia, para seu aperfeiçoamento constante, para sua prática harmoniosa, que os advogados são convocados pelo Brasil.

Que os meus afilhados de hoje sejam parte importante nesse processo, são os meus votos mais sinceros.

Muito obrigado.

13 DE MARÇO

ANHEMBI

SÃO PAULO-SP

DISCURSO NA ABERTURA DA I
FEIRA NACIONAL DA PESCA

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Os que vivem das coisas do mar, ou nele trabalham, são naturalmente propensos à solidariedade e à troca de experiências. Esta I Feira Nacional da Pesca e as reuniões que aqui se realizam são demonstração clara e convincente da sadia integração das diversas partes da atividade pesqueira.

Em todo o mundo, meus Senhores, a questão é produzir mais alimentos. Literalmente, milhões de pessoas dependem, para sua sobrevivência, do que vossas redes puderem recolher.

É de justiça destacar o esforço de produção de gêneros alimentícios que se processa em nossa terra.

Sem diminuir o muito já conseguido, os eventos aqui realizados animam-nos a esperar ainda maior contribuição do setor pesqueiro e do milhão e meio de pessoas que emprega. Nossos rios, lagos e mares são uma imensa, imedia-

ta, quase inexplorada fonte de proteínas animais. Só a utilização dos açudes e barragens para piscicultura pode dobrar a produção atual de 800 mil toneladas/ano de pescado. Bem se pode imaginar o que isso representará em termos de alimentação barata e sadia.

Dispomos, para esse fim, de mecanismos provados nesta e em outras áreas. Falo dos incentivos setoriais e da garantia de preço mínimo, estendida à pesca. Dos programas de apoio e desenvolvimento da pesca artesanal, em várias partes do País. Da proteção dos grandes animais do mar, salvando-os da caça predatória.

Nesse particular, desejo assinalar, ainda, a elaboração do anteprojeto do Código de Pesca, para oportuna discussão, antes de encaminhá-lo ao Congresso Nacional.

Essas e outras providências decorrem da preocupação do Governo em assegurar, por todos os meios a nosso alcance, o abastecimento dos produtos de que nossa gente carece. Daí veio, também, a prioridade à agropecuária.

Nesse sentido, manifestei aqui mesmo, em São Paulo, meu propósito de:

- * financiar tudo o que for plantado
- * garantir tudo o que for produzido
- * se necessário, comprar tudo o que for colhido.

A essas diretivas de ação governamental, seguiram-se: a aplicação prática de preços mínimos compensadores, declarados oportunamente; financiamentos de custeio sem limitações orçamentárias e em forma rotativa; simplificação do processo, especialmente para os pequenos e médios produtores.

Como esperavam os que tinham fé, a agricultura respondeu com rapidez e entusiasmo.

As últimas avaliações indicam grandes safras de quase todos os produtos. De arroz, milho e soja, teremos as maiores produções de nossa história.

No total, esperamos, em 1980, mais de 50 milhões de toneladas de grãos. Ou seja, de 25 a 30% acima do obtido no ano passado.

Em meio a resultados tão auspiciosos, nem a frustração da safra de feijão das águas quebrantou o ânimo dos agricultores nacionais. De todas as fontes — públicas e privadas — chegam indicações de que o feijão das secas deverá atingir entre 1 milhão e 300 e 1 milhão e 600 mil toneladas.

Completar-se-á, assim, o necessário a colocar alimento na panela do pobre.

A agricultura brasileira pode orgulhar-se de sua contribuição positiva, na ordem de 10 bilhões de dólares, à nossa balança comercial de 1980. Entre o que vamos exportar a mais e o que deixaremos de importar, teremos um ganho líquido, no comércio internacional de alimentos, de 2 e meio bilhões de dólares a mais que em 1979.

Ao mesmo tempo o Governo pode agora concentrar recursos na assistência técnica e creditícia às novas fronteiras agrícolas. Rondônia, os dois Mato Grosso, o Norte de Goiás, os Cerrados são outros tantos marcos de esperança, firmados na experiência mais que animadora.

Vive-se em todo o Brasil, neste momento, a alegria da colheita generosa. Recomendarei providências para que

não falte armazenamento e transporte. Como não faltará financiamento à comercialização.

Nesse clima, desejo pedir aos agricultores de nossa terra que comecem, desde logo, a batalha da próxima safra. Depois de três anos de frustração, é preciso que a este ano de fartura se siga outro, e mais outro, e mais outros indefinidamente, de grande abundância.

Sei que os homens da produção — agricultores, criadores, pescadores — voltarão a mostrar ao Brasil e ao Mundo o quanto pode uma gente livre, altaneira, consciente de sua responsabilidade social.

Mas, se considero vencida a batalha da quantidade dos alimentos, resta o problema dos preços ao consumidor.

Apelo ao comércio e à indústria para se engajarem na luta contra a carestia. Peço aos industriais e comerciantes que ajudem a dar consequência — a nível de varejo — ao grande esforço em que se empenharam o Governo e a agricultura.

Peço que aceitem menor margem de lucro, a bem de todos os brasileiros.

Muito obrigado.

17 DE MARÇO
PALACIO DO PLANALTO
BRASILIA-DF
IMPROVISO POR OCASIÃO DO
PRIMEIRO ANO DE GOVERNO

Excelentíssimo Senhor Dr. Aureliano Chaves,

Senhores Ministros:

Agradeço a cortesia desta reunião, como agradeço as palavras com que, em nome dos Senhores, acabo de ser saudado pelo Ministro Abi-Ackel. E, ao fazê-lo, desejo afirmar que, na oportunidade do transcurso do primeiro ano do nosso Governo, ela vem nos encontrar com o mesmo ânimo forte e a mesma determinação com que o iniciamos.

Se os resultados alcançados não apresentaram a plenitude desejada, em todos os setores, podemos ter a consciência tranqüila de que buscamos por todas as formas, no limite dos recursos disponíveis e nas circunstâncias indicadas pelo momento, o melhor para o País.

As dificuldades que tivemos de enfrentar, de toda natureza, algumas de origem externa, a que nem os países mais desenvolvidos puderam se furtar, e outras, deri-

vadas de fatores climáticos, ou de transformações sociais por que passa a Nação, exigiram do Governo, durante este ano, um esforço perseverante, para que pudéssemos prosseguir na trilha do desenvolvimento político, do econômico e do social.

E, se é verdade que os resultados alcançados ficaram aquém do nosso desejo, e não nos satisfazem, não é menos verdade que outros países, em melhor situação que a nossa, para atingir a meta semelhante, tiveram que recorrer a medidas mais extremas e mais cruentas do que aquelas por nós adotadas.

Tenho consciência do sacrifício que foi exigido ao povo, para que pudéssemos atingir esse primeiro ano de Governo, com esperanças fundamentadas, quase certeza, de que as nossas dificuldades econômicas poderão e serão paulatinamente contornadas.

E, se justiça houver, num julgamento imparcial desse nosso primeiro ano de Governo, fica-me a convicção de que há de ser reconhecido que o processo de normalização política do País está sendo realizado e efetivado, como prometido.

E os resultados, plenos ou parciais, que porventura tenhamos alcançado, deve o meu Governo à sadia e leal colaboração dos Senhores. E principalmente à compreensão do povo brasileiro.

A todos, o meu muito obrigado.

19 DE MARÇO

PALACIO DO PLANALTO

BRASÍLIA-DF

IMPROVISO AO RECEBER OS
MEMBROS DO CONSELHO CURA-
DOR DA FUNDAÇÃO PRÓ-ME-
MÓRIA

Meus Senhores:

Em retribuição à minha visita de cortesia, aliás desnecessária, mas sempre agradável para mim, quero dizer aos Senhores, repetindo as palavras de seu presidente, de que se no meu Governo muita coisa está sendo despertada porque estava meio adormecida, é porque eu conto com os Senhores.

Eu acho que, não querendo relembrar os meus tempos de soldado, quem deve tocar alvorada nessas coisas adormecidas são os Senhores. Eu, naturalmente, poderei estar presente nesta alvorada para dar os meus aplausos.

Mas, aos Senhores, homens de cultura, homens que gostam de História e amam as coisas desta nossa terra, que amam os nossos costumes e as nossas tradições, o nosso patrimônio cultural e principalmente, hoje em dia, o nosso patrimônio moral, é que cumpre dizer quais as coisas que devem ser despertadas.

Eu acho que tem muita coisa que está adormecida e eu conto com os Senhores para isto.

Muito obrigado.

24 DE MARÇO
PALÁCIO DO ITAMARATY
BRASÍLIA-DF
DISCURSO POR OCASIÃO DA VII
CONFERÊNCIA NACIONAL DE
SAÚDE

Senhoras e Senhores participantes da
VII Conferência Nacional de Saúde:

Agradeço aos eminentes doutores Halfdan Mahler e Héctor Acuña, ilustres Diretores-Gerais da OMS e da OPAS, a presença aqui, num evento nitidamente nacional. As palavras amigas e cheias de sensatez, pronunciadas pelo Dr. Mahler, reforçam o ânimo dos brasileiros e confirmam nossa determinação de perseguir o objetivo de «saúde para todos no ano 2000».

Meu Governo considera o direito à saúde corolário natural do direito à própria vida. O dever do Estado de prover as populações com meios adequados à promoção da saúde e à prevenção da doença — antes que à reabilitação do doente — corresponde, com igual conspicuidade, àquele direito.

A convocação desta Conferência tem, por isso, como finalidade principal, debater e coordenar as atividades dos vários setores e níveis de governo, no que respeita às ações básicas de saúde.

Estou certo, porém, de que só obteremos resultados duradouros em nosso esforço na medida em que as comunidades interessadas participarem conscientemente da formulação, execução e avaliação dos programas de saúde. Por isso, todo o Governo deve empenhar-se, mais ainda, em melhorar o espírito solidário e cooperativo entre os membros das aglomerações sociais.

O grande desafio, no plano do Governo, é a integração e a coordenação. A articulação entre os Ministérios da Saúde e da Previdência e Assistência Social é particularmente significativa, pelos resultados já alcançados. É também a mais complexa, em face da multiplicidade de serviços afins ou complementares; da ênfase na prevenção e no diagnóstico precoce; da identificação de soluções nacionais para os problemas de caráter tipicamente nacional; do estímulo à crescente nacionalização de equipamentos e insumos.

Nesse sentido, registro com satisfação o perfeito entendimento entre os Ministros Waldyr Arcoverde, da Saúde, e Jair Soares, da Previdência e Assistência Social. Da ação continuada e harmônica entre os dois o Brasil muito espera.

Na área da Educação, o alvo é a adequação da oferta de ensino às demandas efetivas de recursos humanos para a Saúde.

No setor do Trabalho, progressos notáveis têm-se registrado — e podem e devem ser ainda melhorados — nos aspectos relativos à saúde ocupacional e à prevenção de acidentes.

Particularmente importante — decisiva mesmo — para a alteração substancial do nível de saúde é a expansão dos serviços de abastecimento d'água e de saneamento básico. Nesse particular, a iniciativa e a cooperação do Ministério do Interior vão estendendo tais serviços às comunidades mais necessitadas. Condições habitacionais mais dignas e humanas são instrumento indispensável de promoção da saúde, pela eliminação de focos de transmissão de doenças.

Esses e outros programas, como os de nutrição e alimentação, envolvem a ação cooperativa de todos os níveis de governo. A eles não é estranha minha preocupação de aumentar a produção de alimentos e sua distribuição a preços acessíveis.

O tempo, minhas Senhoras e meus Senhores, é de ação. Mas ação coordenada, para eficiência do trabalho despendido.

É disso que se trata, quando nos propomos a apoiar, com os mais altos recursos jamais destinados ao setor, o programa nacional de ações básicas de saúde.

A imensa responsabilidade do setor de saúde pode ser medida pelos números que a informam. Sua missão específica é melhorar a qualidade e prolongar a duração da vida de 120 milhões de brasileiros. Pelo final do século, nossa população haverá de ter ultrapassado a casa dos 200 milhões, quase todos residindo em áreas urbanas.

Essa tarefa histórica, para honra nossa, nós haveremos de cumprir.

Muito obrigado.

31 DE MARÇO
PALACIO DO PLANALTO
BRASILIA-DF
DISCURSO A NAÇÃO PELA PAS-
SAGEM DO 16º ANIVERSARIO DA
REVOLUÇÃO

Brasileiros e brasileiras:

No dia de hoje, há 16 anos, coube às Forças Armadas nacionais a missão histórica de deter o curso da política mais contrária às aspirações do nosso povo jamais instalada entre nós. A família brasileira reagia com resolução e ânimo à iminente destruição das nossas instituições políticas tradicionais.

Sob o manto de proteger os pobres e necessitados, os inimigos da democracia realmente buscavam o esbulhamento de um povo pacífico e ordeiro. Enfim, o atropelo dos seus direitos e a negação das conquistas sociais já obtidas. E, ainda, a submissão ideológica, política e econômica do Brasil a interesses contrários aos nossos.

Mas a Nação não estava inerte, como supunham os que a desejavam golpear. De todos os lados, brotava e crescia o clamor contra a negação dos nossos valores e a derrocada da lei e da ordem. Nos quartéis, nos navios e nos aviões, um pensamento unificador solidificava nossa determinação. Não podíamos deixar nossa Pátria entre-

que à subversão, à demagogia, ao ódio entre irmãos, à desconfiança, à luta de classes.

Esses sentimentos eram tão profundos quanto universais. Sabíamos e sentíamos que deles comungava a grande maioria dos brasileiros. Tal como sabíamos e sentíamos o quanto era superficial o alarido dos que diziam falar pelo povo — mas eram por ele repudiados.

A «Nação em armas» deu consequência prática aos apelos vindos de todo o Brasil.

A Revolução foi expressa pelo Marechal Castello Branco como um «estágio inevitável de nossa evolução». Seu compromisso com a democracia haveria de levar o Brasil a «progredir, sem prejuízo das características fundamentais e dos sentimentos do nosso povo».

Só os que fazem oposição por fazê-la negarão a firmeza com que continuamos empenhados em realizar tudo o que, há 16 anos, pregávamos como ideal atingível.

Eles, porém, não devem preocupar-nos. Sua mente não reconhece a evidência. Cegos e mudos, recusam-se a ver e a responder. São mais insensíveis que os rochedos.

O caminho que estamos seguindo, para a criação de uma sociedade mais justa, politicamente aberta e pluralista, é o mesmo dos revolucionários de 1922, 1924, 1930, 1945. Tal sociedade funda-se no elenco de direitos pessoais e cívicos, inscritos em nossa Constituição. Tem o progresso e a realização do Homem, em suas aspirações sociais e políticas, como objeto único e final de toda a ação do Estado.

Por isso mesmo, a ordem, no Estado de Direito, é requisito prévio, necessário e indeclinável. A ordem, afirmou o Marechal Costa e Silva, é «uma projeção do espírito sobre a realidade exterior para discipliná-la, dar-lhe o sentido e tornar possível o pleno florescer dos agrupamentos humanos.

Derivada da própria liberdade, a ordem distingue-se do silêncio imposto pela mão férrea dos tiranos. Não é a conformidade monolítica à verdade oficial. É dentro da ordem legal que se expressam as diferenças de opinião, características das sociedades realmente livres.

Digo, por isso, que a democracia, a justiça, o império da Lei, o respeito à vontade da maioria, a igualdade são os alicerces do mesmo edifício político e social. Se faltar um deles, não nos enganemos, faltarão todos.

Ao mesmo tempo, a Revolução veio para resolver os impasses que velozmente se acumulavam e ameaçavam fulminar as possibilidades de desenvolvimento econômico do Brasil. Pela primeira vez, havíamos tido crescimento negativo do produto nacional «per capita». Crédito externo abaladíssimo. Exportações quase todas gravosas. Indústria, comércio, agricultura sem futuro e sem estímulo.

Em face dessa perspectiva sombria, os governos revolucionários construíram o progresso em meio a graves dificuldades. Mas, agora, as dificuldades do crescimento. Não as da estagnação e da desesperança. Nas palavras do Presidente Emílio Médici, a Revolução «haverá de ficar na história como o tempo em que se construiu a grandeza deste País».

Aí estão as cifras para confirmar o desenvolvimento experimentado em todos os setores. Em numerosíssimos casos, o Brasil cresceu mais, nestes 16 anos, do que nos 75 anos anteriores, desde a Proclamação da República.

E se mais não foi possível realizar, ou se em alguns casos as metas atingidas ficaram aquém de nossa expectativa, isso se deveu — é forçoso reconhecer — à difícil conjuntura internacional que vivemos: à crise do petróleo e à inflação importada.

Circunstâncias históricas, de todos conhecida, forçaram desvios ou levaram a erros.

Isso não teria importância em regimes totalitários. Neles mudam-se os anais, ou altera-se a própria história. Nesta nossa Revolução, vem de dentro dela mesma a determinação de reformar. E sempre, e tão prontamente quanto possível, de reverter aos ideais de propor, defender e sustentar a democracia, como forma de organização política do Estado.

Com a mesma franqueza, reconheço o sucesso apenas parcial no combate à inflação, e no equilíbrio da balança comercial. Para esse fim, o povo brasileiro vem fazendo grandes sacrifícios, os quais tendem a concentrar-se mais sobre os assalariados e, em geral, as classes menos favorecidas. Temos de reconhecer, porém, que o sacrifício imprescindível deverá ser distribuído de forma equitativa, correspondendo parcela maior aos mais bem aquinhoados.

Como já disse em ocasiões anteriores, os produtores, industriais e comerciantes precisarão conformar-se com lucros menores, a fim de assegurar preços mais baixos ao

nível do consumidor. Espero que o façam voluntariamente.

A tudo isso estamos decididos, como desde a primeira hora. E se a abertura política, iniciada conscientemente pelo meu ilustre antecessor, parece pôr mais em evidência os eventuais desacertos do que as grandes e permanentes realizações, sugiro que não nos esqueçamos da advertência feita pelo Presidente Ernesto Geisel.

Temos o dever de recordar, disse o Presidente «aos que não viveram tão aziagos tempos, o que foi o pesadelo, a angústia que amortilhava os corações bem formados, na vigília prolongada ante a agonia da Nação, que parecia já ferida de morte». O que foi «o abismo de inépcia, perplexidade, corrupção e desordem em que soçobravam todas as instituições da sociedade brasileira».

Brasileiros e brasileiras:

O processo da Revolução não se encerra: realiza-se na consecução dos objetivos a que nos propusemos. Agora, é natural, os métodos revolucionários estarão menos presentes.

Mas seus ideais são permanentes. Ou não seria o «começo de um novo tempo», nas palavras do Presidente Emílio Médici.

Assim como jurei fazer deste País uma democracia, digo aos brasileiros que nós, revolucionários de 1964, não nos deixaremos desviar de nosso rumo, na busca da normalização do processo político.

As franquias democráticas estão mais presentes entre nós — como se vê a cada dia. Esse é o testemu-

nho da intransigente intenção do Governo, de lutar por uma democracia baseada nos nossos valores morais e espirituais. Coerente com a vocação dos brasileiros, está assente sobre os princípios cristãos que nos acompanham desde a nossa formação como povo.

Muito obrigado.

09 DE ABRIL
AEROPORTO PRESIDENTE
STROESSNER
ASSUNÇÃO-PARAGUAI
DISCURSO AO DESEMBARCAR
NO PARAGUAI

Excelentíssimo Senhor Presidente da República do Paraguai, don Alfredo Stroessner:

Vossa Excelência bem pode avaliar a emoção que experimento ao pisar novamente o solo paraguaio, pátria de um povo altaneiro, generoso e culto.

Neste primeiro momento de minha visita oficial à República do Paraguai, desejo saudar cordialmente a Nação irmã, na pessoa de Vossa Excelência e na da Excelentíssima Senhora de Stroessner. Permita-me Vossa Excelência expressar também, em meu próprio nome, no de minha mulher, e no dos integrantes de minha comitiva, os inalteráveis sentimentos de amizade e admiração dos brasileiros pelo fraterno povo guarani.

Muito agradeço as generosas palavras de boas-vindas com que Vossa Excelência acaba de me receber. Elas atestam a fidalguia e a hospitalidade do povo paraguaio e refletem a simpatia espontânea com que somos acolhidos neste país amigo.

Reencontro, nesta atmosfera impregnada de carinho, o mesmo ambiente em que aqui se desenrolou período marcante de minha vida. Aprendi, então, a admirar a alma paraguaia, em toda a sua complexidade e riqueza. E pude concluir que as afinidades entre nossos povos eram o prenúncio e o fundamento sobre o qual, um dia, haveria de erguer-se a colaboração harmoniosa entre nossas nações.

As esperanças daqueles dias transformaram-se na esplêndida realidade de hoje. Graças à união consciente da vontade e dos esforços de nossos dois povos, as aspirações e desejos de então puderam concretizar-se, no espaço de tempo de nossas vidas, em formas exemplares de cooperação entre nações soberanas —, mas nem por isso menos amigas.

A potencialidade criadora de nossos povos está simbolizada em obras ciclópicas, como Itaipu. Mas não se exaurem aí as possibilidades de colaboração — às quais paraguaios e brasileiros vimos dedicando o esforço fecundo dos nossos diplomatas e a experiência dos nossos técnicos. Fertilizados pela boa vontade, e sazoados na confiança no futuro de nossas pátrias, nossos dois governos estão prontos, Senhor Presidente, a abrir novos caminhos e aproveitar a oportunidade que a história nos oferece.

Outros projetos — como o da Interconexão Ferroviária, para o qual ora nos voltamos — atestam a dinâmica de nossas relações.

Estão eles em sintonia com esse grande movimento de progresso, que vemos com grande satisfação em

todos os setores da vida paraguaia, e que tende a acentuar-se dia a dia.

É com esse sentimento de fraterna amizade e de admiração que chego hoje à terra guarani.

Sou extremamente reconhecido a Vossa Excelência, Senhor Presidente, por esta oportunidade proporcionada por seu convite amável. Estou seguro de que nosso encontro contribuirá promissoramente para o incremento, cada vez mais expressivo, das relações entre o Paraguai e o Brasil.

Muito obrigado.

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

47

48

49

50

51

52

53

09 DE ABRIL
PANTEON DOS HERÓIS
ASSUNÇÃO-PARAGUAI
DISCURSO AO RECEBER AS CHAVES
SIMBÓLICAS DA CIDADE

Senhor Intendente Municipal de Assunção,
General-de-Brigada Porfírio Pereira Ruiz Diaz,
Senhores Membros da Junta Municipal de Assunção:

Recebo, sumamente desvanecido, as chaves simbólicas desta histórica e nobre capital do Paraguai, na qual, por gentileza de Vossas Excelências, sou recebido como hóspede de honra.

Estas homenagens da Junta Municipal de Assunção, e as generosas palavras de Vossa Excelência, sobremaneira me penhoram e profundamente me emocionam.

Todos os latino-americanos, em especial os cidadãos dos países platinos, dedicam a esta cidade legendária — o Porto e Forte de Nossa Senhora de Assunção — um sentimento especial de respeito e admiração.

Fundada nos alvares do século XVI, simboliza ela, com efeito, a primeira tentativa bem sucedida de criação de um grande centro em toda a região do Prata.

Dessa origem fidalga, Assunção soube conservar com carinho os encantos de um passado glorioso que a todos sensibiliza. Ao mesmo tempo, Assunção não descurou a responsabilidade histórica — sua e de todo o Paraguai — de desenvolver-se e projetar-se conscientemente no promissor e amplo caminho da História.

Em mim, que tive a ventura de viver, há muitos anos, nesta cidade, o sentido histórico de seu progresso cala ainda mais profundamente. Em mim que, às saudosas recordações pessoais, junto sempre a admiração pelo seu extraordinário desenvolvimento presente, e a certeza de seu futuro magnífico.

Senhor Intendente,

Guardarei, entre as melhores lembranças destes dias inesquecíveis de minha visita oficial à querida República do Paraguai, as distinções com que me honra a Junta Municipal de Assunção. Elas se inspiram, estou seguro, na profunda e fraterna amizade que une nossos países, característica constante e grata do nosso relacionamento.

Muito obrigado.

09 DE ABRIL

CASA DA INDEPENDÊNCIA

ASSUNÇÃO-PARAGUAI

DISCURSO AO RESTITUIR DO-
CUMENTOS DO ARQUIVO NA-
CIONAL DO PARAGUAI

Excelentíssimo Senhor Presidente da República do Paraguai, don Alfredo Stroessner:

Tenho a elevada honra de, em nome do Governo e do povo brasileiros, restituir à nobre Nação paraguaia os documentos do Arquivo Nacional deste País, que devido a vicissitudes da História estavam depositados no Brasil.

Durante mais de cem anos, o acervo ora devolvido à República do Paraguai foi zelosamente catalogado e conservado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Ali esteve à disposição dos historiadores e pesquisadores paraguaios, que procuraram consultar os documentos que o integram. Nas últimas três décadas, foram proporcionados aos estudiosos desta Nação cópias e microfilmes de todo o material de seu interesse.

Bem conheço, porém, o apego do povo guarani à sua história e à sua tradição. Daí reconhecer a procedência do desejo deste País de ter mais do que a simples possibilidade de acesso ao conteúdo dessa coleção valiosíssima para sua História. Mas, sim de poder abrigar, dentro

de suas próprias fronteiras, os documentos originaes que representam, por si, verdadeiro e eloquente monumento histórico do mais alto significado.

Com o mesmo espirito de fraterna amizade, tenho o prazer de restituir à Nação paraguaia, em nome da Nação brasileira, objetos de uso pessoal que pertenceram ao Marechal Francisco Solano López e a pessoas de sua família e que se encontravam também depositados em meu País.

Bem posso avaliar, Senhor Presidente Alfredo Stroessner, o quanto representará para o povo paraguaio receber de volta estes documentos e objetos, registros tão expressíveis e tangíveis de sua memória nacional.

Ao proceder a esta restituição, tenho certeza de que será ela considerada, pela República do Paraguai, como mais um gesto expressivo da amizade do Brasil. Mais, ainda, como seguro penhor de que nossas relações, já tão estreitas, possam trilhar caminhos ainda mais íntimos, de fraterno e profícuo entendimento.

O fato de poder fazê-lo pelo alto e digno intermédio de Vossa Excelência, Senhor Presidente Alfredo Stroessner, é uma razão a mais para a felicidade e o júbilo que experimento neste instante.

Muito obrigado.

11 DE ABRIL
PALÁCIO DE LÓPEZ
ASSUNÇÃO-PARAGUAI

DISCURSO AO SER CONDECORADO
COM O COLAR MARISCAL
FRANCISCO SOLANO LÓPEZ DA
ORDEM NACIONAL DO MÉRITO

Excelentíssimo Senhor Presidente da República do Paraguai, don Alfredo Stroessner:

Vossa Excelência muito me honra ao distinguir-me com o Grande Colar Mariscal Francisco Solano López, da Ordem Nacional do Mérito. Este gesto profundamente amistoso expressa sentimentos que encontram plena repercussão e resposta no espírito de todos os brasileiros.

Ao receber, pois, a mais alta distinção conferida pelo governo do Paraguai, desejo significar a Vossa Excelência o meu profundo reconhecimento. Desejo, também, por seu intermédio, transmitir as expressões da fraterna e indestrutível amizade que o povo brasileiro dedica à nobre Nação paraguaia.

O Brasil atribui especial e permanente importância às relações entre os nossos dois países. Paraguaio e brasileiros compartilham anseios de progresso econômico e

social. Tradições, costumes e sentimentos de afinidade, estreitam ainda mais os laços que a vizinhança naturalmente nos estimulou a criar e o convívio amigo fortalece dia por dia.

Graças a esses múltiplos fatores, as relações entre os nossos dois países desenvolvem-se de forma acelerada e exemplar.

Fruto de esforços ordenados e convergentes, nossa cooperação é intensa, diversificada e, sobretudo, mutuamente benéfica. Novos e promissores caminhos abrem-se agora, à nossa frente. Estou seguro de que nossa firme disposição comum nos permitirá explorar essas possibilidades com a mesma confiança com que nos associamos em empreendimentos em andamento.

Hoje mesmo, Senhor Presidente, escrevemos mais uma página significativa da história da cooperação paraguaio-brasileira, com a celebração dos atos a que ora presidimos.

O Tratado de Interconexão Ferroviária materializa mais uma etapa na integração dos nossos sistemas de transporte. Dentro do espírito e da letra do Tratado da Bacia do Prata, nossos governos têm-se empenhado, de longa data, na maior harmonização das suas redes de transportes e na ligação mais fluida entre o Paraguai e o litoral brasileiro.

A construção da Ponte da Amizade e a vinculação rodoviária direta entre Assunção e o Porto de Paranaguá, com suas ressonâncias de índole econômica e social,

constituem momentos importantes nesse processo de aproximação.

O Tratado, que ora se subscreve, está inspirado nas conclusões dos trabalhos de um grupo bilateral, que teve a satisfação de ver criado por nossos dois governos, em Brasília, no ano passado.

A interconexão ferroviária entre o Brasil e o Paraguai será um marco histórico em nossas relações, com benefícios recíprocos de grande importância para o futuro dos dois países.

Outros instrumentos bilaterais, hoje concluídos, refletem igualmente a continuidade da profícua colaboração entre nossos povos.

Saliento, de modo especial, a assinatura de dois contratos de interligação entre redes brasileiras e paraguaias de eletricidade. O entrelaçamento dos sistemas administrados pela Companhia Paranaense de Energia e pela «Administración Nacional de Electricidad», e das redes operadas por esta empresa paraguaia e pela Empresa de Energia Elétrica de Mato Grosso do Sul, ajustarão melhor a oferta de energia entre os dois lados de nossa fronteira.

Não menos significativa é a conclusão de um Convênio de Crédito para o financiamento da construção da rodovia entre Yby-Yau e Pedro Juan Caballero.

Esses atos internacionais inscrevem-se no alto espírito de amizade fraterna que imprimimos às nossas relações.

Nesse processo, não poderia deixar de referir-me ao êxito que nossas duas nações vêm obtendo na construção da hidrelétrica de Itaipu.

Não há melhor exemplo de empreendimento binacional do que a construção de Itaipu. Ali, em atmosfera de entendimento franco, construtivo e sem prevenções, nossos países se lançaram fraternalmente em uma das maiores realizações concretas do gênero, em todo o mundo.

Entretanto, Senhor Presidente, não é só o gigantismo de suas dimensões físicas que faz de Itaipu um empreendimento único. Nem mesmo as naturais complexidades técnicas de uma obra invulgar. Ou o encaminhamento de soluções locais para problemas de geração de energia, a partir de recursos naturais renováveis.

A virtude básica de Itaipu é dar testemunho visível e perene do quanto podem realizar dois povos irmãos unidos em solidariedade pacífica e dinâmica.

No plano da execução do projeto, podemos antever, com segurança, a entrada em operação, dentro de três anos, das primeiras unidades geradoras da maior central hidrelétrica do mundo. Além de atender à crescente demanda dos mercados paraguaio e brasileiro, Itaipu é um empreendimento essencial no caminho de nossos povos em direção ao progresso e ao bem-estar.

Destinado, por sua própria complexidade, a ser implementado gradualmente, o Tratado de Amizade e Cooperação, celebrado entre os dois países, em 1975, tem ordenado de modo adequado múltiplas iniciativas. Ao

firmarem os dois governos o Tratado de Interconexão Ferroviária, os contratos de interligações elétricas e o convênio de crédito para a rodovia de Yby-Yau a Pedro Juan Caballero, estão eles perseguindo as altas finalidades que inspiraram o espírito e a letra daquele instrumento-quadro.

Senhor Presidente,

O Brasil está seguro das vantagens de buscar, juntamente com seus parceiros latino-americanos, modalidades mais aperfeiçoadas de integração regional. Com espírito realista, e considerados o potencial e a necessidades da cada país, queremos intensificar nosso intercâmbio em prol do desenvolvimento de nossos povos. Queremos também criar uma presença mais homogênea dos países latino-americanos, nas negociações econômicas levadas a cabo com os países desenvolvidos.

A nosso ver, as relações dentro da família latino-americana, devem guiar-se pelo espírito de harmonia, compreensão recíproca e entendimento amigável. Devem ser destituídas de hegemonias e rivalidades, que não atendem aos interesses comuns.

Nas conversações que entretivemos com significativos resultados, pudemos apreciar o quanto, brasileiros e paraguaios, somos movidos por ideais construtivos. Nossos países têm dado exuberantes provas de profunda amizade e valiosa cooperação. Estou certo de que continuaremos a construir nossa convivência em bases sólidas e duradouras.

Senhor Presidente,

Desde que chegamos à terra paraguaia, temos sido cumulados de tocantes gentilezas, e manifestações de simpatia em relação ao Brasil — mostras eloqüentes da generosidade e da fidalguia guaranis. Envolvidos, eu e minha mulher, assim como a comitiva que nos acompanha, pela nobre e cativante hospitalidade dos paraguaios, de-sejo agradecer muito sinceramente a Vossa Excelência e a Excelentíssima Senhora de Stroessner a acolhida, tão afetuosa quanto fraternal, que nos é dada pelo governo e povo paraguaios.

Muito obrigado.

11 DE ABRIL
CLUBE DE GOLFE
ASSUNÇÃO-PARAGUAI
DISCURSO DURANTE ALMOÇO
OFERECIDO PELOS EMPRESÁ-
RIOS PARAGUAIOS

Senhor Presidente da Federação da Produção, da Indústria e do Comércio,

Senhores Empresários do Paraguai e do Brasil:

Muito agradeço as palavras amistosas e os sentimentos expressos com relação ao meu País. Considero circunstância particularmente feliz o fato de um grupo tão significativo de empresários brasileiros haver podido vir a Assunção, no momento da minha visita à nobre Nação guarani. Dessa forma, os dirigentes empresariais dos dois países poderão manter contatos, certamente profícuos, para a intensificação dos laços de união entre o Paraguai e o Brasil.

Tenho em alta conta o espírito criativo e a capacidade de realização do empresariado dos dois países. Estou convencido, por isso, de que os Senhores saberão abrir espaços cada vez mais amplos à fraterna cooperação entre nossos povos. Assim fazendo, estaremos aportan-

do uma efetiva contribuição aos esforços de ambas as nações pelo desenvolvimento econômico e pela justiça social.

Como Presidente do Brasil, só posso ver com satisfação e otimismo o novo impulso que as relações paraguaio-brasileiras vêm ganhando no campo empresarial. Estou certo de que os empresários saberão trabalhar harmonicamente para dinamizar nossas relações econômicas, em bases de proveito mútuo, e com plena satisfação para ambas as partes.

Desejo encerrar minhas palavras com meus agradecimentos pela homenagem que me prestam ao convidar-me para esta recepção, e com meus votos de pleno êxito a todos.

Muito obrigado.

14 DE ABRIL
RIOCENTRO
RIO DE JANEIRO-RJ
DISCURSO DURANTE REUNIAO
DOS DIRIGENTES DO BANCO IN-
TERAMERICANO DE DESENVOL-
VIMENTO — BID

Meus Senhores:

É com grande satisfação que dou as boas-vindas ao Presidente Ortiz Mena e aos dirigentes do Banco Interamericano de Desenvolvimento. A todos, apresento os meus melhores votos de pleno êxito nos trabalhos programados para este encontro.

O Banco Interamericano de Desenvolvimento é um exemplo marcante das possibilidades de cooperação fraterna entre os povos deste Continente. Mais ainda, do enorme campo aberto à colaboração entre os países desenvolvidos e o mundo em desenvolvimento.

Vejo sempre o BID como instrumento de promoção do bem-comum. Presente nos mais diferentes recantos do Continente, a ação do Banco é indispensável — e praticamente insubstituível — naquelas comunidades mais carentes de recursos técnicos, humanos e financeiros, o que só organismos como o BID podem oferecer.

Coerentemente com sua posição, o Brasil tem dado apoio sincero aos esforços em benefício do progresso social e econômico dos povos do nosso continente.

Nós, brasileiros, acreditamos na eficácia do esforço solidário para a superação das dificuldades comuns. Por isso, procuramos participar, no limite de nossas possibilidades, das instituições e programas bilaterais ou multilaterais, destinados a tornar mais rápida e mais real a melhoria da qualidade da vida dos povos do nosso Continente.

Tal conceito — desnecessário é acentuar — é inseparável da necessidade de alcançar-se uma distribuição mais justa da riqueza produzida pelo trabalho do homem.

Para os brasileiros, está sempre clara e atual a idéia de ser o homem a razão e o fim do desenvolvimento. A promoção do bem-estar, a criação de condições dignas de vida e a elevação constante do seu nível, os cuidados com a saúde e a educação, a moradia saudável, e a criação de oportunidades de trabalho — e de repouso merecido na velhice, ou de assistência na enfermidade — todos esses são requisitos necessários à organização de uma sociedade estável, justa, ordeira, livre e pacífica — no uso e gozo dos seus direitos.

Em outras palavras: é na paz social — e só dentro dela — que os povos poderão realizar suas aspirações de progresso espiritual e material.

Entretanto, a concretização daqueles ideais não é comprometida só pelos fatores internos, ou pelas insuficiências próprias de cada nação em desenvolvimento. O

alto custo da energia importada e a transferência da inflação nos países desenvolvidos criam embaraços novos, de insuspeitada força, à efetivação dos anseios mais legítimos dos povos do terceiro mundo.

Como tantos outros países, o Brasil enfrenta os efeitos combinados de uma inflação elevada, do alto custo da energia importada e, conseqüentemente, de desequilíbrios nas contas externas. O Mundo é testemunha de nossos esforços no sentido de encontrar soluções adequadas para essas três questões.

Em nosso caso, a simples necessidade de manter a oferta de empregos em nível comensurável ao crescimento da população — descarta soluções recessivas. Muito ao contrário, o Brasil considera que não deve e não pode abdicar da opção de utilizar todos os fatores de produção disponíveis para aumentar a oferta de produtos, tanto no mercado interno, como no externo.

Assim, no setor da energia, estamos implementando um vasto programa de substituição de combustíveis importados por alternativas domésticas — e sobretudo renováveis.

Na luta contra a inflação, adotamos um caminho mais longo, de controle mais gradual e menos traumático. Sua base é uma política monetária firme, mas sem caráter recessivo.

A ação do Governo, nesse particular, começa com a rígida disciplina dos gastos públicos e dos planos de investimentos das empresas estatais. Ao mesmo tempo, estabeleceu-se um programa coerente de controle dos preços críticos. Entre estes, os preços dos insumos, ser-

viços e bens fornecidos pelas empresas do Governo foram submetidos a controles ainda mais restritos.

Demos início a um programa gradual, porém firme, de redução de subsídios creditícios, diretos e indiretos. Paralelamente, adotamos uma corajosa política de crédito rural e de garantia de preços mínimos. Foi possível, assim, fazer frente à insuficiência da produção de alimentos e à descapitalização da agricultura. Os resultados aí estão. Em todo o Brasil, procede-se à colheita de uma safra recorde de 52 milhões de toneladas de grãos.

Ao mesmo tempo, atacamos em suas raízes mais profundas os problemas relacionados com nossas contas externas.

Não é desconhecido dos Senhores quanto pesam em nossa balança comercial as importações de petróleo, que ainda temos e teremos de fazer. Claramente, o Brasil precisava adotar, como o fez, uma política nacional de energia caracterizada, ao mesmo tempo, por sua ousadia e por seu realismo. Sua fiel e firme execução é ponto decisivo para a certeza que temos, de podermos alcançar resultados satisfatórios em nossas contas internacionais.

A médio prazo —, mas com importantes efeitos imediatos — cuidamos de promover a produção de álcool e outros combustíveis a partir de fontes renováveis. Do mesmo modo, empenhamos recursos de vulto no aproveitamento e no transporte do nosso carvão mineral. Continuamos a pesquisar sem descanso outras fontes domésticas de energia.

A curto prazo, adotamos medidas corajosas de atualização dos preços internos dos derivados de petróleo,

com a dupla finalidade de refletir os custos externos e, internamente, criar melhores condições de competitividade para os sucedâneos derivados de recursos disponíveis em nosso próprio território.

Entretanto, os objetivos da estratégia de diversificação de fontes de energia são ainda mais amplos. Seus benefícios imediatos compreendem a expansão e modernização do setor primário de nossa economia. A elevação da capacidade da agricultura de absorver mão-de-obra disponível, através desses programas, tem reflexos muito positivos sobre os fluxos migratórios do campo para as grandes cidades.

Ao mesmo tempo, o setor privado encontra, na substituição de combustíveis importados, sua primeira e real oportunidade de incorporar-se em grande escala à produção de energia no Brasil. Não preciso acentuar o quanto isto representa, em termos de reforço do sistema de livre iniciativa e de economia de mercado, sobre o qual assenta o desenvolvimento do nosso País.

Essas medidas e objetivos articulam-se perfeitamente com a adoção de políticas coerentes e coordenadas, nas áreas fiscal, monetária e de comércio exterior. Característica dessa estratégia foi a atualização realística do valor externo de nossa moeda. Ao mesmo tempo que a desvalorização do cruzeiro, eliminaram-se os subsídios fiscais à exportação e as generalizadas isenções do imposto de importação.

Despojado de artificialismo e contando com abundantes safras de produtos de exportação, o comércio in-

ternacional do Brasil reencontra agora perspectivas salu-
tares de equilíbrio.

No campo social, foi dada atenção especial à erradi-
cação de moradias sub-humanas, com ocorrência, principal-
mente, em torno das grandes cidades e regiões metropoli-
tanas. Estamos cuidando, também, de melhorar a quali-
dade do ensino. E, ao mesmo tempo, tratando de ajustar
a oferta de oportunidades de estudo e demanda de pro-
fissionais qualificados nos vários níveis.

Concomitantemente, estamos empenhados em dotar o
País de uma política salarial fundada na racionalidade das
discussões e no encontro de formas justas de conciliação
dos interesses das empresas e dos seus empregados.

O resultado da interação dos vários setores do Gover-
no, ocupados com os problemas sociais, podem ser bem
ilustrados com alguns números eloqüentes.

Nos últimos 16 anos, a população urbana mais do
que dobrou, passando de 37 para 75 milhões de habitantes.
Ao mesmo tempo, expandiram-se os serviços de saúde
pública e de assistência social. Estes últimos abrangem,
hoje, 21 milhões de segurados. Com seus dependentes,
representam 90% da população urbana brasileira.

Outro índice digno de nota é a elevação da expecta-
tiva de vida de 55 para 63 anos, somente no período de
1963 a 1979.

Em todos esses anos, a atenção do Governo esteve
voltada para a necessidade de manter elevados os índices
de emprego.

Assim, enquanto a população crescia em 57%, a força de trabalho aumentava em 85%. Ao mesmo tempo, o produto «per capita» elevou-se em 133%, em termos reais.

Finalmente, no campo político, o meu Governo deu continuidade ao processo de abertura iniciado pelo meu antecessor. A lei de anistia permitiu a reintegração à vida nacional de vários políticos, que dela se encontravam afastados. Por outro lado, criaram-se condições para a livre organização de partidos políticos, de forma a melhor representar e expressar as diferentes correntes de opinião aqui existentes.

É nesse clima de trabalho, preocupação social, e busca da conciliação política, que os Senhores nos encontram, na inauguração desta conferência dos Dirigentes do BID. Essas haverão de ser, estou certo, as melhores contrapartidas que os brasileiros oferecem ao Mundo contemporâneo.

Muito obrigado.

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

14 DE ABRIL
RIO PALACE HOTEL
RIO DE JANEIRO-RJ
DISCURSO DURANTE ALMOÇO
OFERECIDO PELOS EMPRESÁ-
RIOS BRASILEIROS EM COME-
MORAÇÃO AO 1º ANIVERSÁRIO
DE GOVERNO

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Agradeço esta homenagem que as classes empresariais, pelos seus representantes, decidiram prestar-me por motivo do transcurso do primeiro aniversário do meu Governo.

As dificuldades opostas pela conjuntura internacional ao progresso dos países em desenvolvimento só reforçam a minha decisão inquebrantável de tudo fazer para estimular nossos concidadãos a perseverar nos esforços que permitirão à nossa Pátria oferecer a cada um de seus filhos o bem-estar e a alegria de viver que merecem.

As idéias e conceitos desenvolvidos no discurso do Presidente da Confederação Nacional da Indústria, em nome dos empresários brasileiros, sintetizam corretamente o que meu Governo vem fazendo, no sentido de alcançar, apesar de todos os percalços, as metas a que me propus.

A tarefa é ingente, mas estou certo de que, mercê de Deus, lograrei levá-la a bom termo.

Uma parte considerável das vitórias que obtivermos depende diretamente dos Senhores. Dos que resolveram submeter-se aos riscos, ônus e proveitos próprios da liberdade de iniciativa.

Em o fazendo, os homens que animam os negócios, em todos os setores da vida nacional, confirmam diariamente o acerto de nossa opção definitiva pelo regime da livre empresa. Bem sei e proclamo o quanto o exercício da liberdade na economia está indissolivelmente ligado à prática das demais liberdades cívicas e políticas.

Por isso, meu Governo dedica especial atenção à preservação da empresa nacional. E, muito em particular, ao fortalecimento das empresas de menor porte.

Partimos, para isso, do reconhecimento do papel insubstituível das pequenas unidades de produção de bens e serviços na integridade da ordem econômica. As empresas nacionais nascem geralmente pequenas. E são, por isso, a própria matriz do sistema da livre-empresa no Brasil.

Na verdade, mesmo as que permanecem pequenas contribuem de maneira significativa para a formação do produto nacional.

E asseguram a absorção de grandes contingentes de mão-de-obra.

Só elas estão presentes em todo o território nacional permitindo a desconcentração da atividade econômica.

É nas pequenas e médias empresas que se geram e preservam formas de conhecimento voltadas para as peculiaridades nacionais.

Essas empresas dispensam, em geral, matérias-primas ou componentes importados. E, em muitos casos, atingem índices de produtividade iguais ou superiores aos das empresas de maior porte.

A relevância estratégica, social e econômica das pequenas empresas é indiscutível. Seu fortalecimento exige, portanto, atenção especial. Temos procurado criar continuamente novos mecanismos de apoio financeiro e gerencial aptos a viabilizar o surgimento e a assegurar a sobrevivência das pequenas unidades de produção de bens e serviços.

Mas isto não basta. Mesmo porque as pequenas empresas estão sufocadas por excessivos controles burocráticos e obrigações fiscais incompatíveis com o seu reduzido movimento.

Obrigações fiscais e burocráticas que se repetem perante os três níveis fiscais — o federal, o estadual e o municipal — e costumam aplicar-se uniformemente, sem levar em conta as enormes diferenças entre empresas de diversos tamanhos.

Em consequência, a empresa de dimensão familiar e de natureza artesanal tende a manter-se na clandestinidade. Menos pelo propósito da evasão fiscal do que pelo fato de não suportar o custo da legalidade.

Essa clandestinidade exclui da proteção previdenciária e trabalhista os empregados das microempresas,

com evidentes repercussões negativas na ordem social e até no plano político.

O Programa Nacional de Desburocratização tem como um de seus objetivos primordiais reduzir a excessiva interferência do Estado na atividade do cidadão e do empresário. Obviamente, o cidadão humilde e o pequeno empresário necessitam de tratamento diferenciado e prioritário.

Dentro dessa linha de pensamento, assinei hoje um decreto-lei, de iniciativa do Ministro Extraordinário para a Desburocratização, com a concordância dos Ministros da Fazenda e do Planejamento, no sentido de dar tratamento diverso a realidades econômicas e sociais diferentes. Visamos especificamente às *microempresas*.

A partir do exercício financeiro de 1981, ano-base de 1980, ficam isentas do Imposto sobre a Renda as empresas individuais e as pessoas jurídicas com receita bruta anual igual ou inferior a 3.000 ORTN — equivalentes, no corrente ano, a cerca de dois milhões de cruzeiros.

Por outro ato, são reduzidas a zero as alíquotas do I. P. I. sobre diversos produtos tipicamente manufaturados ou comercializados por microempresas.

Em ambas as hipóteses, os contribuintes compreendidos nos benefícios da nova legislação ficarão, já a partir deste ano, inteiramente dispensados da escrituração fiscal e contábil e das demais obrigações acessórias referentes ao Imposto de Renda e ao I. P. I.

Dessa forma e com perda irrelevante da arrecadação federal, cerca de 60% das empresas declarantes estão sendo liberadas, tanto do pagamento daqueles impostos como dos ônus burocráticos vinculados à sua administração.

O Ministério da Fazenda manterá também um serviço permanente de identificação de novos produtos — característicos de pequenas empresas — aos quais deva ser estendido o regime de alíquota zero.

Não pretendemos dar solução, com estas medidas, a todos os problemas da pequena empresa. No entanto, dentro do nosso ordenamento jurídico-fiscal, trata-se de providência de inegável alcance social e econômico, à qual certamente outras se somarão .

É uma iniciativa do Governo Federal, que poderá eventualmente induzir os Estados a adotarem, dentro de suas possibilidades e no seu âmbito tributário, medidas de natureza e objetivos semelhantes.

Com isso, meu Governo cumpre mais um compromisso do Candidato. Ao fazê-lo, quero reafirmar a minha confiança no empresariado nacional e, em particular, o meu carinho pelos que, nos pequenos negócios, são o embrião da riqueza nacional.

Muito obrigado.

1	1
2	2
3	3
4	4
5	5
6	6
7	7
8	8
9	9
10	10
11	11
12	12
13	13
14	14
15	15
16	16
17	17
18	18
19	19
20	20
21	21
22	22
23	23
24	24
25	25
26	26
27	27
28	28
29	29
30	30
31	31
32	32
33	33
34	34
35	35
36	36
37	37
38	38
39	39
40	40
41	41
42	42
43	43
44	44
45	45
46	46
47	47
48	48
49	49
50	50
51	51
52	52
53	53
54	54
55	55
56	56
57	57
58	58
59	59
60	60
61	61
62	62
63	63
64	64
65	65
66	66
67	67
68	68
69	69
70	70
71	71
72	72
73	73
74	74
75	75
76	76
77	77
78	78
79	79
80	80
81	81
82	82
83	83
84	84
85	85
86	86
87	87
88	88
89	89
90	90
91	91
92	92
93	93
94	94
95	95
96	96
97	97
98	98
99	99
100	100

21 DE ABRIL
PRAÇA TIRADENTES
OURO PRETO-MG
DISCURSO EM COMEMORAÇÃO
AO DIA DA INCONFIDÊNCIA MI-
NEIRA

Brasileiros de Ouro Preto,
Brasileiros de todo o Brasil:

Vibrem hoje os sinos de todas as igrejas, na recordação do sangue e do sacrifício dos heróis.

Toquem os clarins e reboem os canhões, em saudação aos patriotas.

Voem pelos céus os pássaros alvissareiros, em memória perene dos ideais dos Mártires da Independência.

Venham os artífices para lavrar a pedra e vazar o bronze com que se honram os homens de eterna vida. Cantem os poetas. Proclamem os louvadores. Falem os que têm o dom da palavra.

Que a Pátria evoque sempre; as crianças se habituem a lembrar; os adultos guardem o exemplo imperecível de Tiradentes, patrono cívico da nacionalidade.

Seu sonho poderia ter-se por frustrado. Pelo menos no tempo; no seu tempo. Haveria, porém, de passar-se apenas um fugaz momento na história dos povos, para

que, livre dos laços coloniais, a Pátria com que sonharam Tiradentes e seus companheiros viesse a materializar-se.

Joaquim José da Silva Xavier era o homem que «andava falando pelas tabernas e quartéis que estas Minas podiam vir a ser uma República».

Por amor do País que o vira nascer deu tudo de si: a própria vida. E o fez na certeza de que abria inelutavelmente o caminho da independência.

Sua fé «na mão de Deus», que por perto viria, fazia-o saber quão inexorável é o processo de emancipação dos povos que amam a liberdade.

Mais que isso: dos povos dispostos a lutar invariavelmente por ela, não apenas num dia de ira ou por um dia de glória. A lutar também pela igualdade, sem a qual os homens não são realmente livres. E pela solidariedade, sem a qual os homens não são irmãos.

Hoje é fácil ver com que firmeza, resignação e altivez suportou Tiradentes todos os suplicios e sofrimentos.

Nunca se viu nele resquício de abatimento moral. Nem lhe consumiu o peito a amargura e a inveja, apesar de único excluído da graça da soberania.

Sombra sequer de egoísmo lhe perturbou o coração. Nem a ambição pessoal lhe toldou os olhos.

Tiradentes está conosco em sua grande, imensa atualidade.

Agora, como no final do século XVIII, a hora é de coragem e perseverança. Muito maiores e mais sérias que as de hoje, foram as vicissitudes que ameaçaram a própria integridade de nossa Pátria, nos tempos de Colônia. De todas elas, o Brasil saiu-se galhardamente.

E se hoje estamos a caminho de ser uma das mais bem dotadas nações do Mundo, temos de compenetrar-nos de que o Brasil é um só. Só de que ele é de todos. Não apenas de alguns.

Vejo com crescente preocupação o egoísmo insinuar-se como norma de conduta entre nós. Não desconheço nem menosprezo o direito de classes e grupos reivindicarem tudo o que considerarem devido. Entretanto, o limite da aspiração justa é o bem de todos.

Reafirmo, portanto, o que tenho dito: não haverá Brasil rico somente para certas partes de seu território. Ou para alguns setores da sociedade.

Quando aqui estive, no começo da minha campanha, disse a que vinha: «Como os Inconfidentes, quero uma Pátria maior, mais livre, mais próspera, mais justa». Hoje, tomo o protomártir como testemunha da sinceridade das minhas palavras e penhor da retidão das minhas intenções.

Por isso mesmo, temos todos de conscientizar-nos de que a Justiça — como a Riqueza e a Liberdade — não será a uns poucos, faltando a muitos. Por mais respeitáveis que sejam os interesses dos grupos e das parcelas, muito mais forte e respeitável é o interesse nacional.

Da mesma forma, rendo homenagem às aspirações de liberdade e independência — apanágio do espírito mineiro. Boa razão tinha o reino para dizer ao Visconde de Barbacena que se precatasse. Os mineiros — advertia o Reino — eram os mais difíceis de «sujeitar e reduzir à devida obediência e submissão».

Eis porque me sinto à vontade, em Minas, para falar aos brasileiros dos meus e nossos ideais de liberdade política, independência econômica e justiça social. Havendo conhecido o amargor do desânimo, estou resolutamente disposto a continuar nesta revolução em que nos empenhamos — revolução do otimismo, do trabalho, da esperança e da alegria saudável.

Sim. Temos dificuldades. Quem não as tem?

Mas o Brasil a elas faz frente com o espírito dos que não têm medo. Nós, brasileiros, nos fortalecemos à medida que o caminho se erija de dificuldades e a luta fica mais pesada.

O Governo tem plena consciência de que o ideal dos nossos heróis está sendo realizado dia por dia. Problemas econômicos são, por definição, finitos e transitórios. Os nossos, como afirmei há poucos dias, são problemas de crescimento. Antes esses, que os do atraso e da estagnação.

O de que precisamos é galvanizar as vontades individuais. Se o fizermos, estaremos aptos a tornar realidades palpáveis as potencialidades iminentes de nossa terra. Nem mais, nem menos do que nos dizia Tiradentes: «Se todos quisessem, poderíamos fazer do Brasil uma grande nação».

Hoje, o País se apresenta ativo e fervilhante, em todas as frentes, por todos os lados. Só os movidos por interesses inconfessáveis teimam em fechar os olhos e negar o progresso alcançado.

Só os ambiciosos se obstinam em agravar as dificuldades, voltar a face às conquistas, carregar de negras e pesadas nuvens uma realidade que, entretanto, apresenta seguras perspectivas. Uma realidade capaz de gerar confiança e entusiasmo.

A abertura política que, como candidato, me comprometi a promover aí está para todos verem. Por certo, há quem dela prefira servir-se para tumultuar e turvar. Profetas da desgraça sempre iminente — mas que, mercê de Deus, temos evitado —, esquecem-se de que um governo democrático se fortalece no apoio do povo. Apoio que o povo brasileiro nos tem dado com toda a clareza.

Da mesma maneira, enquanto muitos limitam-se a falar, o Governo está resolvendo alguns dos nossos problemas mais crônicos.

Estamos dando respostas nacionais à crise da energia. Dela sairemos mais fortes, economicamente. E mais prepara, tecnologicamente, para solucionar outras equações de semelhante dificuldade.

Enfrentamos a chaga social representada por milhões de compatriotas nossos que ainda vivem em condições sub-humanas, à margem da civilização, embora tão perto dela. Espero poder dar-lhes um pouco de conforto e dignidade.

A inspiração do meu Governo é o mesmo sonho dos Inconfidentes. Renovada a cada hora na lucidez com que encaramos a grande tarefa à nossa frente, não nos amedrontam os obstáculos, nem nos entibia a escassez de recursos.

Uma frase, quase um queixume, é atribuída a Tiradentes: «Ah! Se todos tivessem o meu ânimo!»

Para nós, o exemplo de Tiradentes e de seus companheiros é um evangelho de esperança. Uma cartilha de desprendimento. Um mandamento de fé. Um exorcismo para o desespero.

É, sobretudo, um ato de amor por esta nossa Pátria: tão grande, tão bela e tão generosa.

Muito obrigado.

22 DE ABRIL

PALACIO DO PLANALTO

BRASILIA-DF

IMPROVISO AO RECEBER OS
PARTICIPANTES DO VII CON-
GRESSO BRASILEIRO DE ASSEM-
BLÉIAS LEGISLATIVAS

Senhores Deputados:

Eu agradeço sensibilizado esta cortesia dos Senhores de virem à minha presença, na oportunidade do VII Congresso Brasileiro de Assembléias Legislativas, que se realiza aqui em Brasília. Agradeço também as generosas palavras pronunciadas pelo Deputado Vitorino James, palavras por demais generosas e que me deram uma grande satisfação, por sentir que estão sendo compreendidas aquela minha determinação, durante a minha campanha para a Presidência da República, transformada em juramento no ato de minha posse, de fazer deste País uma democracia, e aquele entendimento, que sempre expus às claras, de que a Oposição jamais deveria ser considerada inimiga da situação, e, sim, oposição como ela deve ser interpretada.

Eu vejo neste gesto dos Senhores uma resposta à mão estendida à conciliação e que muito pouca gente aceitou. Os Senhores foram os primeiros ou dos primeiros a vir

aqui e isso me honra muito. Aqui estão, diz o Sr. Deputado Vitorino James, representantes de todas as agremiações políticas e isso já é um sinal de entendimento. A casa do Executivo está aberta para a Oposição. Para que a Oposição cumpra seu verdadeiro papel, que além de dizer lá no Congresso, nas Assembléias Estaduais, nas Câmaras de Vereadores, o que acha de errado por parte do Poder Executivo, venha aqui apresentar, isso sim, sugestões e soluções que possam, se não solucionar totalmente os nossos problemas, pelo menos diminuí-los ou controlá-los.

E isso, confesso aos Senhores, muito poucos opositoristas têm feito. Devo ressaltar, entretanto, a bem da verdade, que estes poucos que têm vindo aqui têm sido bem ouvidos e bem acatados e que algumas de suas sugestões têm sido muito bem aproveitadas com meu aplauso. Daí, minha satisfação e eu me congratulo com os Senhores, por ver que com este gesto aquela democracia com que todos nós — Situação e Oposição — sonhamos está começando a crescer na nossa Pátria. Muito obrigado aos Senhores.

24 DE ABRIL
PREFEITURA MUNICIPAL
JAGUARÃO-RS
IMPROVISO AO VISITAR A CI-
DADE

Senhor Prefeito de Jaguarão,
Senhor Senador Tarso Dutra,
Senhor Governador do Estado,
Senhores Deputados,
Senhores Prefeitos,
Senhores Vereadores da Cidade,
Minhas Senhoras, meus Senhores:

Eu quero aproveitar a oportunidade, aqui na Prefeitura desta cidade, para agradecer ao Exmo. Sr. Prefeito, em particular à população de Jaguarão, a acolhida calorosa, generosa e carinhosa que acabam de me dar.

Não foi surpresa para mim a maneira com que o povo de Jaguarão me recebeu. Senti aqui o carinho de uma gente que, a despeito de tudo, está acreditando em mim. Senti aqui a crença nas afirmações que tenho feito por todos os Estados do Brasil.

Senti aqui a esperança que ainda fica nessa gente de que consigamos contornar todas as nossas dificuldades. Que, em prazo que eu estimo seja bem curto, eu possa cumprir com o meu juramento de fazer desta Pátria uma democracia.

Senti aqui a convicção de que a gente do Rio Grande do Sul ainda crê naqueles que, de fato, querem apenas o bem da Pátria. Que não está defendendo os interesses de grupos ou facções. Que não tem ambições futuras nem presentes e que, mais do que passar à História, deseja apenas que a História se esqueça do que fez, para não dizer que nós fizemos mal a este País.

A crença de uma gente que quer a paz. Que não quer conviver com a turbulência. Que não aplaude a agitação por simples agitação.

A crença de uma gente que sabe que uma oposição ao Governo é oposição sadia; é aquela que não apenas aponta os possíveis erros cometidos, mas, junto com eles, traz soluções e, principalmente, soluções compatíveis com a realidade.

A crença de uma gente que quer de fato uma democracia. Aquela democracia que todos nós aprendemos, que é a democracia dentro da lei.

E que todos tenham aquela liberdade que a lei permite, que é aquela liberdade que termina onde fere o direito do outro. Aquela democracia que todos nós sonhamos, em que cada um tem o direito de defender suas idéias, mas em que cada um seja responsável pelas afirmações que faz.

Aquela democracia em que possamos a todo o momento defender os direitos da pessoa humana, mas também aquela democracia em que a todo o momento apon-temos ao cidadão brasileiro os seus deveres para com a Pátria.

Aquela democracia que deve ser a nossa democracia, e não a democracia importada, extrafronteiras, e que só desgraças tem trazido para os países que a adotaram.

Por isso, Senhor Prefeito, eu estou satisfeito. Satisfeito porque vi, na manifestação da gente de Jaguarão, a convicção de que eu posso errar, mas a convicção de que tem esperança de que eu possa acertar mais do que errar.

E principalmente a convicção de uma gente que acredita no que eu digo. E se, por vezes, as minhas afirmações ferem os ouvidos um pouco mais sensitivos de alguns, é porque às vezes, Senhor Prefeito, a verdade tem que ser dita e às vezes ela dói. E eu sinto que o povo gosta de ouvir as verdades que doem.

Muito obrigado.

25 DE ABRIL
PARQUE DE EXPOSIÇÃO
CACHOEIRA DO SUL-RS
DISCURSO NA ABERTURA DA V
FESTA NACIONAL DO ARROZ

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Candidato ainda era ao cargo de Presidente da República, quando afirmava, convicto estava, como hoje estou, de que a prioridade número um do Governo deveria ser o apoio à agricultura. Convicto estava como estou, porque só pela agricultura nós poderíamos de um lado melhorar as condições alimentares de nossa gente e de outro lado ter mais rapidamente os recursos necessários para fazer face ao nosso balanço de pagamentos e para o desenvolvimento social e econômico que se faz necessário à nossa Pátria.

Bem sei que dificuldades houve neste primeiro ano do meu Governo e que os fatos não se desenvolveram de acordo com a nossa vontade. Fatores estranhos, tais como o aumento excessivo do petróleo importado, de um lado; de outro, a engrenagem burocrática que muito dificultava o aceleração dos recursos à mão dos agricultores. E de outro lado forçoso é dizer também: a escassez dos recursos disponíveis neste primeiro ano de Governo. Esforços foram feitos para que não faltasse à agricultura o essencial dentro das possibilidades do erário e aí estão os resultados que

eu devo agradecer aos produtores de todo o Brasil e em especial aos produtores do Rio Grande do Sul pela safra única em nossa história de 52 milhões de toneladas de grãos.

Bem sei que para alcançar esses resultados não foi fácil para o Governo apoiar devidamente a classe rural da nossa gente. Bem sei que não foi fácil, por outro lado, a todos os produtores responderem ao apelo cruciante que o Governo Federal fazia. Daí porque, Senhor Governador, o meu primeiro agradecimento é ao produtor do Rio Grande do Sul. Não fosse o esforço do produtor do Rio Grande do Sul e eu, ao agradecer ao produtor do Rio Grande do Sul, o estendo a todos os produtores dos outros estados, não seria possível ao Governo ter a expectativa que hoje tem de uma melhoria substancial já no fim deste ano. Convencido que estava àquela época como ainda estou, de que só pela agricultura será possível uma perspectiva melhor para o nosso desenvolvimento, é que estou junto com os meus auxiliares revendo todos os aspectos que possam, digamos, melhorar as circunstâncias atuais, de um lado, para o agricultor; e de outro lado levando bem em conta as necessidades que tem o consumidor, refazer aqueles pontos que mais reclamamos fizeram aqui os produtores do Rio Grande do Sul. Eu não posso prometer aos Senhores que este ano será um ano cheio de alegrias e cheio de felicidades para nós. Tenho bem consciência das dificuldades que tenho pela frente principalmente levando em conta de que metade das nossas exportações são consumidas pelo petróleo. Ou melhor dizendo: gastamos com o pagamento do petróleo, a metade do que nós exportamos e com o pagamento da dívida externa gastamos a outra metade. Daí os Senhores podem ter uma idéia

da dificuldade do Governo que só nessas duas parcelas consome o total do que exporta.

Se no entretanto, refizermos os nossos planos, fizermos um esforço para colocarmos os nossos produtos nos mercados internacionais, porque fome sempre há, eu tenho esperanças de que ao fim da próxima safra, eu tenho esperanças de que possamos encarar o futuro com melhores olhos e perspectivas mais benevolentes para o futuro da nossa gente. Desejo agradecer, Senhor Prefeito, Senhor Governador, agradecer ao povo de Cachoeira a acolhida generosa que me deu e que tem me dado estímulo de persistir nesta minha ânsia de produção e neste meu apelo que tenho feito pelo Brasil, de que aqueles que se opõem ao Governo pensem um pouco para parar. Para parar no tempo, meditem nas ações que vão fazer e façam uma oposição consciente e venham nos ajudar a produzir e a melhorar.

Desejo agradecer, Senhor Governador e Senhor Prefeito, as palavras generosas que pronunciaram a meu respeito. Os agradecimentos que a mim foram feitos devem ser estendidos à minha equipe, sem a qual eu nada teria feito. De mim só tenho esta obstinação: de tentar produzir e vender, e vender mais barato para o povo, de um lado no campo da produção; e de outro lado, a despeito de todas as dificuldades, de todas as injustiças, de todos os obstáculos que eu possa enfrentar, terminar o meu mandato com uma democracia de que nós possamos nos orgulhar. E entregar o Governo ao meu sucessor com a consciência tranqüila de nada ter feito que não fosse no interesse da nossa Pátria, sem defesas de grupos ou de facções, não levando mesmo em conta o partido a que

pertenço, levando apenas em conta que é esta Pátria e a sua gente, que me cabe defender . E dando ao meu sucessor a segurança de que nossa organização política estará então já aperfeiçoada e será possível nós nos olharmos frente à frente sem temor de consciência . Muito obrigado aos Senhores .

05 DE MAIO
PALACIO DO ITAMARATY
BRÁSILIA-DF

DISCURSO POR OCASIAO DO
JANTAR OFERECIDO AO PRIMEIRO-MINISTRO DO REINO DE
MARROCOS, SENHOR MAATI
BUABIDE

Excelentíssimo Senhor Primeiro-Ministro do Reino de Marrocos, Maáti Buabide:

A visita oficial de Vossa Excelência e de sua ilustre comitiva constitui motivo de satisfação para o povo e o Governo brasileiros, e representa contribuição eloqüente ao fortalecimento dos vínculos entre nossos dois países.

Marrocos foi o primeiro país da África e do Mundo Árabe com o qual o Brasil estabeleceu laços diplomáticos. Já em 1906, o Ministro Plenipotenciário brasileiro residente em Portugal foi acreditado junto ao Mulai Abdelaziz.

Essa iniciativa traduzia, de certa forma, a consciência de nossas raízes históricas — entrelaçadas desde os albores do século VIII — e do legado cultural incorporado à Civilização brasileira, pela via de ancestrais ibéricos e africanos.

Em todos esses anos, nossas relações bilaterais têm-se caracterizado pelo bom entendimento e pelo respeito mú-

tuo, refletidos em posições comuns sobre grandes temas internacionais e no diálogo Norte-Sul.

Devo registrar, outrossim, os benefícios para o nosso intercâmbio comercial, cultural e artístico decorrentes da assinatura, em 1975, do Acordo sobre Transportes Aéreos.

À medida, entretanto, que nossos contatos se diversificam e aperfeiçoam, avoluma-se a consciência de não estar ainda plenamente utilizado o potencial de cooperação econômica, cultural, científica e tecnológica identificável entre nossos dois países.

Os campos em que a nossa cooperação poderá desenvolver-se são bastante amplos. A visita de Vossa Excelência, estou certo, abrirá novas e promissoras perspectivas para o aprimoramento e a diversificação de nosso entendimento.

Acredito que a cooperação entre países em desenvolvimento pode funcionar como importante acelerador dos respectivos processos de crescimento econômico. Mais ainda, nossa experiência tem revelado que, para ser verdadeiramente eficaz, essa cooperação deve basear-se em autêntica troca de conhecimentos. E deve orientar-se para a criação de estruturas conducentes ao desenvolvimento tecnológico autônomo e adaptado às nossas condições sociais, econômicas e naturais.

Parece-me de toda conveniência, para países como o Marrocos e o Brasil, explorar e intensificar as fórmulas possíveis de colaboração horizontal. Assim chegar-se-á a auferir integralmente as vantagens de um modelo de cooperação internacional fundamentado nas regras de be-

neficio recíproco e respeito mútuo — e não nos feitos de competição e dominação.

Confio em que nossos dois países muito poderão beneficiar-se dessa cooperação. Acredito, também, nas vantagens recíprocas e no efeito multiplicador, sobre nossas economias, da intensificação do nosso intercâmbio comercial.

Senhor Primeiro-Ministro,

Espero que a vinda de Vossa Excelência, e da importante Missão sob sua chefia, permita um contato efetivo com a realidade brasileira. Estimo que o intercâmbio de informações e idéias, em nível federal e estadual, sirva de base a um programa comum, destinado a colocar em novos e mais elevados patamares a nossa cooperação, para benefício de nossos povos.

Peço, agora, a todos os presentes que comigo ergam suas taças em homenagem a Sua Majestade o Rei Hassan II e à saúde de nossos ilustres visitantes o Primeiro-Ministro Maâti Buabide e sua Excelentíssima Senhora.

Formulo votos de que sua visita, que tanto nos honra, venha a consolidar ainda mais a amizade entre nossos dois países, que o tempo e a experiência demonstraram ser reciprocamente enriquecedora.

Muito obrigado.

06 DE MAIO
HOTEL NACIONAL
BRASÍLIA-DF

DISCURSO POR OCASIAO DO
JANTAR OFERECIDO PELO PRI-
MEIRO-MINISTRO DO REINO DE
MARROCOS, SENHOR MAATI
BUABIDE

Excelentíssimo Senhor Primeiro-Ministro do Reino de Marrocos, Maâti Buabide:

Desejo assinalar, inicialmente, em resposta às suas amáveis palavras, os contatos amistosos e produtivos realizados entre Vossa Excelência e os membros de sua ilustre comitiva e os vários representantes do Governo brasileiro.

Tivemos ontem a oportunidade de manter conversações sobre questões de interesse do Marrocos e do Brasil, assim como sobre os meios de impulsionar nosso relacionamento.

Tenho a esperança de que os contatos de agora permitam dinamizar esse relacionamento em proveito mútuo.

A intensificação dos contatos do Brasil com outros países em desenvolvimento se faz com base nos princípios da igualdade soberana, da cooperação espontânea e do interesse recíproco.

Estamos certos de que temos muito a aprender com os países amigos. Da mesma forma, estamos dispostos a transmitir nossas experiências, num espírito verdadeiro de cooperação e de igualdade.

Confio em que nossos dois países saberão dar contornos reais às possibilidades de cooperação existentes. Seus efeitos positivos haverão de refletir-se — além do plano bilateral de nossas relações — no conjunto maior das relações entre os países em desenvolvimento.

Senhor Primeiro-Ministro,

Felizmente para nós brasileiros, Vossa Excelência estenderá a sua visita e de sua comitiva, a outras partes do Brasil. Após esta jovem Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro servirão, bem acredito, para proporcionar-lhes uma visão mais abrangente da realidade brasileira em seu conjunto e em sua diversificação.

Tenho a certeza de que o intercâmbio de informações e de idéias, em São Paulo e Rio de Janeiro, com setores representativos da vida econômica brasileira, reforçará significativamente as possibilidades de fortalecimento das nossas relações bilaterais.

Nesse espírito, desejo brindar a saúde de Sua Majestade o Rei Hassan II; ao desenvolvimento de nossas relações; ao progresso continuado do povo marroquino; e à felicidade pessoal de Vossa Excelência, da Senhora Buabide, e de todas as demais altas autoridades marroquinas que visitam o Brasil.

Muito obrigado.

14 DE MAIO
AEROPORTO INTERNACIONAL
DE EZEIZA
BUENOS AIRES-ARGENTINA
DISCURSO AO DESEMBARCAR NA
ARGENTINA

Excelentíssimo Senhor Presidente da Nação Argentina,
Jorge Rafael Videla:

Em nome de todos os brasileiros, desejo saudar calorosamente a amiga nação argentina, na pessoa de seu ilustre Presidente e na da Excelentíssima Senhora de Videla.

Sinto emocionada satisfação ao chegar a Buenos Aires. Como Vossa Excelência teve a gentileza de recordar, comovendo-me profundamente, bem conheço a fraterna e carinhosa hospitalidade do nobre povo argentino. A ele recorreremos, meus pais, meus irmãos e eu, em momentos difíceis. Desse já distante mas inesquecível período de nossa vida, Senhor Presidente, guardamos sempre, a mais grata recordação.

Venho animado da certeza do renovado impulso que haveremos de dar à nossa fraterna convivência. Sei que reafirmaremos os laços de inalterável e permanente amizade entre os nossos povos.

As amistosas palavras de boas-vindas, que Vossa Excelência acaba de me dirigir, confirmam o elevado espírito de cordialidade que preside o relacionamento entre o Brasil e a Argentina. E testemunham a simpatia mútua que aproxima as duas nações.

Vamos reunir-nos, Senhor Presidente, em momento internacional especialmente conturbado. Mais que em outra ocasião qualquer, nossas vontades e nossos esforços têm de juntar-se no caminho da paz mundial, da justiça entre os homens e da prosperidade das nações.

O Brasil e a Argentina encontram-se em etapa decisiva de sua história. Ambos os países dedicam-se com esforço e tenacidade à procura de níveis crescentes de desenvolvimento. Vinculados por tradições e ideais semelhantes, e por um patrimônio ético e cultural comum, nossas duas nações têm um potencial de cooperação sumamente promissor.

Atentos à vontade de cooperação que anima argentinos e brasileiros, e convencidos dos seus benefícios recíprocos, nossos governos têm intensificado os contatos bilaterais. O diálogo franco, ininterrupto e cordial, com vistas à exploração de novos campos de entendimentos, já produziu resultados particularmente auspiciosos. Cada um deles aviva e acentua a consciência das múltiplas convergências existentes entre nossos países e dos variados campos de aproximação à disposição de nossos povos.

Nas conversações que terei com Vossa Excelência, não faltarão oportunidades para consultas sobre as mais importantes questões da conjuntura internacional e regional. Nem hesitaremos em estimular a imaginação para o

encontro de novos meios de enriquecer a cooperação entre os dois países, em forma harmoniosa e de maneira duradoura. Por si, os acordos que firmaremos abrirão novos, amplos e importantes caminhos para o aprimoramento de nossas relações.

Senhor Presidente,

O Brasil vê com satisfação os êxitos alcançados pela grande nação argentina, no caminho de sua história. Eles são o merecido fruto das nunca desmentidas qualidades de talento e energia empreendedora do seu povo. Meu País está franca e lealmente aberto à colaboração mutuamente vantajosa com a Argentina. Acreditamos, assim, contribuir para o bem-estar de nossos povos e para acelerar o desenvolvimento de nossa região, como um todo.

Em meu nome, no de minha mulher e no dos integrantes de minha comitiva, expresso-lhe, Senhor Presidente, nossos agradecimentos por seu amável convite e pelo diálogo, que nos proporcionou, para o fortalecimento dos indissolúveis laços de união entre nossas duas pátrias.

1. The first part of the document is a list of references.

2. The second part is a list of references.

3. The third part is a list of references.

4. The fourth part is a list of references.

5. The fifth part is a list of references.

6. The sixth part is a list of references.

7. The seventh part is a list of references.

8. The eighth part is a list of references.

9. The ninth part is a list of references.

10. The tenth part is a list of references.

11. The eleventh part is a list of references.

12. The twelfth part is a list of references.

13.

14.

15.

16.

17.

14 DE MAIO
AEROPORTO INTERNACIONAL
DE EZEIZA
BUENOS AIRES-ARGENTINA
DISCURSO AO RECEBER AS CHAVES
SIMBÓLICAS DA CIDADE

Senhor Intendente Municipal de Buenos Aires,

Brigadeiro Oswaldo Cacciatore:

Ao entregar-me as chaves simbólicas da cidade, e declarar-me hóspede ilustre desta grande metrópole, Vossa Excelência exemplificou, mais uma vez, a generosa hospitalidade de Buenos Aires — traço distinto e tradicional do seu espírito. Volto a encontrar, aqui, o mesmo ânimo acolhedor que, no passado, minha família e eu tivemos a felicidade de testemunhar em mais de uma oportunidade.

Esta homenagem tem, pois, para mim, um significado todo especial. Por isso, eu a recebo com sincera emoção e profundo apreço.

Não poderia ser mais feliz a circunstância de minha visita a Buenos Aires coincidir com as comemorações do quarto centenário de sua segunda fundação, fato culminante da festa heróica de Juan de Garay. Graças à atividade criadora de seu povo, a «Ciudad de la Santíssima Trinidad y Puerto de Santa María de Buenos Aires»

prosperou e engradeceu-se. Hoje, a moderna Buenos Aires é um dos grandes centros de irradiação de progresso e cultura em nosso mundo.

Tenho a satisfação, nesta oportunidade, de prestar a Buenos Aires o preito da admiração e da amizade do governo do meu País. A cada um dos seus habitantes, os brasileiros expressam a simpatia amiga, a afeição particular, a identidade nas aspirações e a admiração pelas conquistas realizadas em quatro séculos de história fecunda, viva, tantas vezes heróica, e sempre feliz e promissora de novos horizontes.

Nossas próprias cidades quadricentenárias são outros tantos marcos da força civilizadora dos nossos ancestrais ibéricos. Mas, talvez o principal feito histórico dos cidadãos de Buenos Aires, como do Rio de Janeiro, de São Paulo — e de tantas outras cidades ilustres do nosso Continente — esteja muito além de construir vigorosas metrópoles.

Nossas cidades passarão à História da Humanidade — mais que por sua grandeza arquitetônica e visível — por sua grandeza interior, profunda e inata. A elas acorreram homens da mais variada procedência.

Assim também é em meu próprio País. Assim deveria ser por toda a parte.

Senhor Intendente,

Agradeço suas palavras de boas-vindas. Agradeço esta significativa homenagem. Elas muito me honram. Haverei de recordá-las, sempre, e com afeto, como um dos momentos marcantes de minha visita à nobre nação argentina.

Muito obrigado.

14 DE MAIO
CASA ROSADA
BUENOS AIRES-ARGENTINA
DISCURSO AO SER CONDECORA-
DO COM O COLAR DA ORDEM
DO LIBERTADOR SAN MARTIN

Excelentíssimo Senhor Presidente da Nação Argentina,
Jorge Rafael Videla:

Constitui para mim honra muito especial ser agraciado pelo Governo argentino com o colar da Ordem do Libertador San Martín. Essa distinção, a mais alta que outorga a Nação Argentina, constitui mais uma valiosa demonstração de amizade para com o Governo e o povo brasileiros.

Desejo agradecer-lhe, Senhor Presidente, suas amáveis e generosas palavras. Vossa Excelência bem retrata a atmosfera de cordial hospitalidade que nos tem cercado, desde que chegamos a Buenos Aires — marco evidente do nosso fraternal relacionamento.

A admirável figura do Libertador San Martín confere dimensão especialmente emocionante a esta cerimônia. Conclama-nos a rememorar o alvorecer da vida independente dos nossos países.

De uma forma ou de outra, todos os latino-americanos somos herdeiros da grandiosa obra deixada pelo Ge-

neral San Martín. Não houvesse ele levado a bom termo as tarefas que empreendeu, bem outros poderiam ter sido os caminhos trilhados pelos países do Continente.

A grandeza marcou todos os momentos da sua vida. O Libertador foi grande em seus ideais, grande em seus atos, e, quando cabia, igualmente grande em seu nobre silêncio.

Sua vida foi plena de contribuições — gloriosas e decisivas contribuições — à materialização dos anelos continentais. Sua memória indelével continua a inspirar a nação argentina e os demais povos latino-americanos, na perseguição de outras formas de independência. Os grilhões do novo colonialismo são mais sutis — mas não menos fortes. Hoje, a conquista é feita pela imposição ideológica, pela alienação cultural, pela divisão do trabalho, pelo protecionismo e pela reserva de mercados.

Nesse contexto, é confortador verificar que anseios semelhantes aos do Libertador foram acalentados pelos brasileiros de sua época. Transcorrido mais de século e meio, podemos verificar como permanece atual a convergência das aspirações de ambos os países em torno de altos ideais comuns. Argentinos e brasileiros, somos legatários dos exemplos deixados, de maneira tão límpida, pelos nossos maiores.

Compenetrado do sentido profundo e duradouro desses exemplos, cujas origens se confundem com o despertar das nossas próprias nacionalidades, reitero a Vossa Excelência, Senhor Presidente, o meu mais profundo reconhecimento.

Muito obrigado.

15 DE MAIO
HOTEL LIBERTADOR
BUENOS AIRES-ARGENTINA
DISCURSO DURANTE JANTAR
OFERECIDO PELA CLASSE EM-
PRESARIAL ARGENTINA

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Agradeço, comovido, as palavras dos homens de empresa argentinos e brasileiros, aqui reunidos.

Igualmente sensibilizado, agradeço a homenagem que me prestam, esta noite, as entidades representativas do empresariado da Argentina. Guardarei desse gesto perene lembrança.

Para mim, esta ocasião assinala de maneira eloqüente a presença valiosa e construtiva dos empresários argentinos e brasileiros no diálogo que nossos países vêm intensificando.

Tenho redobrada satisfação pelo fato de minha visita haver criado a oportunidade para esta manifestação de impacto positivo nas relações entre o Brasil e a Argentina — relações a cujo serviço me encontro nesta cidade. E, posso dizer, faço-o com entusiasmo que não desejo conter ou ocultar.

Essa ênfase não é simples figura de retórica ou protocolo.

Meu entusiasmo é antigo. Vem de quando vivi, ainda criança, nesta querida Buenos Aires. Vem da simpatia que não poderia deixar de haver adquirido pelo admirável e hospitaleiro povo argentino.

Longe de arrefecê-lo, os anos só fizeram reforçar e levar adiante o impulso afetivo inicial. Hoje, o afeto daqueles dias amadurece na certeza objetiva da importância — então mais advinhada que sabida — dos laços que unem nossos países.

Estou seguro de que todos os presentes partilhamos do sentimento dessa importância. As relações entre nações com a dimensão histórica, cultural e econômica do Brasil e da Argentina devem ser vistas na perspectiva de décadas, de múltiplas décadas — talvez séculos sucessivos.

Em tal enfoque, o ocasional não pode obscurecer a riqueza do passado ou comprometer o potencial do futuro. Entre nós, não há problemas que sejam permanentes. Nem eventual dificuldade que possa prejudicar o êxito fundamental de uma convivência necessariamente harmoniosa e mutuamente frutífera.

Todos conhecemos os desafios e as oportunidades presentes em nossa agenda comum. Devemos olhar o nosso intercâmbio nos campos econômico, social e cultural com sentido prospectivo e objetividade tranqüila.

Seria desarrazoado esperar, sempre, a perfeição última, integral, irretocável. Assim como seria indigno de nossos povos cancelar os esforços ante o receio de não

podermos alcançar o ótimo desejável, mas inatingível em toda empresa humana.

Grave não é a accidental falta de entendimento sobre um ou outro ponto específico. Grave, gravíssima, seria a ausência da disposição perseverante de buscar a conciliação, a concórdia, o bem possível.

A história de nossos países tem comprovado nossa capacidade de enfrentar toda a sorte de vicissitudes e invariavelmente vencê-las. Temos sabido dar demonstrações sobejas de como superar momentâneas diferenças de interesse. Temos, sobretudo, sabido transformar em fatores de aproximação e harmonia o que poderia ser, para povos sem grandeza, obstáculos intransponíveis.

Senhores,

Nossos países atravessam momentos decisivos nos respectivos processos de desenvolvimento. Brasil e Argentina enfrentam dificuldades econômicas de natureza estritamente doméstica. Mas o impacto de dificuldades importadas intensifica as nossas, conferindo-lhes um teor de nocividade que de outro modo não teriam.

A crise energética nos traz — e ao Brasil em especial — consideráveis prejuízos. O neoprotecionismo nos países desenvolvidos impõe crescentes embaraços à expansão de nossas vendas. A inflação externa se justapõe à nossa, avivando-a, agravando-a, fazendo-a estender-se no tempo, muito além das causas internas.

Não nos escapa a circunstância de problemas equivalentes afetarem numerosos países amigos. Na verdade, fronteiras geográficas não barram fenômenos econômicos. Sua universalidade vai tornando o Mundo mais e mais in-

terdependente. Digo, porém, que a interdependência global supõe, automaticamente, a cooperação internacional. E julgo particularmente lamentável que a interdependência produza — contra a razão e a lógica — surtos de confrontação e de ressentimento. Em vez de progredir — como o exige a sorte das nações e o interesse dos povos — a cooperação parece retroceder, no plano das relações econômicas mundiais.

O mesmo não ocorre, felizmente, em nosso Continente. Aqui, esforços se tornam cada vez mais coordenados. A América Latina configura um espaço econômico viável. Temos precioso potencial de oportunidades de complementação e intercâmbio. Nossas economias se aproximam. Suas trocas evoluem. O comércio se avoluma e sofisticava. Estamos criando uma estrutura de transportes e comunicações capaz de provocar e sustentar fluxos ativos de negócios.

Nossas pautas de comércio se diversificam e enriquecem. Tecnologia, serviços de consultoria e engenharia, máquinas, equipamentos sofisticados e outros bens industrializados tomam seu lugar ao lado dos produtos primários.

Para o Brasil, é um passo de alta significação, por exemplo, poder contratar na Argentina serviços antes adquiridos de países industrializados, seus tradicionais prestadores. É também exercício reconfortante colher os dados de nosso comércio bilateral. Seu valor total, em 1979, atingiu um bilhão e seiscentos milhões de dólares. Mais que o número bruto, importa acentuar que esse total representa um crescimento de 81% em relação a 1978.

Remontando a 1975, nosso comércio registra o aumento médio de 27% ano.

É estimulante saber que o Brasil já está entre os maiores fornecedores da Argentina e que a Argentina é dos mais importantes supridores do Brasil.

Por isso, multiplicam-se os ajustes entre empresas e os investimentos de parte a parte.

Agora, uma fase nova parece prefigurar válidas oportunidades de relacionamento ainda mais intenso entre os dois Países. Foi por assim pensar que o meu Governo e o do Presidente Videla viram com tanto agrado a realização deste Encontro de Cooperação Econômica Brasil-Argentina, paralelamente à visita que ora faço a Buenos Aires. Inteirei-me com satisfação dos objetivos, do temário e das premissas deste encontro de empresários.

Reconheço que, para ser próspero, nosso intercâmbio deve ser mutuamente proveitoso, fundado no equilíbrio de interesses e na repartição eqüitativa de ônus e benefícios.

Por outro lado, temos de admitir — até como salutar expressão de realismo — que nossas economias, a par de um acervo considerável de possibilidades de complementação, apresentam setores coincidentes e, freqüentemente, concorrentes. Seria irrealista supor que nossa cooperação deva assumir, sempre, modalidades uniformes, ou possa alcançar idêntica intensidade, em todas as áreas e a todo instante.

Em termos de negócios, competição não quer dizer conflito. Antes, abrem-se aí novas oportunidades: à troca de experiências, aos fornecimentos cruzados de equipa-

mentos e componentes, e até à ação concertada em terceiros mercados.

Cooperação sólida e estável requer alicerces firmes e duradouros. Êxitos de curto fôlego podem criar expectativas irrealizáveis. Sua frustração arrefece o ímpeto da aproximação e prejudica o aproveitamento de oportunidades efetivamente vantajosas.

Os avanços que buscamos serão de valia também no plano da cooperação entre os países latino-americanos. O espaço bilateral é, ao mesmo tempo, instrumento e beneficiário do multilateral. As relações brasileiro-argentinas — sem perda de sua dinâmica específica — devem inscrever-se harmonicamente no contexto mais amplo da colaboração regional.

Senhores empresários,

Tenho admiração por seu esforço e pelo que representa sua atividade como fator de desenvolvimento em nossos países e suporte para nosso intercâmbio.

Governos abrem as fronteiras políticas. Estabelecem quadros institucionais propícios ao relacionamento econômico. Situam e dirimem pendências. Estabelecem e clarificam normas de comércio. Informam e apóiam os interessados no intercâmbio.

Mas os empresários têm uma presença indispensável nas relações externas. Por mais propícios que sejam os quadros institucionais eles se esvaziarão e desprestigiarão se os homens de negócios não os aproveitarem com sua dinâmica própria.

Neste Encontro de Buenos Aires, os Senhores estão tornando mais densos nossos laços, incorporando-lhes sua

imaginação e experiência inestimáveis, multiplicando os canais de contacto e identificando e despertando oportunidades.

A tarefa que têm pela frente é grandiosa e complexa. Os Senhores desempenham papel fundamental no processo de entendimento e aproximação entre nossos países.

A aproximação desejável e desejada não assenta apenas na fria coincidência de interesses, mas em identidades fundamentais. Argentinos e brasileiros, somos cidadãos de países distintos, embora membros da mesma família. Temos justificado orgulho de nossas marcantes personalidades nacionais.

Mas somos iguais nos propósitos de convivência pacífica. Fraternos na cooperação para o desenvolvimento. Aliados em esperanças e sonhos. Solidários na busca do inalienável destino que corresponde à grandeza de nossas pátrias.

Além e acima de tudo, somos amigos. A amizade nos motiva. Em momentos como este, comove e exalta.

Por força dessa amizade, somos impelidos no caminho do entendimento sem preconceitos — para o progresso que nossos povos almejam e, por tão justos títulos, tanto merecem.

Muito obrigado.

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100
101
102
103
104
105
106
107
108
109
110
111
112
113
114
115
116
117
118
119
120
121
122
123
124
125
126
127
128
129
130
131
132
133
134
135
136
137
138
139
140
141
142
143
144
145
146
147
148
149
150
151
152
153
154
155
156
157
158
159
160
161
162
163
164
165
166
167
168
169
170
171
172
173
174
175
176
177
178
179
180
181
182
183
184
185
186
187
188
189
190
191
192
193
194
195
196
197
198
199
200
201
202
203
204
205
206
207
208
209
210
211
212
213
214
215
216
217
218
219
220
221
222
223
224
225
226
227
228
229
230
231
232
233
234
235
236
237
238
239
240
241
242
243
244
245
246
247
248
249
250
251
252
253
254
255
256
257
258
259
260
261
262
263
264
265
266
267
268
269
270
271
272
273
274
275
276
277
278
279
280
281
282
283
284
285
286
287
288
289
290
291
292
293
294
295
296
297
298
299
300
301
302
303
304
305
306
307
308
309
310
311
312
313
314
315
316
317
318
319
320
321
322
323
324
325
326
327
328
329
330
331
332
333
334
335
336
337
338
339
340
341
342
343
344
345
346
347
348
349
350
351
352
353
354
355
356
357
358
359
360
361
362
363
364
365
366
367
368
369
370
371
372
373
374
375
376
377
378
379
380
381
382
383
384
385
386
387
388
389
390
391
392
393
394
395
396
397
398
399
400
401
402
403
404
405
406
407
408
409
410
411
412
413
414
415
416
417
418
419
420
421
422
423
424
425
426
427
428
429
430
431
432
433
434
435
436
437
438
439
440
441
442
443
444
445
446
447
448
449
450
451
452
453
454
455
456
457
458
459
460
461
462
463
464
465
466
467
468
469
470
471
472
473
474
475
476
477
478
479
480
481
482
483
484
485
486
487
488
489
490
491
492
493
494
495
496
497
498
499
500
501
502
503
504
505
506
507
508
509
510
511
512
513
514
515
516
517
518
519
520
521
522
523
524
525
526
527
528
529
530
531
532
533
534
535
536
537
538
539
540
541
542
543
544
545
546
547
548
549
550
551
552
553
554
555
556
557
558
559
560
561
562
563
564
565
566
567
568
569
570
571
572
573
574
575
576
577
578
579
580
581
582
583
584
585
586
587
588
589
590
591
592
593
594
595
596
597
598
599
600
601
602
603
604
605
606
607
608
609
610
611
612
613
614
615
616
617
618
619
620
621
622
623
624
625
626
627
628
629
630
631
632
633
634
635
636
637
638
639
640
641
642
643
644
645
646
647
648
649
650
651
652
653
654
655
656
657
658
659
660
661
662
663
664
665
666
667
668
669
670
671
672
673
674
675
676
677
678
679
680
681
682
683
684
685
686
687
688
689
690
691
692
693
694
695
696
697
698
699
700
701
702
703
704
705
706
707
708
709
710
711
712
713
714
715
716
717
718
719
720
721
722
723
724
725
726
727
728
729
730
731
732
733
734
735
736
737
738
739
740
741
742
743
744
745
746
747
748
749
750
751
752
753
754
755
756
757
758
759
760
761
762
763
764
765
766
767
768
769
770
771
772
773
774
775
776
777
778
779
780
781
782
783
784
785
786
787
788
789
790
791
792
793
794
795
796
797
798
799
800
801
802
803
804
805
806
807
808
809
810
811
812
813
814
815
816
817
818
819
820
821
822
823
824
825
826
827
828
829
830
831
832
833
834
835
836
837
838
839
840
841
842
843
844
845
846
847
848
849
850
851
852
853
854
855
856
857
858
859
860
861
862
863
864
865
866
867
868
869
870
871
872
873
874
875
876
877
878
879
880
881
882
883
884
885
886
887
888
889
890
891
892
893
894
895
896
897
898
899
900
901
902
903
904
905
906
907
908
909
910
911
912
913
914
915
916
917
918
919
920
921
922
923
924
925
926
927
928
929
930
931
932
933
934
935
936
937
938
939
940
941
942
943
944
945
946
947
948
949
950
951
952
953
954
955
956
957
958
959
960
961
962
963
964
965
966
967
968
969
970
971
972
973
974
975
976
977
978
979
980
981
982
983
984
985
986
987
988
989
990
991
992
993
994
995
996
997
998
999
1000

10

10

10

17 DE MAIO
CASA ROSADA
BUENOS AIRES-ARGENTINA
DISCURSO NA SOLENIDADE DE
ASSINATURA DE ATOS BILATE-
RAIS

Excelentíssimo Senhor Presidente da Nação Argentina,
Jorge Rafael Videla,

Excelências,

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Cooperação, diálogo franco e honesto, amizade indestrutível entre nossos povos — esses são os motivos, a força, as razões que sempre conduziram nossas duas nações a superar desafios e somar esforços.

Através da História — nossa história tão paralela, tantas vezes entrelaçada — soubemos conservar lípidos os ideais, e claros e desembaraçados os canais de comunicação. Felizmente, nas questões relevantes e delicadas, sempre soubemos percorrer os caminhos do entendimento.

Por isso, manter e reforçar esse patrimônio comum é objetivo inalterável do Brasil. As importantes e expressivas palavras que Vossa Excelência acaba de pronunciar

confirmam minha crença de que idênticos ideais animam a Nação argentina.

Do lado brasileiro, reconhecemos vivamente as singulares e nobres qualidades do povo argentino. Admiramos sua história, tão profundamente marcada, em seus fundamentos éticos e humanistas, pela presença permanente do Libertador de Nações, General San Martín.

Tenho a certeza de que, sob o exemplo sem par de San Martín, os argentinos continuarão a empregar seu talento no esforço latino-americano em prol da paz entre as nações, da justiça entre os homens, e do desenvolvimento e bem-estar dos povos.

Vivemos um momento, Senhor Presidente, em que se reafirma a perene estima entre brasileiros e argentinos. Confirma-se, também, nosso sentimento de que a projeção da Argentina nos campos político, econômico e social, a par de sua cultura e seu avanço científico e tecnológico, é fator de progresso e fortalecimento de toda a América Latina e permitirá materializar em magnífica realidade os nossos entendimentos.

Senhor Presidente,

Atravessamos atualmente uma conjuntura internacional especialmente difícil. Seus desdobramentos refletir-se-ão inexoravelmente sobre nossos dois países, sobre a América Latina, sobre todo o mundo em desenvolvimento.

Mundo que compartilha as aflições do presente em transformação rápida. Sofre toda a angústia da incerteza e, às vezes, do desânimo. Mas se alimenta na esperança de que se possa construir um futuro talvez menos cruel,

um futuro voltado para a concretização dos ideais de progresso e desenvolvimento.

Nós, brasileiros, somos solidários com os destinos da América Latina. Descartamos preponderâncias ou desequilíbrios permanentes em nossa região. Nem os aceitamos entre ela e o resto do mundo. Rejeitamos o progresso de uns em detrimento de outros.

As nações do nosso próprio continente, da África e da Ásia, reclamam participação mais eqüitativa no comércio mundial. Melhores preços para seus produtos. Estabilidade para suas receitas. Enfim, melhores termos de trocas.

De outra parte, ciência e tecnologia são bens de toda a Humanidade. Todos os países devem ter acesso ao conhecimento, especialmente o que se refere ao aproveitamento dos recursos naturais.

Sustentamos que uma ordem internacional justa deverá necessariamente assentar nos princípios da igualdade soberana dos Estados, da não-intervenção, do equilíbrio das vantagens nas negociações internacionais. A observância concreta e cotidiana desses princípios por todos os países é a melhor garantia de que dispomos. O fortalecimento da paz e da segurança internacional permitirá aos países em desenvolvimento fazer mais rapidamente pleno uso de suas potencialidades políticas e econômicas.

Tenho chamado a atenção dos países ricos para esses problemas. A perpetuação da iniquidade certamente engendrará conseqüências nefastas para a humanidade.

Desejo acentuar, nesse particular, a atuação construtiva da Argentina e do Brasil, na aproximação entre as

nações em desenvolvimento. E se, como é natural, a integração e a unidade da América Latina ocupam posição especial em nossas preocupações, devo dizer que nossos sentimentos não têm vocação excludente. Esperamos que seus benefícios venham a irradiar-se. Assim deve ser, pois temos anseios e interesses comuns e todos desejamos a afirmação internacional de nossa região.

O Brasil aspira somente, Senhor Presidente, a desenvolver-se em amistoso convívio com as demais nações e, em especial, com as que nos são vizinhas.

Estamos vivamente empenhados, em meus Países, em aprimorar as bases de uma sociedade politicamente aberta, socialmente justa, e economicamente pluralista e equitativa.

Bem conhecemos os sacrifícios à nossa frente, para atingir tais objetivos. Mas a eles estamos dispostos. Para nós, o reforço da cooperação com as nações amigas facilitará a tarefa comum do desenvolvimento político, econômico e social.

Senhor Presidente,

As economias de nossos dois países alcançaram apreciável magnitude e diversificação. Recursos naturais abundantes e muitas vezes complementares, habilidades comparáveis em campos da produção agropecuária, da industrialização, do comércio e da prestação de serviços, abrem imensas possibilidades de cooperação equilibrada e reciprocamente vantajosa.

Para isso, nossos trabalhadores e nossos homens de negócios — alguns deles aqui presentes — têm demonstrado apreciável capacidade de trabalhar juntos. Basta

ver o dinamismo de nosso comércio e o esforço que empreendemos para concretizar maior cooperação econômica.

Argentinos e brasileiros estamos unidos pela confiança recíproca. Conhecemos nossa capacidade de realização e sabemos intimamente as amplas dimensões que podem tomar a amizade e a colaboração sincera entre nossos povos.

Temos confiança na profunda coerência existente entre nosso esforço conjunto e as aspirações de nossa região e das nações em desenvolvimento. Nossos países podem realmente oferecer uma promissora antecipação da Nova Ordem Econômica Internacional, justa e equitativa, que todos desejamos.

É nesse espírito que se colocam os atos internacionais tão significativos hoje assinados.

Os rios que unem a Argentina, a Bolívia, o Brasil, o Paraguai e o Uruguai constituem patrimônio substancial para o nosso rápido desenvolvimento. A partir de tal premissa, o acordo sobre cooperação técnico-operativa entre os aproveitamentos de Itaipu e Corpus, firmado em outubro passado, juntamente com a República irmã do Paraguai, ilustra cabalmente a tônica de nossas relações. Por ele, chegamos a soluções satisfatórias de utilização de recursos naturais indispensáveis ao crescimento de nossas economias.

Como Vossa Excelência com tanta felicidade assinou, nossos Governos firmaram hoje uma série de instrumentos que darão substancial impulso à nossa cooperação. O aproveitamento do trecho comum do Rio Uruguai, a realização de estudos e projetos de construção da ponte

sobre o Rio Iguaçu, a cooperação científica e tecnológica, a eliminação da bitributação, são alguns dos setores de atividade em que chegamos a entendimentos consagrados em atos formais.

Desejo realçar, especialmente, a assinatura do Acordo de Cooperação Nuclear para fins pacíficos, que se dirige a área de alta prioridade. Os entendimentos simultaneamente concluídos pelas entidades especializadas dos dois países são clara demonstração do vigor e da seriedade com que a Argentina e o Brasil levam adiante seus programas nucleares.

Referi-me, Senhor Presidente, a alguns dos instrumentos hoje concluídos. Não exauem eles, entretanto, o panorama da cooperação possível e desejável entre nossos países.

A Declaração Conjunta assinada há pouco é documento de importância singular para as relações entre os dois países. Ali temos um verdadeiro plano de trabalho a executar.

Merece ênfase, a propósito, nossa determinação de conduzir consultas sobre assuntos de interesse comum, de que é símbolo o memorando de entendimento que nossos Governos igualmente firmaram.

Senhor Presidente,

Ao tornarmos mais próximo o nosso convívio, estamos reafirmando um sentimento permanente de nossos povos.

Dirigindo-se ao Presidente eleito Roque Saenz Peña, por ocasião da visita deste ao Rio de Janeiro, em 1910, o

Barão do Rio Branco assim se expressou: «Posso assegurar a Vossa Excelência que todos os dirigentes (...) deste País, sem distinção de agrupamentos políticos, num acordo perfeitamente unânime, nada desejam mais cordialmente do que ver consolidadas para sempre, e fortalecidas cada vez mais, as antigas relações entre o Brasil e a Argentina, como entre o Brasil e os demais povos do Continente».

Alegro-me, neste momento histórico, em reafirmar a Vossa Excelência a plena atualidade dessas palavras do patrono da diplomacia brasileira.

Muito obrigado.

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	
32	
33	
34	
35	
36	
37	
38	
39	
40	
41	
42	
43	
44	
45	
46	
47	
48	
49	
50	
51	
52	
53	
54	
55	
56	
57	
58	
59	
60	
61	
62	
63	
64	
65	
66	
67	
68	
69	
70	
71	
72	
73	
74	
75	
76	
77	
78	
79	
80	
81	
82	
83	
84	
85	
86	
87	
88	
89	
90	
91	
92	
93	
94	
95	
96	
97	
98	
99	
100	

22 DE MAIO
STREAN PALACE HOTEL
RIBEIRÃO PRETO-SP
IMPROVISO AO VISITAR A CI-
DADE

Senhor Governador do Estado de São Paulo, Paulo Salim Maluf,

Senhor Prefeito de Ribeirão Preto, Duarte Nogueira,
Senhores Ministros,

Senhor Senador Amaral Furlan,

Meu prezado Amigo, Dr. Laudo Natel,

Senhores Deputados, Vereadores, Prefeitos,

Senhores Empresários,

Senhores Representantes das Classes Patronais,

Senhores Representantes de Sindicatos,

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Eu poderia dizer aos Senhores que hoje eu tive duas grandes satisfações.

Foi-me dada a oportunidade de, em Morro Agudo, na Destilaria Maurílio Biagi, e em São Geraldo, na Usina

Santa Elisa, e nas indústrias Zanini, ter contato com uma realidade, que é o esforço dos empresários desta região, em cooperar com o Governo na solução do nosso problema energético. E a satisfação foi maior porque bem sei das dificuldades que esses homens têm pela frente, que esses homens têm encontrado. Algumas delas cabe ao Governo resolver. E nem por isso encontrei aqui o desânimo e a decepção. Pelo contrário, o que eu vi foi o entusiasmo patriótico em querer, de fato, dar uma saída para problema tão grave para o nosso País. Congratulo-me com os Senhores empresários, não só por isso, mas também pelo que vi do lado social. Assisti, hoje pela manhã e à tarde, que é possível a convivência frutífera entre o empregado e o empregador, entre o empresário e o operário. Sem traumas e sempre fazendo da indústria, também, um fator de desenvolvimento social.

Agora à noite, tenho uma outra satisfação: a de ter contato com os Senhores da área política, que vêm aqui apenas para prestigiar a minha passagem pela cidade, e que tão calorosamente me recebem. Devo agradecer aos Senhores empresários e aos Senhores Prefeitos e Vereadores, a acolhida que me deram e as palavras generosas do Prefeito Duarte Nogueira.

Ao fazê-lo, devo dizer que as palavras do Senhor Prefeito, fazendo algumas afirmações a respeito do que tem sido o primeiro ano do meu Governo, calaram profundamente em mim, porque reconheci nele que já há alguém que acredita no que eu tenho feito.

Não me arrependo, nem retiro e nem esmoreço na minha determinação de levar avante o meu projeto político de, ao fim do meu Governo, poder entregar ao meu suces-

sor um país normalizado democraticamente. As promessas que fiz como candidato, algumas delas transformadas em compromisso solene ao assumir a Presidência da República, algumas aí estão, a despeito da desconfiança dos que se opõem; a despeito da maneira descortês, às vezes, com que recebiam as minhas afirmações.

Dizia eu já em campanha, que o lugar de brasileiro é no Brasil, e aí estão todos os que quiseram voltar.

Dizia eu como candidato, que defendia a liberdade de expressão, e aí estão todos os que se opõem ao meu Governo dizendo o que bem entendem, inclusive ofendendo e caluniando — mas eu reconheço neles o direito de serem mal-educados.

Dizia eu ainda em campanha, que iria encontrar uma fórmula de dar a anistia mais ampla possível, e que não sabia, àquela época, a maneira de como iria fazê-la, porque os próprios juristas estavam botando dificuldades. E a anistia que eu consegui, anistia que os senhores parlamentares votaram, foi mais ampla do que a que as oposições propuseram.

Defendia eu, como candidato, o pluripartidarismo. Muitos até acharam graça. E aí está o pluripartidarismo, já delineado em suas bases, já irreversível nos seus fundamentos.

Prometi a eleição direta para governador e já está a mensagem no Congresso, dependendo apenas da decisão dos Senhores Parlamentares.

As oposições dizem que nada foi feito e que as promessas não foram cumpridas. Eu sei que muita coisa ainda há por fazer, mas eu desejo perguntar às oposições o que

terão elas para dizer no último dia do meu Governo. O que irão cobrar de mim naquele dia, quando todas as promessas que fiz tiverem sido cumpridas.

Devo reconhecer que o País não atravessa uma fase fácil. Diria melhor, que atravessamos uma fase bem difícil, sob o ponto de vista econômico, e que, naturalmente, as dificuldades decorrentes desta fase, cuja culpa maior vem de fora, são conseqüências e vão decorrer para dificuldades políticas.

Não há possibilidade, como bem disse o Prefeito, de uma paz política, de uma estabilidade política, sem que haja uma relativa paz econômica.

Bem sei das dificuldades que tenho por diante, face aos compromissos do País com a importação do petróleo e com a nossa dívida externa. Bem sei do muito ou quase tudo que ainda se tem por fazer no campo social. Mas posso assegurar aos Senhores que havemos de chegar a um ponto em que esses que mais se opõem a nós terão de reconhecer que foi feito o possível. E espero que não cometam a injustiça de não reconhecer que, no meu Governo, as liberdades democráticas foram asseguradas e que o padrão do povo brasileiro melhorou.

Agradeço ao Senhor Prefeito, mais uma vez, a gentileza de suas palavras e quero crer, em outra oportunidade que eu estiver aqui em Ribeirão Preto — e que não será muito longínqua —, eu possa ter um contato maior com os Senhores para sentir mais de perto, no que se refere à área política, os anseios, as reivindicações, as dificuldades, e por que não dizer, também, expor as minhas esperanças que eu sei, não são poucas.

Muito obrigado.

11 DE JUNHO
REAL GABINETE PORTUGUÊS DE
LEITURA
RIO DE JANEIRO-RJ
DISCURSO DURANTE SOLENIDA-
DE DE COMEMORAÇÃO DO 4º
CENTENÁRIO DA MORTE DE
LUIZ DE CAMÕES

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Antes de encerrar esta reunião, seja-me permitido assinalar o quanto me sinto honrado em ser recebido no vetusto recinto deste Real Gabinete Português de Leitura. A impecável oração com a qual acaba de saudar-me o seu presidente, Dr. Antônio Rodrigues Tavares, é um cântico de amor ao Brasil.

Física e historicamente, o Real Gabinete Português de Leitura é o cenário ideal para o início das comemorações destinadas a exaltar o poeta maior da nossa língua, no IV Centenário de sua morte.

Fisicamente, porque o estilo do edifício que lhe serve de sede traz à lembrança a época dos feitos gloriosos descritos em «Os Lusíadas».

E historicamente, porque no Real Gabinete Português de Leitura respira-se a permanente atmosfera de confraternização na qual vivem nossos dois povos. Desde a pedra fundamental, aposta por D. Pedro II, há exatamen-

te um século, no dia de ontem, e a inauguração presidida pela Princesa Isabel, ilustres personalidades das duas nações irmãs vieram a estes salões para cultivar o patrimônio comum dos povos de língua portuguesa. As pedras do Real Gabinete Português de Leitura são, realmente, estrofes dos «Lusiadas», como lembrou o meu anfitrião.

No estirão de quatro séculos, a obra imorredoura de Camões foi analisada, louvada, estudada, medida, pesada e contada. Foi comparada à dos maiores poetas da Humanidade. Dela, praticamente tudo se disse, menos que haja sido encontrada em falta.

Não há palavras, todavia, capazes de fazer justiça à grandiosidade de «Os Lusíadas». Fenômeno ímpar na história da cultura de um povo, seus versos são mais, muito mais, do que a narrativa épica de feitos d'armas e de homens assinalados. A obra de Camões é como se ele houvera gravado em eterno bronze o padrão perfeito e imortal da língua, em toda a sua pureza.

A língua em seu estilo mais belo e harmonioso.

Em sua inspiração mais arrebatadora.

Em seu pensar mais profundo.

Em sua expressividade inigualada — a revelar, a um tempo, a sensibilidade, a emoção, a coragem, o ímpeto da brava e nobre gente portuguesa.

Ainda hoje, maravilha-se o Mundo diante de tanta intrepidez; em face da imensa ousadia com que aqueles punhados de marujos, soldados, sacerdotes, administradores, desafiaram as «procelosas tempestades» do mar oceano, desconhecido, ameaçador, misterioso. Em assim sendo, justo é reconhecer que mais deve Portugal o co-

nhecimento de seus feitos a Luiz de Camões do que às cartas, aos relatos e a toda a imensa documentação produzida pelos escrivães e zelosamente guardada nos arquivos.

Graças aos «Lusiadas», Portugal inscreveu com letras de ouro sua marca indelével na história da humanidade.

Mas as gerações e gerações que se sucederam nestes quatro séculos não deixaram — como eu próprio e meus irmãos, e nosso pai antes de nós, e todos os que cursaram as escolas militares brasileiras — de sofrer e amar o aprendizado da língua em seu maior Autor.

Camões foi um clássico. Como em todas as obras clássicas, há um quê de misterioso e inexplicável na gênese de «Os Lusíadas». Como criação humanística é imune à ação do tempo. Mais que isso: engrandece-se com os séculos.

Camões espalhou por toda parte e para todo o sempre as memórias gloriosas daqueles Reis que foram dilatando as fronteiras da Fé. E cantou o apostolado de outros tantos êmulos de Paulo, a conduzir

«... a não menos certíssima esperança
De aumento da pequena Cristandade ...».

A esperança do poeta não era vã, porque bem e firmemente assentada nos irmãos que louvara nestas palavras:

«Vós, ó novo temor da Maura Lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deus, que todo o mande
Para o mundo a Deus dar parte grande.»

E para que não lhe faltasse engenho e arte, foi atendido na sua súplica às ninfas do Tejo:

«Dai-me uma fúria grande e sonora,
E não de agreste avena ou frauta ruda,
Mas de tuba canora e belicosa,
Que o peito acende e a cor ao gesto muda.»

Nós, brasileiros, vemos em «Os Lusíadas» um monumento literário tão nosso como se escrito por um de nós. Nele, a arte poética brasileira foi buscar a beleza da forma, a perfeição da métrica e a riqueza da inspiração, expressas em toda a sua grandeza na obra incomparável do grande vate.

O Brasil, lusitano na sua origem e em sua índole, reverencia neste momento a memória de Camões, que deu ao mundo um novo exemplo:

«De amor dos pátrios feitos valerosos
Em versos divulgados numerosos.»

E que, a par de tudo isso, operou o milagre de nos dar a maravilha das maravilhas: aquela «última flor do Lácio, inculta e bela». A língua portuguesa, por ele forjada, inspirou a Olavo Bilac os famosos versos:

«Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrollo da saudade e da ternura.»

Meus Senhores,

Associo-me de coração às solenidades com que estamos comemorando o transcurso do IV Centenário da morte do insuperável poeta épico e lírico. O poeta de «Os Lusíadas» e da «Alma minha gentil que te partiste . . .», que todos sabemos de cor.

No dia 10 de junho de 1580, ao chegar ao Céu, há de haver-lhe perguntado o guardião das chaves: «Poeta, que cantaste em tua vida?» E Luiz de Camões poderia ter respondido, como disse Virgílio, na «Eneida»: «*Quaesque ipse miserrima vidi et quorum pars magna fui* . Ou, se me permitem traduzir: «Todos os feitos que meus olhos viram e dos quais fui magna parte».

A mim não admiraria se, então, o próprio Criador houvera tomado emprestado um verso a Catullo, para perguntar a Camões, como eu faço agora: *Quid datus a divis felici optatius hora?* A saber, livremente traduzido: «Que bens haverá no Céu, que possam igualar tua hora feliz?»

Assim haverá de ter chegado ao Céu o poeta máximo da língua que ajudou a criar.

Muito obrigado.

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

16 DE JUNHO
PALACIO DO PLANALTO
BRASILIA-DF
IMPROVISO AO RECEBER O MI-
NISTRO-CHEFE DO EMFA ACOM-
PANHADO DOS ESTAGIARIOS DO
CURSO SUPERIOR E DO CURSO
DE COMANDO DO EMFA

Excelentissimo Senhor Ministro-Chefe do EMFA,

Excelentissimo Senhor Almirante, Comandante da Escola
Superior de Guerra,

Senhores estagiários do Curso Superior e do Curso de
Comando do Estado-Maior das Forças Armadas,

Senhores Membros do Corpo Permanente:

Eu me sinto muito honrado com essa visita que o Mi-
nistro Chefe do EMFA e o Comandante da Escola me
proporcionaram com a presença dos Senhores aqui na
minha casa de trabalho.

Razões tem o Comandante da Escola quando diz que
eu tenho prestigiado a Escola. Mas, o maior prestígio que
eu possa ter dado à Escola, tem sido a maneira como tenho
me valido dos estudos provenientes de lá, da Fortaleza de
São João, e algumas sugestões oportunas que tenho apro-
veitado para adotar no meu Governo. Eu tenho a certeza

de que a Escola Superior de Guerra continuará ainda por muitos anos, a prestar bons serviços ao nosso País.

Muito obrigado aos Senhores pela presença.

16 DE JUNHO
PALACIO DO ITAMARATY
BRASÍLIA-DF

DISCURSO DURANTE JANTAR
OFERECIDO AO PRESIDENTE DA
REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU,
SENHOR LUIZ CABRAL

Excelentíssimo Senhor Presidente da República da Guiné Bissau, Luiz Cabral,

Excelências,

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Honra-me especialmente receber nesta Cidade de Brasília, a visita ilustre de Vossa Excelência, Senhor Presidente, e de sua distinta comitiva.

Entre os países de língua comum, no Continente africano, a Guiné-Bissau foi o primeiro com o qual o Brasil estabeleceu relações. É, também, o primeiro cujo Chefe de Estado temos o prazer de acolher entre nós.

A visita de Vossa Excelência culmina esforços e fortalece, no mais alto nível, a amizade entre nossos povos.

Gostaria de mencionar, a esse respeito — embora com o risco de omissões importantes — as visitas ao Brasil do Comissário dos Negócios Estrangeiros de seu País, em

1975 e 1978. A presença renovada de Sua Excelência, o Senhor Victor Saúde Maria, mais uma vez nos alegra.

Os governos do Brasil e da Guiné-Bissau estão conscientes das grandes afinidades étnicas, históricas, culturais e de temperamento entre nossos povos. Estão conscientes, ainda, das semelhanças e identidades observadas na geografia, no solo e no clima dos dois países.

Nesse quadro, o Brasil e a Guiné-Bissau desenvolveram diálogo construtivo e mutuamente benéfico — desde o início de nossas relações diplomáticas, em 1974. Cooperação, amizade, bom entendimento persistem e reciprocamente se reforçam, desde então.

Como bem sabe Vossa Excelência, a contribuição da África à formação do Brasil é ampla e profunda.

Brasil e países africanos enfrentam problemas semelhantes. Buscamos desenvolver nossos recursos naturais e, por essa via, melhorar as condições de vida de nossas populações. Dos dois lados do Atlântico, procuramos vencer as dificuldades impostas pela geografia.

Nada mais natural, portanto — vencidas as contingências de situações coloniais — que, agora, o Brasil e as nações africanas procurem aproximar-se.

No Brasil, bem conhecemos a luta histórica de Vossa Excelência, ao lado de seu irmão, Amílcar Cabral, e de Aristides Pereira, pela autodeterminação e independência de duas nações irmãs da África: Guiné-Bissau e Cabo Verde.

Amílcar Cabral — impedido tragicamente de ver seu sonho realizado —, Luiz Cabral e Aristides Pereira, são

personalidades cuja importância transcende os limites territoriais de suas lutas pela liberdade.

Senhor Presidente,

O governo brasileiro reafirma a prioridade de relações sólidas e fraternas com a África. Acompanhamos com real interesse — tanto por vocação, quanto por decisão — a caminhada do continente africano em direção à liberdade e ao progresso.

Foi, portanto, com grande satisfação que vimos o nascimento da República do Zimbábue. Acreditamos que o novo Estado, livre e soberano, haverá de contribuir decisivamente para a paz e a prosperidade de todos os povos da região.

Persistem, entretanto, no sul da África a questão da Namíbia e o racismo como política de governo. Continuam a ser ofendidos, ali, os direitos e princípios reconhecidos pela comunidade internacional. Resoluções das Nações Unidas — e sua própria Carta — continuam ignoradas ou desobedecidas.

Tal como a Guiné-Bissau, o Brasil apóia a autodeterminação, a independência e a integridade territorial da Namíbia. Deploramos as incalculáveis perdas em vidas e bens, continuamente infligidas ao seu e a outros povos irmãos.

Em nossa firme convicção, a paz duradoura e a prosperidade da África austral somente se alcançarão se atendidas as justas aspirações de seus povos. Esta mensagem foi ainda há poucos dias, transmitida pessoalmente por meu Ministro das Relações Exteriores, na visita que efe-

tuou para reforçar a amizade e cooperação com cinco países dessa região.

Senhor Presidente,

Brasil e Guiné sabem, por estarem sofrendo seus efeitos, o quanto o atual sistema internacional de relações econômico-comerciais beneficia os países mais desenvolvidos, em detrimento da maior parte da população mundial. Reconhecemos a premente necessidade de reformular-se tal ordenamento injusto. Não é mais admissível procrastinar o advento de uma Nova Ordem Econômica Internacional.

É preciso, porém, que esta seja mais eqüitativa.

E permita a todos os países alcançarem seus objetivos de bem-estar e progresso.

O Brasil acredita que as nações em desenvolvimento têm de conjugar esforços, de maneira criativa, inovadora e intensa, em mútuo benefício. E, em última análise, a bem dos interesses do Terceiro Mundo como um todo. Sem continuar esperando, passivas e inermes, pelas concessões dos relutantes países ricos.

Os países em desenvolvimento podem e devem promover novos fluxos de intercâmbio e de cooperação técnica, cultural e econômica.

Podem e devem reforçar sua solidariedade, diante de problemas comuns.

Podem manter diálogo franco e constante. E devem fazê-lo à base da amizade, da confiança e do bom entendimento.

Em nível bilateral, Senhor Presidente, o Brasil e a Guiné-Bissau têm dado passos seguros nessa direção, observado o respeito à soberania e à não-interferência nos assuntos internos e externos de cada parte.

A cooperação entre nossos países estende-se hoje da agropecuária à formação de técnicos. Do levantamento de dados à execução de serviços. Do comércio à troca de experiências culturais.

Para trás ficam as afirmações pessimistas e as conclusões dos que só enxergam empecilhos e estorvos à colaboração eficiente entre países em desenvolvimento, de recursos escassos.

Os numerosos atos já assinados entre nossos dois países refletem a intensidade de nossas relações. No meu entender, permitem levar adiante as diversas formas de cooperação bilateral, de acordo com os interesses nacionais de cada parte.

A realização da primeira reunião da Comissão Mista Brasileiro-Guineense, em Bissau, em agosto do ano passado, identificou novos campos para a cooperação recíproca, ora sendo explorados. A segunda reunião da Comissão Mista, a realizar-se brevemente em Brasília, haverá de representar novo impulso concreto à expansão das bases já estabelecidas.

Ainda há, naturalmente, muito por fazer, apesar do muito já realizado. A visita com que nos honra Vossa Excelência abrirá, estou certo, novas perspectivas à cooperação horizontal e ao intercâmbio mutuamente vantajoso entre nossos povos e governos.

Imbuído dessa certeza, convido com emoção todos os presentes a erguerem comigo suas taças, pelo estreitamento cada vez maior dos laços de amizade leal e franca entre o Brasil e a Guiné-Bissau; pela saúde e felicidade pessoal do Presidente Luiz Cabral e pela prosperidade crescente do povo irmão da Guiné-Bissau.

Muito obrigado.

17 DE JUNHO
HOTEL NACIONAL
BRASILIA-DF
DISCURSO DURANTE ALMOÇO
OFERECIDO PELO PRESIDENTE
DA REPÚBLICA DA GUINÉ-BIS-
SAU, SENHOR LUIZ CABRAL

Excelentíssimo Senhor Presidente da República da Guiné Bissau, Luiz Cabral:

Muito agradeço a generosidade de suas palavras.

A vinda ao Brasil de Vossa Excelência e de sua importante comitiva simboliza, de forma eloqüente, o apreço e a fraternidade que unem os nossos povos.

Ao convidar Vossa Excelência a visitar o Brasil, tive presente os vínculos que nos ligam e a oportunidade de fortalecê-los e de dar-lhes conteúdo mais dinâmico. Moveu-me, ainda, a lembrança sempre viva da luta do povo da Guiné-Bissau por sua independência.

O relacionamento do Brasil com a Guiné-Bissau e com a África desenvolve-se num quadro de cooperação espontânea; de interesse recíproco; de igualdade e de respeito às individualidades nacionais.

Nossos crescentes vínculos com as nações africanas refletem a consciência da necessidade de promover-se uma

aproximação cada vez maior entre países em desenvolvimento, em benefício de todos.

Dentro de nossas possibilidades, estamos dispostos a cooperar com os nossos irmãos africanos.

Com a Guiné-Bissau, já temos um conjunto de programas e projetos — expressão concreta dessa disposição. Mas, não vemos a cooperação como estrada de sentido único. Desejamos transmitir nossos conhecimentos e experiências a nossos irmãos da África e do Terceiro Mundo. Mas desejamos, também, receber e aproveitar seus ensinamentos.

Senhor Presidente,

Para nós, brasileiros, é motivo de satisfação que a visita de Vossa Excelência se estenda a outras regiões do Brasil. Sua estada em São Paulo e no Rio de Janeiro, e os contactos que Vossa Excelência manterá nesses centros, bem servirão para dar-lhe visão mais ampla de nosso País.

Nesse espírito, desejo brindar ao desenvolvimento de nossas relações, ao progresso continuado do povo guineense e à saúde pessoal de Vossa Excelência.

Muito obrigado.

19 DE JUNHO
PALACIO PAIAGUAS
CUIABA-MT
IMPROVISO AO RECEBER EM-
PRESARIOS DO ESTADO

Meus Senhores:

Eu agradeço aos Senhores empresários pela demonstração de cortesia para comigo, vindo aqui ao meu encontro. Como agradeço, também, a franqueza, com que os Senhores acabam de expor os problemas do Estado.

Eu poderia iniciar o meu agradecimento dizendo aos Senhores que conheço bem os problemas do Estado, porque tomei parte na decisão no Governo do Presidente Geisel, no desmembramento do então Estado de Mato Grosso.

Tinha presente as dificuldades iniciais que iríamos encontrar e jamais contava que essas dificuldades viessem recair sobre os meus ombros aumentadas com a crise do petróleo, que eu não imaginava àquela época, que chegasse ao ponto a que chegou.

Basta lembrar aos Senhores que eu recebi o Governo com o barril do petróleo custando 12 dólares. E agora, um

ano e três meses depois, estamos a 32 dólares o barril. E a Nação está fazendo um esforço para exportar vinte bilhões de dólares, dos quais mais de dez são consumidos no pagamento da conta de petróleo, e dez vão ser pagos, tendo em vista a nossa dívida externa.

Por aí, os Senhores têm uma idéia de que nós, brasileiros, estamos trabalhando para pagar a dívida externa e para pagar o óleo importado. Daí a importância que estou dando aos programas alternativos de energia, em particular ao Programa do Alcool e ao Programa do Carvão. Mas, razões têm os Senhores em todos os problemas que apresentaram. E eu os tenho bem presentes. Mas, eu poderia resumir todos os problemas apresentados num só recurso.

Não há dúvida que o Brasil, no momento, no que diz respeito ao seu problema econômico, só tem um problema: a falta de recursos para desenvolver os seus projetos prioritários. Poderia dizer que se eu tivesse tomado as palavras dos Senhores e as tivesse transportado para o Estado de Goiás, do Piauí, do Pará, para o Amazonas, para o Nordeste, inclusive para os Estados mais desenvolvidos como o Rio Grande do Sul, a tônica seria a mesma. Todos acham que os seus problemas são os que vão salvar o Brasil. Todos têm razão, porque todos têm, de fato, problemas importantes, que resolvem a situação do País. Acontece que, no momento, eu não tenho condições. E tanto é verdade que, hoje, reuni o CDE para fazer um corte de 15 por cento nas empresas estatais, e diminuir as importações em cerca de 1 bilhão e 100 milhões de dólares, para possibilitar a minha promessa que fiz antes de tomar posse, ainda como candidato, de dar o máximo

apoio à agricultura. Porque eu não tinha como dar crédito à agricultura sem fazer esse corte.

Daí os Senhores podem ver as dificuldades que o Governo tem presente para fazer face a essas necessidades.

Há cerca de uns seis a sete meses atrás, estive em Rondônia. Só para o escoamento da produção de Rondônia, em estradas vicinais, eu necessitava de cerca de 1 bilhão de cruzeiros, que até hoje não dispus. Vejam os Senhores. Um problema pequeno. Localizado, necessário, porque a safra está estrangulada. Aqui está o nosso Ministro Eliseu Rezende, que está fazendo o possível para arranjar modos e meios para possibilitar o transporte que nos facilite o escoamento da nossa produção em várias regiões do País. E mesmo assim, não temos conseguido, mas, continuaremos dando o nosso apoio maior à agricultura. E ele mesmo, ontem reclamou porque cortei 15 por cento do orçamento e ele vai ter que diminuir algumas estradas muito importantes para fazer frente às necessidades dos Senhores.

Eu agradeço a franqueza com que os Senhores me falaram e quero crer que, a partir do ano que vem, se os árabes nos permitirem, terei condições de apoiar os Senhores. Por enquanto, o máximo que posso fazer é apresentar esses poucos recursos, que não foram inventados, cada cruzeiro, cada dólar que apresento aos Senhores, é cada cruzeiro, é cada dólar que eu tiro de outro problema.

Mas, vamos em frente!

Muito obrigado.

(c)

 $\frac{1}{2}$
 $\frac{1}{2}$
 $\frac{1}{2}$
 $\frac{1}{2}$
 $\frac{1}{2}$
 $\frac{1}{2}$
 $\frac{1}{2}$
 $\frac{1}{2}$
 $\frac{1}{2}$
 $\frac{1}{2}$
 $\frac{1}{2}$

(d)

(e)

19 DE JUNHO
PALACIO PAIAGUAS
CUIABA-MT
IMPROVISO AO RECEBER POLI-
TICOS DO ESTADO

Meus Senhores:

Eu agradeço, sobretudo, a presença dos Senhores, na oportunidade da minha passagem aqui por Cuiabá. Agradeço esta demonstração de coesão, com que os Senhores acabam de me confortar, com suas presenças aqui.

Nesta oportunidade, desejaria lembrar aos Senhores que, como intérpretes maiores do Estado, das aspirações do nosso Partido, elementos de ligação com a massa, com o povo que vai votar e vai dizer se temos ou não razão, quero lembrar aos Senhores, que desde a campanha eleitoral última, então ainda candidato à Presidência da República, fiz algumas afirmações e promessas que foram recebidas com dúvida e, às vezes, até com ironia, pela Oposição.

Jamais poderiam acreditar que as minhas promessas fossem viáveis.

Aí está a anistia. Muito mais ampla que a anistia proposta pela Oposição. Não temos mais brasileiros cer-

ceados em sua liberdade. O último, ao que sei, vai ser posto em liberdade esta semana. Os que estão no estrangeiro, estão porque desejam. E os que voltaram, aqui estão com a liberdade, inclusive, de combater o Governo.

Prometi a liberdade de imprensa. E aí está a imprensa a dizer o que bem entende, verdade ou não.

Prometi o pluripartidarismo, e ele está aí implantado, a despeito de todas as reações partidas da Oposição. Prometi eleição direta para o governador, e já temos no Congresso, a mensagem do Executivo propondo a volta das eleições diretas estaduais.

A imprensa, de outro lado, usa de todos os meios para difundir o que é mau, e esconde, justamente, aquelas coisas que o Governo tem feito com sacrifício, em benefício do povo brasileiro.

Tudo isto eu espero que os Senhores digam ao povo. E eu tenho certeza que o povo há de compreender, que não podemos transferir para a nossa atividade política, as nossas atividades econômicas.

O que as oposições têm reclamado, de uma maneira genérica, eu tenho cobrado os processos para realizar. Falam em melhor distribuição de renda. Quem não a quer? Eu perguntei aos elementos da Oposição: me dêem um processo a curto prazo para que eu possa melhor distribuir a renda. E ninguém até hoje me respondeu.

Falam em falta de recursos, dizendo que é a atuação do Governo que está levando o País a este impasse econômico, a esta crise econômica dizendo, até mesmo, infantilidades como esta: que o preço do petróleo importado não tem influência no processo inflacionário. Dizem ser capa-

zes de, modificando o atual sistema econômico, em prazo curto, melhorar as condições de vida do povo brasileiro. Mas, até hoje, nenhum deles me afirmou qual é esse mecanismo econômico. Eu os convido a dizer.

As teses que eles dizem genéricas, todos nós aplaudimos, todos nós queremos a melhoria das condições de vida da população. Todos nós queremos uma melhor distribuição de renda. Todos nós reconhecemos as dificuldades do assalariado. Mas eu quero saber como, em curto prazo, com as dificuldades que temos, face à conjuntura nacional, como poderemos resolvê-las. E até hoje não me têm respondido. Eu tenho certeza de que os Senhores saberão dizer ao povo a verdade, para poder rebater essas acusações que a Oposição tem feito. Neste particular, eu tenho a certeza que conto com o apoio de todos os políticos de Mato Grosso.

Muito obrigado.

1. The first part of the document is a list of references.

2.

3. The second part of the document is a list of references.

4.

5. The third part of the document is a list of references.

6.

7. The fourth part of the document is a list of references.

8.

9. The fifth part of the document is a list of references.

10.

11.

12.

13.

14.

15.

16.

17.

26 DE JUNHO
PRAÇA DA BANDEIRA
CAMPINA GRANDE-PB
IMPROVISO DURANTE ENTREGA
DE TÍTULOS DE TERRA

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Eu desejo apenas agradecer ao povo de Campina Grande esta generosa recepção com que fui acolhido aqui na Cidade.

Recepção que vai muito além da minha expectativa e que sobreleva mais ainda em face do muito pouco que eu trouxe para Campina Grande e para a Paraíba, em face das suas necessidades. Neste momento, lembro, ao pisar novamente o Nordeste, o sofrimento do nordestino habitualmente do sertão, que por anos e anos vem resistindo ao flagelo da seca sem que nós, dirigentes, encontremos uma solução definitiva que lhe possibilite tirar da terra o seu sustento por essas ocasiões de sofrimento. Se o povo nordestino tem sofrido com a seca, ele, por outro lado, tem resistido. Porque o Nordeste é um forte. Mas, é nosso propósito, e creio que agora encontramos a solução mais rápida e mais lógica: fazer com que ao invés de corrermos para combater os efeitos da seca sobre o nordestino, nós corramos um pouco mais depressa

para fazer que o nordestino possa superar esta seca e continuar a produzir em sua terra.

Se o problema da seca é falta de água, a solução lógica é proporcionar água quando São Pedro não dá. Sei dos recursos disponíveis face às dificuldades económicas por que passa o País. São escassos, para uma solução a curto prazo. Mas tenho a convicção de que esta é a solução certa e que dentro de minhas possibilidades, sem criar recursos inflacionários, eu vou retirar daqueles a quem São Pedro não esqueceu de proporcionar um pouco mais de recursos para que este prazo não seja dilatado,

Agradeço a todos os Senhores esta magnífica acolhida que me deram e que bem reflete o estado de espírito do nordestino e que tanto me conforta. Porque vejo, aqui em Campina Grande, que o povo ainda sabe discernir, e sabe discernir bem, as razões porque que os problemas não são solucionados como nós queremos e como é de nossa vontade. O povo sabe discernir bem entre as intenções e as possibilidades, mas sabe também discernir com quem está a razão e quem está falando a verdade.

Daí porque saio de Campina Grande reconfortado, pois vale a pena às vezes ser injustiçado e até mesmo injuriado por alguns, quando se encontra esta receptividade, esta generosidade na interpretação de meus amigos. E é como eu interpreto a presença dos Senhores aqui neste momento.

Muito obrigado.

27 DE JUNHO
SEDE DO SENAI
PETROLINA-PE

IMPROVISO DURANTE INAUGURAÇÃO DA «ESCOLA EUCLYDES FIGUEIREDO»

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Ao homem do Nordeste, por vezes, a natureza impiedosa, o solo calcinado, a falta de água não lhe permitem ter ao menos os meios para subsistir, e no entanto, através dos tempos, o nordestino tem subsistido. Ao agradecer a homenagem que fazem à memória de meu pai, eu devo transformar este agradecimento em um outro meu, a este povo nordestino, que pela sua determinação em não sucumbir, pela sua determinação de vencer os obstáculos que a natureza se lhe antepõe, permite que venha aqui um homem que viveu também de sua determinação em não permitir que este País descambasse para a desordem e para um regime que não o democrático. Se aqui ele estivesse, estaria satisfeito por ver que as coisas que ele fez e que disse e até as coisas que ele não fez, porque não quis, porque não deveriam ser feitas, em benefício do País, encontram guarida aqui nesta gente que razões de sobra tem para estar revoltada com a Natureza. E o pouco que consegui aprender foi com suas lições e os seus exemplos. É o que eu tenho procurado fazer como

trilha para o meu Governo, não desistindo, apesar das dificuldades por que o País atravessa, dificuldades importadas de fora de nossas fronteiras, não desistindo de todo tipo de desenvolvimento, um mínimo de desenvolvimento, e ao mesmo tempo não aceitando de forma alguma que nos desviemos daqueles caminhos que em 1932 ele lutou em São Paulo para defender. Os esforços que tenho feito para buscar a conciliação nacional, os apelos mesmo que tenho feito para que nos juntemos todos para vencer estes obstáculos que são conjunturais, não têm sido aceitos por todos. Alguns até desconfiam de minha palavra, mas eu posso assegurar ao povo do Nordeste, que eu vou fazer o que ele me ensinou. E para atingir esses objetivos, eu conto justamente com esta determinação de querer as coisas, que é quase um apanágio do nordestino. Outros podem duvidar, outros podem fraquejar, mas eu tenho certeza que, com a gente do Nordeste, eu hei de conseguir chegar até àquela democracia com que nós sonhamos; àquela democracia respaldada na lei, e não aquela outra democracia sem lei, que é, ao que parece, o que alguns poucos desejam para infelicitizar esta Nação. Sei que os caminhos a percorrer não são fáceis, mas tenho o exemplo do povo do Nordeste. O nordestino continua vivo e forte e acreditando neste País, apesar do seu sofrimento. Eu não tenho o direito de fraquejar, quanto mais que eu mostrei que o nome de meu pai está aqui conjugando o seu passado com a história de sofrimento da gente do Nordeste.

Muito obrigado.

27 DE JUNHO
PREFEITURA MUNICIPAL
JUAZEIRO-BA

IMPROVISO AO VISITAR A CI-
DADE

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Os agradecimentos que acabo de escutar, na palavra do Sr. Governador do Estado, Antônio Carlos Magalhães, e na palavra do Senador Lomanto Júnior, pelos benefícios que o meu Governo, neste primeiro ano e três meses pôde trazer a esta região, eu devo somar aos agradecimentos, não menos veementes, que escutei do Governador Marco Maciel e do Senador Nilo Coelho, de Pernambuco.

Se bem possam me deixar bastante satisfeito, devo confessar que não satisfizeram ou não vão sufocar a minha sede de melhorar a região nordestina. E isto porque reconheço — humildemente reconheço — que por mais sacrifícios que esses recursos tenham custado ao meu Governo, sacrifícios esses decorrentes da situação econômica difícil por que passa o País, consequência da crise internacional, devo reconhecer, que eles não estão ainda condizentes com o mínimo das necessidades do povo e da região do Nordeste.

Quem deveria estar aqui para agradecer, ao invés de receber agradecimentos, seria eu, para agradecer perante as autoridades da região e perante o povo, para que desculpem os poucos recursos, porque esses, na realidade, são os recursos de que disponho. E para agradecer ao povo ter vindo aqui, apesar de tudo, para dar-me esta generosa acolhida que ora presencio.

E ao fazer este agradecimento, devo dizer ao povo desta terra que volto para Brasília com o incentivo que recebi, de paraibanos, pernambucanos e baianos, nesta viagem, e que me darão forças para rebuscar, mais ainda, onde encontrar os recursos para fazer face àqueles problemas que julgo prioritários para a região.

E ao agradecer, também, ao Senador Lomanto Júnior, que disse que estou predestinado a entrar na História, eu devo confessar ao povo da minha terra, que não me preocupa, absolutamente, entrar na História. O que me preocupa, muito, é ficar nela, decentemente. Preocupa-me, muito mais que ter nomes para que a História requisi-te é poder estar bem com a minha consciência e dormir tran-quílo todas as noites. O que me preocupa muito mais, muito mais do que entrar na História, é entrar, é poder entrar no Céu.

E esta minha preocupação, após o juramento que fiz, o compromisso que tomei perante a Nação, de fazer deste País uma democracia, me preocupa muito, mas muito mesmo. É que muitos se esquecem que, dentro desse ju-ramento meu, está também implícito o de não permitir que isto aqui seja uma anarquia.

E, entre levar a minha Pátria à democracia que nós entendemos e nós sonhamos, e, entre não permitir a anarquia, eu tenho a Lei ao meu lado. A Lei vai ser cumprida para que possamos continuar, a despeito de todas as dificuldades econômicas, a crescer à base que faz inveja — até aos países desenvolvidos —, de seis por cento ao ano.

E é para continuar nesta caminhada, que eu agradeço ao povo desta terra o incentivo que me deu com esta acolhida generosa. Muito obrigado aos Senhores.

30 DE JUNHO

AEROPORTO INTERNACIONAL
BRASILIA-DF

DISCURSO POR OCASIAO DO DE-
SEMBARQUE DE SUA SANTIDA-
DE O PAPA JOAO PAULO II

Beatíssimo Padre:

À chegada de Vossa Santidade ao Brasil, quero expressar-lhe os sentimentos de particular apreço de todos os brasileiros. Mas do que as palavras, deles darão testemunho o carinho, o entusiasmo e o afeto com que Vossa Santidade será acolhido em todos os lugares a que o levar sua extensa e certamente proveitosa peregrinação em nossa terra.

Formado à sombra da Cruz, tem o Brasil, pela primeira vez, a ventura de receber o sucessor de São Pedro, Pastor da Igreja Universal.

Culminam, assim, não só meses de cuidadosa preparação, mas também os anseios de um povo que se orgulha de ter estado sempre voltado para os ensinamentos de Cristo. Ao conhecer mais de perto o nosso País, Vossa Santidade, na sua solicitude pastoral, comprovará a fé inabalável que caracteriza o nosso povo.

Estou seguro de interpretar o sentimento mais entranhado da gente brasileira ao saudá-lo com as palavras bíblicas: «bendito o que vem em nome do Senhor».

Evoco a saudação tradicional, na dupla qualidade de Chefe do Estado e de católico. Em sua viagem pelo Brasil, Vossa Santidade terá oportunidade de ver alguns milhões de outros fiéis, que acorrerão às praças e ruas de nossas cidades, para ver o chefe da Igreja, e com ele orar.

De todas as partes, o povo de Deus juntará sua voz à do Sumo Pontífice, para pedir as graças mais caras a todos nós: a paz, a concórdia e a solidariedade entre os povos, pois somos todos irmãos, filhos do mesmo Criador.

Com estas palavras, posso dizer ao Santo Padre, como estão fazendo todos os brasileiros:

Seja bem-vindo a nossa casa. Ela é sua.

30 DE JUNHO
PALACIO DO PLANALTO
BRASILIA-DF

DISCURSO AO RECEBER SUA
SANTIDADE O PAPA JOAO PAU-
LO II

Beatíssimo Padre:

É com a mais profunda emoção que o povo e o governo brasileiros, eu próprio, minha família e meus auxiliares recebemos Vossa Santidade, na Terra de Santa Cruz. Este é um momento de imensa alegria e de grandes esperanças para o Brasil.

Por minha voz, falam cento e vinte milhões de brasileiros. Saudamos em Vossa Santidade o sucessor de São Pedro, o Vigário de Cristo e chefe visível da Igreja.

O Brasil está indissolivelmente ligado, pela História, pela fé e pela fidelidade, à cátedra romana e, em particular, ao anel do Pescador.

Ao descobrir a terra que hoje acolhe Vossa Santidade, o navegador Pedro Álvares Cabral dela tomou posse em nome da Coroa Portuguesa, mas também em nome de Cristo. Como para reforçar este caráter, deu-lhe o nome de Ilha de Vera Cruz.

O trabalho incansável de catequese dos missionários garantiu a preeminência dos valores evangélicos no Brasil, desde o instante mesmo em que se iniciou a formação da nacionalidade. Não é demais assinalar que o primeiro fato histórico, acontecido logo após o descobrimento, foi a missa rezada em terra firme por Frei Henrique de Coimbra, no dia 26 de abril de 1500. A importância desse ato, ao mesmo tempo cívico e religioso, para a nascente Pátria inspirou numerosos artistas brasileiros, que nele encontram o primeiro passo de expressão e integração nacional.

Do mesmo modo, é inestimável a contribuição da Igreja para a convivência igualitária e aberta entre os brasileiros de todas as origens. A identidade nos ideais e a comunidade na língua, aliada à universalidade na fé cristã, constituem os fundamentos éticos, culturais e filosóficos da maravilhosa unidade deste país-continente.

Como exemplo do ministério de abnegação e de devotamento apostolar, aí está a vida e a obra do Padre José de Anchieta. Os brasileiros acompanharam a cerimônia de sua beatificação, no domingo passado, sob grande emoção e tocados pelo mais vivo reconhecimento.

Brasília, por onde começa sua visita, é o ponto vislumbrado no sonho premonitório de São João Bosco, no Século XIX. Aqui, no centro geográfico deste País, fez-se, como ele profetizara, a nova capital brasileira, por título justo denominada a Capital da Esperança.

É também motivo especial de satisfação para mim assinalar o antigo e harmonioso relacionamento entre a

Santa Sé e o Brasil. Sob o glorioso pontificado de Vossa Santidade, o Governo brasileiro acompanha sua intensa e lúcida atuação no mundo atual.

A História haverá de creditar a Vossa Santidade — pela sua presença peregrina, pela confiança que sua palavra desperta, pelo testemunho de sua ação universal — os progressos que viermos a alcançar no empenho de estabelecer o verdadeiro espírito de cooperação e entendimento nas relações entre os povos e os Estados.

Nesse contexto, meu País associa-se tradicionalmente ao espírito e aos objetivos que presidem a celebração do Dia Mundial da Paz. Da mesma forma, acompanhamos e estimulamos os esforços da Santa Sé em prol do desarmamento, e em favor da redução das distâncias que perigosamente separam os países pobres dos países ricos.

A nação brasileira — cristã em sua quase totalidade — tem-se beneficiado da constante e profícua solicitude da Igreja, em sua missão de educar os jovens, assistir os necessitados, consolar aqueles que sofrem. E olhamos para o futuro confiantes na continuidade do ministério próprio e insubstituível.

Quis a Providência que a visita de Vossa Santidade à mais numerosa nação católica da terra se fizesse em momento particularmente difícil para toda a humanidade. De nossa parte, nós, brasileiros, vivemos os dramas de nosso tempo.

Mas somos um País realista, na consciência de nossos problemas e oportunidades. Somos, por isso, um povo otimista. Confiantes na proteção divina, reunimos forças

— povo e Governo — para superar obstáculos e vencer dificuldades.

Assim, neste final de século XX, o Brasil pode descortinar com serena certeza o dia em que se realizarão as aspirações de todos os seus filhos, por uma vida melhor, mais digna e mais segura.

Trilhar este rumo bom e justo é árdua empreitada. Confiamos todos, entretanto, em que a visita de Vossa Santidade, suas inspiradas palavras e sua generosas bênçãos darão novo alento a todos os brasileiros em nosso caminho.

O que procuramos sem cessar; o que ardentemente desejamos; aquilo em que empenhamos todas as forças; o que constitui o objetivo supremo deste povo é instaurar uma era de justiça e paz, de desenvolvimento e bem-estar, de amor a Deus e ao próximo.

Assim nos ajude o Senhor nosso Deus, cujas bênçãos pedimos sempre, para todos e cada um dos seus filhos brasileiros.

Muito obrigado a Vossa Santidade.

03 DE JULHO
SEDE DA AGROQUIMICA
SINOP-MT
IMPROVISO AO VISITAR A CI-
DADE

Senhor Governador do Estado de Mato Grosso, Frederico Campos, meus caros Patrícios que trabalham nesta Capital:

Eu devo agradecer ao bom Deus por haver me induzido à decisão de visitar esta área e conhecer de perto o que um punhado de brasileiros, confiantes no futuro de nossa Pátria, estão realizando em benefício de todo o Brasil. E devo agradecer, principalmente, não apenas pelas palavras do Sr. Governador e do Sr. Ênio Penido, mas também pelo estímulo que esta visita me dá, na certeza de que a minha decisão inicial de dar prioridade à agricultura, no meu Governo, estava certa.

Ainda candidato à Presidência da República, dizia eu, ao defender a prioridade para a agricultura, que ela serviria, quando muito, para permitir que o povo brasileiro se alimentasse melhor e mais barato. Dizia eu que a prioridade à agricultura iria diminuir o êxodo rural para grandes cidades e que tantos problemas de saneamento, de habitação, de saúde, de transporte, de mercado de trabalho traziam de preocupação para os administradores.

Dizia eu que a prioridade Agricultura iria permitir que exportássemos os nossos excedentes, que iríamos dar recursos para desenvolvermos este País, sem dependência dos recursos externos.

Dizia eu que a prioridade à agricultura iria permitir o que estou vendo aqui, não apenas um movimento de integração nacional, mas principalmente a ocupação do nosso território e o seu aproveitamento. E dizia ainda mais que a prioridade à agricultura iria poder ver os recursos que a indústria tanto reclamava.

Hoje, vejo aqui, com a maior satisfação, que a terra está dada aos que trabalham nela e nela produzem. Hoje estou vendo aqui nascer uma comunidade. Eu quisera viver quinze anos mais para aqui voltar e testemunhar o que será esta comunidade.

De tudo o que já me foi dado sentir, nestes poucos instantes que aqui estive, devo ressaltar, principalmente, a confiança com que os senhores estão depositando na orientação que está sendo dada à colonização da área.

Eu devo dizer, de minha parte, como responsável maior, que apesar das dificuldades por que passa o nosso País, decorrente do preço do petróleo importado, devo dizer aos senhores que vou pensar e repensar para dar a esta área aquilo que julgo de sua maior necessidade, para que eu tenha aquela satisfação, dentro de quinze anos, se estiver vivo, de ver implantadas as duas necessidades básicas para que esta região possa explodir em produção e possa, de fato, beneficiar todo o País com o celeiro maior que será o Brasil: energia e transporte.

Se o meu Governo conseguir cooperar substancialmente para dar a esta região o transporte e a energia de que necessita, devo somar isto ao entusiasmo e confiança dos senhores. Eu poderei dizer que posso morrer feliz porque estará assegurado o futuro do nosso País.

Muito obrigado.

03 DE JULHO
ARMAZÉM GERAL
ALTA FLORESTA-MT
IMPROVISO AO VISITAR A CI-
DADE

Senhor Governador do Estado de Mato Grosso, Frederico Campos,

Senhor Prefeito de Alta Floresta,

Senhores Parlamentares, demais Autoridades, meus Patícios de Alta Floresta:

Eu tenho viajado muito pelo nosso Brasil. Das planícies do Rio Grande do Sul às florestas da Amazônia, das praias do Nordeste até os nossos confins da fronteira Oeste. Tenho visto muitas coisas que entristecem e que desafiam a vontade do governante para repará-las, para saná-las ou para atenuá-las.

Mas tenho visto, também, muita coisa dignificante. Muita coisa que compensa o esforço que fazemos para persistir em um desenvolvimento capaz de levar, a médio prazo, o nosso País, a uma situação melhor na comunidade internacional, e em particular a um País que dê a seus filhos uma vida digna.

Mas, entre todas as viagens que tenho feito, a mais gratificante — posso assegurar aos Senhores — foi esta

que fiz hoje à Colonização de Sinop e esta, agora, de Alta Floresta. A mais dignificante porque, aqui, repito o que disse em Sinop, venho receber o estímulo e a concordância daqueles que acreditaram e continuam acreditando na ênfase e na prioridade que eu quero e devo dar à agricultura em nosso País.

E é gratificante para mim saber que, apesar das dificuldades econômicas por que passa o nosso País, os poucos recursos que o meu Governo tem posto à disposição dessa área não têm diminuído o entusiasmo de todos aqueles que aqui labutam, em particular do colono que trabalha a terra e que há de fazer, em prazo curto, dessa região o celeiro de nossa Pátria.

Repito, saio de Alta Floresta gratificado. Mais emulado ainda. E só posso dizer aos Senhores que venho trazer meu abraço e meu aplauso e a promessa de que, entre os poucos recursos de que eu possa dispor, a parte substancial vai ficar para os Senhores que acreditam nesta Pátria e têm confiança na minha palavra.

Muito obrigado.

17 DE JULHO
PALACIO DO PLANALTO
BRASÍLIA-DF
IMPROVISO PELA PASSAGEM DO
I ANIVERSARIO DO PROGRAMA
NACIONAL DE DESBUROCRATI-
ZAÇÃO

Minhas Senhoras, meus Senhores:

O Ministro Hélio Beltrão vem ao meu Gabinete com seus auxiliares, após um ano de trabalho e de esforço no Programa de Desburocratização da administração pública, para agradecer o apoio que eu tenho dado às suas idéias e sugestões.

Como bem salientou o Sr. Ministro, antes mesmo de ser investido na Presidência da República, já eu dava ênfase à necessidade de facilitarmos, um pouco mais, a administração do País.

E tão logo foi possível, fui buscar o Ministro Hélio, a quem dei a incumbência e total liberdade, para que propusesse aquelas medidas mais urgentes.

Jamais poderia esperar que passado um ano nós tivéssemos atingido o ponto que atingimos. Eu esperava que, ao fim de um ano, as portas fechadas da burocratização tivessem apenas os seus gonzos um pouco mais

azeitados e hoje vejo, com felicidade, que muita coisa já foi feito, muito mais, confesso aos Senhores, do que eu poderia esperar, tanto mais sabendo da reduzida equipe com que conta o Ministro Hélio Beltrão.

De maneira que eu é que devo agradecer ao meu Amigo Hélio Beltrão a cooperação que ele tem dado e tenho certeza, porque acompanho os seus trabalhos, que, se mais não foi feito, é porque a nossa legislação tem que ser alterada.

Se mais não foi feito, não foi por falta de compreensão da administração e dos responsáveis pela administração da opinião pública.

Se mais não foi feito, é porque de fato a nossa legislação estava desburocratizada.

Eu tenho a certeza de que não há uma só voz neste País que, nesse particular, não só tenha aplausos para esta iniciativa do meu Governo.

Até os insensatos têm apoiado os atos propostos pelo Ministro Hélio Beltrão. Eu me congratulo e me felicito por haver buscado o homem certo para o lugar certo, e agradeço aos Senhores a colaboração que têm dado e tenho certeza que, num prazo relativamente curto, as filhas estarão desaparecidas.

Muito obrigado.

24 DE JULHO
COJUNTO HABITACIONAL
«ABOLIÇÃO III»
MOSSORÓ-RN
IMPROVISO AO INAUGURAR O
CONJUNTO HABITACIONAL

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Inicialmente, eu desejava agradecer as palavras do senhor Prefeito, do senhor Governador do Estado, e a veemência com que o Ministro Mário Andreazza falou a respeito dos esforços que tenho feito face aos problemas do Nordeste.

Se é verdade que a vontade de realizar pudesse ser feita com os recursos necessários, o que eu fiz para o Nordeste foi muito pouco. Os poucos, escassos, pequenos recursos que tenho conseguido colocar no Nordeste, posso assegurar aos brasileiros do Nordeste que eu tenho feito em detrimento de outras áreas, porque já não temos de onde tirar mais recursos.

Os recursos que atualmente dispomos, recursos produzidos pelo esforço dos brasileiros, e que são exportados, têm servido apenas para pagar a nossa conta de importação de petróleo e a nossa dívida externa. Nada mais desta para o desenvolvimento do País.

Mesmo assim, retirando de alguns, em proveito de outros, nós temos conseguido, neste ano e pouco de Governo, elevar o desenvolvimento do conjunto brasileiro a mais de 6% ao ano, a maior taxa registrada no mundo, no ano passado. Isso registro, para mostrar o esforço que a nossa gente tem feito, e quando digo nossa gente, são vocês que trabalham e tem feito, apesar das calamidades que têm se abatido sobre o nosso País nestes últimos anos.

Basta lembrar que em 1973 um barril de petróleo custava menos de dois dólares. Ao assumir o Governo, o barril custava 12 dólares e hoje estamos pagando entre 32 e 34 dólares e já estamos ameaçados por um novo aumento.

Tudo isso não abateu o nosso ânimo e estamos enfrentando alternativas para a substituição do petróleo que, a médio prazo, mostrarão que o País pode ficar livre dessa imposição do petróleo estrangeiro. Projetos há que não podem parar. Entretanto, são compromissos internacionais, são necessidades urgentes, para que o desenvolvimento do País não pare.

Aí está Itaipu. Aí estão as barragens do São Francisco. Aí está Tucuruí. Aí estão as hidrelétricas que estamos construindo. Aí estão as estradas para o escoamento desta safra que o esforço dos brasileiros levou, o ano passado, a 52 bilhões de toneladas de grãos, a maior safra da história, e que não pode ficar no chão. Aí está o esmaís de 6% ao ano, a maior taxa registrada no Mundo, no Plano Habitacional. Aí está o esforço que fazemos para impedir que o homem abandone o campo e transforme as nossas grandes cidades em cidades-problemas, como São Paulo e Rio de Janeiro.

Todos esses projetos, os projetos de irrigação para a nossa produção agrícola e outros mais, não podem parar. Mesmo assim, vez por outra, tenho que tirar recursos desses projetos para fazer face à calamidade que há dois anos se abate sobre a região nordestina, que é a seca.

Então, como disse o Ministro Andreazza, ao invés de socorrermos os afligidos pela seca, nós devemos é dar-lhes condições de aceitar as agruras da natureza e saber conviver com a rudeza da falta d'água. Dizia eu, outro dia, em Pernambuco: se há falta d'água, vamos trazer água para cá, para que o homem não saia de sua região. Este grande esforço que o Ministro do Interior, em ligação com os governos estaduais, está fazendo é para possibilitar ao homem do campo enfrentar as agruras da seca, sem abandonar o seu torrão natal.

Mas tenho que dizer aos Senhores que reconheço, repetindo, que os recursos ainda são poucos, muito poucos, mas prazam aos céus que possamos desenvolver o nosso plano energético e minorarmos a nossa conta de pagamento de petróleo. E, então, eu prometo aos Senhores que esta economia que fizemos na importação de petróleo virá substancialmente para esta região de 35 milhões de brasileiros.

Muito obrigado.

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

25 DE JULHO
ENGENHO MASSANGANO
RECIFE-PE
IMPROVISO AO VISITAR A CI-
DADE

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Eu confesso aos Senhores que algumas passagens do Padre Melo conseguiram me emocionar. E me emocionaram porquanto lembrei, com as suas palavras, os momentos mais difíceis — talvez — de minha vida quando, tirado de dentro do meu Exército, e transformado, de uma hora para outra, em candidato à Presidência da República, eu tive a ousadia de vir para a praça pública dizer apenas o que eu sentia e o que eu queria, e, ao mesmo tempo, sentindo que muitos dos brasileiros não acreditavam nas minhas afirmações.

Disse coisas tais que a muita gente desgostei nesta terra. Disse coisas duras, e sobre mim se abateram palavras duras de adversários e amigos, e eu me sobressaltava apenas porque, eu não poderia dizer outra coisa a não ser aquilo, porque era, de fato, o que eu sentia e o que pensava. Eu não podia agredir minha consciência, dizendo apenas o que lhes interessava politicamente. Momentos houve, até, que, num desespero, em praça pública, eu cheguei a dizer por mais de uma vez: Se querem um presidente que diga coisas agradáveis, busquem outro

candidato. Porque eu sou aquilo que eu sou. E não vou mudar.

Em prazo relativamente curto, comecei a sentir que já havia brasileiros acreditando — já não digo no acerto das minhas palavras, mas, pelo menos, na sinceridade com que eu as pronunciava.

E, entre tantos problemas importantes da nossa terra, eu afirmava, àquela época, que o essencial para mim, o mais premente, era o problema fundiário, era o problema da terra. E, hoje, tenho a satisfação de ouvir do Padre Melo a repetição daquilo que dizia como candidato: o problema da terra não é um problema ideológico, é um problema de justiça. E esta eu vou fazer, com os recursos que dispuser, mas vou fazer de acordo com a minha consciência.

É verdade que este problema não foi encarado de início com a urgência que requeria. Posso confessar que não tive capacidade, de início, para contornar as dificuldades, ou para afastá-las de maneira a enfrentá-lo como queria. Até que, por sugestões de auxiliares meus, veio a feliz idéia de se criar um organismo especial que me assessorasse nesse sentido. E o Padre Melo me vem, bondosamente, perante os senhores, me dar nota dez para essa gente. A minha ingratidão para com meus auxiliares não vai a ponto de dizer que eles não merecem essa distinção, mas, antes, muito antes, eu prefiro dar grau dez aos Senhores, que suportaram com paciência todo esse tempo para permitir que a solução viesse.

Vejo dito em algumas faixas que o povo do campo acredita em mim. Fico muito agradecido por essa afir-

mação, principalmente porque, ela resulta de uma outra. É que eu antes, muito antes, acreditava nos senhores. E, por isso mesmo, não temia uma pequena protelação, porque sabia que os senhores tinham líderes responsáveis, que iam permitir que o Governo tomasse as medidas que pudesse separar do cunho ideológico a solução que nós queremos, que é a solução da justiça, que é a solução pacífica, que hoje adotamos.

E se amanhã nos acusarem de não termos conseguido dar terra a todos aqueles que nela trabalham, eu poderei dizer, então, que a falha foi minha. Talvez porque não tenha tido capacidade para gerar recursos que contornassem aquelas dificuldades, de que falei inicialmente. Mas podem crer os senhores que, hoje, é esta a minha intenção: fazer a reforma agrária da conciliação. Fazer, com uma reforma agrária, uma solução conciliatória, do mesmo modo que estendi as minhas mãos aos adversários políticos para que, juntos, num movimento de união nacional, pudéssemos esquecer as nossas querelas momentâneas, deixássemos de pensar um pouco nos nossos interesses pessoais e dos nossos grupos, e pensássemos um pouco antes, neste nosso Brasil, tão carente de união da nossa gente.

Se não querem a minha mão estendida para a conciliação política, que tantas coisas iria facilitar, inclusive o problema fundiário, isso não significa que nós vamos parar no tempo à espera de que se decidam a aceitar a minha mão estendida. Nós vamos continuar, com eles ou sem eles. Sei que vamos ser combatidos, injuriados e, por

vezes, até caluniados, como temos sido, mas devo dizer aos Senhores que a conciliação que eu prometi impede que eu me recolha à minha humildade, e, antes de procurar devolver as afrontas que me fazem, eu vou procurar com mais afinco resolver os problemas que eles dizem que nós não temos capacidade para resolver.

Agradeço mais uma vez, Padre Melo, as palavras que tão bondosamente pronunciou, e espero que essas palavras possam ressoar por esses brasis afora, para que o homem do campo sinta que, enquanto eu for o maior mandatário desta Nação, eu estarei com a janela do meu gabinete voltada para o campo, porque continuo a acreditar, piamente, antes de mais nada, que a salvação da nossa Pátria está no trabalho da terra e na produção conseqüente.

Muito obrigado.

28 DE JULHO
PALÁCIO DO ITAMARATY
BRASÍLIA-DF

DISCURSO POR OCASIAO DO
JANTAR OFERECIDO AO PRESI-
DENTE DOS ESTADOS UNIDOS
DO MÉXICO, SENHOR JOSÉ LÓ-
PEZ PORTILLO

Excelentíssimo Senhor Presidente dos Estados Unidos do México, José López Portillo:

A aceitação por Vossa Excelência do meu convite para vir ao Brasil é um testemunho da estima entre mexicanos e brasileiros.

Assim, é com alta satisfação pessoal que transmito as boas-vindas da nossa gente ao primeiro mandatário do país irmão, à Excelentíssima Senhora de López Portillo e a toda a sua ilustre comitiva.

Afeto, admiração, apreço e inúmeras afinidades espirituais nos ligam ao povo do México. Apreciamos a extraordinária sensibilidade de sua alma, rica em tradições e emoção.

O povo mexicano soube modernizar e atualizar suas instituições e sua economia. Ao fazê-lo, manteve, com justificado orgulho, os valores culturais que amalgamaram sua grande Nação, e a todos reúne, integra e solidariza.

A unidade de seu país se expressa, também, na profundidade do patriotismo dos mexicanos. Afirma-se no culto aos que, de Moctezuma a Cuauhtémoc, há séculos haviam criado uma civilização de notável adiantamento.

No respeito aos que, como Benito Juárez e Francisco Madero, fizeram do México uma nação independente e respeitada.

E aos que, como Vossa Excelência, constroem, nos dias de hoje, uma sociedade moderna, próspera e de reconhecida preocupação social.

É natural, portanto, que a extraordinária força criativa dos mexicanos se houvesse traduzido na imponente monumentalidade dos marcos de sua civilização milenar e na obra dos grandes artistas de seu país.

Na pedra das pirâmides eternas e nas figuras dos murais inesquecíveis — conta-se a história do México, em toda a sua grandiosidade; em todo o seu sofrimento; em toda a sua individualidade. Nas suas aspirações e na promessa de sua realização em nossos dias.

Desassombro, franqueza e cordialidade são outros traços mexicanos que Vossa Excelência — intelectual e estadista — encarna e representa.

Por isso, as amistosas conversações, que iniciamos sob auspícios tão favoráveis, fluem com a naturalidade habitual entre amigos, que há muito compartilham valores, anseios e ideais.

Em nossa época, povos e países reclamam justiça e equidade, como condições de desenvolvimento e segurança. Querem afirmar e ver respeitada sua independência,

como base de dignidade, essencial à construção do bem-estar e da justiça social.

Diante do ressurgimento de fatores de inquietação, reafirmo que a boa convivência entre nações só se alcançará no respeito à autodeterminação dos povos; à igualdade soberana dos Estados; a não intervenção nos assuntos uns dos outros. A convergência de nossas posições, a esse respeito, é uma afirmação política. Uma opção de comportamento.

Senhor Presidente,

No meu entender, a paz mundial pressupõe a remoção das causas verdadeiras e profundas da ambição, da injustiça, da discriminação. E do egoísmo, que se compraz em ignorar direitos inerentes à dignidade humana, e denegar a participação equitativa de todos nos frutos do trabalho do Homem.

Múltiplos são os caminhos da paz e da segurança. Todos passam, entretanto, pelo direito de cada povo de expressar e ver realizados seus anseios e objetivos nacionais.

Paz é cooperação. Paz é desarmamento. Paz é a ausência de conhecidas tensões, que teimam em reaparecer.

A melhor ferramenta para alcançar a paz é o diálogo construtivo. Não o equilíbrio precário entre campos fortemente armados. Ou os esquemas simplistas de alinhamento automático.

Razão teve Vossa Excelência quando afirmou, há três meses, em Bonn, que «a dimensão política e econô-

mica da crise contemporânea expressa a inoperância de um sistema internacional que tem por programa a concentração do poder e da riqueza; de um sistema supostamente democrático, que propicia situações extremas de hegemonia e de subordinação, de abundância e de miséria».

O que venho expondo e as palavras de Vossa Excelência, que acabo de citar, não são apenas considerações de fundamento ético. São também fórmulas operacionais. As nações podem dar-se as mãos na boa convivência, na busca da paz e do desenvolvimento.

É natural, por isso, que a consciência dos povos em desenvolvimento se revolte em face de corridas armamentistas nucleares, que esbanjam recursos escassos, nada constroem, mas tudo podem destruir.

Como para descrever essas perspectivas, Vossa Excelência nos traz, em palavras candentes, a mensagem de Quetzalcoatl: «nadie tiene derecho a derramar más sangre que la propia».

Senhor Presidente,

O que propomos, com a consciência da limitação de nossos meios; o que defendemos, com o vigor de nossos ideais; o que propugnamos com a pertinácia dos que clamam pela justiça, é uma Nova Ordem Internacional.

Baseada no respeito aos interesses nacionais.

Sem hegemonias.

Sem intervenções.

Sem guerras. Sem derramamento de sangue.

Com espírito construtivo e cooperativo. Para resolver os problemas — problemas reais, profundos, multisseculares — que ainda afligem a Humanidade. Como Vossa Excelência assinalou, o advento da paz que todos desejamos depende da eliminação dos antagonismos Leste-Oeste e Norte-Sul.

Senhor Presidente,

Para mim, a solidariedade entre os países em desenvolvimento tem um valor permanente: a cooperação.

Cooperação solidária — com benefícios recíprocos — na defesa de nossos interesses comuns. Cooperação permanente — e não circunstancial — no aproveitamento das coincidências de posição na política internacional, para a reordenação do sistema econômico.

Nesse contexto, Senhor Presidente, a História nos convoca a dinamizar a cooperação entre nossos dois países.

A realidade geográfica da continuidade territorial requer dedicação, constância e solidariedade no intercâmbio de experiências e no aproveitamento das complementaridades indiscutíveis.

No plano mundial, a fraternidade está plasmada no sofrimento comum; na penúria; na negação de oportunidades reais de progresso; nos resquícios de colonialismo, e no seu renascimento sob formas inesperadas. Tudo isso cria deveres de solidariedade. Tendo de ser cumpridos por homens, tocam os píncaros das virtudes que a fé reconhece e impõe.

Dentro dessa filosofia — que tanto contém da índole brasileira e, estou certo, da índole mexicana — colocamo-nos ao lado dos países latino-americanos, empenhados em fazer da região uma área de paz e de prosperidade.

Colaboramos com os países irmãos de outros continentes, com problemas semelhantes, prestando-lhes e deles recebendo experiências, apoio e encorajamento.

Causa-nos particular alegria, Senhor Presidente, que o México seja um dos pioneiros dessa caminhada; e um dos seus participantes mais ativos.

A paz autêntica e o desenvolvimento são direitos da Humanidade. Não são algo que se conceda para fazer boa figura, nos cenários onde as tragédias reais se representam como se foram ficção distante e impessoal.

Senhor Presidente,

Múltiplos, intensos e frutíferos têm sido os contactos entre o México e o Brasil. Em janeiro de 1978, a visita do Presidente Ernesto Geisel produziu expressivos resultados, entre os quais o estabelecimento de amplo quadro institucional para o desenvolvimento de relações bilaterais.

Em novembro do ano passado, coincidindo com a visita do Secretário de Relações Exteriores do México, reuniu-se em Brasília, pela primeira vez, a Comissão Mista Brasileiro-Mexicana.

Nos campos da ciência e da tecnologia, nossos países buscam soluções próprias para os problemas comuns, sob

o clima fertilizador da criatividade, sustenta pela aproximação cultural e artística.

Consultas recíprocas mais sistemáticas concorrerão para o estreitamento das relações políticas.

No plano econômico, clarificam-se objetivos e interesses, em setores como o dos minérios, o energético, o siderúrgico, o agrícola e o financeiro. Em cada um deles, podem-se prever esquemas de complementação efetivos e concretos.

É inegável, nesse contexto, a importância da crise de energia, como estímulo à cooperação entre países em desenvolvimento.

Não poderia deixar de registrar, a esse respeito, minha admiração pela inteligente política praticada por Vossa Excelência, na utilização dos recursos energéticos mexicanos, a serviço do desenvolvimento e da independência do seu país. Lembro, também, a posição construtiva do México, na qual sobressai o Plano Mundial de Energia, proposto por Vossa Excelência às Nações Unidas.

Para a resolução da crise atual, será indispensável a adoção de políticas de conservação e substituição de fontes energéticas.

Nossas contribuições, nesse sentido, são de conhecimento geral. Empenhamo-nos ativamente em limitar o consumo de petróleo importado e seus derivados. E esforçamo-nos em diversificar as fontes energéticas, sobretudo as renováveis. Estimulamos o amplo emprego do álcool combustível e pesquisamos continuamente outras

fontes naturais, que podemos obter em nosso próprio território, de nossas águas, de nossas terras, do nosso subsolo, do ar, dos mares, de toda a parte, por todas as formas.

De nossa parte, Senhor Presidente, sempre estivemos e continuamos dispostos a partilhar os processos pioneiros que já dominamos, para irradiar seus benefícios entre os países irmãos.

É indispensável que a solidariedade entre todos os países em desenvolvimento se estenda ao setor energético. Todas as razões aconselham as nações empenhadas em dinamizar a cooperação Sul-Sul a fazê-lo também para minimizar os impactos desfavoráveis do suprimento mundial de energia. E, assim agindo, estarão aproveitando ao máximo as amplas e profícuas oportunidades existentes para a cooperação internacional.

Senhor Presidente,

A evolução recente de nossas relações, o amplo elenco de setores em que elas se desenvolvem e a progressiva intensificação de nossos contatos são prova incontestada da comunidade de sentimentos de amizade entre o México e o Brasil.

Permita-me, por isso, Senhor Presidente, convidar todos os que se encontram nesta sala a comigo levantarem suas taças em um brinde à amizade que une os nossos dois países, à prosperidade do povo mexicano e à felicidade pessoal de Vossa Excelência e da Excelentíssima Senhora Carmen de López Portillo, e à de todos os membros de sua ilustre comitiva.

Muito obrigado.

29 DE JULHO
HOTEL NACIONAL
BRASÍLIA-DF

DISCURSO POR OCASIÃO DO
JANTAR OFERECIDO PELO PRE-
SIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS
DO MÉXICO, JOSÉ LÓPEZ POR-
TILLO

Excelentíssimo Senhor Presidente dos Estados Unidos do México, José López Portillo:

As eloqüentes palavras, que Vossa Excelência acaba de pronunciar, são fruto evidente de sua generosidade provada e comprovada.

Só agora, eu e minha mulher pudemos conhecer pessoalmente Vossa Excelência, e a Excelentíssima Senhora de López Portillo. Mas os vínculos tradicionais entre nossos países, que ora se reforçam, e, renovando-se, multiplicam-se, dão a esta visita o sabor do reencontro de irmãos queridos.

Ter Vossa Excelência entre nós é ter contato direto com a multiplicidade de panoramas presentes na paisagem social e na riquíssima história do México.

Reitero, por isso, a Vossa Excelência nossa firme disposição de continuar a estreitar cada vez mais os laços que ligam o Brasil e o México. Mas não o fazemos só

pelos motivos econômicos e políticos normais na vida dos povos.

Brasileiros e mexicanos identificam-se na semelhança dos anseios comuns, que nos animam o trabalho e nos inspiram o desejo sadio de progresso e bem-estar. Do mesmo modo, a luta de nossos dois povos para vencer as barreiras do desenvolvimento — tão parecida em tantos aspectos — nos recomenda a reunião de esforços e o intercâmbio de experiências em que se empenham nossos homens de ciência e de técnica.

É fácil reconhecer, apesar da muita retórica que já se gastou nisso, a enormidade do fosso que separa as nações industrializadas das em desenvolvimento. Contudo, só países que conseguiram alcançar o nível no qual se encontram o Brasil e o México podem avaliar, corretamente, o preço que lhes custa o acesso a um novo patamar.

O penoso esforço nacional; os sacrifícios impostos à nossa gente; as injustiças diante das quais o coração se confrange por não poder repará-las com a rapidez imposta pela própria dignidade humana; tudo isso, Senhor Presidente, nós sabemos, conhecemos, sofremos.

E tudo isso se passa, tantas vezes, ante a indiferença dos países mais ricos. Pior, sob uma ordem econômica internacional injusta em sua concepção; iníqua em sua permanência.

Assim, o sentido maior da aproximação entre o México e o Brasil deve ser o da expansão e aprofundamento da cooperação continuada, concreta, voltada para os

ideais, que compartilhamos, de paz e prosperidade para todos nós — não só para alguns.

Progressos reais na atenuação dos desequilíbrios entre as nações só se conseguirão se os países do Terceiro Mundo, e em particular os latino-americanos, nos ajudarmos mutuamente.

Por isso, Brasil e México defendemos, com idêntico vigor, as medidas tendentes a criar um mundo mais justo.

Ao longo dos anos, os diplomatas mexicanos e brasileiros formaram um quadro institucional completo para nosso relacionamento. Nossos dois países têm à sua disposição mecanismos adequados para avaliar e promover a cooperação em toda a gama de nossas relações. Por isso, em nosso intercâmbio bilateral, pudemos registrar avanços significativos em numerosos setores que comportam ações concretas.

Agora, através deste nosso encontro e dos contatos dos membros da sua ilustre comitiva com as autoridades brasileiras correspondentes, construímos os alicerces de uma cooperação ainda mais ampla. Mais efetiva. Mais atual.

Reafirmo que, para nós, o bom relacionamento com o México é prioritário. Haveremos de superar a distância geográfica, sob a força maior dos interesses comuns, da vontade férrea dos povos brasileiro e mexicano.

De nossa vocação histórica para somar e multiplicar.
Não para diminuir e dividir.

Para a solidariedade e a cooperação.

Não para o ódio entre irmãos.

Meu prezado Presidente,

Nossa proximidade conceitual e as posições convergentes e de mútuo apoio que vimos adotando nos foros internacionais, em matéria de paz e de desenvolvimento, não deixam dúvida quanto à nossa harmonia no plano político.

As dimensões e a complementariedade de nossas economias autorizam-nos a esperar da sua visita resultados amplos e duradouros.

Aos expressar-lhe, mais uma vez, quão significativa é para todos nós a sua presença no Brasil, ergo minha taça à prosperidade do povo mexicano; aos laços que unem nossos dois países; e à felicidade de Vossa Excelência, visitante e Amigo, e de sua digna esposa, a Excelentíssima Senhora Doña Carmen de López Portillo.

Muito obrigado.

10 DE AGOSTO
PALACIO DO PLANALTO
BRÁSÍLIA-DF
DISCURSO A NAÇÃO BRASILEIRA
POR OCASIÃO DO IX RECENSEA-
MENTO GERAL

Brasileiros e brasileiras:

Dentro de poucos dias, agentes credenciados da Fundação IBGE sairão por todo o Brasil, para fazer o nosso IX Recenseamento Geral.

Cada família será solicitada a fornecer algumas informações sobre as pessoas que a compõem: idade, estado civil, profissão, lugar onde nasceu, etc.

O trabalho dos agentes recenseadores e todo o processamento posterior têm caráter absolutamente confidencial. Ninguém, nem mesmo o Governo, terá acesso aos dados individuais.

Procuramos os grandes dados: quantos somos, onde vivemos, o que fazemos.

Os resultados que obtivermos formarão o grande retrato da família brasileira. Vão dizer-nos que continuamos a ser uma Nação de jovens. E, por isso, quantas escolas ainda precisamos construir. Vão mostrar os Esta-

dos, as cidades e as vilas que cresceram. Os problemas sociais, econômicos e educacionais criados pelo crescimento para cada uma dos milhares de comunidades brasileiras.

O Recenseamento ajuda os brasileiros a se conhecerem melhor. Com mais precisão. O Recenseamento ajuda o Governo a planejar o que fazer para criar empregos, dar saúde, habitação, higiene, educação e ensino, assistência social, trabalho e tudo o mais a que os brasileiros têm o direito de esperar do nosso País.

Mas o Recenseamento abrangerá, também, as fábricas, os estabelecimentos comerciais, as fazendas, enfim, tudo o que produza alguma coisa, ou preste serviços técnicos, profissionais ou de caráter pessoal.

É a outra parte do retrato do Brasil.

Pelos censos econômicos, vamos conferir o quanto realmente aumentaram nossas lavouras e criações. Vamos medir o progresso da indústria, do comércio e dos outros serviços.

Em suma: vamos ver o que é possível fazer, para o bem-estar de todos.

Por isso, dirijo-me, esta noite, a cada chefe de família, a cada empresário, a cada brasileiro. Peço a indispensável colaboração de todos, para que o IBGE possa realizar rapidamente, com a máxima perfeição, o IX Recenseamento Geral do Brasil.

Gostaria de falar também aos Ministros de Estado, aos Governadores, aos Prefeitos, aos membros do Poder Legislativo federal, estadual e municipal, aos juizes que

integram o Poder Judiciário, em todos os seus níveis, a cada funcionário público, dos mais altos chefes aos que exercem as funções mais modestas.

Sua boa vontade é sumamente valiosa e indispensável. Sua atitude será um exemplo a seguir pelos demais cidadãos.

Dirijo-me, pois, a toda a Nação, para pedir-lhe uma coisa muito simples: vamos todos ajudar a fazer o Recenseamento. O Brasil precisa das informações. E é o Brasil que, pela minha voz, diz a todos e a cada um:

Muito obrigado.

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

13 DE AGOSTO
PALACIO DO PLANALTO
BRASÍLIA-DF
IMPROVISO AO RECEBER CRO-
NISTAS ESPORTIVOS BRASILEI-
ROS

Senhor Nilson Nelson, meus Senhores:

Eu fico muito honrado e por demais satisfeito com a presença dos Senhores aqui na minha casa de trabalho e com as palavras que acabo de ouvir. O esporte como fator de eugenia e pela sua função social tem que ser uma das primeiras preocupações de qualquer administrador, de qualquer governante. Eu me permito sair da minha condição de desportista para falar apenas com as responsabilidades de governante do nosso País. Daí porque a minha alegria quando vejo os Senhores virem ao meu encontro para anunciarem que vão se reunir para discutir todos os aspectos referentes ao esporte no País e vir propor sugestões ao meu Governo para que eu as estude e, se for o caso, eu as oficialize. De fato, para que o esporte no nosso País possa desempenhar a sua função de eugenia e a sua função social, ele requer duas condições básicas: a primeira, uma mentalidade que tem que ser desenvolvida e, segunda, uma estrutura adequada. A mentalidade só é possível se houver de nossa parte

uma motivação da nossa juventude, motivação que implique uma emulação dessa juventude e que leve ela a um verdadeiro espírito de competição, no bom sentido. É uma estrutura que eu diria que compreende a estrutura material, da qual o Governo e as entidades privadas devem ser os maiores responsáveis e uma estrutura organizacional que, a par de sua simplicidade não deve permitir uma queda na sua eficiência. É isso que eu espero que os Senhores, ao discutirem os aspectos referentes ao esporte brasileiro, levem em conta e venham me propor como criar uma mentalidade desportiva na nossa juventude e como chegar com os recursos de que nós dispomos, no menor prazo possível, a uma estrutura adequada. Muito obrigado aos Senhores.

14 DE AGOSTO
HOTEL GLÓRIA
RIO DE JANEIRO-RJ
IMPROVISO POR OCASIAO DO
ENCERRAMENTO DO II CON-
GRESSO NACIONAL DE PREVEN-
ÇÃO DE ACIDENTES NA CONS-
TRUÇÃO CIVIL

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Ao encerrar o II Congresso Nacional de Prevenção de Acidentes na Construção, cumprimento os membros do novo Conselho Diretor da Câmara Brasileira da Indústria da Construção pela sua investidura. Pelo muito que conversei com meu amigo João Fortes, eu bem sei das preocupações adicionais que, como empresário, assume em relação a todo o setor.

Sem chauvinismo, que não teria cabimento, os senhores têm toda razão em orgulhar-se de ser uma indústria nitidamente nacional, tanto no capital, como nas técnicas.

O testemunho vivo de nosso progresso está em toda a parte, na construção de grandes estruturas, as maiores barragens e hidrelétricas do Mundo, de algumas das estradas mais longas e de obras de arte que as servem. Mas está, também, na construção de grandes edifícios e de

conjuntos habitacionais, que ajudam a proporcionar uma vida mais digna aos que trabalham.

Tudo isso atesta o valor dos nossos engenheiros e a habilitação dos nossos operários. Com cerca de três milhões de empregos diretos, a construção civil é o maior empregador urbano de mão-de-obra. Entretanto, além do nível técnico, a indústria da construção tem uma enorme responsabilidade social. Responsabilidade se expressa em ocasiões como este congresso.

Tão importante quanto oferecer empregos é dar aos trabalhadores condições satisfatórias de segurança no trabalho e de prevenção de acidentes. Embora de 1974 a 1979 o número de acidentes no trabalho tenha caído à metade, percentualmente, de cerca de 16% em 1974 para menos de 8% em 1979, o número bruto de acidentes acima de 1,5 milhões por ano é demasiado alto. O que isso representa em vida humana e inabilitações temporárias ou permanentes, é um prejuízo incalculável e irreparável para a Nação.

Expresso, por isso, minha satisfação em ver os empresários da construção civil corresponderem à sua parte no sentido de prevenir acidentes, preservar a saúde, a integridade física e a vida de tantos operários que fazem a grandeza do Brasil.

Muito obrigado.

19 DE AGOSTO
PALACIO DO ITAMARATY
BRASILIA-DF

DISCURSO POR OCASIAO DO
JANTAR OFERECIDO AO PRE-
SIDENTE DA REPUBLICA DA
ARGENTINA SENHOR JORGE RA-
FAEL VIDELA

Excelentíssimo Senhor Presidente da República Argenti-
na, Jorge Rafael Videla,

Excelências,

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Com sua visita ao Brasil, Vossa Excelência confir-
ma o elevado grau de entendimento alcançado entre nos-
sos países, e sublinha concretamente a grande e mútua
simpatia que aproxima nossos povos.

Apresento, portanto, afetuosos votos de boas-vindas
a Vossa Excelência, Senhor Presidente, à Excelentíssima
Senhora de Videla e às ilustres personalidades que o
acompanham. A estes votos se associam todos os brasi-
leiros, para testemunhar a constância de nosso particular
apreço à nobre Nação argentina.

Em maio último, tive a feliz oportunidade de voltar
à querida Buenos Aires. Revi os lugares onde minha fa-
mília e eu vivemos. Tive o prazer de passear novamente
pelas suas ruas. Pude rever, sentir e falar com as pes-
soas. Em uma palavra: senti-me outra vez portenho.

Com emoção profunda e compreensível — mas sem surpresa — constateei mais uma vez a profundidade do afeto e a permanência dos vínculos entre argentinos e brasileiros.

Agora, cabe-me a honra de receber Vossa Excelência, nesta Brasília — tão original em sua concepção, e moderna em sua arquitetura, quanto acolhedora em seus espaços abertos, na harmonia de suas linhas, nos seus largos horizontes e límpido céu.

Vossa Excelência haverá de encontrar, nesta sua estada em nossa terra, a contrapartida de estima fraterna que os brasileiros votam ao grande país irmão. Verá o quanto apreciamos as tradições argentinas, e os feitos de sua gente. Sentirá nosso apreço pelas altas qualidades de seu povo, das quais resultou uma nacionalidade ativa e generosa.

Altivez e generosidade foram o apanágio do Libertador General San Martín. Seu exemplo e sua memória são fontes de inspiração e inarredável motivo de fé nos ideais latino-americanos de independência, de paz e de liberdade.

Nossa herança ética e cultural comum marca a presença do Brasil e da Argentina no mundo contemporâneo com o timbre de nossa disposição inata à cooperação solidária com os demais povos irmãos. É sobre essa base que procuramos alcançar os níveis de bem-estar a que, com razão e com justiça, aspiram brasileiros e argentinos.

Podemos, assim, afirmar e reafirmar o direito das nações em desenvolvimento de participar plena e iguali-

tariamente das decisões que afetem a manutenção da paz e da segurança internacionais. Direito, também, a uma nova ordem econômica, capaz de assegurar a repartição mais equitativa dos benefícios do progresso, e a difusão mais ampla da ciência e da tecnologia. Produtos da inteligência do homem, dom do nosso Criador, essas disciplinas não podem continuar regidas por princípios assentes no egoísmo e na exclusão dos menos aquinhoados.

Senhor Presidente,

Iniciamos, em Buenos Aires, um proveitoso intercâmbio de idéias, sobre temas relevantes na ordem mundial, regional e bilateral. As conversações de Brasília aprofundam, ampliam e consolidam o entendimento. Nossa amizade pessoal facilita o diálogo, inspirado na franqueza e na lealdade.

A origem do conturbado quadro de tensões do mundo atual está na sobrevivência de desentendimentos, injustiças, divergências e desigualdades entre as nações. Para o mundo alcançar a paz que permita à humanidade viver em segurança é preciso remover as tensões decorrentes do desequilíbrio econômico e social. Para que haja progresso real, todos os povos devem ter oportunidades iguais de acesso aos frutos dos avanços científicos e tecnológicos. Tais são, a meu ver, os pressupostos básicos de convivência política harmoniosa dos homens sobre a terra.

Assistimos, entretanto, com legítima preocupação e real angústia, ao enorme dispêndio de recursos, esforços, energia e criatividade, não para melhorar a vida, mas

para aprimorar técnicas de destruição, cada vez mais eficientes.

O que pleiteamos são canais largos e abertos. É o diálogo construtivo inspirado na preservação da paz e tendo por objeto a segurança internacional. Em vez de pretensões de hegemonias anacrônicas, sustentamos o princípio da igualdade soberana dos Estados. Respeitamos a autodeterminação dos povos. Repelimos a ameaça ou o uso da força nas relações internacionais e qualquer forma de intervenção de uns Estados nos assuntos internos e externos de outros.

Por isso, apoiamos todas as iniciativas conducentes ao alívio das tensões e ao bom convívio entre as nações, em ambiente de mútuo respeito.

Senhor Presidente,

No seu discurso de 17 de maio, em Buenos Aires, Vossa Excelência afirmou que «vivemos num mundo que está submetendo a duras provas a têmpera, a energia, a criatividade e as responsabilidades individuais dos povos e seus governantes».

Estou seguro, como Vossa Excelência, de que apenas através da cooperação poderemos desenvolver-nos em paz e em segurança, como almeja a família internacional. A tarefa incumbe solidariamente a todas as nações, a todos os governos. Seus fundamentos haverão de ser, antes de tudo o mais, profundamente éticos.

Assim, a política externa do Brasil reflete o espírito de franca e leal amizade dos brasileiros pelos países irmãos. Na caminhada em prol do desenvolvimento, nossos

esforços são sintonizados com as aspirações da América Latina, como um todo.

A Argentina e o Brasil estão empenhados em profundos e complexos processos de evolução política, econômica, social e cultural. Em cada caso, há peculiaridades internas e interesses nacionais legítimos a respeitar reciprocamente. Mas temos também capacidades complementares, em campos prioritários para ambos os países. Devemos identificá-las com inteligência. Devemos conjugar esforços e talentos para transformar as potencialidades em realidades concretas.

E, se soubermos, quisermos e pudermos fazê-lo, em atmosfera de concórdia e de serenidade, teremos dado contribuição valiosa à América Latina e às causas da paz e do desenvolvimento.

Nesse sentido, o espírito objetivo, a compreensão e a serenidade imanente à personalidade de Vossa Excelência, constituíram fatores decisivos para que o programa de trabalho, estabelecido em minha visita a Buenos Aires, venha sendo executado com pleno êxito.

Hoje, pode-se dizer, Brasil e Argentina avançam resolutamente nas alamedas do entendimento e da cooperação.

No setor energético, ampliamos as perspectivas de colaboração e intercâmbio nas áreas nuclear e do gás natural.

Já se encontram em andamento os estudos para a construção da ponte sobre o rio Iguazu. Essa obra tem alto valor simbólico, além de sua utilidade prática para as

populações vizinhas e a interconexão de nossos sistemas viários.

Enfim, vários acordos em plena execução atestam a amplitude e a riqueza de nosso intercâmbio cultural, científico e tecnológico.

Mais importante que tudo isso, porém, é o apreço fraternal, evidente nas palavras e corroborado pelos fatos, a unir para sempre nossos povos.

E se algum mérito houver de ser creditado aos nossos governos, será o de termos reconhecido que as sólidas e permanentes bases de amizade entre a Argentina e o Brasil haviam chegado ao seu melhor momento histórico. A partir daí, foi fácil intensificar e ampliar o campo das nossas relações. Assim como multiplicar e diversificar as áreas de cooperação.

Por isso, Senhor Presidente, acolho Vossa Excelência em nossas terras como nosso irmão, que verdadeiramente é.

Muito obrigado.

Peço agora a todos os presentes que ergam comigo suas taças, num brinde à crescente amizade entre nossos países, à continuada prosperidade da República Argentina e à saúde e felicidade pessoal de Sua Excelência o Senhor Presidente Jorge Rafael Videla e da Excelentíssima Senhora de Videla.

20 DE AGOSTO
EMBAIXADA DA ARGENTINA
BRASILIA-DF

DISCURSO POR OCASIAO DO
JANTAR OFERECIDO PELO PRE-
SIDENTE DA REPUBLICA DA
ARGENTINA, SENHOR JORGE
RAFAEL VIDELA

Excelentissimo Senhor Presidente da República Argenti-
na, Jorge Rafael Videla,

Excelências,

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Muito me tocaram, Senhor Presidente, as generosas palavras que acaba de pronunciar. Mais do que simples reflexo de nossa amizade pessoal, as expressões de Vossa Excelência são o testemunho eloqüente da estima e do apreço que unem argentinos e brasileiros.

Há pouco mais de três meses, cercado de sua calorosa hospitalidade e do carinho dos argentinos, pude iniciar com Vossa Excelência uma série de conversações que continuaram nesta sua visita ao Brasil.

Em Buenos Aires, como em Brasília, o clima foi de invariável compreensão. Logramos, por isso, chegar a entendimentos de grande significação nos diferentes campos de um relacionamento bilateral intenso e uniforme.

Os governos e os empresários do Brasil e da Argentina procuram identificar novas áreas de interesse comum, com dinamismo à altura do potencial de cooperação entre nossos países.

Entretanto, podemos ressaltar, os resultados positivos alcançados nos campos da cooperação econômica, científica, tecnológica e cultural tiveram como alicerces sólidos a confiança política e a determinação de conjugar esforços.

Confiança, Senhor Presidente, que permanece inalterável. Enriquece os dois países, no mais alto nível. E justifica a esperança de que as futuras gerações valorizarão — como a nossa — os benefícios da convivência pacífica e harmoniosa entre brasileiros e argentinos.

E para que possamos continuar a pensar ousadamente em novas realizações, aí estão os novos e expressivos instrumentos, agora concluídos entre nossos governos, a respeito da energia nuclear, do gás, da ciência e da tecnologia.

Ao cuidarmos da cooperação bilateral, correspondemos à nossa responsabilidade de assegurar o bem-estar e resolver os problemas de nossos povos. Contudo, brasileiros e argentinos podemos dizer que, ao fazê-lo, não negligenciamos a cooperação, igualmente necessária, com os países irmãos da região, e com os demais países em desenvolvimento.

A união de esforços para superar dificuldades é meio eficaz para a realização dos justos anseios de nossas nações. É também condição para a instauração de uma Nova Ordem Econômica Internacional, fundada em relações

mais justas e igualitárias, e na conseqüente expansão dos níveis de prosperidade mundial, hoje tão restritos.

Senhor Presidente,

Temos implementados, com firme determinação, os projetos que delineamos e se expressam nos Acordos firmados em Buenos Aires. O amplo espectro de projetos prioritários para os dois países, objeto daqueles Acordos, está sendo coberto por providências concretas e ajustes complementares específicos.

Durante este encontro em Brasília, foi-nos dado verificar, com satisfação, o quanto avançamos. Foi possível, ademais, discutir novas idéias, e a todas — anteriores e atuais — dar continuidade fecunda e duradoura.

As conversações mantidas e os entendimentos alcançados durante sua visita prenunciam novos e importantes progressos no caminho da colaboração entre os dois governos.

Desejo, por isto, expressar novamente o particular agrado e afeto com que o Governo e o povo brasileiro recebem tão ilustres visitantes e queridos amigos, personificados em Vossa Excelência.

Muito obrigado.

Neste momento, convido os presentes para comigo brindar à crescente prosperidade da Nação argentina, à inabalável amizade entre nossos países e à saúde e ventura pessoal de Vossa Excelência, Senhor Presidente Videla, da Excelentíssima Senhora de Videla e dos distintos membros de sua comitiva.



21 DE AGOSTO
ESTAÇÃO RODOVIARIA
BAURU-SP
IMPROVISO AO INAUGURAR A
ESTAÇÃO

Senhor Governador do Estado de São Paulo, Paulo Salim Maluf,

Senhor Prefeito, Senhores Deputados, Vereadores e Presidentes de Câmaras, minhas Senhoras, meus Senhores:

O meu agradecimento a esta acolhida que me faz o povo de Bauru e às bondosas palavras que ouvi do Deputado Alcides Franciscato e do Governador do Estado. Devo começar dizendo que tudo isso é mais fruto do coração paulista, do que propriamente justiça ao pouco que eu possa ter feito por esta terra. Suspeita há, nas palavras do Governador, por meu amigo. Suspeita há, nas palavras de Alcides Franciscato, que tem se portado mais que amigo, e quase como um irmão bem mais moço do que eu.

Não me causou surpresa a repetição da cena que assisti, quando aqui estive pela primeira vez, porque bem conheço a gente paulista e bem conheço a gente de Bauru.

Mas, se é verdade que tenho dedicado especial interesse por esta terra, a par da justiça pelo que vale e pelo que pode fazer pelo nosso País, no futuro, fala também um pouco do sangue paulista de minha mãe, e fala também o fervor com que meu pai defendeu a causa dos paulistas, em 1932.

E se mais não tem sido feito por Bauru, pelos paulistas e pelos demais Estados do Brasil, devem estar bem presentes em cada um dos brasileiros as dificuldades de ordem econômica por que passa o País e que só podem ser contornadas com o nosso esforço, com a nossa dedicação, com o nosso despreendimento e com a vontade de cada um de nós em pensar cada vez menos em nós e mais na coletividade.

Fiz algumas promessas aqui nesta terra, como candidato. Repeti-as em outros lugares e em outros rincões do País. Tenho me pautado, nas minhas atividades governamentais, para bem cumprir, e ao pé da letra, todas aquelas promessas que fiz.

Prometi que iria dar anistia, e aí está a anistia, com a volta de todos os brasileiros que estavam em terra estrangeira, repetindo para os meus auxiliares que lugar de brasileiro é no Brasil.

Prometi o pluripartidarismo, tão atacado pela Oposição, e ele aí está implantado, com cada um dos nossos parlamentares escolhendo o partido da sua predileção.

Prometi a liberdade de imprensa, a liberdade de expressão, e ela está implantada no País, a tal ponto esta liberdade que, além das verdades que o Governo neces-

sita saber, repetem, alguns que nos atacam, inverdades e calúnias, tal o limite de liberdade a que chegamos.

Algumas promessas feitas como candidato, e que estão de pé, hão de ser cumpridas, a despeito das dificuldades por que passa a Nação e eu tenho a certeza que, contornadas essas dificuldades, o País há de retornar ao pleno caminho do seu desenvolvimento, somente diminuído pela crise energética atual.

Mas para isso, eu necessito do apoio dos brasileiros.

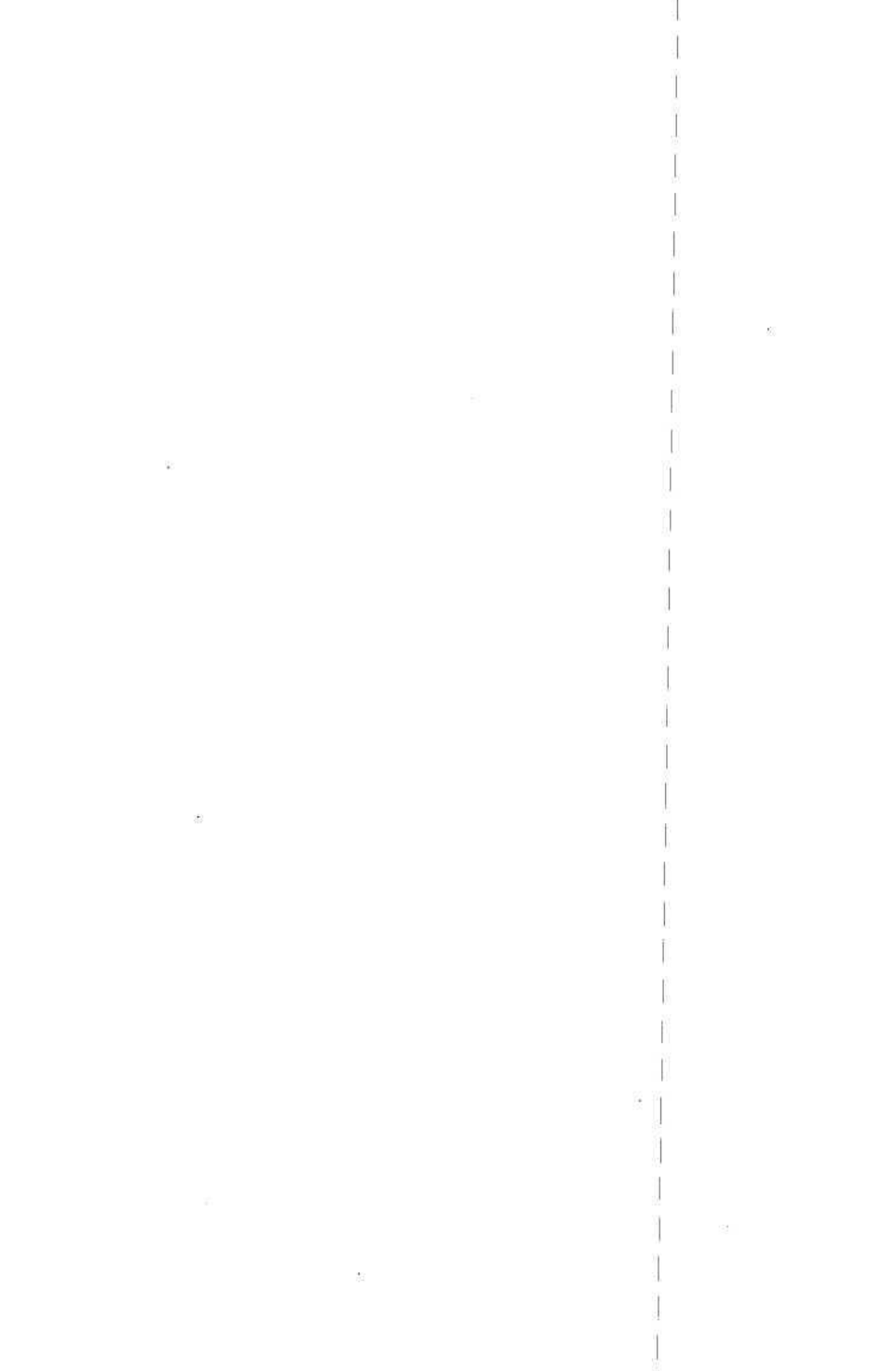
Necessito daqueles que acreditam na minha palavra e peço que cada um compare as minhas afirmações com as coisas que têm sido executadas no meu Governo, ou com o que dizem e propalam alguns daqueles que fazem oposição, simplesmente por fazer oposição.

E eu tenho a certeza que, com o apoio da gente brasileira, com o apoio dos paulistas, com o apoio do povo de Bauru, eu hei de conseguir cumprir todas as promessas que fiz, inclusive aquelas que antes não acreditavam. Crédito muito pouco davam às minhas palavras, quando eu dizia que a anistia ia ser total e que a liberdade de imprensa também iria ser a mais ampla possível.

Eu tenho a certeza que esta gente que me recebeu tão bem, aqui em Bauru, da primeira vez, e que agora me possibilita esta generosa recepção, esta gente continuará acreditando na minha palavra, esperando que as minhas promessas se cumpram.

Deus há de saber fazer justiça às minhas atividades.

Muito obrigado aos Senhores.



23 DE AGOSTO
PALACIO PIRATINI
PORTO ALEGRE-RS

DISCURSO POR OCASIAO DO
ALMOÇO OFERECIDO PELOS EM-
PRESARIOS BRASILEIROS AO
PRESIDENTE DA REPUBLICA AR-
GENTINA, SENHOR JORGE RA-
FAEL VIDELA

Excelentíssimo Senhor Presidente da República Argenti-
na, Jorge Rafael Videla,

Senhor Governador do Estado do Rio Grande do Sul,
Amaral de Souza,

Excelências,

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Sinto-me honrado em participar desta justa home-
nagem dos empresários brasileiros aos digno Presidente
da nobre Nação argentina, no último dia de sua breve
estada entre nós.

Permita-me aduzir, Senhor Presidente Videla, com
a ênfase natural a sentimentos solidamente arraigados —
a expressão de minha estima pessoal por Vossa Excelên-
cia e de meu invariável afeto pela sua Pátria.

Tive grande satisfação em vir a Porto Alegre apre-
sentar a Vossa Excelência as despedidas do Governo e

do povo do Brasil. Para todos nós, sua passagem pelo sul do País é extremamente significativa.

Aqui, nossos países têm suas fronteiras comuns. Fronteiras que aproximam, em vez de separar.

Aqui, somos mais vizinhos. E, por essa razão, unidos ainda mais fraternalmente.

Aqui, nossas culturas se enriquecem mutuamente pelo contacto próximo e constante. O convívio as aprimora. Os hábitos, costumes e formas comuns de expressão adensam e reafirmam, cada dia, a identidade da alma pampeira.

Aqui, Vossa Excelência encontrará entre os nossos gaúchos uma gente que cultiva a fraternidade, a fidalguia discreta da hospitalidade, o cavalheirismo, o trato lhano e cordial — mas igualmente altivo e exigente, como em seu país.

Sem precisar aprender outra língua, brasileiros e argentinos se entendem, se prezam e se respeitam. Entre eles prevalece a espontaneidade própria dos que apreciam retemperar-se e enrijecer-se na dura vida do campo aberto.

Mas, se por aqui tudo isso acontece com mais vigor, nossa amizade não é menos verdadeira e profunda nas demais regiões do País. É que os laços entre os povos argentino e brasileiro se consolidam, como Vossa Excelência afirmou com tanta propriedade, por sentirmos que «na base de nossas sociedades existe clara consciência de que ambas as nações foram e serão protagonistas essenciais do gigantesco esforço histórico de forjar uma civilização e seu destino.

Diante desse pano-de-fundo, podem prever-se vínculos econômicos particularmente intensos e variados, entre a região sul do Brasil e a Argentina. Essa razão haverá de ter influenciado os empresários brasileiros a escolher Porto Alegre como o lugar mais indicado para homenagear Vossa Excelência.

Senhor Presidente,

Inspirados nos auspiciosos resultados do Encontro de Buenos Aires, os homens de negócios brasileiros vêm mantendo entendimentos francos, amistosos e proveitosos com seus colegas argentinos.

Pessoalmente, estou convencido de que os esforços de aproximação dos governos só se concretizarão na medida em que a eles se dedicarem os homens de empresa de cá e de lá. Nada, nenhum tratado ou acordo, nem mesmo a mais perfeita convergência de propósitos oficiais, pode tomar o lugar da iniciativa privada.

Ousadia, imaginação, capacidade de prever os gostos e a direção em que evoluirá o consumo, essas são a província própria dos industriais, produtores e comerciantes.

A participação ativa de empresários habilitados é igualmente essencial ao exame e à aplicação de modalidades simples, eficazes e realísticas de ações conjuntas mais lucrativas e, portanto, mais proveitosas para todos. Teorias, tecnicismos, posições preconcebidas irremovíveis, podem produzir volumosos estudos e copiosos relatórios. Formulados geralmente em abstrato, evidenciam-se falaciosos nos primeiros testes de sua aplicação ao mundo real das economias de mercado.

O Brasil e a Argentina podem oferecer numerosas oportunidades de integração econômica. Homens afeitos à produção, ao comércio, ao transporte, saberão montar rapidamente os projetos comuns de complementação e fornecimentos recíprocos.

Há campos, naturalmente, em que a competição deverá ser a regra. Mas, é claro, competição não é sinônimo de confrontação. O contraste de interesses pode ser tão construtivo e positivo quanto promissores os horizontes, largos de colaboração entre nossos empresários.

Aliás, no campo da retórica, é incalculável a soma de tempo e energia que já se gastou, ingloriamente, para assinalar dificuldades. Exagerar discrepâncias. Alimentar ressentimentos perniciosos.

Nesses casos, como sempre, saem ganhando os terceiros interessados.

Este ponto em nossa História nos convida a estimular a disposição ao entendimento. Prezar os que desejam somar. Enaltecer a coragem e estimular a pertinácia dos que, longe de abater-se pelos problemas, acabam sempre encontrando a solução adequada a cada um.

Dificuldades de certo existem. Existirão sempre. Devemos encará-las, até, como sabido sintoma da extensão e da complexidade de nossas relações. Importante é não perder de vista a relatividade do eventual, do episódico, do transitório, na perspectiva de um relacionamento fecundo e permanente.

Felizmente, esta colocação já estava presente no Encontro Empresarial em Buenos Aires. Sobre ela, poderemos elevar nosso intercâmbio a plano mais compatível com

nossas esperanças de desenvolvimento acelerado e integração harmônica. Isso se comprovará à medida que os projetos concretos amadureçam e fortifiquem.

Aos empresários argentinos devo dizer que o Brasil se honra em recebê-los. Faço votos de que sua permanência em Porto Alegre constitua uma oportunidade real para aplicação prática de sua experiência empresarial.

Hoje, amanhã, sempre, encontrarão abertas as portas do Brasil. E, naquilo que depender do governo brasileiro, podem ficar tranqüilos. Tudo será feito com boa vontade. Com disposição firme de resolver problemas — pois, infelizmente, sempre sobrará algum desafio novo.

Agradeço, mais uma vez, a generosa acolhida que me deram em Buenos Aires — acolhida da qual conservarei sempre viva recordação.

Senhor Presidente da República Argentina,

Meu querido e estimado amigo D. Jorge Rafael Videla:

Em nossos dias, o diálogo internacional é reconhecidamente tenso e difícil. A concorrência cega, a inclinação de alguns países a procurar, sempre e apenas, vantagens unilaterais, poderá proporcionar-lhes benefícios transitórios. Mas, a longo prazo, todos serão prejudicados — inclusive aqueles mesmos países.

Julgo indispensável, por isso, uma consciência clara, em todas as nações, de nossos deveres para com a humanidade.

Às nações não é dado olhar somente para dentro de si mesmas. O egoísmo; a procura de vantagens, cor-
prejuízo das outras partes; o predomínio de umas nacion-

lidades sobre outras; qualquer forma de exploração ou colonialismo, velha ou nova; tudo isso se opõe, por definição, à solidariedade entre os homens e à sua dignidade intrínseca, que nos cumpre preservar e sustentar.

A chave para a construção de sociedades mais justas está em dar a cada homem a oportunidade de viver livremente e realizar suas aspirações. Ou seja, é preciso cuidar do bem comum. Entendo, porém, que o bem comum transcende as unidades políticas individuais. E, em plano mundial, só se alcançará através da cooperação, da boa vontade e do trabalho.

Nesse sentido, as relações econômicas e comerciais são instrumentos concretos para criar melhores vínculos, e convivência mais harmoniosa e pacífica entre os povos.

Neste momento, o mundo se debate em uma crise de proporções jamais vistas. Por isso mesmo, os propósitos elevados sobre os quais assenta o esforço comum da Argentina e do Brasil assumem dimensões históricas.

Acredito, Senhor Presidente, Senhores Empresários, ser justamente essa a finalidade do papel que incumbe a cada um de nós.

Muito obrigado.

28 DE AGOSTO
PALACIO DO PLANALTO
BRASÍLIA-DF
IMPROVISO AO RECEBER OS LI-
DERES DO PDS NO CONGRESSO
NACIONAL

Meu caro Senador José Sarney, Presidente do nosso Partido,

Senador Luís Vianna Filho, Presidente do Senado,

Senhor Presidente da Câmara,

Meus caros Líderes, no Senado e na Câmara:

Hoje deveria ser um dia de satisfação para mim, porque eu aguardava com ansiedade a presença dos Senhores, nesta visita, já anunciada pelo Senador Sarney, de cortesia para comigo. Aguardava-a ansioso porque, finalmente, o nosso Partido — o Partido que se propõe apoiar os propósitos do Governo, de normalizar politicamente o País — está finalmente organizado, estruturado, e entregue em muito boas mãos.

Infelizmente, os acontecimentos de ontem vieram demonstrar, mais uma vez, o perigo a que estamos expostos, ante aqueles que só entendem, com — como — argumento, a violência.

Daí, porque passei a noite de ontem para hoje pensando em como fazer do nosso Partido um instrumento de combate à violência; e como demonstrar à opinião pública, e ao povo brasileiro, as reais intenções do Governo e do Partido; e como estamos dispostos a não nos desviarmos daquela linha que inicialmente nós traçamos — de levar o País à normalidade democrática, a despeito de quatro, vinte ou mil bombas que atirem sobre nossas cabeças.

A aceitar os argumentos desses insanos, nós teríamos que aceitar também que a democracia é um regime falido. E nada melhor para combatê-los que o respeito à Lei, em primeiro lugar; e, em segundo lugar, a nossa combatividade, para não esmorecermos, ante os ataques violentos que iremos sofrer e ante as injustiças que nos vão colocar por diante.

Daí, eu peço aos Senhores que redobrem a vigilância em todas as áreas, em particular junto à juventude, porque é a juventude idealista que mais está à mercê dos argumentos dessa gente. Cabe aos jovens, dizer aos camaradas e seus companheiros de bancos escolares e bancos universitários, onde está a verdade. E pedir um crédito de confiança na nossa palavra, e não deixar sem resposta toda e qualquer acusação, que não seja fundada em fatos.

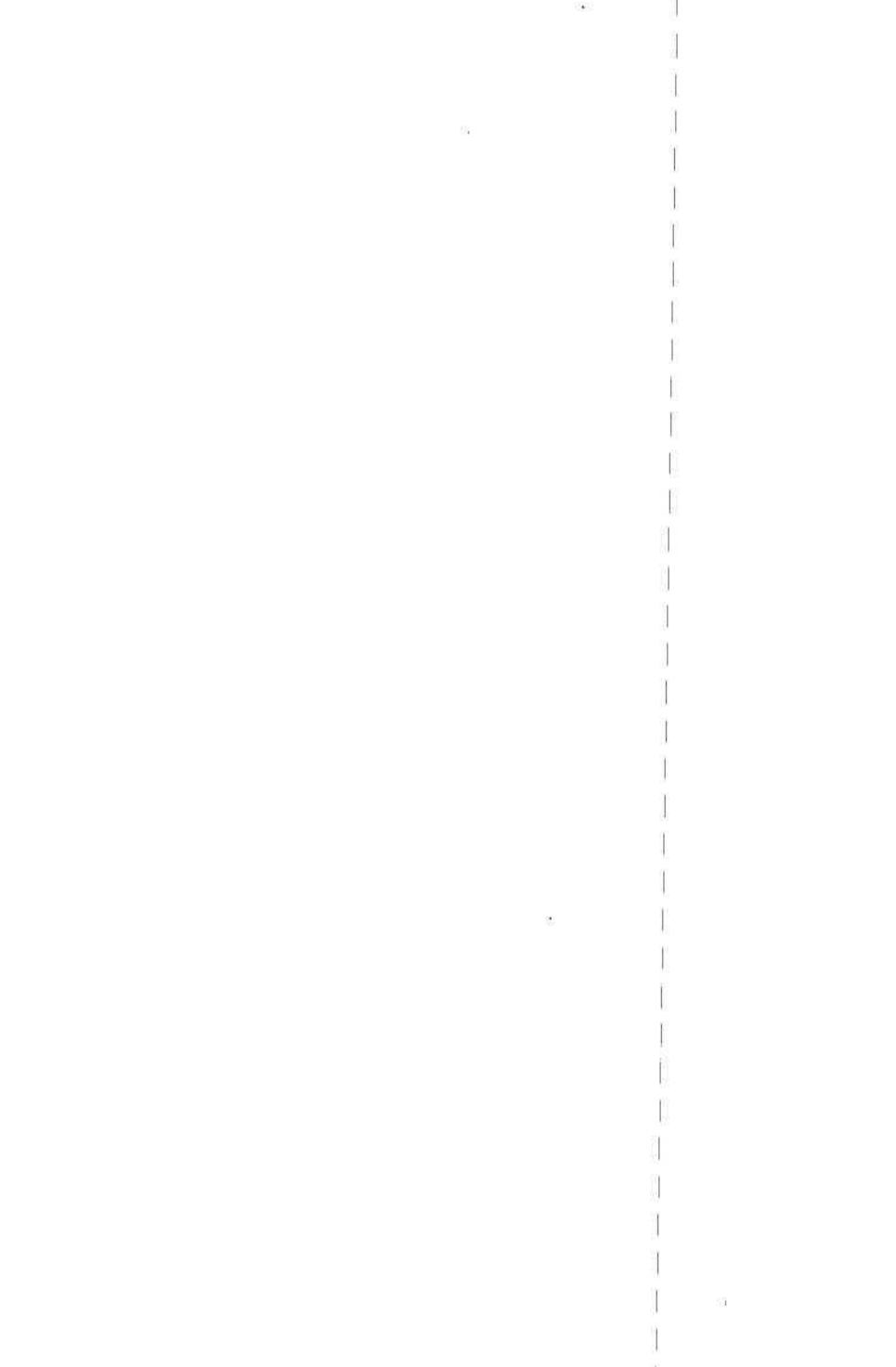
Eu nunca desacreditei da possibilidade de o Partido sair-se bem nas próximas eleições. Mas, também, sempre tive presentes as dificuldades que iríamos encontrar, porque, se a Oposição faz oposição, como é seu dever — e o faz bem feito —, há também aquela Oposição que faz apenas criar o caos, para agitar. E, como disse muito bem

ontem o nosso líder, o meu líder, Senador Jarbas Passarinho, talvez, até, par desestabilizar o Governo.

Dáí, a nossa vigilância em não permitirmos que essa trilha em que nós estamos firmemente determinados a continuar no nosso futuro, seja perturbada por elementos que — não importa de onde venham, se da direita, se da esquerda, se do centro, se do alto — mas elementos que, absolutamente, não estão ajudando o nosso País a sair da grave crise econômica que enfrentamos.

Senhor Presidente, eu agradeço mais uma vez a presença dos Senhores em meu gabinete. E podem ter a certeza de que essa presença e as palavras de Vossa Excelência, Senador Sarney, para mim vêm, em parte, diminuir a noite — já não digo mal dormida, mas, não dormida — que de ontem para hoje eu passei.

Muito obrigado.



29 DE AGOSTO
FEIRA NACIONAL DA INDÚSTRIA
UBERLÂNDIA-MG
IMPROVISO AO INAUGURAR A
VII FEIRA NACIONAL DA INDÚS-
TRIA DA CIDADE

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Tenho sempre grande satisfação em deslocar-me pelo interior do Brasil, e visitar cidades como Uberlândia.

A VII FENIUB, que vamos inaugurar, atesta com vigor e eloquência o interesse da sociedade uberlandense pelo desenvolvimento de sua indústria e de seu comércio. Nas outras visitas feitas pela manhã, pude sentir a preocupação das autoridades e do povo de Uberlândia com os valores sociais e culturais, que cabem preservar e apoiar.

Uberlândia é um ponto de fixação e formação de recursos humanos, neste limiar do Brasil Central.

Aqui se articulam, perfeitamente, os esforços das autoridades na promoção do bem-estar dos uberlandenses; e o empenho do setor privado em aproveitar e desenvolver os recursos da terra e da técnica. Não admiro, portanto, que Uberlândia continui a registrar alguns dos maiores índices de crescimento de todo o País.

Como venho dizendo desde os tempos de candidato, o desenvolvimento equilibrado do Brasil depende de uma

sólida base agropecuária e agroindustrial. Aí se encontra, também, a solução dos problemas mais graves do País: a alimentação do povo, a diminuição do ritmo de elevação dos preços, a nível do consumidor, e o equilíbrio de nossa balança de pagamentos.

O setor rural correspondeu aos apelos do Governo, no último ano agrícola, com a maior safra de grãos de toda a nossa história. Uma parte considerável desses grãos passou por Uberlândia, ou foi aqui beneficiada ou industrializada.

Como sabem os Senhores, não basta, entretanto, produzir mais. É preciso produzir *melhor*. Melhor na qualidade, melhor na quantidade colhida por unidade de área; melhor, em relação ao emprego de recursos.

Em suma, chegou a hora de nos firmarmos — Governo, agricultores e pecuaristas — na melhoria de produtividade rural. Assim fazendo, estaremos dando aproveitamento econômico mais racional aos investimentos já feitos e à infraestrutura já existente. Estaremos, também, aproveitando a terra de que dispomos, de maneira mais consentânea com sua função social.

Nesse sentido, o Ministério da Agricultura dá início, hoje, a uma campanha de âmbito nacional, com o objetivo de estimular os empresários e trabalhadores rurais a aumentar ainda mais a produção, através de ganhos de produtividade. Ganhos possíveis. Realizáveis no presente, com sementes selecionadas, com o uso de insumos e equipamentos adequados, disponíveis no mercado.

Sei que muitos entre os Senhores, além de sua atividade na indústria ou no comércio da cidade, mantêm a

velha paixão dos uberlandenses pela criação e pelo cultivo da terra. Sei, por isso, o quanto haverão de valorizar a iniciativa do Ministério da Agricultura e dela participar.

O homem brasileiro pode obter do solo mais alimentos, em melhores condições de trabalho e rendimento para todos os participantes do processo. Assim fazendo, estaremos contribuindo, também, para resolver — ou pelo menos atenuar — as injustas disparidades de renda entre o setor urbano e o setor rural.

Uma política de aumento de produtividade envolve questões fundamentais, como seja: a pesquisa agropecuária, o seguro rural, o transporte, o armazenamento e, por fim, a transferência efetiva de tecnologia — dos laboratórios e campos experimentais para a realidade da exploração econômica.

A melhoria da produtividade rural pressupõe um trabalhador sadio. Assistido em suas necessidades básicas de moradia, bem-estar, educação e cuidados médicos. Enfim, um homem com perspectiva de uma existência mais digna, e, portanto, mais feliz.

A melhoria de produtividade tem a ver com a imensidão dos nossos problemas e a relativa escassez de recursos. Ao lado dos novos investimentos necessários, temos de tirar o máximo proveito do esforço já feito.

De outra parte, temos de criar, em nosso próprio território, e com nossos próprios meios, os recursos necessários ao desenvolvimento auto-sustentado que desejamos.

Certos países tiram do petróleo os meios para financiar seu desenvolvimento.

Quanto a nós, porém, nosso petróleo é a terra, o sol, a água, a natureza. Terra generosa que dá, e dá de novo. A fertilidade do solo e o trabalho do homem podem fazer deste País, colheita após colheita, um exportador de *vida* sob a forma dos alimentos que garantem a sua continuidade.

Para isso procuramos potenciar os recursos já aplicados, através do seu bom emprego.

Hoje, como nos dias de candidato, o apoio à agropecuária tem a prioridade mais alta em minhas preocupações.

Prioridade que se expressa, neste momento, pela melhoria da produtividade. Assunto que, estou certo, todos os presentes a esta feira compreendem perfeitamente. Seja em sua aplicação à indústria, seja no referente à agricultura e à pecuária.

Muito obrigado.

29 DE AGOSTO
CONJUNTO HABITACIONAL «LUI-
ZOTE DE FREITAS»
UBERLANDIA-MG
IMPROVISO AO INAUGURAR O
CONJUNTO HABITACIONAL

Minhas Senhoras, meus Senhores:

As carinhosas, bondosas e exageradas palavras que acabo de ouvir do Governador do Estado e do Deputado Homero Santos, eu as agradeço desvanecido. E, ao fazê-lo, devo dizer ao povo de Uberlândia que as transfiro para minha equipe de ministros que, com seu trabalho de assessoramento, de decisão e execução, têm conseguido imprimir às suas pastas aquela orientação que eu desejava.

Inaugurações como esta só têm sido possível pelo esforço — e que esforço —, pela dedicação — e que dedicação — dos meus ministros. Ouço vozes e leio escritos dizendo que minha equipe ministerial vai mal e que necessito reformulá-la. Continuamente leio e ouço conselhos, sugestões e censuras a respeito de como meus ministros têm se portado. Compreendo bem a intenção dos que falam e dos que escrevem, mas, infelizmente, eles não me conhecem, porque não aceito pressões de quem quer que seja e nem entro em conchavos para formar minha equipe

ministerial. A responsabilidade da escolha dos ministros é minha, como Presidente da República. Como até hoje, não tive a intenção de alterá-la, eu a mantenho até o dia que eu bem entender. Sem dar satisfação às vozes, venham de onde vierem.

Por vezes, culpam mais o meu Ministério. Outras vezes, culpam mais a minha atuação como Presidente da República pelas dificuldades por que passa o País. E os ministros e eu somos responsáveis pelo preço do petróleo que importamos. E somos responsáveis porque não podemos dar ao trabalhador o salário que ele merece. Porque os recursos que nós teríamos para isso, como é de nossa intenção, têm que ser desviados para que a Nação economicamente não sofra o colapso.

Esta festa, que deveria ser uma festa de alegria, uma festa em que estamos iniciando um programa de habitação para o trabalhador, vem acompanhada de um momento de tristeza, pelos atos de terrorismo, ultimamente. Agora, não se trata mais de danos materiais como pressão sobre o Governo. Agora, os facínoras matam inocentes. Matam pessoas que culpa nenhuma têm nas decisões de Governo.

Querem encontrar culpados pelas dificuldades por que passa a Nação, que busquem aqueles responsáveis, como eu. Se é necessário para a paz do povo brasileiro, se é necessário só isso, para que o povo tenha o seu sossego e possa viver dignamente, eu peço a esses facínoras que desviem as suas mãos criminosas sobre a minha pessoa, mas que deixem de matar inocentes.

Ao gesto de conciliação que desde a campanha eleitoral eu repito, e que tem sido repudiado pela Oposição, res-

pondem eles com essa maneira brutal de argumentar. Sinal que não têm argumento para dialogar. E se pensam que com pressões dessa natureza vão parar a minha maneira de ser, de sentir e de pensar no nosso País, estão muito enganados. E hei de prosseguir na trilha da busca do caminho democrático. Hei de fazê-lo com o apoio dos trabalhadores, que são os que mais estão sofrendo neste País.

Mas não vou permitir que eles transformem o nosso País num país de ensandecidos. Não queiram trazer para as nossas terras de paz o exemplo de terras estrangeiras.

Se querem a violência, não vão encontrá-la da minha parte. Mas vão encontrar a Lei, para puni-los. E desta Lei eu não abrirei mão. E se amanhã os céus nos fizerem justiça e conseguirmos eliminar da nossa sociedade esse tipo de gente, nós poderemos trabalhar e buscar dias mais felizes. Dias em que as dificuldades econômicas do País não se reflitam tão diretamente na vida de cada um dos senhores.

Repito. O dia deveria ser de alegria para todos nós. Só nos resta, na nossa tristeza, na nossa repulsa, no nosso nojo por esses atos, além do esforço para buscar os responsáveis, pedir aos Céus que parem as suas mãos e deixem o nosso povo viver em paz.

Muito obrigado.

04 DE SETEMBRO
VILA RESTINGA
PORTO ALEGRE-RS
IMPROVISO AO INAUGURAR O
CONJUNTO HABITACIONAL «4»
UNIDADE HABITACIONAL»

Minhas Senhoras, meus Senhores:

As palavras que acabo de ouvir do Governador do Estado e do Prefeito da Capital deixam bem patente o esforço que tem sido feito, não só aqui em Porto Alegre como em todo Brasil, para fazer face, talvez, à dificuldade maior dos menos favorecidos, que é a da habitação.

Bem sei os esforços sobre-humanos que o meu Ministério tem feito para possibilitar ao Ministério do Interior recursos que possibilitaram, até agora, chegarmos, após um ano e meio de Governo, a atingir quase um milhão de unidades habitacionais em todo o País. Número na realidade muito pequeno em face das necessidades totais, mas, que ressalta em expressão, quando comparado com os dois milhões dos últimos quinze anos.

Bem sei que ao fim do meu Governo não terei dado a todos os brasileiros o lar que cada família merece. O Brasil não tem condições par dar a quase vinte milhões de necessitados o lar que todos nós desejamos ter. Mas,

tenho certeza de que aqueles mais necessitados, e talvez só eles, possam ter um apoio maior do meu Governo para podermos atingir aquela meta de seis milhões de unidades habitacionais.

Mas, dirão os brasileiros: que adianta morar sem poder comer? Se a batalha é árdua no sentido de dar moradia aos mais humildes, muito mais árduo é convencer àqueles que produzem que devem perder um pouco do lucro para que o povo possa comer bem.

Aqui no Rio Grande, principalmente, responsável por trinta por cento da maior safra da história do País, eu espero o sacrifício um pouco maior dos produtores, para que os Senhores que hoje recebem casa possam sentar-se à mesa com suas famílias e comer mais barato.

E dirão que é difícil, porque os preços do custeio da safra agrícola estão altos, como na realidade estão. Mas, nesse caso, precisamos apoiá-los um pouco mais, para que a safra seja tão grande, que eles não tenham outros meios que não vender barato. E se for possível, chegar ao fim do meu Governo com estes dois objetivos regular ou razoavelmente alcançados — habitação para os necessitados e alimentação mais barata.

Com o apoio que tenho dado ao Ministério da Saúde e com o impulso que pretendo dar à Educação, eu não tenho medo de regimes autoritários, porque a democracia virá naturalmente do povo, porque, na realidade, quando se diz que o povo não vota bem; O povo saber votar. Mas sabe votar quando o Governo vem ao encontro dos seus anseios. E isto o meu Governo está fazendo, eu tenho a consciência tranqüila.

Daí porque me congratulo com o Senhor Governador, com o Senhor Prefeito, com meu Ministro do Interior, Mário Andreazza, e com todos aqueles outros que cooperaram nesta obra; que souberam, através das dificuldades, que não são pequenas, de ordem econômica que enfrenta o nosso País, onde encontrar recursos para dar aos Senhores um pouco daquilo que é o meu sonho.

Muito obrigado.

1

2

3

4

5

05 DE SETEMBRO
PARQUE ANHEMBI
SÃO PAULO-SP

DISCURSO NA SESSÃO DE EN-
CERRAMENTO DO FORUM DAS
AMÉRICAS

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Seja-me permitido, antes de encerrar esta reunião, congratular-me com o Fórum das Américas e com a Organização dos Estados Americanos, pela realização dos eventos hoje concluídos.

Faço-o nas pessoas ilustres do Secretário-Geral da OEA, Embaixador Alejandro Orfila, e do Presidente do Fórum, Senhor Mário Garnero. Por seu intermédio, manifesto o apreço do Governo federal a todos e cada um dos participantes das reuniões, debates e conferências aqui realizadas.

Considero especialmente adequados a nossos dias os os temas do Congresso Interamericano sobre a Livre Iniciativa na Mobilização de Fontes Alternativas de Energia» e do «Simpósio Interamericano sobre o Desenvolvimento de Fontes Alternativas de Energia». Boa razão têm os empresários do Continente para manifestar dessa forma seu interesse direto naqueles problemas.

A partir de 1973, os países do Terceiro Mundo, fortemente dependentes de suprimentos externos de óleo, sofreram uma redução *de facto* na capacidade de oferecer às suas populações níveis satisfatórios de bem-estar. As opções disponíveis — redução de outras importações ou abandono de programas relevantes para o desenvolvimento — são igualmente indesejáveis ou prejudiciais. E tendem a engendrar situações de estagnação econômica, desemprego ou atraso social. Ou todas juntas.

Nesses casos, sofrem primeiro, mais profundamente, e por mais tempo, as famílias menos favorecidas das nações importadoras. Sobre elas recaem com maior peso os aumentos de preço dos produtos e serviços mais essenciais. Sem culpa, vêm agravar-se os obstáculos, já normalmente grandes, ao seu progresso individual. Vêm distanciar-se, cada vez mais, a melhoria da qualidade da vida a que têm direito.

De qualquer modo, cumpre reconhecer a realidade como ela é. Ou seja: a procura de novas fontes de energia não é um problema só do governo. Para os homens de negócios, a disponibilidade e o preço da energia limitam a capacidade das empresas de produzir, vender, lucrar, expandir-se.

De uma ou de outra forma, tais restrições afetam a sociedade como um todo. Determinam os preços do mercado. Reduzem o poder de compra do público. Cerceiam os esforços das nações para criar riquezas. Anulam as medidas governamentais destinadas a melhor distribuir a riqueza gerada pelo trabalho de todos.

É contra esses percalços que os brasileiros resolveram enfrentar a questão do desenvolvimento de fontes

alternativas. Temos a nosso crédito realizações práticas notáveis.

Os resultados mais visíveis — mas não únicos — estão no uso do álcool de cana-de-açúcar, como combustível para veículos automotores. Aqui, já não se trata de experimentações interessantes ou dignas de curiosidade.

Dezenas de milhares de veículos a álcool trafegam pelas nossas cidades e estradas.

Quase 2.000 postos de serviço vendem álcool regularmente.

E tudo indica que até o fim do ano estaremos fabricando 30.000 veículos a álcool por mês.

É confortador verificar como os órgãos do Governo e as empresas privadas souberam motivar-se reciprocamente. Longe de repelir-se, ou de atuar em compartimentos estanques, somaram-se iniciativas e multiplicaram-se resultados.

Assim, no âmbito do Proálcool, o Ministério da Indústria e do Comércio aprovou, até julho deste ano, 298 projetos. Com sua execução, nossa capacidade de produção chegará a 6 bilhões e 700 milhões de litros por safra. Ou seja: dois terços da meta prevista para 1985. A partir daí, estamos revendo para 14 a 16 bilhões de litros de álcool por safra nossos objetivos para 1987.

Entretanto, o problema da energia não se resolve com soluções parciais. Governo e homens de negócios devem encarar a questão no seu triplice aspecto: de conservação; de substituição de derivados de óleo importado por fontes nacionais; e, por fim, mas não menos impor-

tante, de aumento significativo da produção nacional de petróleo.

Neste último aspecto, a Petrobrás superará pela primeira vez, este ano, a marca de um milhão de metros perfurados. Os campos já descobertos deverão estar produzindo, em 1985, mais de dois terços da meta prevista para aquele ano. A continuidade do trabalho da Petrobrás e os prováveis resultados positivos na prospecção sob contratos de risco permitem vislumbrar a possibilidade de, até lá, atingirmos a produção esperada de 500 mil barris-dia.

A substituição de energia importada faz-se hoje, no Brasil, através de programas ambiciosos e multidisciplinares, como ocorre nas indústrias siderúrgicas e cimenteiras graças a acordos assinados com o Governo.

No setor de transporte, estamos melhorando os sistemas urbanos e metropolitanos — ou construindo novos, onde necessário — para assegurar o deslocamento rápido e econômico de grandes massas de pessoas.

A produção de carvão mineral e seu aproveitamento em diversas modalidades darão a essa indústria condições de maturidade e rentabilidade compatíveis com sua importância presente na economia nacional. Em consequência, o transporte ferroviário e a cabotagem deverão experimentar novos índices de demanda e eficiência.

Ao mesmo tempo, a produção de álcool de mandioca já tem sua tecnologia industrial dominada e desenvolvida, vencidos os tropeços e dificuldades iniciais.

Projetos de florestamento e reflorestamento encontram novas oportunidades e atrativos no plantio de es-

pécies propícias à fabricação de álcool, ou de carvão vegetal.

No tocante ao óleo diesel, já não há dúvidas técnicas, relativamente à sua substituição por óleos vegetais. O Ministério da Agricultura está em vias de definir e implementar um programa de grande fôlego para a produção e industrialização de colza, de girassol, de dendê, de côco-da-bahia e das várias outras oleaginosas das quais temos abundância natural, ou solo favorável ao cultivo.

O resultado combinado de tantas iniciativas pode-se ver na redução real de nossas importações de óleo cru, relativamente ao limite de 960 mil barris/dia, fixado no começo deste ano. Em agosto, esse teto foi diminuído para 850 mil barris diários. Agora, já é possível pensar-se em nova redução, para 800 mil barris por dia.

São fatos como esses que nos animam a olhar o futuro com confiança e otimismo.

Meus Senhores,

O pequeno balanço, que acabo de fazer, demonstra claramente o efeito multiplicador da substituição de petróleo importado por fontes nacionais de energia.

Do plantio à fabricação de combustíveis as biomassas formam um ciclo perfeito. Perfeito quanto à utilização de fatores de produção, que não nos faltam: o sol e a terra. Perfeito pela valorização do trabalho e pela qualificação do trabalhador. Perfeito na geração de renda a nível local.

Perfeito, ainda, em abrir à iniciativa privada a possibilidade de engajar-se plenamente nos programas de energia em nosso País. Perfeito, diria mais, pela oportunidade

de acesso das pequenas e médias empresas ao fascinante campo da criação de energia.

De sua parte, o Governo federal corresponde a esse desafio com a alocação de recursos suficientes e a atribuição de prioridades correspondentes.

Assim, enquanto as despesas da União aumentarão globalmente, em 1981, cerca de 59 por cento, os gastos com energia e recursos minerais aumentarão em 183 por cento sobre o ano de 1980. Paralelamente, os dispêndios com a agricultura, nos quais se incluem as aplicações ligadas a fontes alternativas de energia, crescerão, no próximo ano, em 158 por cento.

Isto posto, é como prazer redobrado que venho partilhar com os Senhores da discussão técnica e política do assunto mais atual para todos nós: a descoberta e o desenvolvimento de fontes alternativas de energia.

Nosso futuro depende disso.

Muito obrigado.

08 DE SETEMBRO
HOTEL GLÓRIA
RIO DE JANEIRO-RJ

DISCURSO DURANTE A SOLENI-
DADE DE INSTALAÇÃO DO V
ENCONTRO NACIONAL DE EX-
PORTADORES-ENAEX

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Venho aqui trazer meu apoio à profícua atividade da Associação de Exportadores Brasileiros. Mas venho, também, reafirmar a filosofia e a política que condicionam o pensamento e a ação do Governo no comércio internacional.

A orientação para a exportação tem de ser uma opção consciente. Ao tomá-la, o Brasil procura alcançar vários objetivos. Externamente, os efeitos positivos do intercâmbio econômico favorecem a promoção e uma nova ordem internacional mais eqüitativa. Internamente, queremos sustentar níveis de produção mais elevados, ampliar as oportunidades de emprego e melhorar a renda nacional.

Por essas e outras razões, adotamos uma estratégia de exportação caracterizada por quatro princípios: coordenação; simplificação e desburocratização; descentralização; continuidade. Em seus aspectos operacionais, desdobre-se em políticas específicas, harmônicas e equilibradas: a

política de financiamento, a fiscal, a cambial e a de transportes domésticos e internacionais.

Uma quinta política seria a redução de nossas importações. Sabemos, contudo, que muitas de nossas compras externas são inelásticas — a começar pelo próprio petróleo. Apesar disso continuaremos a lutar para diminuir nossa dependência da energia, dos insumos e dos serviços importados.

Adotamos uma nova política de construção naval, destinada a acelerar a conclusão do programa em curso e reduzir os afretamentos. Prosseguimos na construção e aparelhamento dos portos e dos corredores de exportação que os servem. Vamos reformular o transporte de cargas para áreas prioritárias.

Em consequência, a navegação de bandeira nacional terá sua legítima parcela de fretes, nos dois sentidos.

Mas a verdadeira solução encontra-se no incremento das exportações. Nossas razões são simples e claras.

Precisamos aumentá-las, para cobrir as importações das quais não podemos prescindir.

Para manter a oferta de empregos em nível consentâneo com o milhão e meio de jovens anualmente incorporados à força de trabalho.

Para gerar recursos suficientes aos programas de educação, de saúde e saneamento, de assistência médico-social, de habitação e todos os outros, que nosso povo tem o direito de esperar.

O realismo cambial, como política de Governo, tem dupla função. Deve permitir a captação de recursos externos, e apoiar e incrementar as exportações.

Em consonância com o programa nacional de desburocratização, o CONCEX eliminou o papelório inútil e consolidou em uma só a multidão de resoluções e normas genéricas que regiam o comércio exterior. Progresso não desprezível foi a substituição, em muitos casos, da «guia de exportação» por uma simples declaração do próprio exportador.

Meus Senhores,

A articulação de ações entre exportadores e autoridades resultou em inegáveis sucessos. Em termos quantitativos, saímos de 6 bilhões de dólares, em 1973, para provavelmente mais de 20 bilhões, este ano. Verificaram-se, ao mesmo tempo, saudáveis alterações qualitativas em nossa pauta.

A esta altura, e com a certeza do entusiasmo dos empresários brasileiros, podemos estabelecer para 1981 a meta de 26 bilhões de dólares.

Mais da metade dessa cifra deverá ser representada por produtos industrializados, como já vem ocorrendo.

Não será fácil. Vai exigir entendimento e conjugação de esforços ainda maiores entre o Governo e o setor privado. Mas sobre isso, acho que podemos ser otimistas.

Os principais empecilhos têm causas cujas origens nos escapam — mas cujas conseqüências devemos sofrer. Vejamos alguns deles:

— Inflação de dois dígitos, em países de moeda tradicionalmente estável.

— Acentuados índices de desemprego, mesmo entre os de mais altos níveis de consumo.

— Obstáculos à reciclagem dos recursos acumulados pelos exportadores de petróleo.

— Novas ondas de protecionismo nos países desenvolvidos.

O Brasil vem lutando e continuará a lutar, nos foros internacionais adequados, contra toda forma de neoprotecionismo, e contra toda modalidade arbitrária de divisão do trabalho e de reserva de mercados. Eventualmente, essas medidas poderão atender a objetivos e interesses localizados e de curtíssimo prazo. Na realidade, são um mal permanente para todos os povos.

Nós, brasileiros, temos autoridade para essa luta.

Desenvolvimentos positivos no plano interno, como a abertura política, fortalecem a Nação. Permitem congrega os cidadãos em torno de idéias e programas comuns. Facilitam a adoção de medidas destinadas a contrabalançar os aspectos negativos na conjuntura econômica internacional.

Nos últimos anos, atividades promocionais de penetração e consolidação abriram e expandiram os mercados para produtos «made in Brazil».

A engenharia, a ciência e a técnica brasileiras encontraram novos clientes, quase sempre em concorrência com fornecedores mais tradicionais.

No plano político, intensificamos o diálogo com os países irmãos da Ásia, do Oriente Médio, da África e da América Latina. Em um ano e meio de Governo, visitei a Venezuela, o Paraguai e a Argentina. Dentro de poucas semanas, irei ao Chile. No mesmo período, tivemos o

prazer de receber os presidentes Bermudez, do Peru; López Portillo, do México; Videla, da Argentina; Kaunda, do Zâmbia; Touré, da Guiné-Conacri e Cabral, da Guiné-Bissau.

Nossa diplomacia tornou-se apta a servir sob as novas realidades de competição comercial. Sua habilidade e sua experiência sazoadas são indispensáveis à mudança da estrutura do intercâmbio econômico entre o Brasil e os demais países: ricos, intermediários ou pobres.

Para todos, somos parceiros confiáveis.

De nenhum, que nos compre ou nos venda, exigimos quaisquer outros vínculos, dependências ou condicionamentos.

Somos uma nação identificada com os anseios de desenvolvimento e afirmação das outras nações.

Reconhecemos que, se temos algo a oferecer, também temos muito a receber do conhecimento e das exigências dos países em desenvolvimento.

Acreditamos em relações equilibradas; mutuamente vantajosas; baseadas no conceito realista da solidariedade; sem paternalismo. Temos fé na criatividade e no trabalho.

Empenhamo-nos em estimular o descontraimento das tensões internacionais. E em fazer prevalecer o diálogo, em vez da confrontação.

Sustentamos a necessidade do desarmamento. Não só como requisito de paz mundial. Da redução dos gastos com engenhos de destruição fluirão naturalmente vultosos recursos *novos* para o desenvolvimento.

Por isso estamos em condições de vender mercadorias e serviços sofisticados. E, com eles, oferecer também a tecnologia, a experiência, o «know-how» acumulados no nosso gigantesco esforço de desenvolver o País.

Por toda parte, nossos amigos discutem fascinantes possibilidades de cooperação, de projetos bilaterais e multilaterais.

As oportunidades para o Brasil são imensas.

Não preciso destacar para os Senhores as dificuldades e os desequilíbrios característicos das relações econômicas internacionais nos dias de hoje. Queiramos ou não queiramos, seus efeitos se refletem no plano doméstico.

Nós, brasileiros, estamos decididos a preservar taxas adequadas de crescimento do produto interno. Temos de evitar que os males da recessão em outras partes do mundo se derramem sobre nós. Dentre as muitas iniciativas necessárias para lograr esse objetivo, o esforço exportador reveste-se de importância crucial.

O Governo está consciente de vir cumprindo seu papel no processo, assim como os Senhores vêm cumprindo o seu.

Desejo, por isso, exortá-los ao empenho adicional indispensável ao aproveitamento de *todas* as oportunidades abertas ao crescimento do setor externo de nossa economia.

Sei que posso contar com os Senhores.

Da mesma maneira que os Senhores sabem que podem contar com o apoio e o aplauso do meu Governo.

Muito obrigado.

23 DE SETEMBRO
PALÁCIO DO PLANALTO
BRASÍLIA-DF

IMPROVISO AO RECEBER OS REPRESENTANTES DA UNIÃO PARLAMENTAR INTERESTADUAL — UPI

Meus Senhores:

Eu me sinto muito honrado com a presença de Vossas Excelências aqui na casa de trabalho do Executivo. Sinto-me honrado e agradecido, porquanto, eu próprio havia solicitado dos Senhores que viessem aqui a esta casa trazer a colaboração da experiência e da sabedoria de cada um dos Senhores. Eu poderia dizer aos Senhores algumas palavras, mas pelo o que ouvi do nosso Presidente, apenas posso dizer que reitero todas aquelas afirmações que fiz desde quando candidato; e persisto na minha idéia fixa de normalizar a vida política do País. Sei que nem todos ainda acreditam nas minhas intenções mas eu prefiro que acreditem nos fatos, como acreditam hoje na anistia, no pluripartidarismo e na eleição direta para governadores, que já é um fato.

Se mais não foi feito, em um ano e pouco de Governo, é porque eu não tive possibilidade de fazê-lo, mas persisto na idéia de fazê-lo até o fim do meu Governo, e com a maior pressa possível, muito antes daqueles que até

hoje ainda duvidam das minhas intenções. Levarei para minha casa a colaboração dos senhores. Vou lê-las e relê-las com cuidado, e anotá-las. E a tal ponto levo a importância dessa colaboração que prometo aos Senhores que naqueles pontos em que eu estiver de acordo, e que deverão ser muitos, convocar os meus ministros e determinar-lhes a sua plena execução no que me couber. E espero que essa não seja a última visita que os Senhores fazem a esta casa, porque esta de fato é a democracia que todos nós queremos: Governo e Oposição em conjunto. A Oposição apontando os erros do Governo, mas também dizendo ao Governo o que deve ser feito para o bem do País. E isso os Senhores fizeram.

Muito obrigado.

25 DE SETEMBRO

ASSOCIAÇÃO DOS FUNCIONÁ-
RIOS DA ELETROSUL
CRICIÚMA-SC

IMPROVISO AO VISITAR A CI-
DADE

Senhor Governador do Estado de Santa Catarina, Jorge
Bornhausen,

Senhor Vice-Governador Dr. Thompson Flores,
Reverendíssimo D. Anselmo,

Senhores Senadores, Deputados estaduais e federais,

Senhores Comandantes Militares da área,

Senhores Prefeitos,

Demais Autoridades,

Representantes de presidentes de sindicatos,

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Ao justo regozijo do povo catarinense por mais esta etapa da *Usina Jorge Lacerda*, eu fiz questão de, com a minha presença, juntar o meu regozijo e o do meu Governo, não porque isso possa apenas significar para a economia do Estado, mas principalmente pelo que ela de fato significa no esforço que o País está fazendo para conter o problema mais grave que enfrenta, que é o da crise ener-

gética; e pelo que isso possa também significar para a solução desse problema.

Ouvi ainda há pouco do Sr. Governador agradecimentos por decisões e atos do meu Governo em benefício do Estado de Santa Catarina, agradecimentos que reconheço generosos em demasia pelo muito pouco que aqui trouxe nesta minha passagem.

Pelo que conheço da história, das tradições, da gente e da potencialidade do Estado, já dizia eu em Lage, ainda como candidato, que Santa Catarina não merece continuar sendo um hiato entre o Rio Grande do Sul e o Paraná. O esforço que tenho feito para cumprir esta promessa e eliminar neste hiato, lamentavelmente as condições financeiras do País não têm permitido que fosse o desejável, mas não esqueci as minhas promessas e entre elas, entre tantas outras já em realização, eu quero deixar lembrado que o Estado só significará o que merece no contexto nacional quando eu tiver cumprido a promessa de ter plenamente efetivado a Sidersul funcionando no Estado.

Dizem que tenho feito muitas promessas, que tenho feito muitas afirmações que não tenho condições de realizar; mas assim disseram da anistia, assim disseram da normalização política do País, assim disseram da liberdade de expressão e da liberdade de imprensa, assim disseram do pluripartidarismo e ainda teimam em dizer agora das eleições diretas. A todos esses, dentro das possibilidades orçamentárias do País e das possibilidades conjunturais, eu tenho respondido com atos e ninguém pode me acusar de ter fugido à nenhuma das promessas que fiz com candidato. E a despeito dos ataques que, por vezes injustos e até caluniosos, dizem ao meu Governo e à minha pessoa,

eu persisto naquelas todas promessas que fiz de implantar neste País aquela democracia possível para o Brasil e hei de persistir até o fim nessas minhas intenções, a despeito de quantas bombas queiram atirar sobre a cabeça do meu Governo.

E prazam os céus que, ao fim do meu Governo, eu possa voltar a este Estado para dizer que cumpri aquelas promessas possíveis, a fim de que Santa Catarina possa, de fato, deixar de ser este hiato e ter no contexto nacional o papel que merece.

Muito obrigado.

21

22

23

24

25

25 DE SETEMBRO

CRICIÚMA-SC

IMPROVISO AO VISITAR A USINA

JORGE LACERDA

Senhor Governador do Estado de Santa Catarina, Jorge Bornhausen,

Senhor Prefeito de Criciúma,

Senhores Parlamentares,

Demais Autoridades,

Minhas Senhores, meus Senhores:

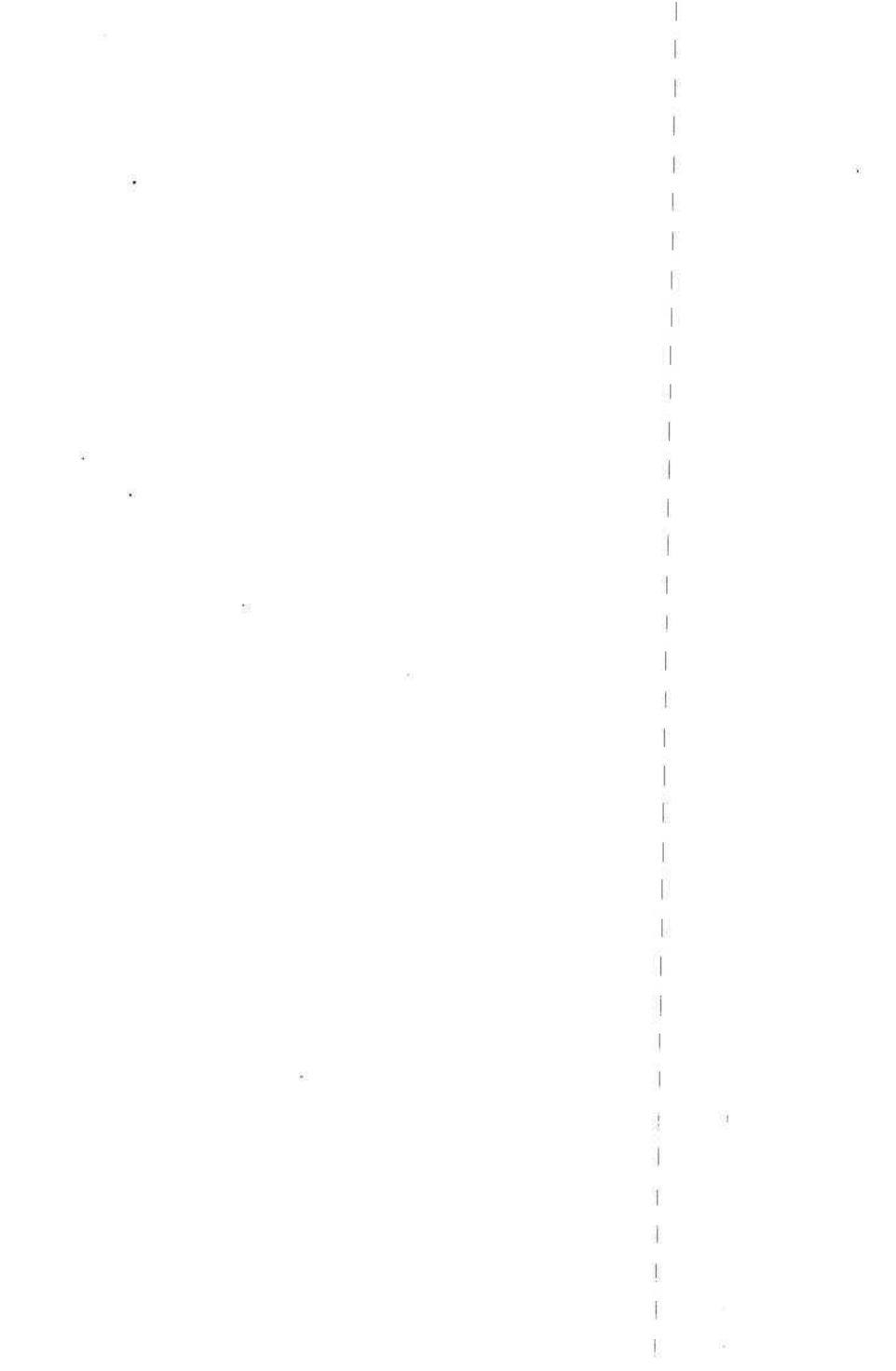
Eu quisera estar presente aqui em Criciúma entre quatro e doze de outubro, quando a Comunidade vai festejar o seu Centenário. Eu quisera estar presente para junto com todos os Senhores, crianças, jovens e adultos, reverenciarmos a memória daqueles pioneiros Italianos, Alemães e Poloneses, que aqui vieram e fizeram desta terra um pedaço próspero do Brasil. Infelizmente, não poderei estar entre quatro e doze de outubro com os Senhores. Daí porque estou aqui hoje, para cumprimentá-los e junto com os Senhores reverenciar a memória daqueles nossos antepassados que nos permitiram ter esse pedaço do Brasil valendo o que vale hoje. E olhando para essas crianças, que ainda há pouco me receberam com tanto carinho, eu vejo nelas o futuro do nosso País e o futuro deste «rincão» de Santa

Catarina. Agora, há poucos instantes, eu tive ocasião de agradecer ao povo de Tubarão a acolhida que me deu. E agradecer ao Sr. Governador as palavras generosas que pronunciou por alguns poucos atos que eu e meus auxiliares assinamos em benefício do Estado. Tive ocasião de dizer que a terceira etapa da Usina Jorge Lacerda, significava muito para meu Governo; quanto ela vinha mostrar como pode o carvão mineral resolver ou pesar na resolução do problema que tanto aflige nosso País, que é o problema energético. E aqui, para os Senhores, eu devo dizer que penso muito na indústria carbonífera, e penso muito nos recursos que devo alocar a essa indústria para que, de fato, ela possa pesar na resolução do nosso problema energético. Penso nos benefícios que posso trazer aos municípios produtores alterando a alocação ou a importação de alguns tributos em benefício desses municípios.

Há poucos dias tive ocasião de determinar ao Sr. Ministro dos Transportes que, entre os cortes necessários, que fui obrigado a fazer no orçamento por limitação de recursos, deixasse, pelo menos, que aquelas estradas das minhas promessas de candidato tivessem prosseguimento, como a BR-282. E lá ainda, em Tubarão, tive ocasião de dizer, também, que não me esquecia daquelas promessas que havia feito de tentar tirar de Santa Catarina a idéia de que era um hiato entre o Paraná e o Rio Grande do Sul. E se tantas promessas havia feito, uma pelo menos eu tinha presente e essa eu fazia questão de cumprir até o fim do meu Governo, para que o Estado pudesse, de fato, ter o papel que merece no contexto nacional, que era a implantação definitiva da SIDERSUL no Estado de Santa Catarina.

Dentre as palavras generosas que ouvi do Sr. Governador, ouvi que Santa Catarina acredita no Brasil. Eu inverteria o problema dizendo que eu, que tenho percorrido todo o nosso País, venho dizer aos Catarinenses que os brasileiros como eu acreditam em Santa Catarina. E acreditam que Santa Catarina possa dar ao nosso País aqueles recursos de que tanto necessitamos para melhorar o nível da vida de nossa gente. E vendo essas crianças e vendo esses jovens que vi agora, eu tenho certeza que gente não falta aqui neste Estado para fazer isso.

Muito obrigado.



30 DE SETEMBRO

EDIFÍCIO SOFIA

BRASILIA-DF

DISCURSO AO INAUGURAR A
SEDE DO PDS

Minhas Senhoras, meus Senhores:

O ato simples, do qual participamos, transcende este pequeno espaço físico. Tem sabor de realização. Projeta e simboliza nossa determinação de reformar e transformar nosso País.

Transformar a sociedade, para satisfazer o desejo de todos os brasileiros de concorrerem em igualdade aos bens espirituais e aos frutos do esforço comum de produzir riquezas.

Reformar o sistema político. Continuar aperfeiçoando o sistema econômico. E dinamizando, cada vez mais, o social. De modo a assegurar a todos os brasileiros o direito pleno da minoria de fazer-se ouvir. De propugnar, de reformar, como está no nosso programa, com o consentimento pacífico da maioria da Nação. Garantido o direito pleno da minoria de fazer-se ouvir. De procurar e lutar para difundir seu programa, popularizar seu ideário.

Mas sem subverter outro princípio basilar da democracia: o governo pela maioria.

Não falta, entre nós, quem aja e reaja como se prevalecesse uma estranha doutrina. Como se a razão e a justiça estivessem, sempre, quase por definição, com a minoria. E a maioria não fosse o que realmente é: representante do pensamento majoritário da Nação organizada politicamente.

O certo é que, por cima das divergências doutrinárias, haverá sempre de prevalecer o bem da Nação. O bem de todos.

Entretanto, nem por sermos maioria, devemos descansar.

Ou dormir sobre os resultados da eleição passada.

Ou pensar que a próxima está longe.

Ou esquecer os problemas graves, reais, que afligem nossa gente.

Ou deixar de erigir a tolerância e a solidariedade ao nível de pressupostos de uma sociedade baseada na igualdade entre os homens. Inspirada na transcendência do destino da Humanidade.

Nosso programa nos anima a construir o Estado como instrumento da sociedade. A dar-lhe a qualidade de fiador do caráter inviolável da pessoa humana. E dos direitos políticos, civis, econômicos e sociais, que a informam.

Na medida de nossa adesão consciente a esses princípios, estaremos habilitados a fazer nascer e florescer a sociedade mais justa, capaz de proporcionar uma vida

mais digna, feliz, e espiritualmente mais rica. Baseada no esforço de cada um. Na liberdade de iniciativa. Na função eminentemente social do capital e do lucro. Na dignidade intrínseca ao trabalho do homem.

Programas partidários, como tantos documentos feitos ao sabor das lutas, sob a contingências de tempo e espaço, tendem a envelhecer rapidamente. Ontem à noite, reli o nosso.

Percorri suas poucas páginas e encontrei-o íntegro e límpido. Defendendo princípios e soluções, antes de tudo o mais, bem brasileiros. Ali estão, em palavras a lembrar sempre, as aspirações do povo brasileiro, expressas em termos de compromissos de representação política.

Aspirações, que são, também, as inspirações do meu, do nosso Governo. Ali estão os problemas de nossa época. Mas, também, os caminhos para um País historicamente jovem. E que, tendo na juventude de seus filhos a maioria da população, nela investe nossa mais fundada confiança.

A mensagem do nosso Partido é para esse povo. Para essa gente abre-se hoje, aqui, a sede partidária.

Daqui se irradiarão diretivas. Mas esta sede haverá de ser, sobretudo, ponto de convergência das inquietudes, esperanças e anseios dos brasileiros.

Meus Correligionários,

No próximo domingo, 2,5 milhões de eleitores filiar-se-ão ao PDS, elegerão 90 mil dirigentes partidários, em mais de 3 mil convenções municipais.

Somos o primeiro partido a organizar-se sob a nova legislação. O primeiro a dar contribuição clara e sincera de apoio à estabilidade democrática. O primeiro a pro-

clamar diante da Nação nossa crença no sistema partidário, único instrumento capaz de gerar o poder, numa sociedade aberta e pluralista.

Tais resultados, obtidos em apenas oito meses, bem demonstram o esforço e a dedicação da direção do Partido, de nossas lideranças e de todos quantos ingressaram em nossos quadros. Cada ato de filiação ao PDS é um ato de fé no nosso programa, na ação do meu Governo, e no nosso destino democrático.

Digo, por isso, que assim como o PDS nunca me faltou, eu não faltarei ao PDS.

Muito obrigado.

01 DE OUTUBRO
PALACIO DO PLANALTO
BRASILIA-DF

DISCURSO POR OCASIAO DA ASSINATURA DO ATO PARA SIMPLIFICAÇÃO DOS TRÂMITES DA DISTRIBUIÇÃO DE RENDAS AOS ESTADOS E MUNICIPIOS

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Desejo agradecer a presença de Vossas Excelências neste ato, concebido, antes de tudo, para fortalecer a Federação e reforçar a autonomia municipal. Este é mais um passo de descentralização administrativa, em direção aos estados e municípios, e, conseqüentemente, de descompressão política.

Desde os tempos de candidato, comprometi-me a sustentar a Federação e fazê-la mais forte. Moderna. Baseada na distribuição harmoniosa de responsabilidade e recursos.

Nessa linha de pensamento, tenho recomendado que a execução dos programas federais sirva para reforçar e valorizar as identidades locais e regionais. Um dos traços característicos da personalidade brasileira é sua riquíssima diversidade. Ela nos identifica como povo, e cimenta nossa unidade cultural.

Procuro o aprimoramento da administração municipal, para dar ao processo de desenvolvimento o necessário impulso dinamizador e modernizador. Na realidade, por mais que os planos, programas e projetos sejam concebidos a nível federal ou estadual, eles se realizam, fisicamente, no âmbito local. Essa idéia repele as soluções uniformizadoras e, portanto, despersonalizadoras.

Nossos municípios foram, e continuarão a ser, nosso grande viveiro de administradores, líderes políticos e legisladores.

Convém repetir o que disse antes: as questões locais afetam a vida dos cidadãos muito mais diretamente que os problemas estaduais e federais. É nesse contato imediato, face a face, que os políticos aprendem a deixar de lado as abstrações dos técnicos e a considerar cada assunto em termos de gente, de pessoas, de seres humanos por eles afetados.

Entre os objetivos primordiais do Programa Nacional de Desburocratização está o de promover a descentralização administrativa, não apenas dentro da administração federal, mas também desta para os estados e municípios.

Nessa linha de pensamento, os ministros da Desburocratização, do Planejamento e da Fazenda propuseram fossem suprimidas as complicações burocráticas, e automatizada a transferência aos estados, Distrito Federal, territórios e municípios de suas quotas nos impostos compartilhados.

A decisão do Governo Federal, de reverter o processo de tutela dos órgãos federais sobre os estados e municípios, é um passo a mais no caminho da abertura política.

A partir deste momento, a aplicação dos recursos transferidos fica isenta de condicionantes burocráticos federais. Passa a obedecer, tão somente, à destinação expressamente prevista em lei.

Esta medida não é solução completa para o problema do enfraquecimento da Federação. Nem mesmo para a escassez dos recursos municipais. Mas é um primeiro grande passo, entre outros que se seguirão, dentro da mesma filosofia.

Com isso, cumpro mais um compromisso do candidato. Ao fazê-lo, reafirmo minha confiança na capacidade dos administradores locais, para ajudar-me a apoiar o municipalismo, e, através dele, o espírito federativo.

Muito obrigado.

01 DE OUTUBRO
PALACIO DO PLANALTO
BRASILIA-DF
IMPROVISO AO RECEBER OS
MEMBROS DO LICEU DE ARTES
E OFICIOS DE SÃO PAULO

Senhor Presidente do Conselho Diretor do Liceu de Artes e Ofícios,

Senhor Presidente da EMAQ,

Senhores membros da Diretoria da EMAQ,

Senhores membros do Liceu de Artes e Ofícios,

Senhores membros do júri:

Eu hoje tive, nesta oportunidade, uma dupla satisfação. O desenvolvimento do nosso País — em particular o desenvolvimento econômico — repousa, em grande parte, em duas falhas, que os nossos administradores já têm dito e reprisado várias vezes: uma falha no nosso sistema educacional, em que vemos um hiato na parte referente ao técnico de porte médio; outra, referente à nossa tecnologia, que, de uns anos para cá, tem conseguido — aceitando já algumas coisas assentes de tecnologia importada — juntar a esta sua capacidade inventiva de um lado, ou, de outro, incentivada pelos exemplos dos nossos técnicos e estrangeiros, criar a nossa própria tecnologia.

Hoje, eu vi aqui um exemplo dado pelo Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, incrementando a formação de técnicos de nível médio, através de uma sugestão que me parece, à primeira vista, muito boa, qual seja, a de criar diretores para essas escolas, que nós não temos. A outra, por ver premiada uma companhia que desenvolveu a tecnologia nacional, sem nenhuma adaptação de tecnologia estrangeira, dando razão aos nossos administradores, quando dizem que precisamos de capacidade criadora.

Eu me congratulo com o senhor Presidente e com o Liceu de Artes e Ofícios por essa sugestão apresentada, que vou mandar estudar a fundo; e, ao me congratular com a EMAQ, congratulo-me com todos aqueles cientistas e técnicos brasileiros que já buscam, isto sim, a nossa tecnologia, que há de fazer o desenvolvimento deste País.

Muito obrigado aos Senhores.

02 DE OUTUBRO
PRAÇA PRINCIPAL
MINAS NOVAS-MG
IMPROVISO EM COMEMORAÇÃO
AOS 250 ANOS DA CIDADE

Senhor Governador do Estado de Minas Gerais, Francelino Pereira; Senhor Senador Murillo Badaró; Senhores Ministros, Senhor Prefeito de Minas Novas, Senhores Senadores, Deputados, Senhores Prefeitos, demais autoridades presentes; Minhas Senhoras, meus Senhores:

Cada vez que chego a Minas Gerais, sinto mais limpidas em meu espírito as lições de história e de civismo, cujas matrizes estão aqui arraigadas. Minas Novas hoje; no júbilo dos seus duzentos e cinquenta anos, é uma das cidades marco da nossa nacionalidade. O estado civilizador das vetustas cidades mineiras é um marco eloquente, um testemunho eloquente do que fizeram as bandeiras que adentraram o sertão, na busca persistente do homem às glórias do ouro e da fortuna. O pioneirismo que está presente aqui em Minas Novas, no seu obelisco que recorda a casa da fundição, e nas lições de seus dizeres, lições que nos deixam para o futuro. Aqui se apuravam as riquezas das entranhas da terra. E é para incentivar, apoiar, despertar o amor e o interesse pelas riquezas da terra e da

região, que aceitei o convite dos meus amigos, Governador Francelino Pereira e Senador Murillo Badaró. E aqui estou hoje, para aplaudir e me aliar àqueles que querem algo construir, e combater as forças negativas. O Vale do Jequitinhonha já tem todas as condições para enfrentar as disparidades e transformar-se de fato num vale da Esperança. Estradas já o ligam às demais regiões e aos centros econômicos do Estado. Luz e energia há em abundância. A região já não está mais isolada do restante do Estado, do restante do País e do Mundo. As pessoas já se comunicam, já conversam, já dialogam. A imagem e o som já transpuseram os obstáculos existentes. O PRODEVALE aí está na sua marca segura, e é com alegria que vejo o esforço daqueles que teimam e hão de fazer a integração desta região no desenvolvimento sócio, político e econômico do País. Ainda ontem em Brasília tive a oportunidade de assinar um ato que facilitasse e agilizasse as relações do Governo Federal com os estados e municípios. E ao imaginá-lo e executá-lo tinha em mente principalmente aquelas regiões mais carentes e mais ansiosas de progresso, como é o caso do Vale Jequitinhonha.

A generosa e carinhosa acolhida que o povo de Minas Novas e da região me concedeu muito me emocionou. O tropel desses mil e quinhentos cavaleiros me parece o ruído da vanguarda, daquela gente que vai trazer para esta região um novo tempo, o tempo do trabalho, da esperança das reminiscências dos seus duzentos e cinqüenta anos. O tempo do amor à terra, mas também o tempo da ternura da gente mineira. E ao agradecer esta acolhida, sinto-me tomado pelo afeto da gente mineira. E mais que com palavras, o faço com os votos, de que a felicidade venha plena para a gente da terra mineira. E que este sol que

nasce nestas montanhas possa trazer também o calor do progresso e da felicidade para esta região. E que venha sempre com o calor da minha amizade e o calor da minha gratidão.

Muito obrigado.

08 DE OUTUBRO
AEROPORTO INTERNACIONAL
ARTURO MARINO BENITES
SANTIAGO DO CHILE-CHILE
DISCURSO AO DESEMBARCAR
NO CHILE

Minhas Senhoras, meus Senhores:

É com justificada emoção que piso o solo chileno. Ao fazê-lo, recordo e reafirmo a tradicional e constante amizade que caracteriza as relações entre o Brasil e o Chile.

Saúdo, com satisfação, Vossa Excelência e a Excelentíssima Senhora de Pinochet. E trago ao nobre povo chileno uma mensagem especialmente fraterna e cordial do povo brasileiro.

Vossa Excelência acaba de dirigir-me palavras repassadas de simpatia. Sinto-me sobremaneira penhorado por elas.

Muito lhe agradeço o amável convite que me fez para visitar seu país, e a maneira fidalga com que nos acolhe.

Ao sobrevoar, ainda há pouco, a majestosa Cordilheira dos Andes, recordei, com respeito e veneração, os próceres da Independência latino-americana, que neste cenário majestoso se tornaram símbolos das aspirações continentais.

Sua memória me inspira a ratificar, neste mesmo momento, o inalterável propósito do Brasil de conviver intensa e harmoniosamente com todas as nações irmãs.

A cooperação entre os países latino-americanos, no encaixo das justas aspirações da região, não se apresenta como mais uma entre várias opções. Antes, ela me parece um compreensível imperativo de nossos tempos. Acredito que estamos realmente fadados a congregar nossos esforços em prol do bem comum e da prosperidade da América Latina.

O espírito de amizade leal e franca, que sempre norteou nosso relacionamento, caracterizará as conversações que mantereí com Vossa Excelência. A auspiciosa evolução de nossa História exorta as duas nações a perseverarem, com fé inquebrantável, no fraternal propósito de que tanto nos orgulhamos. Cabe-nos, agora, colocá-lo a serviço dos ideais de desenvolvimento e de aproximação entre os povos do continente.

Senhor Presidente,

Estou seguro de que esta minha visita ao seu belo e acolhedor país será um marco expressivo no caminho da amizade trilhado pelo Brasil e pelo Chile, desde os primeiros anos de vida independente de nossas duas nações.

Muito obrigado.

08 DE OUTUBRO
CLUBE DE LA UNIÓN
SANTIAGO DO CHILE-CHILE
DISCURSO AO SER CONDECORA-
DO COM O COLAR DA ORDEM
DO MÉRITO DO CHILE

Excelentíssimo Senhor Presidente da República do Chile,
Augusto Pinochet Ugarte,

Excelências:

Recebo com especial agrado das mãos de Vossa Excelência, Senhor Presidente Pinochet, o Colar da Ordem ao Mérito do Chile. Essa distinção muito me honra e sensibiliza. Recebo-a, antes de tudo, como símbolo da fraterna amizade entre nossos povos.

Desejo expressar a Vossa Excelência e ao governo do Chile todo o meu reconhecimento por essa alta deferência. E peço-lhe interpretar, junto à nação chilena, os invariáveis sentimentos de amizade e admiração que lhe dedicam todos os brasileiros.

A generosa iniciativa do governo chileno em conceder-me a Ordem ao Mérito do Chile é ainda mais significativa em face das origens históricas dessa condecoração.

Profundamente vinculada à gesta do Exército Libertador, sua criação foi um dos primeiros passos do Governo do Diretor Supremo Bernardo O'Higgins, quando o Chile nascia para a vida de nação soberana e independente. Desde então, passou a figurar entre as tradições mais enobrecedoras da América Latina emancipada.

A Ordem ao Mérito do Chile representa, assim, os mais puros e autênticos ideais do Libertador chileno e sua inspiradora visão dos destinos continentais. Desígnios grandiosos, como os de O'Higgins, continuam a impelir os povos da região a perلustrar com confiança os caminhos do desenvolvimento integrado e da mais promissora colaboração.

Esse espírito, o de uma América Latina crescentemente entrelaçada por vínculos dinâmicos de cooperação e progresso, encerra o sentido mais amplo de minha visita ao Chile, confirmação de uma convivência que não cessa de renovar as perspectivas que se abrem aos nossos países.

Aceite, pois, Senhor Presidente, meus agradecimentos profundos pela honra que me é conferida, a qual se alicerça, estou seguro, nas melhores tradições de bom entendimento e harmonia entre o Brasil e o Chile.

Muito obrigado.

08 DE OUTUBRO
PALACIO COUSIÑO
SANTIAGO DO CHILE-CHILE
DISCURSO AO RECEBER AS CHA-
VES SIMBÓLICAS DA CIDADE

Senhor Alcaide de Santiago, Patricio Guzmán:

Recebo com satisfação imensa, a distinção com a qual Vossa Excelência vem de honrar-me. Suas palavras de carinho e simpatia pelo Brasil ilustram significativamente a hospitalidade e a fidalguia do povo chileno e dos habitantes desta nobre cidade.

Da fundação de «Santiago del Nuevo Extremo» por Pedro de Valdívia, em 12 de fevereiro de 1541, pode dizer-se que foi o mais importante dos primeiros capítulos da história nacional.

Aqui se encontra uma inusitada combinação: a majestade da Cordilheira, a suavidade do clima e a harmonia da paisagem amena, em torno do cerro histórico de Santa Lucía. Daí vem, provavelmente, o extraordinário caráter dos filhos desta cidade. À coragem, à visão descortinadora, aliam-se a suavidade no trato, a finura do gosto e a predileção pelas artes do espírito: a ciência, a política e as letras consagradas universalmente.

Com os anos, a cidade haveria de ganhar novas dimensões. De adquirir os modernos e harmoniosos traços que hoje lhe moldam a fisionomia. Mas as sucessivas gerações de «santiaguinos» souberam manter a graça e a elegância de sua cidade.

Santiago apresenta-se ao visitante esplendidamente civilizada e cosmopolita. O ritmo febril de suas avenidas e ruas adverte o viajante de achar-se em meio a um povo tenazmente consagrado ao trabalho e à prosperidade. Um pouco mais de convivência com a cidade põe em evidência as condições de vida humana e social, raramente encontradas em cidades do porte desta capital.

Santiago é, por excelência, desde os tempos coloniais, a verdadeira «civitas» da Nação chilena. Cabe-lhe ser, assim, centro animador e síntese dos anseios nacionais.

Santiago tem a força telúrica, a qualidade interior, própria daquelas poucas cidades que se constituem em outros centros de cultura e de civilização do Hemisfério Sul.

É como se os grandes fundadores de cidades latino-americanas do século XVI houvessem sido especialmente iluminados em sua empreitada heróica. Valdivia, em Santiago; o Padre Anchieta, em São Paulo; Estácio de Sá, no Rio de Janeiro; Pedro de Mendoza e Juan de Garay, em Buenos Aires; Francisco Pizarro, em Lima; e Cortez, na cidade do México (para não falar dos Aztecas, 200 anos antes).

Vencendo incríveis dificuldades, cada um deles deixou o sinal de sua presença civilizadora, em torno de uma pequena fortaleza, ou de um colégio; à beira de um lago

ou de um rio; sobre uma colina; ou à sombra da cruz de uma pequena capela.

Muitas vezes, porém, os conquistadores esqueceram-se da função civilizadora que era a própria razão de ser de suas aventuras épicas. A história lhes cobra, com justiça, a corrupção dos costumes locais; o extermínio das populações aborígenes e a pilhagem das riquezas encontradas.

Mas se assim foi, deve-se reconhecer como fato igualmente histórico a lembrança de sua coragem pessoal, da afoiteza de suas façanhas, freqüentemente coroadas pelo heroísmo e pelo sacrifício supremo.

Como brasileiro, emociona-me lembrar que esta capital está intimamente ligada a altas decisões em prol do fortalecimento e da consolidação da histórica amizade entre o Brasil e o Chile. Aqui serviram ilustres diplomatas brasileiros. Domício da Gama. O Barão da Ponte Ribeiro, João da Costa do Rego Monteiro.

Aqui serviu, também, o maior historiador de minha Pátria, Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro. Casado com ilustre senhora chilena, um de seus filhos, Luiz Varnhagen de Porto Seguro, haveria de seguir a carreira do pai e tornar-se Embaixador do Chile em vários países.

Meus Senhores,

A história de nossas pátrias é inseparável da história das nossas cidades. Nelas conhecemos nossas primeiras instituições jurídicas e administrativas. Delas partiram, para ilustrar-se nas cortes, aqueles que viriam a ser os

primeiros letrados nativos destas terras. A estes não escapava a iniquidade do sistema colonial.

Na medida em que faltaram à Justiça, os colonizadores motivaram os que, como O'Higgins, José Bonifácio de Andrada e Silva, oBlivar e San Martín, conduziram as nações da América do Sul à sua independência.

Cabe, agora, aos jovens de nossa terra manter e honrar essa herança insigne. E se a tarefa lhes parecer enorme, bastará que olhem para trás, mirando-se no exemplo de nossos maiores.

Senhor Alcaide,

Ao reiterar meus sinceros agradecimentos por esta homenagem, manifesto a Vossa Excelência que dela conservarei a mais grata lembrança.

Formulo sinceros votos pelo progresso de Santiago. Estou certo de que aqui continuarão a refletir-se, em distintos matizes, o espírito e a capacidade criadora deste grande povo.

Muito obrigado.

09 DE OUTUBRO
PALACIO DOS TRIBUNAIS
SANTIAGO DO CHILE-CHILE
DISCURSO AO SER RECEBIDO
PELA CORTE SUPREMA DE JUSTIÇA DO CHILE

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Sinto-me sumamente honrado em ser recebido nesta sessão solene, pela Corte Suprema de Justiça do Chile.

Antes que homenagem dirigida a minha pessoa, recebo-a em nome do Governo e do povo brasileiros. Nela encontro, também, uma demonstração a mais da simpatia com que somos acolhidos neste país tão querido e admirado em minha pátria.

Atos como este reforçam os antigos laços de amizade, que várias gerações de brasileiros e chilenos souberam tornar permanente. Vínculos que se renovam no contacto entre as pessoas. Que se solidificam nos intercâmbios do comércio. Mas que, realmente, encontram seus pontos mais altos na constância dos ideais de liberdade individual, independência política e justiça social.

Toda a América reconhece e proclama o papel relevante deste tribunal nos mais importantes acontecimentos da história chilena. As origens do judiciário neste país se entrelaçam com as raízes mesmas da nacionalidade.

A atuação dos magistrados chilenos fez-se sentir de maneira decisiva nos momentos culminantes da gesta libertadora. E continuou presente, através desta Corte, desde sua instalação, em 1824, até hoje.

Para mim, como Chefe de Estado, a oportunidade é particularmente grata para manifestar a Vossa Excelência o apreço e o respeito dos meus patrícios pelas tradições desta Casa. A cultura jurídica do Chile formou-se praticamente na Suprema Corte. Homens como Gregório Argomedo, Lorenzo Villalón, Francisco Antonio Pérez, Gaspar Marín e Mariano Egana deixaram aqui sua marca indelével. Solidamente alicerçada em exemplos tão respeitáveis, a Suprema Corte soube manter constante sua devoção à causa do Direito e da administração da Justiça.

Essa tradição, para honra de Vossas Excelências e de seus ilustres antecessores, teve sempre alta valia nesta Corte e nesta terra. Logo após haver inscrito o nome do Chile no pequeno rol dos Estados independentes de então, o grande fundador da República, Bernardo O'Higgins, cuidou de sistematizar a multiplicidade de leis herdadas da coroa hispânica.

Sensível às mais modernas tendências legislativas de seu tempo, O'Higgins preocupou-se em dar ao Chile um Código Civil. Essa tarefa gigantesca, confiou-a a Andrés Bello, que um jurista brasileiro considerava «o grande gênio humanista das Américas».

O Código Civil chileno tem suas raízes — como também as tem o brasileiro — nas instituições do direito romano, filtradas pela experiência ibérica. Mas o código de Andrés Bello não é apenas isso. Nem uma simples compilação ou cópia das leis de outras terras. Considera-

se o primeiro Código Civil nitidamente americano, e testemunho eloqüente do gênio inovador de O'Higgins. Mas é, ao mesmo tempo, glória imperecível do Chile, da qual esta Corte é a guardiã suprema.

Gostaria de referir, aqui, alguns pontos de aproximação entre o pensamento jurídico chileno e o brasileiro. O Código Civil do Chile foi semente que germinou na legislação de vários países do nosso Continente. Do lado brasileiro, outro jurista eminente, Teixeira de Freitas entregou-se a trabalhos igualmente exaustivos e profundos. E, da mesma forma que o Código de Andrés Bello, a obra que Teixeira de Freitas chamava simplesmente de «Esboço» serviu de base para o direito civil de outras tantas nações latino-americanas.

Entretanto, a influência da ciência jurídica chilena nas Américas não se deteve aí. Alejandro Alvarez, filósofo do direito, pontificou, por mais de meio século, na teoria geral do Direito e no Direito Internacional. Seu trabalho fecundo ultrapassou as fronteiras americanas, para criar escola em todos os quadrantes do mundo jurídico.

Outro dos maiores juristas brasileiros, Clóvis Bevilacqua, autor do Código Civil finalmente promulgado em meu País, adotou com entusiasmo as teses hermenêuticas de Alvarez, desde então com livre curso no Brasil.

A história do direito no século XX reconhece as qualidades de ciência e reflexão dos juristas chilenos. Tanto na busca de normas que disciplinem a vida dos Estados e organizem a paz, quanto em setores específicos, como o Direito do Mar, em cuja reformulação se acha empenhada a comunidade internacional.

Senhor Presidente,

Senhores Ministros,

Também em minha Pátria, a guarda da ordem jurídica incumbe, em última instância, a um Supremo Tribunal. Herdeiro e continuador da Suprema Corte de Justiça, criada pela Constituição do Império do Brasil, em março de 1824, o Supremo Tribunal Federal tem posição de excelso relevo no equilíbrio e na harmonia dos poderes do Estado.

Cabe-lhe, como tribunal constitucional, dar a última palavra sobre a conformidade das leis com a Lei suprema. É o único entre os poderes federais cujos atos e decisões não são passíveis de revisão — a não ser por si próprio.

Ao longo dos seus 156 anos de vida, tantos quantos os deste Tribunal, e tantas vezes correndo em linhas paralelas, as nossas duas cortes supremas construíram uma história ininterrupta de exercício do atributo mais próprio dos juízes: a coragem de julgar.

A coragem serena de dizer com quem está o direito.

Coragem que lhes vem, tão-somente, da autoridade moral.

Dom interior, sem apoio de forças materiais, a força dos juízes está na fortaleza de suas almas.

Provém da retidão de seu caráter.

Expressa-se na impassividade diante dos interesses em jogo.

Consagra-se, dia-a-dia, em cada julgamento. Pois, cada vez que um juiz exerce livre e corajosamente o múnus

que a sociedade lhe confiou, ele assegura, acima de quaisquer circunstâncias, e da forma mais viva e eloqüente, a continuidade do Estado e a permanência do seu bem mais valioso, que é o Direito.

Assim, ao agradecer comovido esta homenagem, quero deixar patente o reconhecimento do Governo e do povo brasileiros ao legado desta alta Corte, que todos admiramos.

Muito obrigado.

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

09 DE OUTUBRO
VIÑA UNDURRAGA
SANTIAGO DO CHILE-CHILE
DISCURSO DURANTE ALMOÇO
OFERECIDO PELA CLASSE EM-
PRESARIAL CHILENA

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Muito aprecio a homenagem que me prestam os empresários aqui reunidos.

Agradeço as palavras amigas, imbuidas do elevado espírito de conagração entre chilenos e brasileiros.

A iniciativa privada tem responsabilidades insubstituíveis no processo de desenvolvimento de países como o Chile e o Brasil. Do trabalho dos produtores, industriais, comerciantes, banqueiros e prestadores de serviços depende diretamente o nível de bem-estar social dos assalariados — que são a imensa maioria da população.

Com honrosas exceções, o Estado não prima por ser bom administrador de indústrias e negócios. Empresários como os Senhores demonstram todos os dias que podem obter melhores resultados. E que podem fazê-lo em menor tempo e a custos social e materiais bem mais reduzidos.

Por isso, no Brasil, optamos decididamente pela liberdade de iniciativa.

O Governo se reserva a administração de prioridades.

Com base nelas, dá assistência . Financia . Garante . Estimula .

Responde pela infra-estrutura: energia elétrica, transportes, comunicações . Ocupa-se da produção de aço e outros insumos básicos, para os quais não haja capitais privados suficientes . Mas, sempre que possível, procuramos atrair a participação de empresários nacionais . E, quando indispensável, também a de capitais estrangeiros .

Repito, porém: nós no Brasil acreditamos na criatividade da empresa privada e em sua capacidade de responder prontamente aos desafios .

Procuramos, por consequência, incentivar o entendimento, a colaboração e a boa convivência entre empresas estatais e privadas . Tanto no plano interno, como no da cooperação internacional . Para nós, o intercâmbio comercial é instrumento eficiente para a consolidação dos laços que a cultura e a vontade política solidária há muito vêm criando .

Desde a independência, o Chile e o Brasil estão ligados pela amizade e pela simpatia . A amizade supera o distanciamento geográfico . Faz-nos vizinhos no espírito e na capacidade empreendedora . Anima-nos permanentemente ao contacto estimulante e renovador com outras terras e outras gentes .

A exploração das fontes de riqueza encontradas nestas terras, e a grande aventura do intercâmbio de produtos contribuíram, em grande medida, para forjar as nações da América Latina .

Em determinado momento histórico, os fluxos de comércio chegaram a afastar-nos uns dos outros. Nossas relações com os países do Norte, centros dinâmicos da economia internacional, pareciam merecer privilégios e atenções especiais. Entretanto, logo pudemos ver que nossos interesses recíprocos reclamavam a procura de oportunidades propícias de desenvolvimento harmonioso e mutuamente vantajoso.

Apesar de todas as dificuldades conhecidas e reconhecidas, os vinte anos de ALALC comprovaram que podíamos superar divergências e rivalidades. Mostraram que uma firme vontade política, voltada para a solidariedade, pode muito mais do que conceitos equivocados. Provaram as possibilidades reais de complementaridade entre nossas economias, que tantos negavam. Ou, na melhor das hipóteses, nos consideravam incapazes de aproveitar.

Nós, latino-americanos, não nos conformamos com as teorias que condenariam nosso comércio a uma permanente estagnação. Ao contrário, fomos capazes de multiplicar o intercâmbio — e não apenas através do simples aumento do volume das matérias-primas tradicionais.

Meus Senhores,

Durante séculos, o homem latino-americano trabalhou e viveu nas condições mais adversas.

Enfrentou o solo árido, a insalubridade das minas e os azares da indústria extrativa.

Viveu da caça, da pesca e do pouco que podia plantar e colher.

Amargou a inclemência do tempo e a variedade do clima, em todas as latitudes.

Essa extraordinária experiência de adaptação a situações novas, inusitadas, haveria de servir-lhe mais tarde. O trabalhador latino-americano adaptou-se rapidamente aos novos desafios de atividades e técnicas inteiramente fora de sua vivência pessoal.

Por isso, a América Latina está em condições de concorrer — e concorre efetivamente — nos mercados mundiais, com produtos e serviços de qualidade igual ou superior à dos fornecedores tradicionais. Talvez porque, entre nós, o operário ainda se orgulhe do que faz.

Os empresários, homens de iniciativa e de ação, não podem, entretanto, contentar-se com as conquistas alcançadas em suas primeiras lutas. A confiança, os benefícios e as concessões mútuas dos últimos vinte anos desmentiram as predições e os maus augúrios daqueles a quem interessavam o distanciamento e a frieza em nossas relações.

O tempo presente é e tem de ser de novas iniciativas. A formação da ALADI nos propõe o desafio maior de consolidar o já conquistado e de aprofundar o potencial de cooperação aberto aos nossos países.

Vivemos hoje, é certo, momentos de apreensão na economia internacional. A tentação protecionista dos países mais ricos teima em vingar, à medida que suas indústrias enfrentam a concorrência das nossas.

Outro fator de apreensão, a crise de recursos energéticos, abala os alicerces do comércio internacional. Tradicionais centros financeiros internacionais mostraram-se até agora incapazes de definir políticas adequadas de utilização dos excedentes de divisas, de forma a beneficiar os países em desenvolvimento.

O bem-estar das nações mais poderosas resulta de posições a rever. A reforma, tão necessária, do sistema econômico-financeiro não é ato de benemerência. É chegada a hora de os países pobres terem acesso ao desenvolvimento e presença real nas decisões internacionais.

A paz e a prosperidade, em escala mundial, só serão alcançadas quando uma ordem econômica internacional mais justa possibilitar a todos os povos condições mínimas de segurança e progresso.

Na América Latina, temos procurado conviver na base do diálogo e do respeito às soberanias e identidades nacionais. O Chile e o Brasil, em particular, encontram inspiração numa longa história de relações fecundas e positivas.

Nesse clima, torna-se mais fácil encontrar e desenvolver pontos de complementaridade e coordenar atividades em áreas de ação comum.

Meus Senhores,

O Brasil e seus empresários sempre confiaram nas potencialidades da economia chilena e do intercâmbio bilateral.

Por essas razões, este encontro é uma oportunidade a mais para renovar nossa fé no promissor quadro de cooperação entre o Chile e o Brasil.

Nossos governos mantêm diálogo franco e aberto. Nossos povos se unem por um passado a um presente de sólida amizade. Nossas experiências bem sucedidas garantem enormes possibilidades de colaboração.

Mas os empresários são agentes indispensáveis à realização dessas perspectivas. Para transformá-las em realidades concretas, a bem do Brasil e do Chile e para o progresso de nossa região.

Muito obrigado.

09 DE OUTUBRO
EDIFÍCIO DA CEPAL
SANTIAGO DO CHILE-CHILE
DISCURSO POR OCASIÃO DA VI-
SITA A COMISSÃO ECONÔMICA
PARA A AMÉRICA LATINA —
CEPAL

Ilustríssimo Senhor Secretário-Executivo da Comissão
Econômica para América Latina, Enrique Iglésias,

Meus Senhores:

Aceitei, com especial prazer, o convite para visitar a
sede das Nações Unidas em nossa região.

A política externa do Brasil, um dos signatários da
Carta das Nações Unidas, coincide, em sua concepção,
como em sua prática, com os altos princípios e os nobres
objetivos que a informaram.

Há 35 anos, naquele dia 24 de outubro de 1945, mal
saído da experiência da guerra que por duas vezes havia
causado indizível sofrimento à Humanidade, o mundo rea-
firmava, no preâmbulo da Carta, sua fé nos direitos hu-
manos fundamentais, na dignidade e no valor da pessoa
humana e na igualdade dos direitos ... entre nações
grandes e pequenas.

Ainda conforme a Carta, propunha-se a «estabelecer condições para promover o progresso social e melhores padrões de vida em mais liberdade».

Evoco estas palavras solenes por sua evidente atualidade, mesmo em nossos dias. Desde o início das atividades das Nações Unidas, o Brasil sempre se empenhou no sentido de fazer da cooperação para o desenvolvimento uma das tarefas centrais da Organização.

De minha parte, tenho sustentado que nenhum país é pobre, ou subdesenvolvido, por escolha. Nem acredito numa pretensa fatalidade, que haja distribuído os recursos, as habilitações, a inteligência, a capacidade de trabalhar e de raciocinar de maneira tão iníqua, como vemos no mundo de hoje.

Aceitá-lo seria negar a igualdade ontológica dos homens. Equivaleria a rebaixar até a indignidade as razões do Criador.

O Brasil e, posso dizê-lo, toda a América Latina rejeita uma ordem econômica internacional baseada na manutenção do *status quo ante*. A persistir a dicotomia: países sempre e cada vez mais ricos e países eternamente pobres, cada vez mais pobres, inclusive porque mais e mais populosos — estaremos, na verdade, preparando novos dias de ira, nos quais tudo poderá parecer.

O que a Humanidade requer, exige, nos dias de hoje, é a eliminação das barreiras que efetivamente negam aos povos em desenvolvimento a faculdade de, em data não muito distante, realizar seu potencial.

Nesse sentido, recorro a contribuição pioneira da América Latina, desde o início dos anos cinquenta, à for-

mulação das teses de reforma das estruturas econômicas internacionais. Partiu de nosso continente a primeira denúncia dos mecanismos injustos de aceleração das desigualdades econômicas entre o Norte industrializado e o Sul em desenvolvimento.

Nosso continente foi o primeiro a colocar o desenvolvimento no centro do debate mundial, ao lado da questão da paz e da segurança internacionais.

Faço esta evocação para não deixar de lembrar o papel ativo da CEPAL no equacionamento da problemática do desenvolvimento. Seus estudos muito ajudaram a comunidade internacional a melhor compreender a dimensão histórica da necessidade do desenvolvimento econômico em escala mundial.

Agora, porém, vencida a fase do levantamento dos problemas, devemos negociar soluções. E também aqui a CEPAL terá, em coordenação com outros organismos internacionais, sua contribuição a dar, assessorando os governos latino-americanos.

Milhões e milhões de palavras já foram ditas, em incontáveis reuniões e nos mais variados foros, sobre relações econômicas mais justas para o Terceiro Mundo. Mas, em termos reais, registram-se apenas sucessos tópicos e parciais.

Na maioria dos casos, falta compreensão, por parte dos ricos, da mutualidade de benefícios, ao mesmo tempo premissa e objetivo do diálogo que se reclama. Nem por outras causas, a sessão especial da Assembléia Geral das Nações Unidas deixou de lançar uma nova etapa no diálogo Norte-Sul, no foro universal da ONU.

Não é para admirar, portanto, que se forme entre os países em desenvolvimento a convicção melancólica de só poderem contar consigo mesmos, com sua união, para resolverem os problemas que lhes são próprios.

A cooperação internacional pode e deve trazer complemento eficaz a nossos esforços internos. Mas a responsabilidade principal das tarefas de desenvolvimento cabe a cada um de nós.

Para o Brasil, a intensificação das relações econômicas com os demais países em desenvolvimento — e, naturalmente, a América Latina à frente — é um vetor fundamental de nossa política exterior.

O Brasil tem como meta prioritária acelerar o desenvolvimento econômico, social e político. Obstáculos externos não nos afastarão desta meta. Confiamos em que através da cooperação internacional, com o Norte industrializado e com as demais nações do Terceiro Mundo, conseguiremos atingi-la rapidamente.

Senhores,

Ao deixar consignada a inalterável fé do Brasil num futuro mais próspero e justo, desejo expressar a Vossa Excelência, Senhor Secretário-Executivo, os meus sinceros agradecimentos por este amável convite. E apresento à CEPAL os meus melhores votos de pleno êxito em sua importante missão.

Muito obrigado.

09 DE OUTUBRO

EMBAIXADA DO BRASIL

SANTIAGO DO CHILE-CHILE

DISCURSO AO CONDECORAR O
PRESIDENTE DA REPÚBLICA DO
CHILE, SENHOR AUGUSTO PINO-
CHET UGARTE, COM O GRANDE
COLAR DA ORDEM DO CRUZEI-
RO DO SUL

Excelentíssimo Senhor Presidente da República do Chile,
Augusto Pinochet Ugarte:

Desde minha chegada a Santiago, venho recebendo expressivas manifestações de simpatia por parte de Vossa Excelência e do nobre povo chileno. Essas demonstrações tangíveis da fidalguia e da hospitalidade deste país redobram minha convicção quanto à autenticidade dos sentimentos de amizade que unem nossas Nações.

O Brasil dedica ao povo chileno sentimentos de carinho fraterno, de permanente estima e de profundo respeito. Pessoalmente, quero deixar patente meu alto apreço e grande admiração por esta nobre nação, tão rica em sua história como nos caracteres que a distinguem.

Permita-me, agora, Senhor Presidente, homenagear Vossa Excelência com o Grande Colar da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul. Trata-se do grau máximo da mais antiga e tradicional ordem honorífica brasileira, que meu Governo houve por bem conferir-lhe.

Criada no mesmo ano da Independência, em 1822, a Ordem teve como objetivo comemorar a Coroação e Sagração do primeiro Imperador.

Com a designação atual de Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, a antiga Ordem do Cruzeiro haveria de ser restaurada, em seu aspecto atual, em 1932. Seu restabelecimento inspirou-se «sem prejuízo do espírito republicano da Nação, na grandeza e tradição de seu passado histórico».

Por sua vez, o Grande Colar, que vou ter a honra de impor a Vossa Excelência, foi criado em 1939, e é destinado «exclusivamente a Chefes de Estado».

Ao conferir-lhe sua mais alta honraria, o Governo brasileiro dá testemunho de seu apreço pela maneira com que tem Vossa Excelência contribuído para tornar ainda mais fecundas as tradicionais e harmoniosas relações entre o Brasil e o Chile.

A semelhança de nossos maiores, cabe-nos aquilatar em toda a sua riqueza o alcance e o significado desse relacionamento. Sua acertada avaliação tem sido, aliás, o fulcro da convivência entre brasileiros e chilenos, constantemente pautada no respeito mútuo e na mais espontânea simpatia.

Senhor Presidente,

É com satisfação muito especial que lhe imponho as insígnias do Grande Colar da Ordem Nacional do Cru-

zeiro do Sul, consciente de que o faço ao Presidente de uma Nação vinculada ao Brasil por estreitos e tradicionais laços de fraterna, leal e tradicional amizade.

Muito obrigado.

10 DE OUTUBRO
EDIFÍCIO DIEGO PORTALES
SANTIAGO DO CHILE-CHILE
DISCURSO NA SOLENIDADE DE
ASSINATURA DE ATOS BILATE-
RAIS

Excelentíssimo Senhor Presidente da República do Chile,
Augusto Pinochet Ugarte,

Excelências:

Afinidades espirituais e históricas assinalam invariavelmente as relações entre brasileiros e chilenos.

Tratados e Acordos consagram e formalizam os sentimentos que os inspiram. Mas o fundamental entre as nações é a medida em que a diplomacia reflita os anseios e aspirações dos povos.

Nesse contexto, Senhor Presidente, Excelências, podemos orgulhar-nos de haver trabalhado para manter — e quiçá reforçar — as inspirações que animam o relacionamento entre nossos países.

Por certo, temos muito em comum.

Os memoráveis ideais e as gloriosas lutas pela independência do Chile são capítulos da história continental.

Enraizaram-se na alma coletiva de seu grande povo. E se expressam numa rara combinação de altivez, lhanura e simpatia.

Pouco surpreende, por isso, que neste solo haja nascido uma personalidade tão marcante como o Libertador Bernardo O'Higgins. Sua presença dominadora na história chilena é o justo reconhecimento das peregrinas virtudes do homem de Estado, do guerreiro, do legislador. Enfim, do homem forte nas vicissitudes, generoso nas vitórias.

Desde o alvorecer das respectivas nacionalidades, brasileiros e chilenos trataram de estabelecer relações duradouras e fecundas. De aproveitar convergências, para solidificar a amizade e a compreensão.

Talvez isso haja sido facilitado por termos um herói comum em nossas independências. O Lorde Cochrane que, em 1818, comandava a esquadra chilena, no Pacífico, é para nós o Marquês do Maranhão que, em 1823, comandava a esquadra brasileira, no Atlântico.

Sem divergências ou disputas, nossos povos trilham sempre a estrada larga e aberta dos melhores ideais latino-americanos. E souberam forjar sólidos laços, que mais de cento e cinquenta anos de concórdia aprofundaram, enriqueceram e fizeram frutificar.

Temos realizações múltiplas a registrar, nas esferas comercial e econômico financeira, nos transportes, e na cooperação técnica, científica e cultural. Esses atos concretos são o ponto de partida para projeções ainda mais positivas no tempo.

Fornecimentos de cobre chileno suprem a crescente demanda das indústrias brasileiras. Mas não se esgotam no cobre as perspectivas de intensificação de nossas trocas comerciais, que se multiplicaram doze vezes em apenas uma década.

O empenho constante dos homens de governo e dos empresários das duas partes promete ainda maior diversificação de produtos e incrementos substanciais nos valores do comércio bilateral. Digo-o com convicção. As lições do passado e os amplos horizontes do futuro assim o afirmam.

Os instrumentos ora assinados, e a Declaração Conjunta, firmada por Vossa Excelência e por mim, incorporam-se à ampla história de atos bilaterais, representativos do dilatado espectro de interesses comuns entre o Brasil e o Chile.

Descortinam-se, com base nesses textos, novas e auspiciosas perspectivas em áreas como as da cooperação científica e tecnológica; da energia nuclear para fins pacíficos; da previdência social; da pesca; do desenvolvimento florestal e da sanidade agropecuária. Antecipam-se ou aprimoram-se, também, entendimentos referentes ao turismo; promovem-se medidas para evitar a dupla tributação e para intensificar os transportes marítimos. Vale dizer, lançam-se sementes num terreno tradicionalmente fértil.

Senhor Presidente,

A sociedade brasileira é um belo mosaico das diversas etnias e culturas que em meio milênio a plasmaram. Dentro dessa moldura, a compreensão e o entendimento entre os povos constituem a vocação legítima e natural do Brasil.

Nossa política externa espelha com fidelidade esse traço de nossa formação nacional. Nós sabemos que só o diálogo franco e leal gera resultados benéficos às partes e à Humanidade.

Por isso, o Brasil empenha-se na consecução do ideal de maior progresso e bem-estar na América Latina.

Somos um povo realista. Sabemos que só alcançaremos verdadeira prosperidade em estreita vinculação com a das demais nações da região.

Procuramos, sempre, modalidades mais aperfeiçoadas de relacionamento com os países irmãos. E perseveramos nos princípios fundamentais de não-intervenção e autodeterminação dos povos.

Proclamamos esses parâmetros como condições necessárias à vida internacional civilizada.

Rejeitamos as rivalidades e hegemonias estéreis. Preferimos o conceito de igualdade soberana das nações.

Advogamos a harmonia, a cooperação e o entendimento, como fatores de presença mais atuante — e mais eficaz — da América Latina, nas negociações com os países adiantados.

Senhor Presidente,

Venho ao Chile disposto ao diálogo e à discussão franca e aberta dos assuntos bilaterais.

Encontrei em Vossa Excelência um interlocutor interessado em imprimir às relações entre o Brasil e o Chile o ritmo necessário a alcançarmos novos e elevados patamares.

Nestes quatro dias de conversações, exploramos todos os meios capazes de manter o relacionamento entre nossos países em nível correspondente às esperanças de dois povos que se estimam e respeitam.

Ao término desta viagem, podemos dizer tranquilamente que o conseguimos.

Senhor Presidente,

Desde o momento em que chegamos ao Chile, minha mulher, a comitiva que nos acompanha, e eu próprio, fomos cercados de cativantes e generosas demonstrações de apreço.

E se elas atestam a cordialidade invariável entre brasileiros e chilenos, também sublinham a nunca desmentida tradição de hospitalidade do povo chileno.

Especialmente sensibilizado pelo carinho e pelas atenções recebidas, expresso a Vossa Excelência, Senhor Presidente, à Senhora de Pinochet e a toda a nobre nação chilena os nossos mais cordiais e sinceros agradecimentos.

Muito obrigado.

1

2

3

4

5

6

7

8

9

9

10

10

11

11

12

12

13

13

14

14

15

15

16

16

17

17

18

18

19

19

20

20

21

14 DE OUTUBRO
SEDE DA CONFEDERAÇÃO NA-
CIONAL DA INDÚSTRIA
BRASILIA-DF
DISCURSO DURANTE A SOLENI-
DADE DE POSSE DA NOVA DIRE-
TORIA DA CONFEDERAÇÃO NA-
CIONAL DA INDÚSTRIA

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Antes de declarar encerrada esta reunião, apresento minhas congratulações pessoais e as do Governo federal aos novos dirigentes da Confederação Nacional da Indústria.

Como empresários, os Senhores são os alicerces sobre os quais se constrói diariamente o progresso de nossa Pátria. Nas grandes fábricas e usinas que produzem artigos sofisticados, assim como nas pequenas e médias empresas, onde o dono é chefe e trabalhador.

Por toda a parte, por todo o Brasil, a indústria aprimora os métodos, aperfeiçoa os processos, moderniza equipamentos. Renovando as fábricas e os produtos, a indústria soube renovar-se.

Não há dúvida: do ponto de vista econômico, a indústria brasileira vem cumprindo seu papel. Torna-se cada vez mais competitiva, interna e externamente.

E o faz com mais mérito, face às grandes dificuldades que o País atravessa. E as restrições que o Governo é obrigado a impor, para que o sacrifício seja menor para todos.

Agora, porém, as responsabilidades da indústria nacional assumem outra dimensão: a social. Nesta época especialmente difícil, é preciso assegurar a manutenção do nível de emprego de nossa força de trabalho. Além disso, a preocupação com o bem-estar de seus operários e suas famílias tem de ser constante.

A política salarial do Governo está concebida de modo a proporcionar melhorias reais de poder aquisitivo aos trabalhadores, mesmo com sacrifício dos que ganham mais.

Tenho apelado aos homens de negócios para que também participem com o Governo no combate à inflação. Esta luta só se ganha se cada um der muito de si.

No caso dos empresários, a colaboração talvez custe lucros e margens menores. Remarcações menos frequentes.

Pois a corrida dos preços não interessa a ninguém.

Se a Nação perder, se o povo perder, perderemos todos. Peço que os Senhores não se esqueçam jamais dessa verdade.

Com esse pensamento, renovo meus votos de êxito à nova administração da C.N.I. Seu mandato começa sob o signo da juventude de seu presidente e das idéias e compromissos que expôs com tanta clareza.

Tudo isso nos autoriza a esperar ainda mais trabalho, entusiasmo e harmonia social. Sobretudo, a compreensão

dos altos interesses de nosso patrimônio comum, que se realiza no bem-estar de todo o nosso povo.

Muito obrigado.

10

11

12

13

14

15

16 DE OUTUBRO
PRAÇA TIRADENTES
IMPERATRIZ-MA

IMPROVISO NA CERIMONIA DE
ENTREGA DE TITULOS DE
TERRA

Senhor Governador do Estado do Maranhão, João
Castelo,

Ministros de Estado,

Senador José Sarney, Presidente do PDS,

Deputado Édison Lobão, o deputado mais votado em qual-
quer época nesta região,

Deputados federais e estaduais,

Prefeitos, Vereadores de Imperatriz e da região,

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Quis começar por Imperatriz minha primeira visita
a este Estado. Aqui pulsam com mais ardor os sentimen-
tos do povo maranhense.

Na verdade, Imperatriz é o Maranhão. É o Brasil
inteiro, nas levas e levas de pessoas que aqui chegam
diariamente, em busca de melhor oportunidade de trabalho.

Vejo este povo humilde e estendo-lhe minha mão amiga. E dou-lhe minha solidariedade em suas aspirações e desejos legítimos.

Meus amigos da região de Imperatriz,

Venho aqui, acompanhado de meus ministros e dos líderes do nosso partido, o Senador José Sarney e o Deputado Edison Lobão, para cumprir mais um compromisso de candidato.

Em toda a região do Araguaia-Tocantins, os conflitos em torno da posse da terra criaram tensões insuportáveis. Meu Governo mantém a posição de que a terra é um meio de trabalho para quem quer sustentar honestamente sua família.

Por isso, não é justo que permaneça improdutiva, à espera de valorização. Sobretudo, enquanto milhares de famílias não têm onde plantar o mínimo indispensável a garantir uma vida digna e independente. Daí as lutas, as mortes, as expulsões arbitrárias e todos os sofrimentos que vocês conhecem tão bem, porque tanto os amargaram.

Meu Governo resolveu acabar com isso. Criamos um grupo executivo só para a regularização das terras da região do Araguaia-Tocantins, o GETAT. Para que não houvesse dúvidas sobre a intenção do Governo, o GETAT está ligado diretamente ao Conselho de Segurança Nacional.

Em poucos meses, os primeiros resultados estão aí, para todo mundo ver. Diminuíram as tensões. Espero que não haja mais aflições nem desespero. E, para mostrar que estamos agindo de verdade, vamos entregar títulos

definitivos de posse a 800 agricultores, que hoje se tornam proprietários da terra que trabalham.

Não vai demorar muito, e faremos novas entregas de títulos. O meu Governo quer assegurar a tranqüilidade das famílias que desejam produzir. Produzir, como o Brasil precisa.

Meus Amigos de Imperatriz,

Daqui a dias, o Ministro César Cals virá cumprir outro compromisso do Presidente Geisel e meu. Dia 31, vamos trazer até Imperatriz a eletricidade de Boa Esperança. A crise de 1978 não vai se repetir mais.

Tudo isso acontece porque o Governo procura sempre atender, em primeiro lugar, às aspirações dos que mais precisam. Mas acontece, também, porque o povo desta terra tem líderes que não descansam nas suas lutas pelos interesses do Estado, da região e da cidade.

Entre os que mais merecem o seu reconhecimento, destaco os nomes do Governador João Castelo, do Senador José Sarney, Presidente do nosso Partido, e do Deputado Édison Lobão, legítimo representante desta região e vice-líder do Governo.

Com gente assim, e com o apoio dos prefeitos, dos vereadores, dos senadores e dos deputados federais e estaduais do nosso partido, poderei concretizar os legítimos anseios do povo brasileiro. Poderei levar até o fim a luta pela democracia que haveremos de instaurar e ver funcionando plenamente no Brasil.

Muito obrigado.

16 DE OUTUBRO
PALACIO DOS LEÕES
SAO LUIS-MA
IMPROVISO AO VISITAR A CI-
DADE

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Quando ainda Candidato, aqui passei nas minhas andanças pelo norte do País e fiz algumas afirmações e algumas promessas, que à época, então, as oposições descreditavam e até ironizavam. Prometi anistia ampla e irrestrita e ela aí está, mais ampla e mais irrestrita do que aquela que as oposições acenavam nos seus projetos. Prometi, a liberdade de imprensa e ela aí está e a imprensa, como disse eu há poucos dias, dizendo o que bem entende e o que bem às vezes não entende, mas dizendo tudo o que quer.

Prometi a liberdade de expressão, e ela chega até ao abuso — e é aceito. Prometi, o pluripartidarismo, e ele está implantado, com partidos bem mais representativos, do que aqueles dois que encontrei ao assumir a Presidência da República.

Prometi muita coisa na área econômica e, apesar dos conselhos de alguns membros da Oposição, para, em face da conjuntura econômica mundial e em particular da nossa,

em face da crise energética, lançar mão de meios mais drásticos, para combater a inflação, estou preferindo — e nela vou permanecer — a solução gradualista, que leva mais tempo, mas não traz tanto sofrimento ao nosso povo.

Prometi naquela época, que iria fazer deste País uma democracia, e creio que vou consegui-lo. Creio que vou consegui-lo, porque para esse objetivo, eu necessitava do apoio da opinião pública, e eu posso dizer aos maranhenses que a opinião pública, está comigo. Mas, entre tantas promessas que fiz, em particular umas não realizadas no campo econômico, e em particular muitas já realizadas no campo político. E digo mais: aquelas no campo social, cujos esforços o Governo não mede para que de fato sejam minorados os sofrimentos da gente menos favorecida.

Entre todas essas promessas, eu fiz uma que não me esqueço. Eu disse que, apesar de minhas deficiências que eu reconhecia, disso, após cuidadoso e minucioso exame de consciência como candidato, eu prometi ao povo da minha terra que não iria mudar e que iria permanecer nesta minha maneira de ser e de entender as coisas, a despeito de como a oposição se portasse. E hoje posso afirmar ao povo do Maranhão, que não vou mudar porque o povo quer que eu seja assim. E não vou mudar porque até hoje eu só disse verdades ao povo e não vou mudar porque a Oposição quer que eu mude. Eu vou fazer deste País uma democracia, deste jeito que eu sou, com os aplausos ou não da Oposição. Mas tenho a certeza, com a bênção de Deus e com o apoio da gente da minha terra.

Muito obrigado.

17 DE OUTUBRO
CONJUNTO HABITACIONAL «DIR-
CEU ARCOVERDE II»
TERESINA-PI
IMPROVISO AO INAUGURAR O
CONJUNTO HABITACIONAL

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Não desejo mais do que agradecer as generosas palavras que acabo de ouvir do Governador do Estado. Se é verdade, como disse o Ministro Andreazza, como salientou o Ministro Eliseu Resende, de que alguma coisa tem sido feita no meu Governo pelo Estado do Piauí, eu devo reconhecer de sã consciência que ainda foram poucos os recursos alocados para o que o Estado merece.

Confesso a todos os Senhores que a minha intenção de dar mais ênfase ao social está sendo entravada pelas dificuldades econômicas que atravessa o País. De um lado decorrente da conjuntura mundial e do outro lado decorrente da nossa precariedade de recursos para fazer face à crise energética e para fazer frente ao pagamento do petróleo importado. Se mais recursos não são destinados à habitação, à saúde, à educação e ao lazer é porque necessita também de recursos ponderáveis para que o ritmo do nosso desenvolvimento não caia a ponto de não poder

gerar novos recursos para que eu os possa alocar ao setor social.

Além do mais, de nada me adianta ter a satisfação de ver o trabalhador brasileiro com uma casa condigna apoiada na saúde e com seus filhos na escola, se eu não possibilitar a ele condições de trabalho que lhe possibilite o sustento de sua família. E essas condições de trabalho só existirão se eu conseguir manter o ritmo de desenvolvimento que até agora temos mantido.

E se é verdade que o combate à inflação que, com tanto empenho, eu e o Ministério estamos enfrentando não tem trazido os resultados que eram de se esperar, é porque determinei que o processo de enfrentamento desse mal, que é a inflação, fosse feito de tal maneira que, de um lado, possibilitasse o desenvolvimento razoável para o País e de outro não trouxesse uma depressão de tal natureza que houvesse um desemprego ponderável. O esforço sobre-humano que o Governo faz para evitar o desemprego e para gerar novos empregos eu posso confessar que é um dos fatores responsáveis para que a taxa de inflação não caia a uma velocidade bem maior. E nem conviria que essa inflação caísse repentinamente a índices como outros países da América do Sul, à custa de uma crise social, à custa de um desemprego em massa.

Mas, tenho fé em Deus, que com nosso programa energético, sem depender do petróleo importado, com os nossos próprios recursos e com o esforço dos brasileiros haveremos de, a médio prazo, se não a curto, termos a nossa quase total independência da energia importada e então partirmos num ritmo que possa trazer de fato o bem-estar para nossa gente.

Se é verdade que o programa alternativo de energia começou em passos vagarosos, eu posso afirmar hoje, conscientemente, ao povo brasileiro que uma parte dele, pelo menos, o Proálcool, já é uma realidade que nos dá, pelo menos, um quarto de economia do petróleo importado no prazo de três anos.

E, se enfrentamos o outro lado do problema, o problema do carvão, a substituição do petróleo pelo carvão mineral ou pelo carvão vegetal, teremos mais um quarto ou pouco mais da economia do petróleo importado. E, se persistirmos nesses dois e lançarmos mão de outras formas alternativas de energia, então poderemos olhar desafogadamente para o nosso balanço de pagamentos e retornar àquele ritmo que tínhamos em 1973. Então terei recursos para dar ao Piauí, para vir aqui saldar a dívida e trazer, de fato, para essa gente e para este Estado, o progresso a que tanto tem direito pelas suas potencialidades e pelo esforço de sua gente.

Muito obrigado.

1	
1	1
1	
1	2
1	3
1	
1	4
1	5
1	6
1	7
1	8
1	9
1	10
1	11
1	12
1	13
1	14
1	15
1	16
1	17
1	18
1	19
1	20
1	21
1	22
1	23
1	24
1	25
1	26
1	27
1	28
1	29
1	30
1	31
1	32
1	33
1	34
1	35
1	36
1	37
1	38
1	39
1	40
1	41
1	42
1	43
1	44
1	45
1	46
1	47
1	48
1	49
1	50
1	51
1	52
1	53
1	54
1	55
1	56
1	57
1	58
1	59
1	60
1	61
1	62
1	63
1	64
1	65
1	66
1	67
1	68
1	69
1	70
1	71
1	72
1	73
1	74
1	75
1	76
1	77
1	78
1	79
1	80
1	81
1	82
1	83
1	84
1	85
1	86
1	87
1	88
1	89
1	90
1	91
1	92
1	93
1	94
1	95
1	96
1	97
1	98
1	99
1	100

22 DE OUTUBRO
PALACIO DO PLANALTO
BRASILIA-DF
IMPROVISO AO RECEBER EM
PRESARIOS BRASILEIROS

Meus Senhores.

E com especial agrado, para não dizer com bastante alegria, que li o documento dos Senhores. O documento em que os Senhores reconhecem, de saída, as dificuldades de natureza econômica por que passa o País.

Mas, logo em seguida, os Senhores declaram o seu otimismo em relação às nossas possibilidades de enfrentarmos e de nos sairmos bem destas nossas dificuldades.

No documento, os Senhores põem de lado o tratamento de choque para a inflação, pela conseqüente recessão que teríamos de enfrentar. Em particular, devido ao desemprego que iria acarretar.

Defendem a gradual estabilização dos preços e, ao mesmo tempo, a procura do equilíbrio em nossas contas externas. Mais adiante, os Senhores aconselham a redução de nossa dependência energética, quanto ao petróleo importado.

E defendem a participação da iniciativa privada na busca das nossas alternativas energéticas. Aplaudem o desenvolvimento da agricultura, desde que vindo com uma

política de preços mínimos e com crédito suficiente para o suporte dessa agricultura.

Mas, de outro lado, também os Senhores não esquecem a parte social, defendendo a saúde, a educação, a habitação, a defesa do meio ambiente e os transportes coletivos urbanos. Em resumo, os Senhores dizem que a estratégia do Governo deve basear-se neste grande tripé: redução da dependência energética, desenvolvimento da agricultura e ativação dos gastos sociais.

E terminam por defender a organização sindical, tanto a patronal, como a dos empregados. E, ao mesmo tempo, não admitem o retrocesso político.

Meus Senhores, a minha satisfação é grande, porque o que está aqui, no resumo do documento dos Senhores, é o que tenho dito nos meus discursos, inclusive aqueles feitos de improviso, desde o Chuí, até o Oiapoque.

Fico satisfeito por ver que os homens da iniciativa privada, os homens mais responsáveis pelas molas mestras da produção do País, estão, de uma maneira geral, para não dizer na sua quase totalidade, com aquelas idéias que tenho apregoadado.

Se não tenho conseguido colocar todas essas idéias a contento em funcionamento, a culpa é apenas minha, pelas minhas deficiências. Mas este é um momento de alegria, por ver que conto com a cooperação dos Senhores, e que nós pensamos da mesma maneira.

Daí, porque estou muito grato com o comparecimento dos Senhores aqui. Isto é, para mim, uma festa. Já não digo de conagraçamento, mas uma festa de compreensão de que todos nós estamos cientes das dificuldades que temos

por diante, e de que todos nós temos certeza de que podemos enfrentá-las, com as idéias que os Senhores expuseram e que são as minhas.

Muito obrigado pela presença dos Senhores.

1	2
3	4
5	6
7	8
9	10
11	12
13	14
15	16
17	18
19	20
21	22
23	24
25	26
27	28
29	30
31	32
33	34
35	36
37	38
39	40
41	42
43	44
45	46
47	48
49	50
51	52
53	54
55	56
57	58
59	60
61	62
63	64
65	66
67	68
69	70
71	72
73	74
75	76
77	78
79	80
81	82
83	84
85	86
87	88
89	90
91	92
93	94
95	96
97	98
99	100

24 DE OUTUBRO
TEATRO DA PAZ
BELÉM-PA

DISCURSO POR OCASIÃO DA I
REUNIAO DOS MINISTROS DAS
RELAÇÕES EXTERIORES DOS
PAISES SIGNATARIOS DO TRA-
TADO DE COOPERAÇÃO AMAZÔ-
NICA

Senhores Chanceleres, Excelências,
Minhas Senhoras, meus Senhores:

A Declaração de Belém, roteiro de ação do Tratado de Cooperação Amazônica, que vem de ser firmada, inspira-se em duas idéias centrais. A primeira é a vocação da Amazônia para unir os países da América Latina entre si e com as demais nações do mundo tropical.

A segunda é a fé em nossa capacidade de desenvolver esta área. E de transformar em realidade o potencial das Terras do Sem-Fim de Cobra Norato: os sete milhões de quilômetros quadrados do subcontinente amazônico. E suas águas do Sem-Fim: mais de um quinto da água doce da superfície do globo.

Não faz muito tempo, as crianças ainda aprendiam que os rios amazônicos de planície nada tinham a oferecer em matéria de energia.

Que os solos eram aqui uniformemente pobres.

O ecossistema demasiado frágil.

A agricultura regular impossível.

E que não havia lugar, na geologia sedimentar da Amazônia, para províncias minerais importantes.

Tudo isso haveria de ser desmentido e infirmado pela presença do homem, animado da vontade e do espírito de aventura e pioneirismo.

Caudais volumosos transformam-se em realizações tangíveis de geração de energia, como em Tucuruí.

Outros, como o Tocantins-Araguaia, o Xingu, o Tapajós, os cursos dos contrafortes andinos, aguardam seu encontro com o engenho dos homens e com a História.

A experiência de colonização espontânea de Rondônia fez brotar cidades do que era nada. Por lá vicejam, agora, — ao lado do cacau, da seringueira, do guaraná, da pimenta e do café — culturas de cereais, de soja e de cana-de-açúcar.

Na região, afinal, encontraram-se minerais sem conta.

Aqui, a cassiterita; ali a bauxita; mais além, o ferro, o manganês, o níquel, o cobre, o ouro. Por todos os lados a terra abre o seio generoso que abrigou riquezas não sonhadas pelos que penetraram a floresta e desvendaram seus mistérios.

A própria crise energética abre à Amazônia perspectivas de novas riquezas. Destas terras surge o petróleo que revoluciona a economia dos países que o possuem.

E, à medida que se esgota a energia fóssil, a Amazônia oferece fontes literalmente inesgotáveis de biomassa. Ou seja, de conversão da energia solar em combustíveis, através da fotossíntese.

Alcool, metanol, óleos vegetais e outros sucedâneos do petróleo podem ser aqui obtidos, hoje, a custos compensadores.

A verdade é que o agricultor simples e corajoso, o trabalhador que povoa a Amazônia, demonstra com a linguagem dos fatos e a eloquência do trabalho realizador aquilo que tive a oportunidade de dizer em Manaus, em outubro de 1978:

«Não considero necessário sacrificar nossa reserva florestal para fazer agricultura e pecuária. Nem admito que o progresso seja feito à custo do esmagamento do nosso ecossistema, do equilíbrio natural que Deus decretou para este pedaço majestoso do Mundo.

Nosso desenvolvimento deverá ser realizado com o mínimo irredutível de ofensa à natureza».

Senhores Chanceleres, Excelências,

Nesta Cidade do Belém do Pará, juntam-se o mundo amazônico e o mundo atlântico. Há quase 350 anos, o Capitão-Mor Pedro Teixeira daqui partiu para refazer — em sentido inverso, até os Andes — o percurso da trágica expedição de Francisco Orellana.

Depois, foram as expedições missionárias, junto com os que buscavam o sertão e os altos rios. Lá ponteava a árvore da borracha. E ao lado da fera à espreita, a doença e a morte.

Mas foi assim que surgiram e cresceram Belém, Manaus e Iquitos, centros do ciclo da borracha, mas centros de civilização continente adentro.

Este mesmo Teatro da Paz, de nome tão sugestivo, moldura majestosa de nossa conferência, data do século XIX. Os templos, os fortes e os palácios de Belém, são testemunhas da beleza de um passado glorioso e próspero — mas efêmero.

Vivida e aprendida essa lição, não nos basta, hoje, reeditar surtos econômicos dependentes do extrativismo e das oscilações dos mercados externos.

O que buscamos é promover o desenvolvimento da Região. Harmonioso. Pleno. Auto-sustentável. Integrado ao processo global de expansão das economias nacionais de cada um dos nossos países.

Esse nosso esforço, procuramos tornar realidade no Brasil.

Adotamos uma política de incentivos fiscais destinada a acelerar o desenvolvimento da Amazônia.

Promovemos a abertura de estradas. Cada uma delas estende-se por milhares de quilômetros e oferece à agropecuária milhões de hectares de terras novas.

Ativamos o programa de pólos de desenvolvimento. A ação das agências de desenvolvimento regional, como a SUDAM, a SUFRAMA, o Banco da Amazônia, resultou em 500 projetos em execução, na indústria, na agricultura e na pecuária.

Confiança na Amazônia é, portanto, antes de tudo, confiança em nós mesmos.

Assumimos a nossa condição de habitantes do mundo tropical. Quer dizer: vamos transformá-lo em ambiente propício à plena realização do homem.

No norte da América do Sul, entre a Bolívia, a Colômbia, o Equador, a Guiana, o Peru, o Suriname, a Venezuela e o Brasil, o denominador comum é a Amazônia.

Não podemos deixar desaproveitado esse imenso elemento de aproximação diplomática, e catalisador de interesse e problemas comuns.

Para esse fim, temos de criar a ciência e desenvolver a tecnologia adequada às condições climáticas, do solo e da ecologia, no trópico úmido e ao longo da linha do equador.

Só nós, os países amazônicos, poderemos fazê-lo. Sem desprezar a cooperação de cientistas de outras latitudes, temos de reconhecer que a experiência é aqui. As nações desenvolvidas não têm lições a dar-nos em matéria tropical.

Temos de inventar e aperfeiçoar, como já estamos fazendo, técnicas e métodos de baixo custo, nascidos da própria realidade regional. Sem sofisticacões inúteis. Utilizando matérias-primas locais. Mas, sobretudo, com uso intensivo de nosso recurso mais abundante: o trabalho criador de nossa gente.

Assim, estaremos assegurando a elevação do nível e da qualidade de vida de nossos povos e construindo sociedades prósperas e avançadas.

Assim, só assim, criaremos condições para suprimir a miséria e a doença. Para gerar conhecimentos e recursos capazes de proteger o meio-ambiente. Não pela renúncia à ação. Mas por meio da atividade planejada e racional.

Como tive ocasião de dizer em agosto de 1978, aqui mesmo, em Belém:

«Rica e selvagem, quão bela e frágil, a Amazônia não é só uma enorme extensão de terra a cultivar e dividir. Essa é uma visão materialista da região...»

que obviamente nossos países também não podem aceitar.

Entre a centena e meia de nações que conformam o universo do subdesenvolvimento, uma nítida maioria situa-se na faixa tropical. Esses países poderão beneficiar-se da criação de energia a partir da biomassa; da produção intensiva de alimentos; dos sistemas de saúde pública e medicina tropical testados na Amazônia. Deles teremos, também, muito a receber.

Esse tipo de colaboração é essencial para que os grandes problemas do nosso tempo encontrem soluções adequadas.

Reconhecemos como indispensável, porém, que os países favorecidos pela concentração do poder político e econômico se disponham a desempenhar a parte que lhes toca.

Deles depende, e não de nós, reduzirem-se as tensões conseqüentes a estéreis competições hegemônicas. Inverter a direção da corrida armamentista. Aceitar regras de comércio que tornem possível o desenvolvimento da grande maioria da Humanidade.

Não obstante a persistente surdez dos países industrializados, continuaremos serenamente a erguer nossa voz para formular propostas construtivas de diálogo.

Ao mesmo tempo, na esfera a nosso alcance, trabalharemos para que se transforme em realidade o ideal de intensificar a cooperação entre países em desenvolvimento.

Nesse domínio, o Brasil tem feito o que lhe compete, com palavras e, sobretudo, com ações.

Refutamos na prática a teoria da impossibilidade de complementação econômica entre os subdesenvolvidos. Hoje, cerca de 20% do total do comércio internacional brasileiro é feito com parceiros em desenvolvimento.

Senhores Chanceleres, Excelências,

Por feliz coincidência, a Primeira Reunião dos Chanceleres Amazônicos se encerra no próprio Dia das Nações Unidas. É como se desejássemos simbolizar a união de esforços nacionais, parte inseparável do processo de co-operação regional aqui instaurado.

A Declaração de Belém, hoje assinada, permite-nos também comemorar, de forma solene, o 35º aniversário da entrada em vigor da Carta de São Francisco. Por seus propósitos e princípios, ela é o documento básico da comunidade mundial, neste século XX.

O Tratado de Cooperação Amazônica, que ora inicia sua fase operacional, inscreve-se nesse mesmo esforço transformador da convivência internacional.

Por todos esses motivos, reitero a Vossas Excelências, Senhores Chanceleres, os agradecimentos do governo brasileiro e do povo desta Região pela honrosa presença e brilhante participação com que nos distinguiram na Reunião.

Solicito de Vossas Excelências que se façam intérpretes dos meus anseios pela crescente prosperidade da Bolívia, da Colômbia, do Equador, da Guiana, do Peru, do Suriname e da Venezuela. Peço-lhes transmitirem os votos

que formulo pela felicidade pessoal de seus chefes de estado.

Ao finalizar, quero renovar minha confiança de que, unidos e solidários, avançaremos melhor e mais rapidamente em benefício de todos os povos irmanados na própria idéia da Amazônia.

Muito obrigado.

29 DE OUTUBRO
PALACIO DO PLANALTO
BRASILIA-DF
IMPROVISO AO RECEBER O GRU-
PO DE BUSINESS INTERNACIO-
NAL ROUNDTABLE

Senhor Presidente da Business International Roundtable,
Eliot Haynes,

Senhor Vice-Presidente para a América Latina, General
Carlos Fatjo,

Meus Senhores:

Eu fico muito honrado e agradecido com a presença dos Senhores em minha casa de trabalho.

As palavras que acabo de ouvir do Vice-Presidente para a América Latina, General Fatjo, muito me desvanecem, em relação ao que os meus auxiliares puderam fazer em benefício desta VI Reunião que acabam de realizar. Eu fico muito satisfeito porque os agradecimentos que acabam de ser dirigidos à minha pessoa eu os transfiro para esses meus auxiliares que, na palavra do Senhor General, tão bem se portaram durante essa reunião.

Reputo essa reunião, que os Senhores acabam de realizar, de suma importância, não apenas pelo diálogo pos-

sível entre os homens do Governo e as empresas privadas, que representam capitais diversos. Mas também, principalmente, pela franqueza com que, eu tenho certeza, essas conversações se realizaram, e que cada um possa sair e voltar para sua casa de trabalho ciente do pensamento do meu Governo a respeito de como encarar as nossas atividades.

Como bem disse o nosso representante: não é possível ao Brasil, ou a qualquer país em desenvolvimento, esquecer o capital estrangeiro. Nós temos bem presente esse fato. Estamos realmente empenhados em que esse capital venha de acordo com os interesses do meu País e, de outra parte, ressaltando também os interesses de cada um dos Senhores.

Muito obrigado pela presença dos Senhores aqui.

30 DE OUTUBRO
PALACIO DO PLANALTO
BRASILIA-DF

IMPROVISO AO RECEBER OS IN-
TEGRANTES DA JUNTA INTERA-
MERICANA DE DEFESA

Meus Senhores:

É um grande prazer para mim, uma grande honra, receber os Senhores aqui no meu Gabinete, não apenas como uma cortesia para com o Presidente do Brasil, não apenas como uma formalidade, mas vejo também nisso um gesto, porque me recuso a esquecer o meu passado de soldado. Eu vejo nisso um gesto dos camaradas das nações amigas, presididos pelo nosso amigo, General Adams, para com este velho soldado.

É sempre agradável para mim um contato com os companheiros das Forças Armadas. É sempre um momento em que as preocupações do Governo são deixadas de lado e eu passo a viver um pouco aqueles momentos agradáveis que passei nos quartéis, em nossos gabinetes, nas nossas fábricas, nas nossas escolas e até no campo. Seja a cortesia devida ao Presidente, seja a cortesia devida ao soldado, eu fico muito satisfeito com a presença dos Senhores, e espero que a visita dos senhores ao Brasil seja bem

proveitosa a respeito dos problemas do meu País. Eu desejo uma feliz estada dos Senhores aqui e fico muito agradecido à visita.

Muito obrigado.

06 DE NOVEMBRO
HOTEL NACIONAL
RIO DE JANEIRO-RJ

DISCURSO NA ABERTURA DO II
CONGRESSO DAS ASSOCIAÇÕES
COMERCIAIS DO BRASIL

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Antes de declarar encerrada esta sessão solene de abertura do II Congresso das Associações Comerciais do Brasil, gostaria de dirigir algumas palavras de aplauso e estímulo aos empresários aqui reunidos.

O Ministro Camilo Penna abordou os aspectos propriamente econômicos do temário do Congresso. Quero referir-me, em particular, à preocupação dos Senhores com os problemas sociais de nossa terra.

O bem-estar de nossa gente; a manutenção dos níveis de emprego e sua remuneração; a intenção indesejável de dar a todos os brasileiros igual oportunidade de acesso aos bens sociais, como a educação, a saúde, a alimentação, a moradia — não são, nem podem, nem devem ser encargo somente do Governo.

O interesse dos homens de negócios brasileiros por essas questões foi bem apresentado pelo Presidente Ruy Barreto.

Com efeito, a paz social é indispensável à boa marcha dos negócios. Indispensável no plano individual dos empresários e da prosperidade de suas empresas. Indispensável no plano geral da economia de mercado, que escolhemos como o caminho limpo, livre e aberto de nosso desenvolvimento.

Tenho sustentado, nesse particular, que não haverá desenvolvimento econômico digno de nossa Pátria, se não estiver fundado na justiça. E que não haverá Brasil realmente próspero, enquanto conviverem, lado a lado, a riqueza e a miséria. O desperdício e a escassez. A abundância e a fome.

Em perspectiva ainda mais ampla, a paz social é ao mesmo tempo requisito prévio e produto final da normalização do processo político brasileiro. E os Senhores sabem o quanto me empenho nisso com meu Governo.

Portanto, gostaria de repetir aos empresários o que disse aos trabalhadores, em maio do ano passado: «o progresso material, almejado por todos, só acontecerá na paz social, harmonizadas as aspirações dos vários grupos da sociedade, com perseverança, respeito recíproco e boa vontade».

Hoje, como ontem, reconheço e proclamo, com franqueza e lealdade, a dimensão quase sobre-humana das dificuldades e problemas que temos a nossa frente, no campo econômico e financeiro. Sei que os recursos são poucos para a imensidão de nossa tarefa.

Mas sei, também, que o povo brasileiro tem plena consciência do nosso esforço. E, quando digo nosso, não quero dizer só do Governo. Nem poderia sê-lo. A tarefa

de construir uma Pátria é de todos. Não é somente de alguns.

Por isso mesmo, aceitei presidir a esta sessão solene, reconfortado pela certeza de que os Senhores pensam do mesmo modo.

Sinto-me, assim, à vontade para reafirmar um conceito que me vem do fundo do sentimento. Ao paraninfar a turma de bacharéis em Direito, em Brasília, em março deste ano, disse que «a democracia que jurei implantar entre nós é a encarnação de nossas responsabilidades sociais».

Acredito que os Senhores bem compreendem o meu pensamento, como o prova a realização deste II Congresso das Associações Comerciais do Brasil.

Muito obrigado.

1	1
2	2
3	3
4	4
5	5
6	6
7	7
8	8
9	9
10	10
11	11
12	12
13	13
14	14
15	15
16	16
17	17
18	18
19	19
20	20
21	21
22	22
23	23
24	24
25	25
26	26
27	27
28	28
29	29
30	30
31	31
32	32
33	33
34	34
35	35
36	36
37	37
38	38
39	39
40	40
41	41
42	42
43	43
44	44
45	45
46	46
47	47
48	48
49	49
50	50
51	51
52	52
53	53
54	54
55	55
56	56
57	57
58	58
59	59
60	60
61	61
62	62
63	63
64	64
65	65
66	66
67	67
68	68
69	69
70	70
71	71
72	72
73	73
74	74
75	75
76	76
77	77
78	78
79	79
80	80
81	81
82	82
83	83
84	84
85	85
86	86
87	87
88	88
89	89
90	90
91	91
92	92
93	93
94	94
95	95
96	96
97	97
98	98
99	99
100	100

12 DE NOVEMBRO

SERRA PELADA

MARABÁ-PA

IMPROVISO AO VISITAR O GARIMPO

Meus Senhores:

Eu tenho andado muito através do nosso País. Tenho conhecido nosso Brasil de Norte a Sul, de Leste a Oeste, visitando cidades prósperas e cidades pobres. Visitando as capitais mais desenvolvidas e chegando às aldeias mais desprotegidas. Em todos os lugares por onde tenho passado tenho encontrado com a benevolente acolhida do nosso povo, uma acolhida que me desvanece e me incentiva para prosseguir naquela trilha a que me propus e trazer um pouco mais de felicidade e um melhor nível de vida para o povo brasileiro.

Devo confessar a todos os Senhores: de todas as manifestações que tenho recebido nesse um ano e oito meses de Governo, esta de Serra Pelada foi a que me tocou mais o coração. Foi a que tocou mais o coração, pois eu nada posso dar aos Senhores e, ao contrário, venho aqui apenas, e essa era a minha intenção, homenagear cada um dos Senhores pela coragem de terem vindo a essa selva amazônica, e buscar nas entranhas do nosso País a riqueza de que tanto necessita.

Venho aqui porque sei bem as condições precárias em que os Senhores vivem e a despeito disso encontro esse entusiasmo com esta minha chegada a Serra Pelada.

Inverteram-se os papéis. Eu que venho aqui para homenagear cada um dos Senhores, recebo de todos os Senhores esta homenagem pelo pouco ou quase nada que o meu Governo conseguiu fazer até agora em benefício dos Senhores. Daí porque me tocou a manifestação com que fui recebido pelos garimpeiros de Serra Pelada. Porque eu vejo nessa demonstração em todos os Senhores que vêm de todas as partes do nosso País, eu vejo uma demonstração do espírito do povo brasileiro. Os Senhores, hoje, aqui representam o estado de espírito da nossa gente, que não se dobra diante das dificuldades e que sabe tirar do sofrimento um pouco de alegria e um pouco de perspectivas para o futuro.

Daí porque esta manifestação me emociona. Eu vejo aqui em cada um dos Senhores, em cada uma das fisionomias que olhou, um pouco do nosso País, um pouco da nossa Pátria.

E ao olhar a fisionomia de cada um dos Senhores, eu cada vez me convenço mais do futuro próspero que espera nossa Pátria, porque é com gente dessa natureza que nós haveremos de atravessar todas as dificuldades e fazer de fato do Brasil o paraíso dos brasileiros.

Desejo agradecer aos Senhores, agradecer a homenagem, agradecer também a disciplina que tenho encontrado através da reportagem dos meus auxiliares e tenho encontrado aqui em Serra Pelada uma disciplina que eu quisera ter em todos os quartéis por onde passei

no Exército. É uma gente capaz de se portar tão bem como os Senhores têm se portado apesar de todas as dificuldades, têm que merecer as minhas homenagens. Eu desejo a cada um dos Senhores todas as felicidades possíveis e que encontrem aqui o início pelo menos de um futuro mais tranqüilo, e, ao fazer, eu desejo estender esse agradecimento ao meu amigo o Major «Curió», que tem conseguido ser junto aos Senhores o meu intérprete leal, e tem conseguido trazer junto aos Senhores aquilo que eu desejaria fazer todos os dias pessoalmente.

Agradeço as palavras amáveis do representante dos Senhores e agradeço esta faca com que me presentearam. Cada vez que olhar para ela, hei de me lembrar deste dia que aqui estive e hei de ter vontade de voltar novamente para poder confraternizar com cada um dos Senhores mais uma vez e mais uma vez desejar a todos as maiores felicidades.

Muito obrigado.

1	1
2	2
3	3
4	4
5	5
6	6
7	7
8	8
9	9
10	10
11	11
12	12
13	13
14	14
15	15
16	16
17	17
18	18
19	19
20	20
21	21
22	22
23	23
24	24
25	25
26	26
27	27
28	28
29	29
30	30
31	31
32	32
33	33
34	34
35	35
36	36
37	37
38	38
39	39
40	40
41	41
42	42
43	43
44	44
45	45
46	46
47	47
48	48
49	49
50	50
51	51
52	52
53	53
54	54
55	55
56	56
57	57
58	58
59	59
60	60
61	61
62	62
63	63
64	64
65	65
66	66
67	67
68	68
69	69
70	70
71	71
72	72
73	73
74	74
75	75
76	76
77	77
78	78
79	79
80	80
81	81
82	82
83	83
84	84
85	85
86	86
87	87
88	88
89	89
90	90
91	91
92	92
93	93
94	94
95	95
96	96
97	97
98	98
99	99
100	100

17 DE NOVEMBRO
PALACIO DO PLANALTO
BRASILIA-DF

IMPROVISO AO RECEBER O CO-
LAR DA ORDEM DO CONGRESSO
NACIONAL

Senhor Presidente do Senado Federal,

Senhor Presidente da Câmara,

Senhores Senadores,

Senhores Deputados:

De fato, eu me sinto muito honrado por esta deferência com que acabo de ser distinguido pelo Congresso Nacional. As palavras de V. Exas., benevolentes em demasia, dizem bem do sentimento que tem havido entre o Presidente da República, o Congresso Nacional, e com seus membros em particular, sejam eles do Partido do Governo ou de Partidos da Oposição.

Como me orgulho de haver recebido aqui, no meu gabinete de trabalho, indistintamente, representantes do povo — vereadores, deputados e senadores — de todos os Partidos. Lamento, apenas, que aquela porta, que continua aberta para todos, ainda não tenha permitido a passagem de alguns elementos, que há muito poderim ter já iniciado o concurso que deles a Pátria tanto espera.

Repito, Senhor Presidente do Senado Federal, Senhor Presidente da Câmara, Senhores Deputados, Senhores Senadores: fico muito honrado com a presença de V. Exas. e de quantos aqui estão. Fico muito desvanecido com a decisão do Conselho da Ordem. E tenho a certeza: se não é da totalidade do Congresso, é, pelo menos, de sua grande maioria.

Podem transmitir aos Senhores Congressistas que eu me sinto envaidecido em receber esta comenda.

Muito obrigado.

19 DE NOVEMBRO
PALACIO DO PLANALTO
BRASILIA-DF
DISCURSO AO RECEBER AUTO-
GRAFOS DA EMENDA CONSTITU-
CIONAL Nº 15

Meus Senhores:

Muito lhes agradeço, Senhores membros das mesas do Senado e da Câmara, a gentileza de me entregarem pessoalmente um dos autógrafos da Emenda Constitucional nº 15, hoje promulgada por Vossas Excelências.

Vejo cumprir-se, como Presidente da República, mais um compromisso do candidato. E vejo-o tornar-se Lei mediante colaboração entre o Legislativo e o Executivo. Sem nada perderem do que lhes é próprio, os dois Poderes demonstraram, uma vez mais, a viabilidade do sistema político brasileiro.

A emenda que restabelece eleições diretas para governadores dos Estados e para a totalidade do Senado Federal a um só tempo confirma a República e fortalece a Federação.

Como é de justiça, quero relembrar uma cerimônia parecida a esta, e de igual significação, à qual compareci em outra qualidade, neste mesmo Palácio. Refiro-me,

naturalmente, ao dia em que o Presidente Ernesto Geisel recebeu das mãos dos antecessores de Vossas Excelências um autógrafo de outra Emenda Constitucional: a que revogava todos os Atos Institucionais e Complementares.

É impossível dissociar esta solenidade daquela. Assim como recordo as palavras do então Presidente, referindo-se ao momento histórico e aos que o viviam: «Há os que querem mais; há os que querem menos; há os que querem já e há os que não querem nunca».

O dia de hoje, Excelências, é a realização concreta dos esforços de todos e de cada um dos Presidentes Revolucionários. É certo que as vicissitudes de momento ditaram algumas vezes comportamento diverso do de sua intenção. Mas posso dar testemunho pessoal do desejo sincero dos Presidentes que me antecederam, de corresponder ao anseio do povo brasileiro, hoje consagrado, de escolher diretamente seus governadores e senadores.

Não que a eleição indireta seja menos democrática do que direta. Ou que os assim eleitos exerçam mandatos menos legítimos, por tê-los havido de um colégio eleitoral estabelecido pela Constituição.

Direta ou indiretamente, a fonte do poder permanece a mesma. O povo, e só o povo, outorga os mandatos. Questionar a legitimidade da eleição indireta é pôr em dúvida a legitimidade do exercício do mandato popular pelos mandatários.

O que hoje se restabelece, com a promulgação desta Emenda, é a forma, o rito, a instância. Sobretudo, restaura-se nossa melhor tradição republicana e federal.

Sinto-me feliz por haver proposto a Emenda, cuja tramitação hoje se concluiu. Sua promulgação torna concreto o que, em abril de 1978, manifestei como desejo, possibilidade, aspiração a alcançar.

Ora, o processo político dos povos é essencialmente dinâmico. As instituições não nascem perfeitas. Nem se consolidam em um dia. Antes, evoluem-se, atualizam-se e se aprimoram, ao longo de gerações.

Entretanto, a realidade brasileira contemporânea é a história de um povo que reconquista seus direitos e franquias cívicas com velocidade inigualada.

Em apenas dois anos — é bom recordar — vimos a restauração do direito pleno de *habeas corpus* das garantias da magistratura; da sujeição de todos à lei e à sua interpretação pelos juízes e tribunais; da mais ampla liberdade de informação que se pode apontar.

No Brasil, não há mais legislação de exceção.

Nem nos restam presos políticos. Nem expatriados. Nem banidos. Todos foram anistiados.

Nem há delito de opinião.

Numerosos partidos políticos, livremente constituídos, representam hoje outras tantas correntes de ideários e programas.

Nem o processo político brasileiro se dá por encerrado neste ato.

Por certo, ainda temos várias opções diante de nós. Haveremos de tomá-las no momento certo. E, tal como chegamos a este dia, não desfalecerei na perseguição in-

cessante do aperfeiçoamento político possível e adequado a cada etapa da vida nacional.

Senhores membros do Congresso Nacional:

A forma das eleições majoritárias fica assim resolvida. Cabe agora a todos os que nos dedicamos à política, por vocação ou por dever, examinar com isenção e patriotismo as várias sugestões discutidas publicamente sobre os demais aspectos do sistema eleitoral.

De mim, digo que importa menos a *maneira* ou o *sistema* de votação. Importa, sim, aumentar-lhe a representatividade. Diminuir, para progressivamente eliminar, a preponderância do poder econômico sobre as questões políticas. Corresponder ao desejo expresso do povo brasileiro por uma sociedade realmente pluralista, aberta, livre. E, sobretudo, mais justa.

Isso, sim, é importante.

Somos uma Nação de jovens. Para eles construímos. A eles deveremos entregar uma sociedade que honre nossa memória. Não na realização fátua de obras materiais.

Mas na edificação de instituições duradouras.

Que sirvam à Nação.

Que se prestem a evoluir e a aperfeiçoar-se pacificamente. No convívio dos contrários. No respeito ao direito dos outros.

E no jogo limpo em que a voz da maioria a todos obrigue, como é da essência da democracia,

Pois só assim haverá paz e harmonia.

Paz, para minorar a tristeza dos que ainda sofrem penúria, ao lado da abundância.

Harmonia, para podermos promover o bem-comum.

Para resgatarmos a dívida nacional com os que padecem da distância e do isolamento ou amargam a inclemência do clima, a falta ou o excesso de água.

Para os que lavram a terra, ou nela penetram à cata de riquezas sem par. Ou faiscam a ciência e a cultura, nos laboratórios, nas escolas e nas faculdades.

E para corresponder ao trabalho dos homens e das mulheres que, no lar ou no emprego, criam essa admirável geração de brasileiros, ávidos de aprender, capazes de realizar tantas coisas.

Senhores Presidentes e membros das mesas do Senado Federal e da Câmara dos Deputados:

As eleições diretas para governador e senador estão restabelecidas para o pleito de 15 de novembro de 1982, graças ao voto unânime com que os Deputados e Senadores acolheram a proposta do Executivo.

Os que duvidavam da realização dessas eleições devem notar, sobre este autógrafo, as assinaturas solenemente apostas por Vossas Excelências. E que ninguém desprezeitará.

Para os que ainda duvidam — e talvez seja sua triste sina duvidar de toda evidência — só posso sugerir-lhes que aguardem o pleito e a contagem dos votos. Esperem a proclamação dos governadores e senadores eleitos e sua posse em março de 1983.

Assim se fará, com a graça de Deus, e como se dispõe na Emenda que Vossas Excelências vêm de promulgar.

Muito obrigado.

20 DE NOVEMBRO
USINA «PAULO AFONSO VI»
PAULO AFONSO-BA
IMPROVISO AO INAUGURAR A
USINA

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Eu desejo apenas agradecer as palavras carinhosas, benevolentes, e por que não dizer, até exageradas, que acabo de ouvir do Governador Guilherme Palmeira. E digo benevolentes e exageradas, porque ao agradecer o apoio que tenho dado ao Governo de Alagoas, sinto muito bem que esse apoio, em matéria de recursos, tem sido pequeno, muito pequeno, em relação ao que de fato Alagoas merece pelas suas potencialidades, pelo civismo de sua gente.

Eu lamento profundamente, Senhor Governador, meus caros patrícios alagoanos, que as dificuldades econômicas porque passa o País não permitam dar um ritmo mais acelerado aos projetos que o Governador e eu temos em mente para Alagoas. Mas tenho a certeza que o faço preocupado com a promessa, ao agradecer essa acolhida generosa que acaba de me dar o povo de Maceió, que tão logo as dificuldades sejam diminuídas, aqueles primeiros recursos que eu puder dispor não de sei

para o Nordeste, como afirmei outro dia, na última viagem que fiz. E hão de ser para aqueles projetos que de fato possam trazer riquezas para nossa terra, como esse projeto aqui de Alagoas.

Desejo apenas, Senhor Governador, ao agradecer mais uma vez esta acolhida, que Vossa Excelência seja o meu porta-voz junto ao povo de Alagoas, e diga a ele que estou satisfeito de estar novamente nesta terra. Se demorei tanto tempo para vir, vou-me acostumar a vir mais vezes para poder compartilhar das alegrias dessa gente, que sabe na sua pobreza, que sabe na sua pequenez, fingir que é rico e ser alegre e feliz.

Muito obrigado.

21 DE NOVENBRO
PALACIO OLIMPIO CAMPOS
ARACAJU-SE
IMPROVISO AO VISITAR A CI-
DADE

Senhor Governador do Estado de Sergipe, Augusto Franco, Senhores Ministros, Senadores, Deputados Federais e Estaduais, D. Luciano, Senhores Oficiais-Generais, Senhores Vereadores, Senhores membros e líderes do Partido Democrático Social, Minhas Senhoras, meus Senhores:

Eu poderia dizer, Senhor Governador, repetindo o agradecimento que fiz em Maceió, que não foi surpresa para mim a recepção com que fui acolhido aqui em Aracaju. Estranhamente para mim, Senhor Governador, porque como candidato já havia sido regamente recepcionado pelo povo de Sergipe. Mas naquela época era a esperança do povo, era o candidato que vinha com a bolsa cheia de promessas e era natural que o povo sergipano, sempre tão hospitaleiro, assim recebesse o candidato à Presidência da República. Mas estranhamente agora, Senhor Governador, em que o candidato cumpriu tão poucas das promessas na área econômica e na área social, tivesse ainda a hospitalidade sergipana a força para recebê-lo com tanta efusão e com tanto carinho.

Mas é, Senhor Governador, meus Senhores, que o povo já começou a entender que as nossas exportações, que mal atingem a cifra de 20 bilhões de dólares, mal dão para pagar a nossa conta de petróleo, de 10 bilhões de dólares, e o serviço da nossa dívida o outro tanto. O povo já começou a compreender que se de um lado o Governo, com essas dificuldades econômicas, não pode deixar de apoiar aqueles grandes projetos que irão impedir a queda brusca do nosso desenvolvimento, por outro lado tem de fazer face ao setor social, que tanto afeta a cada um de nós, dirigentes. Daí porque a minha satisfação em que nesta viagem a Maceió e Aracaju eu vejo o encontro do que é possível ao Governo fazer entre tantas dificuldades econômicas, no lado econômico e no lado social.

E repito, Senhor Governador, rendo preito aos nossos homens de partido, que têm sabido levar ao povo aquelas explicações mais compreensíveis a respeito dessas dificuldades. A minha palavra, repito, tem valido menos do que o contato com que esses homens têm procurado ver ao povo o engano que existe nas afirmações da Oposição. Confesso, Senhor Governador, e repito o que disse em Maceió: é pouco, muito pouco o que tenho trazido para o Nordeste. Mas o que posso prometer, e o que estou firmemente determinado a realizar, é que tão logo tenha um desafogo na área financeira, é que aquela fatia a que o Senhor Governador se referiu não seja tão pequena para o Estado de Sergipe.

Muito obrigado.

21 DE NOVEMBRO DE 1980
PALÁCIO OLÍMPIO CAMPOS
ARACAJU—SE

IMPROVISO DURANTE REUNIAO
COM LÍDERES E PREFEITOS DO
PDS DO ESTADO

Senhor Governador do Estado de Sergipe, Augusto Franco, Senhores Correligionários do Partido que apóia o Governo e que acredita no Governo:

Venho aqui a Sergipe e encontro um ambiente festivo, como daqui a pouco vou repetir para o Governador, apesar do pouco que fiz para o Nordeste, e, em particular, pelo Estado de Sergipe. E encontro essa recepção calorosa, uma recepção de gente a quem ainda não dei nada, e que tudo fez para que eu me sentisse bem em terras sergipanas.

Quero crer que o Governador e os meus correligionários; nisso vai muito da palavra de cada um dos Senhores, do esforço que têm feito para levar a nossa gente as dificuldades que o Governo tem sentido para poder apressar aquilo que já deveria ter iniciado no benefício de sua terra.

Eu me congratulo com os Senhores pela maneira com que, com tanta eficiência, têm conseguido explicar

ao povo as dificuldades que o Governo vem sentindo. E, principalmente, a maneira pela qual os Senhores têm conseguido dialogar, mostrando à nossa gente a minha intenção de fato de restabelecer a normalidade democrática no País, apesar das reações da Oposição em não acreditar muito no ato que acabo de promulgar, das eleições diretas.

A esses que ainda não acreditam, eu direi que o melhor que fazem, então, é não se prepararem para as eleições diretas. Já que não acreditam nelas, deixem que, mais facilmente, nosso partido vença as eleições. Porque, na realidade, meus Senhores, as eleições serão diretas e os Governadores, governantes eleitos, serão empossados. E o nosso partido vai vencer.

Apesar de todas as dificuldades econômicas por que passa o País, eu tenho a certeza da compreensão do povo e menos que minha palavra, e menos que meu diálogo, tem valido, eu repito, a forma pela qual os Senhores têm levado argumentos para que o povo me receba dessa maneira. Muito obrigado aos Senhores, e vamos partir para as eleições diretas.

27 DE NOVEMBRO
PALACIO DO PLANALTO
BRASÍLIA-DF

IMPROVISO POR OCASIAO DA
POSSE DO MINISTRO DA EDU-
CAÇÃO E CULTURA RUBEM CAR-
LOS LUDWIG

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Eu devo, inicialmente, agradecer ao Ludwig a maneira correta — soldado que é — com que recebeu mais esta missão que o Governo lhe impôs.

Não foi surpresa para mim, apesar da surpresa com que ele recebeu a notícia, a maneira com que Rubem Ludwig encarou mais esta missão. Ao fazer este agradecimento, eu devo apresentar ao General Ludwig minhas escusas pelas três frustrações que lhe causei na carreira militar.

Eu sei que muito lhe doeram as três vezes em que o desviei de sua rota profissional. Mas tenho a consciência traquilha de que, se o Exército foi prejudicado, a Pátria saiu ganhando.

Devo apresentar também as minhas escusas ao Exército, porque, mais uma vez, privo-o da presença de um chefe do quilate do General Ludwig. Devo apresentar também as minhas escusas aos cadetes da Academia Mi-

litar das Agulhas Negras, por tê-los privado de um comandante que, tenho certeza, seria um comandante exemplar.

Conhecedor como sou do Ludwig, de cadete a general, sempre o vi apontado como exemplo por seus pares e por seus comandados.

Mas, devo também apresentar as minhas congratulações ao setores ligados à educação e à cultura, em particular à área estudantil, por esta oportunidade de verem de como a experiência, a inteligência, a dedicação, a cultura, e, principalmente, o seu acendrado amor à Pátria e à democracia, vão estar presentes nessa área.

Muito obrigado.

28 DE NOVEMBRO
CENTRO DE CONVENÇÕES
SALVADOR-BA

DISCURSO NO ENCERRAMENTO
DO III CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE PETROQUÍMICA

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Sinto-me feliz por ter podido vir a este Terceiro Congresso Latino-Americano de Petroquímica, que hoje se encerra.

Durante uma semana de intensos trabalhos na encantadora cidade de Salvador, capital do Estado da Bahia, os senhores puderam avaliar os problemas e o potencial da indústria petroquímica na América Latina. Analisaram as diretrizes para o seu desenvolvimento. Debateram a cooperação tecnológica possível entre as nações irmãs do continente, no horizonte quase ilimitado da petroquímica.

Ao mesmo tempo, a Exposição Industrial realizada paralelamente, dá testemunho da relevância deste ramo industrial, no quadro da economia brasileira nos últimos quinze anos. Tudo isso demonstra eloqüentemente a íntima relação entre os progressos da ciência e da tecnologia e a concretização das justas aspirações de progresso e bem-estar das nações do Terceiro Mundo.

Dos adubos para a agricultura aos tecidos para o vestuário; da borracha aos plásticos de uso cada vez mais diversificado; substituindo matérias-primas naturais mais pesadas, mais raras ou mais difíceis de encontrar ou de processar, os produtos da petroquímica estão presentes em todos os setores da atividade econômica de nossos dias.

Em sua imensa variedade e adaptabilidade, a utilização de produtos químicos à base de petróleo só tende a expandir-se. A petroquímica será, talvez, o melhor uso que a técnica preservará para produto tão nobre como o petróleo. Nobre, na possibilidade de se extrair dele produtos mais úteis à Humanidade, do que simplesmente os combustíveis de largo emprego e acelerado consumo.

Creio poder dizer-lhes, senhoras e senhores congressistas, que nós, brasileiros, buscamos o equilíbrio de usos e fontes compatível com as realidades nacional e mundial.

Nosso caso é simples. Nossos rumos são claros.

Sabemos que dispomos de pouco petróleo.

Reconhecemos o poder multiplicador em termos de empregos, impostos, renda e valor agregado localmente de uma sólida e ativa indústria de auto-veículos.

Avaliamos corretamente o grande potencial da indústria petroquímica naqueles mesmos termos.

Temos plena consciência, ao mesmo tempo, do caráter finito — e a prazo curto, historicamente falando — das reservas de óleo.

E nos damos ampla conta das possibilidades de produzir, em nosso próprio território, fontes alternativas e

renováveis de matérias-primas, de energéticos e de produtos químicos.

Mais ainda. Sabemos que podemos ordenar coerentemente os usos e fontes.

É isso, Senhores, o que estamos fazendo com absoluto realismo. E é tudo isso o que espero possam ter observado nas exposições, debates e visitas feitas por aqui.

Bem próximo se encontra o pólo petroquímico de Camaçari, realizado sob a inspiração direta do meu ilustre antecessor, que nos honra com sua presença: o eminente Presidente Ernesto Geisel.

Camaçari é um dos muitos exemplos vivos da ação conjunta e sinérgica do Governo, da iniciativa privada e da própria comunidade, em benefício do desenvolvimento descentralizado.

Tive o privilégio de seguir de perto a evolução da petroquímica no Brasil, desde o impulso inicial dado pelo então Presidente Arthur da Costa e Silva, em 1967.

Bem me recordo do dia festivo em que acompanhei o Presidente Emílio Médici na inauguração da Petroquímica União, em Capuava, Município de Santo André, em São Paulo. Desde então, até hoje e para o futuro, a associação de capitais públicos e privados — nacionais e estrangeiros — permitiu vencer dificuldades e queimar etapas.

Como resultado dessa política, a produção petroquímica nacional aumentou de oito vezes nos últimos dez anos.

Neste mesmo momento, implantamos no extremo sul do País um terceiro pólo petroquímico, dentro da mesma

filosofia de desconcentração industrial e de expansão regional.

O Brasil aceitou o desafio de responder a uma triplíce necessidade. Devemos produzir energia abundante, a baixo custo e utilizando insumos locais. Precisamos reduzir os gastos com importações nesse setor, a fim de manter a capacidade de importar outros produtos necessários ao nosso desenvolvimento. Por fim, temos de oferecer novas opções de bem-estar social ao nosso povo e suficientes oportunidades de emprego para uma força de trabalho em rápida expansão.

Dispomos, para esse fim, do talento de nossos cientistas — especialmente das novas gerações, sempre abertas à inovação e ao progresso — e da audácia e da competência do nosso empresariado. A ação combinada desses fatores juntar-se o indispensável apoio do Governo. Assim conseguimos respostas a tantas questões que angustiam os responsáveis pelo desenvolvimento industrial das nações da América Latina.

Também neste campo, acreditamos na integração latino-americana. No intercâmbio de experiências, de tecnologias, de matérias-primas, de processos e de produtos acabados.

Espero que este Congresso tenha oferecido oportunidades para mais um passo na caminhada de nossa integração. Todas as nações precisam uma das outras. Mas, na América Latina, além de imprescindível, a integração é uma determinação firme da vontade de nossos povos.

No que disser respeito ao nosso País, as conclusões deste Congresso hão de merecer a nossa atenção e o nosso cuidado.

Como os outros países irmãos latino-americanos, os brasileiros procuram novas frentes de expansão da nossa economia e de exploração e valorização de nossos recursos naturais, em benefício do desenvolvimento global do nosso País.

Senhores Congressistas,

Em pouco tempo, a indústria petroquímica implantou-se e expandiu-se em nossos países. Contribuiu para a criação de inúmeros empregos diretos e indiretos. Multiplicou as atividades dependentes do aproveitamento das miríades de matérias-primas. Os produtos fabricados com elas são parte do nosso dia-a-dia.

Tecnologias autóctones foram desenvolvidas. Expandiram-se os mercados internos e criaram-se novos mercados externos.

Novos horizontes estão agora descortinados à frente dos Senhores, no que se refere ao desenvolvimento nacional e continental.

Para nós, entretanto, a petroquímica, em todas as suas fases, da transformação da nafta e do gás, até os produtos finais, sendo tudo aquilo o que os Senhores sabem, não é tudo para nós.

A crise mundial de petróleo — e a elevação desmesurada dos preços — criou problemas de solução difícil, ou mesmo impossível, para os países pobres não produtores de petróleo.

Nós bem conhecemos os seus efeitos diretos, sobre os preços dos derivados. E os indiretos, que se precipitam sobre os preços de quase todos os produtos e mercadorias oferecidas ao mercado.

Por tais razões, o Brasil mantém e continuará a manter os investimentos no setor petroquímico e a estimular o crescimento do setor.

Mas, a seu lado, vamos utilizar em todas as suas potencialidades outras fontes de energia e matérias-primas, a partir de produtos do nosso subsolo, como o carvão mineral. Ou de recursos naturais que possuímos em abundância.

A partir deles, e com o trabalho do homem, haveremos de produzir biomassas em quantidade suficiente para o nosso próprio uso. E — por que não dizer? — a preços competitivos, nas praças e mercados do mundo.

Com produtos químicos, os nossos minerais e biomassas que já produzimos, ou se encontram em experimentação avançada, esperamos melhorar os termos e os volumes de nossa presença no comércio mundial.

Senhores Congressistas,

Ao dar por encerrado o Terceiro Congresso Latino-Americano de Petroquímica, traço-lhes a confiança do governo brasileiro no futuro que os povos deste continente constroem juntos.

Nenhuma atividade econômica pode ser vista isoladamente. Nenhuma nação moderna pode dispensar a estreita colaboração com as demais. Mas sobre os pilares da independência, da integração e da melhor distribuição

da riqueza entre as classes e as regiões, haveremos de proporcionar aos nossos concidadãos um futuro melhor, uma sociedade mais justa.

A minha mensagem de confiança, estou certo, é a mesma que emerge deste Congresso.

Muito obrigado.

1	1
2	2
3	3
4	4
5	5
6	6
7	7
8	8
9	9
10	10
11	11
12	12
13	13
14	14
15	15
16	16
17	17
18	18
19	19
20	20
21	21
22	22
23	23
24	24
25	25
26	26
27	27
28	28
29	29
30	30
31	31
32	32
33	33
34	34
35	35
36	36
37	37
38	38
39	39
40	40
41	41
42	42
43	43
44	44
45	45
46	46
47	47
48	48
49	49
50	50
51	51
52	52
53	53
54	54
55	55
56	56
57	57
58	58
59	59
60	60
61	61
62	62
63	63
64	64
65	65
66	66
67	67
68	68
69	69
70	70
71	71
72	72
73	73
74	74
75	75
76	76
77	77
78	78
79	79
80	80
81	81
82	82
83	83
84	84
85	85
86	86
87	87
88	88
89	89
90	90
91	91
92	92
93	93
94	94
95	95
96	96
97	97
98	98
99	99
100	100

29 DE NOVEMBRO
PÓLO PETROQUÍMICO — CAMA-
ÇARI
SALVADOR-BA
IMPROVISO AO INAUGURAR O
SISTEMA DE EFLUENTES PLUVI-
AIS DO PÓLO PETROQUÍMICO

Senhor Governador do Estado da Bahia, Antônio Carlos Magalhães:

— Vossa Excelência — acaba de se referir à grandeza deste Pólo e à grandeza do coração da gente baiana. Este Pólo, que vem concorrer para o desenvolvimento do nosso País, que vem possibilitar economia de divisas, que vai possibilitar, quando totalmente implantado, cerca de 23 mil empregos diretos. É de fato um marco na história do desenvolvimento da nossa Pátria.

— Lembremos a clarividência da decisão do Presidente Emílio Médici e a persistência e apoio total que deu, para que hoje pudéssemos estar aqui reunidos, festejando esta inauguração, o Presidente Ernesto Geisel.

— Mas nada disso seria possível, mesmo com a coordenação do Governo federal e estadual, mesmo com as decisões tomadas nas cúpulas federais e estaduais: a grandeza de nossa Pátria espera a sua riqueza mais próxima.

la e a incentivá-la a grandeza do coração do povo da Bahia.

— E é desse conjunto, Governo e povo, que a grandeza de nossa Pátria espera a sua riqueza mais próxima. E que o povo de nossa terra possa usufruir as potencialidades com que Deus dotou nossa natureza, para que possamos ter dias mais fáceis e mais felizes.

Muito obrigado.

30 DE NOVEMBRO
CENTRO DE CONVENÇÕES
BRÁSÍLIA-DF

DISCURSO AO ENCERRAR A CON-
VENÇÃO NACIONAL DO PDS

Senhores Convencionais,

Meus Correligionários:

Gostaria de retificar a frase final do discurso do nosso Presidente José Sarney. Nós não cumprimos simplesmente nosso objetivo. Cumprimos nosso grande objetivo.

Neste ambiente de festa, civismo e patriotismo, conclui-se a árdua tarefa da comissão provisória. Aprovados o Manifesto, o Programa e os Estatutos, e eleitos os seus dirigentes efetivos, o Partido Democrático Social reúne as condições para ser o primeiro Partido a cumprir todas as exigências legais necessárias ao registro definitivo nesta nova fase da vida política nacional.

A maior parte do trabalho paciente de organizar diretórios municipais e estaduais já ficou para trás. Estão lançadas as bases para que a filiação de novos membros não se esgote nos números atuais.

Pois, mesmo com milhões de filiados, um partido pouco representa. O que lhe dá vida é a consciência e a prática da democracia interna. E isso nós temos.

O cimento de coesão partidária é a discussão livre e franca das idéias. E isso nós temos.

O que faz a força de um partido é sua disposição para lutar. Vencer. Conquistar o poder com a arma do voto.

E isso, meus Senhores, nós temos.

Em novembro de 1982, teremos as eleições diretas que prometi.

E, como prometi, cumprirei.

Nesse dia, vamos conquistar a maioria das câmaras municipais e das prefeituras.

Das assembléias legislativas e dos cargos de governador.

Da Câmara dos Deputados e do Senado Federal. E, conseqüentemente, legitimamente, a maioria do colégio eleitoral que elegerá meu sucessor.

Por isso mesmo, o PDS não se forma como uma colcha de retalhos. Suas raízes penetram no chão da história. Não para tentar repeti-la. Ou para continuar a profligar coisas passadas — como se o tempo conhecesse retorno. Para nós, a história é repositório de exemplos a cultivar e aprimorar. De inspirações a seguir.

O PDS surge como um partido moderno, atual. E assim é por duas razões. A primeira é a própria juventude de nosso povo. A segunda é que nascemos para o presente e o futuro.

«Nosso problema» — afirmei em Porto Alegre, em fevereiro deste ano — «não é o depois de amanhã ... é o hoje, é o dia seguinte».

O futuro distante, esse está bem cuidado. Para ele nos preparamos bem, desde agora.

A abundância de nossos recursos naturais e nossa coragem de transformá-los em instrumentos de bem-estar de nossa gente resolverão todos os nossos problemas. Sabemos que o Brasil vencerá todas as crises. Apesar do pessimismo impenitente dos negativistas empedernidos.

O que mais me preocupa, neste momento, é cuidar dos nossos compatriotas do presente. Diminuir-lhes as angústias. Renovar-lhes a fé. Fortalecer-lhes o ânimo. E mostrar-lhes que as dores sofridas agora são as do crescimento. E, por mais que firam e doam, doem e ferem menos que as penas da estagnação, a esterilidade do desânimo, as frustrações dos horizontes limitados.

A História do Brasil fez-se graças à combinação de audácia nas concepções e firmeza nos princípios nacionais. Jamais na unanimidade que ressuma totalitarismo.

De mim, reafirmo a crença no debate, no diálogo, no entendimento. No consenso possível. E assim penso por sentir, ver e saber que a prática da democracia e a preservação da liberdade só são possíveis através de um sistema partidário capaz de assegurar a sociedade pluralista e aberta que nos comprometemos a construir.

Politicamente, vivemos uma época de revigoração, de reconstrução, de criatividade, de readaptação. Sem dúvida, uma séria porfia. Mas patrioticamente fascinante.

Construir é o verbo do nosso presente. Construir o fundamento duradouro de uma sociedade livre e justa.

Revigorar as instituições; reconstruir as bases éticas e morais da sociedade, para reunir e reconciliar; essa a tarefa eminente dos políticos.

E só pode fazê-lo quem tem fé.

Os incrêus; os azedos por natureza ou atitude; os cavilosos de sempre; aqueles a quem nada contenta, ou ninguém agrada; os que só sabem lamentar, mas não consertam, não propõem, não pensam, não oferecem alternativas — mas só aprenderam a condenar, a divergir; enfim, aqueles cujo verbo principal é *negar* — esses nada farão de positivo, por longa que lhes seja a vida que amargam.

E se, por castigo de Deus, um dia o poder viesse a cair em suas mãos, não saberiam o que fazer com ele. Por que lhes faltam aquelas condições interiores, apanágio dos homens do nosso Partido. Falta-lhes fortaleza. Falta-lhes esperança.

Nós do PDS deixamos o cantochão das lamentações aziagados para os que não sabem conviver.

Para os que aspiram ao poder a fim de usá-lo no absolutismo sem contraste.

Esquecidos de que a democracia se faz todos os dias. Não só nas grandes ocasiões e nas palavras sonoras.

Os que só raciocinam e agem de acordo com os interesses imediatos de pessoas ou grupos transgridem a primeira regra da democracia interna dos partidos. O acatamento as decisões da maioria a ninguém humilha ou diminui. A todos eleva e exalta.

Os que não têm convicções, mas caprichos, mudam de atitude na medida em que não vêm atendidas suas ambições. Passam a agredir o que antes aplaudiam com alarido e entusiasmo irrestrito.

Nós do PDS temos de trabalhar pelo Brasil. Não por nós mesmos. E por isso construímos um partido livre dos vícios das organizações passadas.

Vejo com tristeza que nem todos os que começaram conosco puderam — ou souberam — adaptar-se às condições novas. Não viram os sinais de mudança, embora tão claros.

Sinto especialmente por aqueles companheiros que só prosperaram politicamente ao nosso lado por entre louvores à Revolução e proclamadas fidelidades a seus líderes.

Vimos porém que, na hora de somar e compor, faltou-lhes a compreensão do momento histórico. Convocados a participar da reconstrução das instituições, acharam que, abandonando suas origens, podiam construir um futuro melhor para si próprios.

Agora, fingem horror ao que antes amavam.

Condenam o que aplaudiam, quando as águas corriam para seu lado e a exceção os beneficiava.

E se por qualquer motivo — ou até sem motivo — abandonam a casa, devem lembrar-se da solidão dos que vivem pelo interesse, afastados dos verdadeiros amigos e companheiros.

Reconstruímos as instituições políticas e lhes demos condições de melhor representar o pensamento de quase

120 milhões de brasileiros. Para eles, é bom lembrar, nem tudo é necessariamente preto ou simplesmente branco.

Senhores convencionais, meus correligionários:

Esta é a hora do nosso partido. Sua sorte não é diferente da do meu Governo. Desejo prestigiá-lo, e confiar-lhe a missão de apresentar ao povo os ideais de 64, nos termos do presente. As conquistas feitas e os progressos alcançados.

Não por empáfia, ou culto de valores pessoais.

Mas porque temos uma história legítima a contar.

História de restauração das garantias individuais, cívicas e políticas.

História da anistia — que é perdão e esquecimento. Como não sonhavam aqueles para quem as palavras não passam de chavões vazios de sentido.

História de fidelidade à República e reforço da Federação.

História da preocupação com o homem pequeno e indefeso. Com sua saúde. Sua educação. Seu direito ontológico a uma parcela maior e mais digna da riqueza nacional. À repartição mais equitativa do produto do trabalho de todos.

Ao PDS cabe ser, em nossos dias, o partido da transformação. Da reforma pacífica. Da tolerância, que conduz à concórdia. A qual, por sua vez, faz nascer a paz.

Ao PDS cabe ser o partido da soberania do povo, fonte de todo o poder. E beneficiário de toda a ação política.

Voltado para o homem porque «todo esforço cairia no vazio se não tivéssemos a evocação de que o homem, como criatura de Deus, tem um destino superior».

Partido capaz de sacrificar o êxito momentâneo, a bem dos interesses nacionais.

Partido que seja o canal legítimo, visível, sensível e permanente das aspirações do povo.

E, por consequência, instrumento de sua realização.

Esse é o *meu*, o *nosso* Partido.

O Partido que constituímos sob o comando de José Sarney, Prisco Viana, Jarbas Passarinho, Nelson Marchezan e de todos os nossos demais companheiros que, no plano federal, nos estados e nos municípios, lhe deram organização, quadros, vida.

Com o nosso Partido, meu pensamento hoje é só de vitória.

Que nos brilhará em 1982 e por muitos e muitos pleitos.

Muito obrigado.

1

2

1	1
2	2
3	3
4	4
5	5
6	6
7	7
8	8
9	9
10	10
11	11
12	12
13	13
14	14
15	15
16	16
17	17
18	18
19	19
20	20
21	21
22	22
23	23
24	24
25	25
26	26
27	27
28	28
29	29
30	30
31	31
32	32
33	33
34	34
35	35
36	36
37	37
38	38
39	39
40	40
41	41
42	42
43	43
44	44
45	45
46	46
47	47
48	48
49	49
50	50
51	51
52	52
53	53
54	54
55	55
56	56
57	57
58	58
59	59
60	60
61	61
62	62
63	63
64	64
65	65
66	66
67	67
68	68
69	69
70	70
71	71
72	72
73	73
74	74
75	75
76	76
77	77
78	78
79	79
80	80
81	81
82	82
83	83
84	84
85	85
86	86
87	87
88	88
89	89
90	90
91	91
92	92
93	93
94	94
95	95
96	96
97	97
98	98
99	99
100	100

04 DE DEZEMBRO
CONJUNTO HABITACIONAL «NO-
VO AMPARO»
LONDRINA-PR
IMPROVISO AO INAUGURAR O
CONJUNTO HABITACIONAL

Senhor Governador do Estado do Paraná, Ney Braga,
Senhor Prefeito Antônio Belinati,

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Acabei de ouvir os agradecimentos do Senhor Prefeito e do Senhor Governador, pela minha presença aqui em Londrina, nesta data. Na realidade, devo dizer aos Senhores que o agradecimento deve ser meu, pela oportunidade que ambos me deram de estar aqui com a gente de Londrina, quando ela completa os seus 46 anos. Oportunidade que há muito esperava, para ver de perto o que lia e via a respeito do progresso desta região.

Ouvi e pesei as sensatas palavras do Prefeito Belinati a respeito das nossas dificuldades econômicas e sobre os esforços que o Governo tem feito para contorná-las. Ouvi as palavras do Senhor Governador e do Ministro Mário Andreazza, que, à guisa de esclarecimento, continham muito de esperança e de confiança no meu Governo.

Ouvimos uma prece que foi iniciada dizendo aos céus que a fé é a academia dos espíritos robustos. E, ao ouvir essa prece, eu pensei: não tenho medo do amanhã de nossa Pátria; não me atemorizo com as dificuldades, que eu sei que são muitas, que se me apresentam. E não tenho medo, porque sinto aqui, em Londrina, que esta região tão progressista foi construída, simplesmente, pela fé dos paranaenses. Essa fé não se abateu com as dificuldades, não se abateu com os sofrimentos, não se abateu com as possíveis injustiças cometidas. E hoje vemos Londrina com este futuro promissor que salta aos olhos de qualquer um.

E é esta fé, a fé na nossa gente, que me faz, também, ter fé em que será possível chegarmos a um futuro mais feliz, apesar dos negativistas que tentam apresentar falsos argumentos, ao invés de se colocarem ao nosso lado, para nos ajudar a sair das dificuldades.

Aqueles que só sabem negar, que só sabem desacreditar, aqueles que não têm esperanças porque não têm fé em Deus, porque não têm fé na Pátria, esses podem continuar negando. Mas o povo da minha terra, este, eu tenho certeza, há de saber discernir na hora precisa com quem está a razão. E eu convido o povo a perguntar: o que fariam esses negativistas no meu lugar? Será que eles teriam possibilidades de pagar a nossa dívida externa, de fazer baixar o preço do petróleo?

Volto para Brasília confiante em Deus, e com mais confiança ainda no povo desta terra, porque sei que o povo desta terra jamais será enganado por falsos argumentos.

Muito obrigado aos Senhores.

09 DE DEZEMBRO
PALÁCIO DO PLANALTO
BRÁSILIA-DF

IMPROVISO AO ENTREGAR PRÊ-
MIOS AOS CAMPEÕES DO CON-
CURSO «PRODUTIVIDADE RU-
RAL»

Meus caros Patrícios agricultores:

Eu estou deveras satisfeito e honrado com a presença dos Senhores aqui, na minha casa de trabalho. Satisfeito por verificar que os Senhores entenderam bem a prioridade — o sentido da prioridade — que estou tentando dar à Agricultura, no meu Governo.

E honrado pela confiança que os Senhores depositaram na palavra do Governo, apesar de todas as dificuldades que temos encontrado. De fato, a minha idéia inicial como candidato não mudou: ainda persisto na idéia de que a maior válvula para a saída de nossas dificuldades econômicas está na Agricultura, está no campo.

Esta eu não mudei, e vou persistir nela. É verdade que o apoio que o meu Governo tem dado à Agricultura, por circunstâncias que escapam à minha vontade, em particular devido à crise energética e ao preço do petróleo importado, não tem sido o ideal. Reconheço.

Mas, também é verdade que, jamais, em anos anteriores, houve um apoio tão alto como o que o meu Governo

tem dado à Agricultura. E assim será, apesar das dificuldades: todos aqueles recursos de que eu puder dispor serão, em primeiro lugar, para a Agricultura.

E, paralelamente, para a parte social, em particular para o Nordeste e para a Amazônia. Apesar de todas as opiniões, que vejo na imprensa, e de algumas palavras, no Parlamento, contrárias a esta orientação, eu vejo brasileiros que, em grande número, acreditam na palavra do Governo.

Daí, repito, estar satisfeito e honrado com a presença dos Senhores. Queira Deus que outros brasileiros venham juntar-se aos Senhores, para que a nossa produção, de fato, possa pesar um pouco mais, e possamos oferecer ao nosso povo uma alimentação mais farta e mais barata.

E para isso eu sei que conto com os Senhores.

Muito obrigado.

16 DE DEZEMBRO
PALÁCIO DO PLANALTO
BRASÍLIA-DF

DISCURSO AO SER CUMPRIMEN-
TADO PELO CORPO DIPLOMÁTI-
CO AO ENSEJO DO FINAL DO
ANO

Meus Senhores:

Em nome de todos os brasileiros, recebo com grande satisfação os cumprimentos que Vossas Excelências acabam de me apresentar.

Aqui nos reunimos no espírito dos festejos natalinos. Comemoramos o encerramento de mais um ano de intenso trabalho. E celebramos a chegada de um novo ano, momento propício à reflexão e à renovação de esperanças e anseios.

Como Vossa Excelência tão bem expressou, Senhor Núncio Apostólico, as festas de Natal inspiram sentimentos de paz entre as nações e entre os homens.

Não a precária paz armada, a instável paz do terror, da ameaça ou do uso da força. Mas a paz fundada na justiça e, portanto, duradoura.

Paz entre homens de boa vontade, entre homens iguais.

Sem que uns sofram privações e perseguições por motivos de religião, raça, cor, sexo, idade ou lugar de

nascimento. Mas todos possam exercer seus direitos fundamentais — políticos, econômicos e sociais, inclusive o direito à própria cultura e suas manifestações.

Tais direitos não são privilégio de uns poucos. Nem constituem concessão dos poderosos. São, antes, cônsonos à nossa própria origem comum, pois somos todos criaturas de Deus.

Por isso, a paz entre as nações haverá de assentar no respeito mútuo. Na autodeterminação dos povos. No reconhecimento da soberania de todas as nações. Na não-ingêrência de umas nos assuntos de outras.

Trabalhar pela paz, sobre tais fundamentos, é a digna missão de todos nós, investidos de função pública. Propugnar a paz, a todo instante, em todas as oportunidades, é o nobre múnus de nossa missão.

No Brasil, temos plena consciência de que o progresso econômico é requisito essencial à paz e à tranqüilidade do nosso povo e dos demais povos em desenvolvimento. Contudo, o avanço na rota da justiça e da liberdade é dificultado pelos obstáculos adicionais do desequilíbrio econômico. Para vencê-los, dedicamos grande parcela de nossos esforços — em 1980, como nos anos anteriores e como continuaremos a fazê-lo. Para impulsionar o nosso desenvolvimento interno. Para proporcionar melhores condições de vida a nossos concidadãos.

Todos os que aqui nos reunimos trabalhamos, cada um em sua esfera, para melhor entendimento entre as nações. Damos, assim, na medida de nossas possibilidades, uma contribuição a causa da paz, da justiça e do desenvolvimento.

Como sabemos, os obstáculos aos nossos esforços são muitos e variados. Ainda assim, confiamos em ser bem sucedidos. O Brasil haverá de perseverar, de sua parte, no trabalho realizado em prol de relações menos tensas e da boa convivência entre as nações. Não importa se próximas ou longínquas. Sem que seu tamanho ou poder lhes condicione a atitude, ou determine o comportamento.

Senhores membros do Corpo Diplomático,

São esses os sentimentos que lhes pediria transmitissem a seus respectivos Governos. Faço-os acompanhar de sinceros votos pela felicidade pessoal de Vossas Excelências. E por um ano de 1981 que nos permita a todos, realizar em harmonia os propósitos de paz, justiça e desenvolvimento que nos animam.

Muito obrigado.

17 DE DEZEMBRO
CLUBE NAVAL
BRASÍLIA-DF

DISCURSO DURANTE ALMOÇO
ANUAL OFERECIDO PELAS FOR-
ÇAS ARMADAS AO SEU COMAN-
DANTE SUPREMO

Meus Camaradas:

O almoço anual das Forças Armadas ao seu Comandante Supremo representa, para mim, a oportunidade de restabelecer, embora por pouco tempo, o convívio fraterno com amigos e companheiros de tantas décadas.

Companheiros que pautaram sua formação profissional por princípios e regras de conduta forjados ao longo dos anos. Regras e princípios que, nunca é demais repetir, têm por finalidade infundir nos militares sua virtude suprema: o reconhecimento da primazia dos deveres sobre os direitos.

Essa identidade na formação, e a unidade e coesão dela decorrente, caracterizam as três Forças como uma só família. As cores diferentes dos nossos uniformes simbolizam a diversidade nos encargos setoriais de cada Força. Mas não nos deveres e nas responsabilidades.

A esses sentimentos deve-se a camaradagem exemplar, apanágio das Forças Armadas; e, na verdade, origem de sua verdadeira fortaleza. Não admira, portanto, que

a unidade nos propósitos, entre marinheiros, soldados e aviadores, seja o primeiro objetivo a ferir por todos quantos desejam atingir a Nação.

Ora, os interesses superiores do Brasil continuam a exigir a convergência e o conagraçamento de todas as suas partes. A solidariedade fraterna entre os brasileiros — fenómeno normal entre os que vestem uniforme — é absolutamente necessária à continuidade do processo de desenvolvimento nacional. A transformação de nossas decantadas potencialidades em realidades presentes só poderá fazer-se em clima sereno, livre de paixões sectárias.

Quero dizer: cada pessoa investida de liderança — política ou social, civil, militar ou religiosa — há de ter a solidariedade como dever primeiro. Não falo de unanimidades incompatíveis com sociedades livres e pluralistas, mas de colaboração consciente, por cima das divergências naturais.

De participação responsável, sem renúncia às convicções pessoais.

Da concriação de uma sociedade mais democrática, mais justa, mais igualitária.

De juntar as mentes e combinar esforços. E multiplicar resultados. Para construir. Não para demolir. Para somar. Não para dividir. Para fortalecer o Brasil.

Não para enfraquecê-lo.

E enfraquecido ficaria inevitavelmente nosso País, se prevalecesse a desunião, o desacordo estéril, a negação sistemática. A má vontade perpétua dos que nada querem e só enxergam através da torturada deformação de posições preconcebidas. A esses falta a visão de conjunto do

bem da Pátria — nossa ambição suprema e motivação permanente — que nossos chefes tão bem souberam incutir em nossos espíritos e em nossas mentes.

Nesse contexto, cada qual deve ter consciência de suas responsabilidades históricas. De mim, bem conheço as minhas. A ninguém as transfiro. Delas não abduco. Fortalecido pelas quatro décadas de convívio com meus irmãos de uniforme, reafirmo que a elas corresponderei, custe o que custar.

Para mim, essas responsabilidades são de límpida clareza: nossa missão iniludível — cuja glória é sua própria magnitude e dificuldade — é promover o bem-comum. O bem de todos. O bem do Brasil.

Só isso. O que é tudo.

Bem conheço os obstáculos e dificuldades à nossa frente — internos e externos. Mas o conhecimento me revigora o espírito. Pretendo continuar a enfrentá-los e arrostá-los, com confiança e ânimo forte.

E vencê-los um a um, no menor espaço de tempo possível, como reconhecidamente vimos fazendo.

No campo político, muito já conseguimos a fim de tornar efetiva a realização do ideário da Revolução de 64. Esses compromissos se resumem na promessa jurada de fazer deste País uma democracia da qual nossos filhos possam orgulhar-se.

Portanto, pacificada a família brasileira, pela anistia, procuramos melhorar a representação política, através da reforma partidária. Seis novos partidos sucedem aos dois antigos.

No campo social, o governo brasileiro desenvolve um programa intenso de realizações — no extremo limite dos recursos à disposição dos órgãos e entidades do setor. Temos vitórias notáveis a assinalar.

Cito, como exemplo, a vacinação de mais de 20 milhões de crianças, contra a paralisita infantil. Foi uma gigantesca operação, sem precedente no mundo. Mas, graças a ela, o número de casos de poliomielite notificados às autoridades está agora treze vezes abaixo da média dos últimos anos.

Para nós, a manutenção da paz social é mais que preocupação permanente. É condição de progresso. Requisito básico para o nosso desenvolvimento.

Por isso, foi possível elevar a 21 milhões os segurados da previdência social urbana. Com suas famílias, são 90% da população urbana a receber atendimento.

O sistema de habitação já fez quase 3 milhões de financiamentos.

Nossas escolas e faculdades abrigam 26 milhões de estudantes de todos os níveis.

E nos dezesseis anos de governos revolucionários o número de pessoas empregadas passou de 24 para 44 milhões.

É certo porém que aos detratores habituais só interessa ver os nossos três grandes problemas: a inflação, o balanço de pagamentos e a energia. Tratam deles como se não fossem interdependentes. Ou como se tivessem acontecido por vontade ou incompetência dos brasileiros. E esquecem sempre de reconhecer as soluções já em prática ou a caminho.

A crise do petróleo criou dificuldades quase insuperáveis ao próprio funcionamento normal de nossa economia. Foi então que a nossa condição de país tropical, tão malsinada no passado, como obstáculo a civilizações modernas, veio justamente em nosso socorro. Com imaginação, encontramos soluções brasileiríssimas para nossa carência notória de petróleo.

Ao lado da energia hidrelétrica, na qual realizamos obras ímpares, e do carvão mineral — em condições de substituir o óleo combustível na maioria de nossas indústrias — as terras tropicais, banhadas de sol, nos proporcionam enorme variedade de biomassas — fontes renováveis de energia de inestimável valor.

A exploração desses recursos, em escala compatível com nossa demanda, vai-se alcançando paulatinamente. Resultados plenos e positivos ou já são realidades, ou estão à vista.

Entrementes, continuamos a crescer em meio a problemas que não são só nossos. Esta passagem de ano marcará um reencontro dos brasileiros com certas virtudes tradicionais da nossa gente.

Precisamos produzir mais, utilizando melhor os mesmos fatores de produção.

Poupar mais. Precisamos de poupança interna adicional, para diminuir nossa dependência dos capitais externos.

Precisamos eliminar os desperdícios e as coisas supérfluas.

Produzir e poupar, para exportar.

Maiores exportações nos darão meios para adquirir o petróleo e os outros bens e serviços de que ainda necessitamos, e para saldar a nossa dívida externa.

Não desejo só aplausos. Mas espero críticas construtivas. Quer dizer: não basta condenar. Nem desfiar um rosário de objetivos bem intencionados — mas frequentemente contraditórios, irrealísticos ou impossíveis.

Desejo e peço soluções objetivas para problemas conhecidos. Muitos deles não são de hoje, mas velhos de séculos.

Por isso, desde os primeiros instantes de meu governo, estendi a mão aos oposicionistas. Desejo o diálogo capaz de mais facilmente levar à solução dos nossos problemas. Mas um diálogo franco e aberto. Pois diálogo não é dizer previamente o que se quer e esperar que a outra parte concorde.

Diálogo há de entender-se na acepção mais simples do termo: falar e ouvir.

Nesta hora de confraternização, tenho bem clara a noção do papel das Forças Armadas, no país de dimensões continentais que é o Brasil. Não são instrumento de conquista. São, sim, fator de paz e de concórdia.

Por isso não temos guerras. Ao contrário, empenhamo-nos em abrir caminhos e lançar pontes para maior aproximação com nossos vizinhos. Para a cooperação construtiva. Para a complementação de recursos, o intercâmbio de tecnologia e o aproveitamento das potencialidades de todos.

Com o processo de abertura, cumprimos um compromisso fundamental da Revolução. Voltam agora as Forças Armadas ao desempenho exclusivo — e cada vez mais fecundo — do papel que lhes incumbe nos quârtéis. Guardiãs da independência e fiadoras da incolumidade nacional, sua ação se processa dentro dos preceitos constitucionais.

Sua filosofia e seus parâmetros são os fixados para a Nação brasileira pelos seus fundadores, sob a égide do cristianismo. Com tal, as Forças Armadas são participantes responsáveis da construção do presente e da preparação do futuro. Desse futuro sairão as gerações de jovens destinados à renovação de seus quadros, indissociável da natureza permanente de suas funções.

Meus Companheiros,

Sou, antes de tudo, um soldado. Circunstâncias excepcionais, com as quais nunca sonhei, conduziram-me sem apelação a esta posição altamente honrosa. Honrosa, mas pontilhada de espinhos. Honrosa, pela grata oportunidade de desdobrar-me em favor do Brasil e dos brasileiros.

Exerço o cargo em obediência a um chamamento. Portanto, sem apego ao poder. Preocupado só com o bem da Pátria, como nos ensinaram.

Sinto-me particularmente feliz de poder compartilhar esta hora de tanta emoção com velhos companheiros, antigos instrutores, jovens alunos, outros tantos cadetes. Nesse contexto, desejo fazer referência especial ao nosso querido ministro Walter Pires, já inteiramente restabelecido, e que esperamos de volta, nos próximos dias, ao posto de que foi compelido a afastar-se temporariamente.

Agradeço aos companheiros de farda a alegria desta convivência fraterna plena de reminiscências, umas de insuperável alegria, outras de saudade, como é tudo na vida.

Com o pensamento voltado para Deus, rogo sua proteção para este vasto e populoso país cristão.

E formulo a cada um dos presentes os meus melhores votos de um feliz Natal e próspero Ano Novo, junto com suas famílias que, sei por experiência própria, são outros tantos exemplos de dedicação abnegada.

Muito obrigado.

30 DE DEZEMBRO
PALACIO DO PLANALTO
BRASILIA-DF
DISCURSO A NAÇÃO BRASILEIRA
PELA PASSAGEM DO ANO NOVO

Brasileiros e brasileiras:

Chegamos juntos ao fim de um ano difícil. Todos, povo e Governo, sentimos igualmente o peso dos problemas internos e externos. Mesmo contra nossa vontade, temos de reconhecer: eles condicionam e limitam a capacidade de crescer dos países em desenvolvimento.

Por todo o mundo, quem não dispõe de petróleo, mas dele precisa em grandes quantidades — como nós — tem de enfrentar as poucas alternativas disponíveis.

Ou pára de crescer.

Ou se endivida.

Ou encontra soluções novas para suprir os combustíveis reclamados pelo progresso, pelo conforto, pelos hábitos decorrentes da melhoria do padrão de vida da população.

Parar de crescer, isso nós não podemos fazer.

Se chegamos ao lugar onde estamos, foi à custa de muito trabalho e igual sacrifício da família brasileira.

Parar de crescer, para nós, equivaleria a retroceder no tempo. Perder anos que jamais recuperariamos. E isso, nós brasileiros não podemos fazer.

Parar de crescer, como? Temos de criar um e meio milhão de empregos novos por ano. Todos os anos.

E só temos um meio para alcançar esse alvo: o trabalho. A soma do esforço de todos precisa ser ainda maior do que hoje. Se todos ajudarmos; se todos nos concentrarmos ainda mais; se aproveitarmos melhor os meios de produção de que dispomos — então, poderemos crescer. E se conseguirmos economizar o que produzimos a mais, então teremos menos inflação.

E se lograrmos exportar parte desse excedente, então estaremos aptos a superar o problema de nossas contas internacionais.

Como vocês sabem, a idéia de que um país qualquer pode exportar sem importar, ou importar sem exportar, é uma grossa mistificação. Dizer que não precisamos do comércio exterior, para nosso desenvolvimento, é tentar enganar milhões de assalariados cujo emprego depende de compradores de fora de nossas fronteiras.

Limitar nossa produção somente ao que podemos consumir nós mesmos, é desprezar os consumidores no estrangeiro — que podem ajudar-nos a aumentar o nível de emprego aqui dentro.

Por isso, a trilogia do nosso desenvolvimento, nos dias que passam, é produzir mais; poupar mais; e exportar tudo o que pudermos.

Até que ponto isso interessa a Você, que está em sua casa, com sua família, nestas festas de fim de ano?

Interessa e muito: temos uma força de trabalho que se aproxima rapidamente dos 50 milhões de pessoas. Muitas delas, talvez amigos seus, só têm trabalho porque as nossas fábricas podem vender lá fora.

É muito comum, também, deblaterar contra a nossa dívida externa. Falar é fácil. Mas o que devemos não é dinheiro jogado fora. É, sim, o que tomamos emprestado para financiar obras, empreendimentos e serviços. Que cria riqueza e trabalho, *dentro* do nosso País. É como Você mesmo, quando compra a prazo, ou toma um empréstimo, para melhorar sua casa.

A dívida é grande, sim. Mas está sob controle. Não vai disparar. O Governo está atento a isso.

O nosso forte não é só esse. É também a capacidade brasileira de inventar coisas, fórmulas e soluções. Onde outros ainda esperam o milagre de petróleo mais barato, os brasileiros estão fazendo força, procurando e encontrando soluções.

Não temos petróleo suficiente, mas temos álcool. Temos óleos vegetais — com a vantagem de que não se acabam. A natureza vai renovando nossas fontes de energia. Com a vantagem de criar trabalho e riqueza *aqui dentro* mesmo.

Por isso, nestes dias que precedem o ano novo, convindo os brasileiros a olhar confiantes o futuro de nossa Pátria. Do ponto onde me encontro, posso ver dias melhores à nossa frente.

Como disse no ano passado, nesta época, a ninguém posso prometer fins-de-mês sem dificuldades. Ainda os teremos em 1981.

O importante, porém, é que os brasileiros estão dispostos a produzir. Vamos aproveitar nossas potencialidades nos reinos animal, vegetal e mineral, a bem dos brasileiros.

Aí é que está a solução.

Não no pessimismo, que nada constrói.

Não no negativismo cego ou caolho.

Mas na união de esforços.

Em todos se darem as mãos. Em todos puxarem para o mesmo lado.

Deixando cair no vazio, de onde nunca deveria ter saído, o triste pio das aves agourentas.

Assim como Nosso Senhor disse: «confiai e orai», eu digo a vocês: esta é a hora de confiar no Brasil e trabalhar ainda mais.

Assim fazendo, estaremos recebendo as bênçãos de Deus, que invoco sobre todos nós, neste limiar do ano novo.

Vamos acreditar. O Brasil merece nossa fé.

Feliz Ano Novo a todos.



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
GABINETE CIVIL
SECRETARIA DE IMPRENSA E DIVULGAÇÃO